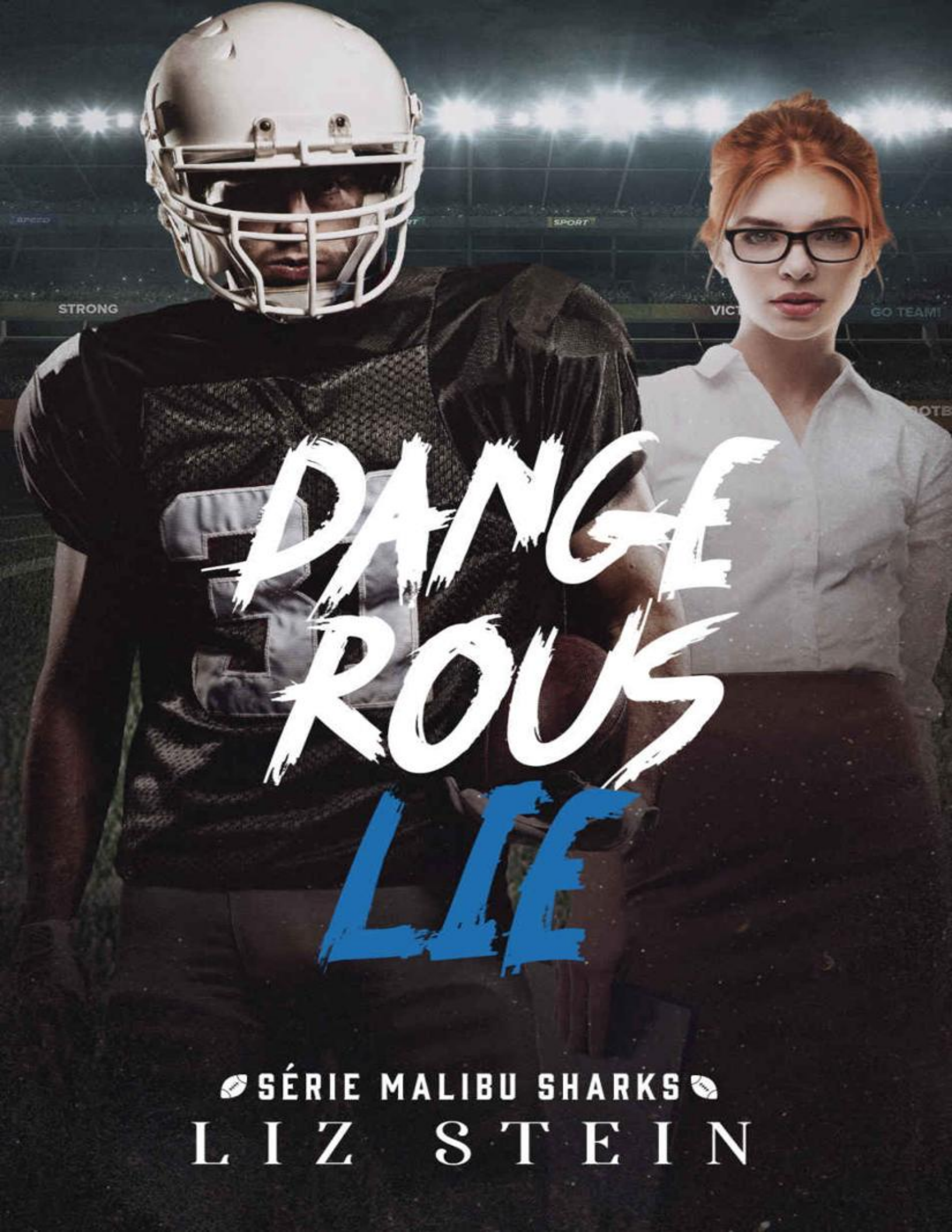

DANGEROUS LIE

SÉRIE MALIBU SHARKS

LIZ STEIN

DANGEROUS LIE

MALIBU SHARKS - 1

LIZ STEIN

Dangerous Lie
“Malibu Sharks” - 1

Copyright 2023 por Liz Stein
Edição: Stefany Nunes e Mari Vieira
Diagramação: Stefany Nunes
Capa: Designer Tenório
Edição Digital.
Todos os direitos reservados. Este e-book ou qualquer parte dele não pode ser reproduzido ou usado de forma alguma sem autorização expressa, por escrito, do autor, exceto pelo uso de citações breves em uma resenha do mesmo.
O time de futebol americano fictício citado neste livro foi criado pela autora, e NÃO É autorizado o uso do nome do mesmo exceto mediante aprovação prévia.
Esta é uma obra de ficção. Quaisquer similaridades com pessoas reais são mera coincidência e não foram intenção da autora.
Primeira Edição, 2023.

SUMÁRIO

Nota da autora
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38

39
40
41
42
Epílogo
Agradecimentos
Bônus
1

Notas

NOTA DA AUTORA

EU SEMPRE TIVE uma queda por atletas, admito. Já havia escrito sobre eles em séries universitárias, mas sentia vontade de entrar no mundo do esporte profissional. O futebol americano é fascinante depois que se começa a entender um pouco mais sobre ele, e eu passei os últimos meses bastante imersa em pesquisas a respeito desse esporte para criar um universo bastante verossímil e detalhado, algo que sempre procuro trazer em todas as minhas histórias.

Amo aprender coisas novas com os livros, então é essa a experiência que gosto de trazer aos meus leitores. Pouquíssimas coisas foram adaptadas em relação ao mundo real nesse livro, ao menos até onde minhas extensas pesquisas alcançaram. Porém, como não é algo que faça parte do meu dia a dia (como a medicina na série Union Hospital, por exemplo), já peço desculpas de antemão por eventuais equívocos que tenham sido cometidos.

Agora falando sobre a história: que delícia foi escrever a trajetória de Hugh e Laney, um clichê de melhor amiga da irmã que ainda faltava no Lizverso (quem nunca teve um crush no irmão da melhor amiga não sabe o que está perdendo). Além dessa premissa que eu adoro, veio o tempero do fake dating entre opostos que se atraíram de uma maneira absolutamente explosiva. Quando comecei a escrever, nem eu esperava que a química entre os dois seria tudo isso.

Hugh é aquele protagonista masculino apaixonante. Safado demais, charmoso, quente como o inferno, mas que se revela um homem completamente apaixonado, capaz de fazer absolutamente tudo pela mulher que ama.

Já a Laney foi uma das personagens femininas mais diferentes que eu já escrevi. Ela é maravilhosa, tão real e humana em todas as suas camadas. Como qualquer uma de nós, tem suas inseguranças, seus medos, mas, acima de tudo, mostra sua força e sua coragem.

Eu abordei, através dessa mocinha incrível, um tema que já vinha me rondando há algum tempo, que é o das doenças psiquiátricas. Eu espero muito ter trazido informação de qualidade sobre o transtorno obsessivo compulsivo, conhecido como TOC (de volta à minha zona de conforto — a medicina), e ajudado a desmistificar algumas questões sobre essa doença. Se alguma leitora com transtorno psiquiátrico se sentir acolhida e representada de alguma maneira, já terá valido a pena.

Esse livro é uma comédia romântica, com o toque de humor discreto e perspicaz que eu adoro trazer às minhas histórias. Claro que temos um pouquinho de drama, porque não consigo não inserir algumas cenas mais emocionantes misturadas a temas importantes e com o pé no mundo real. Ainda assim, é um livro com pouquíssimos gatilhos. Eu ressaltaria os desafios de lidar com doenças psiquiátricas e negligência parental como os principais, mas provavelmente não será nada que atrapalhe a sua leitura.

Por último, não se esqueça de que é um livro destinado a maiores de 18 anos. Temos cenas eróticas descritivas bem quentes e explícitas, uso de palavras de baixo calão e algumas concessões suaves à norma culta a fim de tornar a leitura mais informal e prazerosa.

Espero que vocês se apaixonem por esse casal, pelo novo universo que estou criando e continuem por aqui.

UM GRANDE BEIJO,

Liz.

Dedico essa história às mulheres que tiveram a coragem de abandonar um relacionamento tedioso e sem paixão para se abrir à chance de um grande amor.
Se você ainda não conseguiu fazer isso, mas tem vontade, lembre-se de que nunca é tarde demais.

Out of our minds and out of time
Wishing I could be with you
To share the view
We could have fallen in love[1]
Falling in Love – McFly

1

HUGH

MULHERES QUEREM AMOR, homens querem sexo.

Essa frase popular é uma simplificação meio escrota da vida, mas tem um fundo de verdade — conforme estou comprovando mais uma vez nesse exato momento.

Ajeito o telefone entre o ombro e o ouvido, enquanto tranco meu carro.

— Você não pode estar falando sério. — A voz do outro lado da linha soa ligeiramente trêmula, mas eu tenho quase certeza de que Sophie não está realmente chorando.

Respiro fundo e olho para a entrada do The Palace, por onde Ryker e Nico passam antes de desaparecer na construção monumental.

— Soph, o que você quer que eu diga? — pergunto, reunindo o que me resta de paciência com essa conversa, que já dura muito mais do que deveria.

— Que isso não passa de uma brincadeira — ela responde, num tom um pouco mais agressivo. — Nenhum homem decente dispensa a namorada pelo telefone.

Puxo o ar com força e encaro o céu azul sem nuvens.

— Em primeiro lugar, quantas vezes mais eu preciso te lembrar de que não somos namorados? — Sem dar a ela a chance de responder, eu continuo: — Em segundo, eu não ia fazer isso pelo telefone. Estava esperando você voltar a Los Angeles para que pudéssemos conversar pessoalmente, mas foi você que insistiu para termos essa conversa agora.

— Porque eu precisava saber se você iria comigo para o Arkansas conhecer meus pais — ela choraminga. — Te falei que eles são conservadores, e queriam conhecer você.

Como se isso tivesse alguma chance de acontecer.

— E eu te falei mais de uma vez que estávamos apenas saindo juntos, que você não deveria criar expectativas em cima de algo que era apenas diversão. Eu não sou esse tipo de homem, Sophie. Eu não sou o cara que as garotas apresentam aos pais e não pretendo ter nenhum relacionamento de longo prazo. Sinto muito que não tenha ficado claro o suficiente antes.

Apesar de todas as vezes em que eu te disse exatamente isso, com todas as letras.

— Como eu poderia não criar expectativas? Você me disse que seríamos exclusivos e está comigo há quase um mês!

Sim, apenas porque eu não sou um cafajeste que sai com várias mulheres ao mesmo tempo e você fode bem. Ao invés da resposta sincera, tento outra mais diplomática.

— Eu gosto de você, Sophie. Essas três semanas que passamos juntos foram muito interessantes, só que nunca será mais do que isso.

Nesse momento, vejo Liam Campbell, nosso treinador, na porta do complexo esportivo me olhando de cara feia. Ele aponta para o relógio.

Faço um sinal de positivo com a cabeça, confirmando que entendi o recado, e me despeço de Sophie.

— Olha, preciso desligar. Espero que seja muito feliz, Soph. Você é uma ótima garota.

— Pode enfiar seu comentário condescendente no rabo, Hugh Nash.

O telefone fica mudo e eu encaro a tela apagada, com a testa franzida. Ela desligou mesmo na minha cara? Sorrio, guardo o celular e dou uma corridinha até a porta do The Palace, o centro de treinamento que eu chamo de segunda casa há alguns anos.

Mulheres são seres bastante complicados. Quando falamos a verdade de maneira direta, elas acham que estamos mentindo para esconder nossos sentimentos. Quando ficamos de boca fechada, elas reclamam que não nos abrimos. Ou seja, o único cenário que satisfaz as expectativas inalcançáveis do sexo oposto é quando dizemos exatamente o que elas querem ouvir, ainda que seja mentira. Só que eu não sou esse tipo de cara. Não vou iludir uma garota com promessas que não tenho qualquer intenção de cumprir.

Atravesso o imenso saguão envidraçado do mais moderno complexo esportivo entre todos os times da NFL e aperto o botão, aguardando o elevador. Enquanto espero, olho ao redor, pensando na minha trajetória até aqui.

Aos 28 anos, sou um dos maiores nomes do futebol americano na atualidade. Fui escolhido na primeira rodada do *draft* há seis anos pelo Malibu Sharks, o que foi a melhor coisa que poderia ter me acontecido. Além de ser um dos times grandes da NFL[1], pude permanecer perto da minha família, que mora em Pasadena, uma pequena cidade nos arredores de Los Angeles.

Ao longo desses anos, consolidei meu nome como um dos cinco melhores *running backs* da liga, uma conquista considerável. Nossa linha ofensiva acabou sendo carinhosamente apelidada pela imprensa como *The Dangerous Trio*, que conta com Nico Marchesi como *quarterback*, eu como *running back* e Ryker Lockhart como *wide receiver*. Conquistamos o segundo lugar na temporada do ano passado e estamos confiantes de que, esse ano, o Super Bowl[2] é nosso.

Chego à porta do anfiteatro onde o técnico costuma reunir o time para todas as conversas mais importantes. Meus colegas já estão confortavelmente acomodados nas poltronas de couro preto distribuídas em diferentes degraus, no que se assemelha a uma luxuosa sala de cinema.

No pequeno palco localizado na parte mais baixa do anfiteatro, Campbell aguarda ao lado de George Sullivan, GM[3] do time.

— Vamos começar, rapazes — Sullivan anuncia, enquanto eu ocupo um assento vazio ao lado de Nico. — Hoje é um dia histórico para nós. Como vocês sabem, após a morte de Douglas Sanders, fundador e proprietário do Malibu Sharks por mais de quatro décadas, seus filhos não tiveram interesse em continuar gerenciando o time. Ele foi colocado à venda, e agora chegou o momento de vocês serem oficialmente apresentados ao novo proprietário.

Sullivan faz uma pausa dramática, correndo os olhos pelos nossos rostos. Ouço os ruídos de pessoas se ajeitando na cadeira, um tanto desconfortáveis. Sabemos que uma mudança como essa pode impactar diretamente as nossas vidas.

— Agora, com vocês, o novo dono do Malibu Sharks, Dominic Becker.

Olho para a porta, curioso. Fico imaginando qual será a cara do sujeito. Ao vê-lo cruzando a porta, meu queixo desce involuntariamente. *Esse* é o novo dono de um dos maiores times da NFL?

Não é possível.

A notícia da morte inesperada de Douglas Sanders há algumas semanas, vítima de um infarto fulminante, me deixou triste pra caralho. O antigo dono era um homem de mais de oitenta anos, cheio de energia, e que nos tratava como sua própria família. Já seria difícil ver qualquer outro rosto ocupando este lugar, mas eu não estava preparado para a possibilidade de ver um *moleque* assumindo a posição.

Dominic Becker se posiciona ao lado de Sullivan e Campbell, e eu não consigo tirar os olhos dele. Quantos anos esse cara tem? Vinte?

Becker limpa a garganta e nos encara. Seus olhos castanhos não se fixam em ninguém em particular, e ele parece quase entediado.

— Bom dia a todos — o novo dono do time cumprimenta, e recebe murmúrios de bom dia como resposta. — Imagino que alguns de vocês estejam um pouco surpresos com o fato de eu ter sido a pessoa que adquiriu o time.

Pelo visto, não conseguimos disfarçar bem nossas caras. Becker ajeita os óculos e continua:

— Vou contar um pouco a meu respeito, para que fiquemos na mesma página. Me chamo Dominic Becker, tenho 29 anos e sou sócio majoritário de uma empresa chamada NovaTech, que nasceu há sete anos no vale do silício. Hoje, somos os maiores responsáveis pela criação de softwares de vendas a varejo do país. Não sou um grande entendedor de futebol americano, mas encaro esse time como uma excelente oportunidade de negócio. Vocês continuarão sob a gestão competente de Sullivan e Campbell, e eu pretendo me meter o mínimo possível.

Alguns suspiros de alívio ecoam pelo auditório.

— Contudo — Dominic continua —, eu trabalho com metas e resultados. Se vocês performarem bem, estejam certos de que serão recompensados. Mas, se não atenderem aos objetivos do time, providências precisarão ser tomadas.

O silêncio que preenche o anfiteatro é tão profundo que seria possível ouvir os passos de um gato. Ao notar nossas expressões diante de uma ameaça tão direta, Dominic passa a mão pelo cabelo ondulado e tenta sorrir.

— Ok, assustei vocês. Não era o objetivo. — Ele olha para Campbell e Sullivan, que parecem um pouco desconfortáveis. — Bem, acho que era isso. Algo mais que vocês queiram acrescentar?

Sullivan se adianta, olhando para nós.

— Temos uma grande oportunidade em mãos — ele se esforça para soar otimista. — Dominic pretende investir em melhorias para o time, principalmente disponibilizando verba para boas contratações e renegociações de contratos que estão prestes a vencer. Agora só depende de nós.

Nós assentimos, sem muita convicção.

Campbell limpa a garganta e agradece a Dominic pela presença em nome do time.

— Preciso voltar à cidade — Dominic Becker avisa. — Manteremos contato.

Ele aperta as mãos do técnico e do GM e se despede de nós com um rápido aceno. Assim que o homem deixa a sala, os murmúrios se espalham pelas poltronas.

— Calma, rapazes — Sullivan tenta apaziguar. O homem de cinquenta e poucos anos, com o cabelo totalmente branco e olhos azuis inteligentes, sorri para nós. — É o jeito dele. Becker é uma espécie de gênio, terminou a faculdade com 20 anos e fundou uma startup aos 21. Ele vendeu essa empresa por meio bilhão de dólares um ano depois e então fundou a NovaTech, que está avaliada hoje em 38 bilhões de dólares.

Assovios baixos e murmúrios impressionados ecoam pela plateia. Como jogadores profissionais, estamos acostumados a grandes cifras, mas esse valor está muito além da nossa realidade.

— E por que diabos ele resolveu comprar um time de futebol americano, se nem gosta do esporte? — Nico verbaliza uma dúvida que certamente está na cabeça de vários de nós.

Sullivan olha na direção do *quarterback*.

— Não cabe a nós questionar seus motivos, Marchesi — ele corta. Em seguida, suaviza um pouco o tom. — O que eu soube foi que Becker está em busca de diversificar seus investimentos. Contudo, isso não é importante. Ele é o novo dono dos Sharks, e ditará as regras. Cabe a nós continuar fazendo um bom trabalho e mostrar isso a ele.

Campbell checa as horas e sussurra algo no ouvido do GM, que assente. Em seguida, ele se vira para nós.

— Bem, rapazes, agora é hora de treinar. Estão dispensados para se trocar no vestiário e encontrar Campbell no campo em quinze minutos.

Normalmente, não fazemos muitos treinos com o time todo na fase *offseason*[4], então achamos estranho quando esse foi marcado. Agora está explicado. O novo dono quer um showzinho particular para ver seus atletas em ação.

Todos começam a se levantar, e eu saio da sala ao lado de Nico e Ryker. Enquanto Nico não para de falar sobre nosso novo proprietário, Ryker segue num silêncio sepulcral até entrarmos no vestiário. Não que isso seja uma novidade. Nosso principal *wide receiver* não é um cara de muitas palavras.

— Tudo bem, Lockhart? — pergunto, tirando a camisa.

Ele resmunga alguma coisa que eu não entendo direito, mas parece ter sido esse o objetivo.

— Vamos ver como será essa nova fase — continuo, tirando a calça jeans. — Não acho que a gente deva se preocupar demais antes da hora, e...

— Eu tenho quase 37 anos, Nash — Ryker me interrompe, segurando a blusa do uniforme de treino num punho apertado e olhando fixamente para mim. — O futebol é tudo que eu tenho e, se esse moleque cismar que estou velho demais para jogar, pode colocar um ponto final na minha carreira a qualquer momento.

Eu o encaro. Meu amigo está com a mandíbula cerrada, voltando a vestir o uniforme com movimentos irritados. É raro vê-lo exteriorizando emoções dessa forma, então, assim que coloco a bermuda, me viro para ele e aperto de leve seu ombro.

— Ei, calma. Você é disparado o melhor *wide receiver* do time e um dos melhores da liga. É óbvio que Becker não vai mexer contigo. Além disso, você tem um contrato.

— Que agora é anual, por causa da minha idade. — Ryker termina de se vestir e senta no banco, com o olhar perdido. — E ele se encerra logo depois do *Super Bowl*. Não duvidaria se Becker não quisesse renová-lo. — Os olhos azuis me encaram, apreensivos. — Eu jogo no Sharks há 12 anos, Nash. Sanders me tratava quase como um filho, já que sou o jogador mais antigo do time. Eu sabia que poderia me aposentar aqui, no momento em que não tivesse mais condições de jogar. No máximo, ele ia reduzir meu salário, mas cheguei num ponto da minha carreira em que estou pouco me fodendo para o dinheiro. O que eu queria era jogar, mas, agora, não sei de mais nada. Talvez essa seja minha última temporada.

Ryker Lockhart é um cara extremamente solitário. Perdeu os pais ainda criança e foi praticamente criado pela irmã mais velha, que hoje mora no interior do Kansas com o marido e filhos. Pelo seu temperamento fechado, não tem muitos amigos além de mim e Nico, e nunca o vejo com nenhuma garota.

— Mostre pra ele como você é foda, Lockhart — incentivo. — Brilhe nessa temporada, e quero ver quem terá a audácia de questionar sua renovação.

Ele apenas se levanta em silêncio e guarda as coisas no armário. Gostaria de poder ajudar de alguma maneira, mas não sei como. Após seis

anos de convivência, entendi que preciso dar a ele espaço em determinados momentos.

— As donzelas estão prontas ou precisam terminar a maquiagem? — Nico me dá um soquinho no braço e começa a pular no lugar. — Depois dessa notícia, estou com sangue nos olhos. Vamos mostrar ao sujeito quem são os melhores jogadores dessa porra.

Eu balanço a cabeça de um lado para o outro, rindo.

— Quando você não está com sangue nos olhos, Marchesi? — pergunto.

Ele corre a mão pelo cabelo loiro, sorrindo de volta.

— Não se pode viver pela metade, Nash. Precisamos encarar cada dia como se fosse o último.

Eu fecho o armário do vestiário com um sorriso no canto da boca. Preciso admitir que a filosofia de botequim do nosso capitão faz um certo sentido.

2

LANEY

— FECHAMOS o contrato com o novo fornecedor de carrinhos — Norman comenta, antes de limpar a boca com o guardanapo.

Eu sorrio.

— Que ótima notícia. A negociação levou quase um mês, não foi?

Ele assente.

— Sim. Eles foram bem duros em relação às cláusulas, mas consegui dobrá-los em alguns pontos cruciais para nós.

Eu encaro meu namorado com orgulho. Mesmo tendo apenas 27 anos de idade e menos de dois de formado, Norman já é um advogado de contratos brilhante.

— Que bom, meu amor — comemoro. — Não tinha dúvidas de que você conseguiria.

Voltamos a comer, no nosso restaurante preferido. Fica perto da empresa e no caminho para o meu apartamento, o que facilita a logística, além de ter boas opções vegetarianas.

— E a reunião com Suzanne, foi boa? — ele pergunta, entre as garfadas.

— Ótima. — Bebo um gole da minha água com gás. — Ela ficou bem satisfeita com o último balanço.

Eu e Norman trabalhamos na Baby & Co, uma empresa de varejo de produtos infantis, com filiais em diversas cidades da Califórnia. Ele foi o primeiro a entrar, já que é um ano mais velho que eu e se formou antes. Menos de um ano depois, indicou meu nome para uma vaga que surgiu no departamento financeiro e eu fui aprovada. A empresa não tem nenhuma política que proíba relacionamento entre funcionários, desde que não haja relação hierárquica entre eles.

— Suzanne adora você. — Norman sorri. — Até hoje me agradece pela indicação.

Eu sorrio de volta. Sempre fui muito boa com números e extremamente organizada, então a escolha pela carreira de contadora foi mais como um caminho natural do que uma grande paixão. Sou um pouco tímida na relação com pessoas, por isso trabalhar a maior parte do tempo no computador e resumir minhas interações sociais a breves conversas com

colegas de trabalho, meu namorado de quase dez anos, minha família e minha melhor amiga não poderia ser mais perfeito para a minha rotina.

— A massa com molho de cogumelos está boa? — pergunto.

— Ótima. — Norman balança a cabeça em aprovação. — Muito boa mesmo.

Há cinco anos, nós dois decidimos que seríamos vegetarianos. A crueldade contra animais sempre me incomodou, e fiquei feliz quando meu namorado apoiou minha decisão de parar de comer carne e se juntou a mim nesse novo estilo de vida.

— E o risoto de tomates secos? — Ele aponta com o garfo para o meu prato. — Como está hoje?

— Excelente — respondo. — Talvez até melhor do que da última vez.

Nós dois somos pessoas apegadas à rotina. Nossas semanas se repetem de maneira quase idêntica, o que é fundamental para a minha estabilidade emocional. Por exemplo, nós jantamos aqui todas as terças, que é também o dia em que Norman dorme na minha casa. Nos fins de semana, dormimos juntos no apartamento dele. Nos restaurantes que frequentamos com regularidade, eu peço sempre o mesmo prato, ele também. Nós conversamos sobre o trabalho, sobre o sabor da comida e às vezes sobre nossas famílias, quando há alguma novidade.

— Vovó Judith operou o joelho ontem — Norman comenta, como se lesse meus pensamentos. — Esqueci de te contar.

Dei muita sorte com os parentes do meu namorado, todos me tratam como se eu realmente fosse parte da família.

— Oh, eu não sabia que a cirurgia havia sido marcada. Como ela está?

— Se recuperando bem. O médico acha que ela consegue voltar a andar em breve.

— Que bom. Vovó Judith é muito ativa, deve estar sofrendo por ficar presa na cama.

Norman ri baixinho.

— Você a conhece bem.

Terminamos o jantar e pegamos o Uber até o meu apartamento. Chegando lá, seguimos nossa rotina — primeiro eu tomo uma ducha rápida, enquanto Norman fica na sala, lendo as notícias pelo celular. Em seguida, eu preparo o quarto de maneira mais aconchegante enquanto ele toma a ducha. Nenhum de nós gosta de fazer sexo depois de chegar da rua, preferimos tomar um banho rápido antes.

— Pronta? — ele pergunta, saindo do banheiro com o pijama azul marinho que sempre fica aqui na minha casa.

— Sim — confirmo.

Eu tiro a camisola e a coloco dobrada sobre a poltrona do quarto, já que usarei a mesma quando terminarmos. Ele faz o mesmo com o pijama. Apesar de ser meio estranho nos vestirmos após o banho para tirar as roupas logo em seguida, me sinto mais confortável dessa maneira, e acho que Norman também.

Nós começamos a fazer amor da forma suave e carinhosa de sempre, com preliminares longas que nos ajudam a entrar no clima. Norman se deita sobre mim e eu encaro seus olhos azuis. Percebo que sua expressão está diferente do normal.

— Está tudo bem? — pergunto.

Ele desvia o olhar.

— Sim, tudo bem.

Eu não insisto, porque não sou esse tipo de pessoa. Se ele quiser conversar, sabe que pode fazer isso a qualquer momento. Contudo, logo em seguida, noto algo de errado. Norman sai de cima de mim, parecendo constrangido.

— Desculpe, Laney, acho que eu... não estou no clima hoje.

Quando olho para baixo, entendo o motivo. Digamos que meu namorado não está muito “animado”.

— Tudo bem, amor — digo, tentando tranquilizá-lo. Para ser bem sincera, eu mesma não estava fazendo tanta questão de transar hoje.

— Vou tomar uma ducha rápida.

Ele sai, e eu fico encarando o teto. Tenho notado que nossa empolgação para o sexo diminuiu um pouco ultimamente, mas pode ser apenas uma fase ruim. Norman passou por um estresse grande nas últimas semanas por causa do contrato, e a falta de desejo dele acabou funcionando como um desestímulo também para mim. Não quero ficar procurando coisas onde não existem, por isso apenas respiro fundo algumas vezes e me tranquilizo, repetindo para mim mesma as palavras de calma que sempre me ajudam quando sinto os primeiros sinais de ansiedade querendo se instalar. Tudo que foge da rotina tem esse efeito sobre mim.

Assim que ele sai do banheiro, eu entro. Me lavo e coloco novamente a camisola de algodão. Quando retorno à cama, Norman já está do lado

direito, em sua posição habitual deitado de lado sobre o travesseiro especial para correção da postura do pescoço. Não gostamos de dormir abraçados.

— Boa noite — digo, entrando sob as cobertas.

— Boa noite, Laney. — Ele se inclina e beija minha testa. — Durma bem.

Eu me acomodo melhor e fecho os olhos, espantando a sensação de que algo estranho está acontecendo, mas eu não sei bem o que é.

— ELE JÁ TINHA BROXADO ANTES? — Julia pergunta, mastigando sua asinha de frango.

Convencer minha melhor amiga a virar vegetariana foi uma missão fadada ao fracasso desde antes de começar. Por isso, nossos almoços semanais às quartas acontecem num restaurante que tem boas opções tanto vegetarianas como para quem come carne.

— Não fala assim, Jules — peço, fazendo uma careta. Esfrego os talheres com o lenço umedecido em álcool do pacotinho que eu sempre trago na bolsa. — Ele só não estava muito a fim.

— Dê nome às coisas, Laney. Norman broxou. Tudo bem, acontece com quase todos os homens, até os mais foguentos. — Ela faz uma pausa com um sorrisinho cínico. — Não que Norman se enquadre nessa categoria.

Eu reviro os olhos, remexendo minha salada com pouca animação. Meu apetite desaparece todas as vezes em que eu me sinto insegura.

— Quantas vezes preciso te dizer que minha vida sexual é satisfatória? — pergunto. — Só porque Norman é mais contido, não significa que não seja um bom parceiro sexual.

Minha amiga me encara, com as sobrancelhas erguidas.

— O fato de você se referir a ele como *parceiro sexual* já é uma contradição à remota ideia de que Norman possa ser bom de cama. Quantos orgasmos ele te dá por transa, Laney? Sem mentir.

— Um. — *Que sempre demora bastante e não vem sempre*. Desvio o olhar, para que minha amiga não perceba que estou enfeitando a verdade a meu favor.

Julia estreita os olhos.

— Tá, poderia ser pior. Tem homens que precisam usar GPS para encontrar o clitóris. — Ela se inclina sobre a mesa, como se fosse me contar um segredo. — Você sabe que eu não tenho nada contra o Norman, amiga. Eu só acho que você deveria ter muita certeza de que ele é mesmo o homem da sua vida. Existem tantas opções por aí, e você nunca...

— Ele *é* o homem da minha vida — corto e Julia chega de novo para trás, levantando as mãos em rendição.

Norman foi o primeiro garoto que eu beijei. Eu tinha 14 anos, e ele 15. Como era tímido, ele também nunca havia beijado nenhuma garota. Na verdade, apenas após meses me acompanhando até a porta de casa depois da escola, ele tomou coragem para me beijar. Começamos a namorar naquele dia mesmo.

Três anos depois, perdemos a virgindade juntos. Tenho orgulho de dizer que, desde a minha primeira vez, eu sempre fiz amor. Norman é carinhoso, atencioso, confiável.

Nós queremos exatamente as mesmas coisas: construir uma família, ter dois filhos com diferença de idade entre dois e três anos, financiar uma casa em Glendale, perto de onde os pais dele moram, e adotar dois cachorros quando tivermos espaço para isso.

Como meu pai era piloto comercial da United Airlines, cresci assistindo minha mãe ficar constantemente sobrecarregada tentando dar conta da casa e dos quatro filhos sozinha na maior parte do tempo, e não é o que eu quero para mim. Quero um marido que divida tudo comigo, que tenha um emprego estável que o permita estar em casa todos os dias à noite e nos fins de semana. Norman é essa pessoa.

— Tudo bem, não está mais aqui quem falou. — Julia dá de ombros antes de enfiar outra asinha de frango na boca.

— Nesse fim de semana, faremos dez anos de namoro — digo, decidida a provar meu ponto. — *Dez anos*. Você realmente acha que, depois de todo esse tempo, eu não saberia se ele não fosse o cara certo para mim?

Minha amiga limpa as mãos num guardanapo antes de me encarar.

— Eu respeito suas escolhas, Laney. De verdade. Por mais que a gente seja muito diferente, você sabe que eu te admiro pra caramba e gostaria de ter o seu juízo em determinadas situações. Só fico com medo de você chegar aos 60 anos, olhar para trás e descobrir que a sua vida teve menos aventura do que você merecia, sabe?

Balanço a cabeça, enfática.

— Você sabe que eu *detesto* aventura. Odeio imprevisibilidade, odeio frio na barriga, odeio não saber onde estou pisando. — Olho para Julia, a pessoa mais apaixonada pela vida que eu conheço, e sorrio. — Nem todos são como você, Jules. Algumas pessoas precisam se sentir seguras para serem felizes.

Ela procura minha mão sobre a mesa.

— Então, que Norman te faça mesmo muito feliz. Porque, se vacilar, é bom saber que eu quebro a cara dele.

Eu rio.

— Não será necessário. — Em seguida, baixo o tom de voz, apesar de não haver ninguém conhecido por perto. — Inclusive, acho que ele me pedirá em casamento na nossa comemoração do aniversário de namoro.

Julia arregala os olhos.

— Isso, sim, é uma grande novidade! Por que você acha isso?

Sorrio.

— Há quase dois meses, ele reservou para essa data um dos melhores restaurantes da cidade. É um lugar que sempre quisemos conhecer, mas não fomos porque era muito caro. Além disso, um dia desses, ele fez um comentário sobre estar na hora de tomar decisões importantes sobre a nossa vida.

Os olhos castanhos da minha amiga percorrem meu rosto e um sorriso doce curva sua boca.

— Ver essa alegria no seu olhar é tudo que eu mais quero, amiga. Vou torcer demais para dar tudo certo.

Eu suspiro. Também estou torcendo muito. Na verdade, é a única coisa que falta para a minha vida feliz ficar completa.

3

HUGH

— VAMOS TOMAR uma cerveja lá em casa — Nico convida, enquanto caminhamos para fora do centro de treinamento.

O treino de hoje foi mais focado em preparação física do que tática, como sempre acontece na fase *offseason*. Mesmo depois dos comentários não tão diplomáticos do novo dono do time no início da semana, Campbell não parece disposto a arriscar uma insatisfação generalizada pegando mais pesado do que deveria. Já faz quatro dias que tivemos a reunião, e a única mudança perceptível foi uma ruga extra de preocupação na testa do nosso técnico.

Esse período entre o término dos jogos e o início do *training camp*[1] é o mais tranquilo do ano para os jogadores. São mais ou menos cinco meses de treinos mais leves com períodos de descanso, em oposição aos sete meses exaustivos da *preseason*[2] e da temporada.

— Tô dentro — respondo. — Amanhã meu único treino será um de recuperação na piscina e só começa às 10h30min. Estou precisando dar uma relaxada.

— Lockhart? — Nico olha para Ryker.

— Hoje não. Quero assistir a uns vídeos dos Patriots, entender melhor alguns pontos da estratégia deles.

Nico ergue as sobrancelhas para mim, conforme nos aproximamos dos nossos carros.

— Ele pretende estudar vídeos hoje à noite. Será que nós vamos deixar?

— Óbvio que não — respondo, sério.

Ryker balança a cabeça, sabendo que não vamos deixá-lo em paz.

— Só uma cerveja — ele cede. — Vou embora cedo.

Em seguida, destrava seu Audi Q8 e entra nele, dando a partida e aguardando que façamos o mesmo. Nico se acomoda atrás do volante de sua Ferrari F12 Berlinetta laranja. Ao contrário de Ryker, que dirige um carro que quase não chama a atenção, Nico Marchesi não é um cara nada discreto.

— Nos vemos lá em casa — ele se despede, antes de dar a partida no motor de ronco alto, me aguardando para sairmos os três juntos.

Eu ando mais alguns metros até minha Mercedes SL500 preta, um meio termo entre os dois. Gosto de carros potentes e tenho três modelos na garagem, mas não busco aqueles que chamam a atenção em qualquer lugar por onde passam, como Nico.

Dirigimos por Malibu até a costa, onde ficam as mansões mais caras da cidade. Como o centro de treinamento fica a apenas 15 minutos de carro de Carbon Beach, onde eu, Nico e a maioria dos jogadores de maior destaque do time mora, nós costumamos dispensar o serviço de motoristas para esse percurso.

Nico abre o portão e nós entramos atrás dele. Estaciono na garagem para oito veículos e saio do carro, observando mais uma vez a mansão imponente. É uma construção moderna, com linhas retas e toda em branco.

Eu e Ryker o seguimos até o terraço, que conta com uma piscina de borda infinita que parece juntar-se ao mar de fundo. Nico aponta para duas poltronas e nós nos sentamos, enquanto ele pega três cervejas num frigobar.

Nosso *quarterback* vem de uma família relativamente pobre, descendente de italianos, e morou em um bairro simples de Nova York até iniciar a faculdade. Chegou a passar por alguns períodos de dificuldade financeira, o que talvez explique em parte essa necessidade de ter tudo que o dinheiro pode comprar. Ele inclusive trouxe seus pais e sua irmã para a Califórnia quando foi contratado pelo Sharks, e comprou para eles uma casa confortável em Santa Monica.

Nico é um grande sujeito, leal aos amigos e à família, jogador brilhante e o maior incentivador do time, mas às vezes assusta pela postura arrogante e o jeito um tanto explosivo.

— Cadê a aeromoça? — ele me pergunta, ao sentar.

A semana foi tão corrida que nem tive tempo de contar a eles o que aconteceu. Nico e Ryker conheceram Sophie porque ela estava substituindo uma das aeromoças regulares do jatinho dos Sharks numa viagem que fizemos no início do ano, para um jogo. O time inteiro ficou comentando o quanto a garota era gostosa, mas na época não rolou nada. Acabamos nos esbarrando de novo numa festa meses depois, ela lembrou de mim, nós ficamos juntos e o resto é história.

— Acabou — comento, antes de dar um gole na cerveja.

— Até que durou muito. — Nico sorri de lado, cruzando os pés sobre a mesinha de apoio e encarando o pôr-do-sol sobre as águas azuis.

— Mais uma que achou que era minha namorada. — Olho para o *quarterback* e aponto um dedo em sua direção, de um jeito quase acusatório. — Isso nunca acontece com você. Me conta qual o segredo para fazê-las entenderem a regra do jogo, porque eu claramente estou fazendo alguma coisa errada.

Ele solta uma risada relaxada, jogando a cabeça para trás.

— Seu erro é tão óbvio, Nash. — Nico volta a olhar para mim, com uma expressão divertida. — Você fica com elas por tempo demais.

Cruzo os braços, quase ofendido.

— Tempo demais? Meu recorde deve ter sido um mês.

— Realmente, nem é tanto tempo assim... — Ryker comenta, levando a garrafa aos lábios.

— Deixa eu desenhar pra vocês, já que estão tendo dificuldade de me acompanhar. — Nico levanta um dedo. — Você fica um tempão saindo com a mesma mulher.

— Três semanas é um tempão?! — reclamo, indignado.

Ele faz um gesto para que eu fique quieto e levanta o segundo dedo.

— Leva as mulheres para jantar na sua casa.

— Caralho, não posso alimentar a garota antes de fodê-la? Ou preciso fazer isso num restaurante, para aparecer em mais sites de fofoca do que já acontece regularmente?

Me ignorando, meu amigo levanta o terceiro dedo.

— Você dá exclusividade para as garotas.

— Porque não curto essa coisa de ficar pegando várias ao mesmo tempo, só isso.

Nico revira os olhos.

— Você quer minha opinião ou prefere ficar rebatendo tudo que eu digo?

— Ele tem um ponto. — Ryker me encara, com um leve brilho divertido no olhar quase sempre sério.

Eu relaxo o corpo na poltrona, me rendendo.

— Tá, vou parar de falar.

Nico inclina o corpo para frente e tira os pés da mesinha, apoiando os cotovelos sobre os joelhos.

— Você sabe que o sonho de boa parte das mulheres é casar com um jogador famoso. Por que você acha que essas caçadoras de marido vão

todas em cima de você, sendo que no time existem caras muito mais interessantes?

— Como você, imagino.

— Precisamente.

— Não tenho ideia, meu guru. — Meu tom sarcástico arranca de Ryker um sorriso. — Me alimente com sua infinita sabedoria, por favor.

Nico volta a relaxar na poltrona, bebendo mais um gole da cerveja.

— Seu problema é que você dá esperança a elas. Fica por tempo o suficiente para que elas comecem a acreditar que vão te dobrar.

— Qual é sua brilhante solução, então? — Olho para Ryker. — Porque não vou virar um celibatário como nosso amigo aqui.

Lockhart bebe um gole da cerveja, sem responder. Encaro seus olhos azuis com curiosidade.

— Agora é sério, quando foi a última vez que você pegou uma mulher, cara? — pergunto. — A gente nunca te vê com ninguém, e sabemos que gay você não é porque a galera mais antiga do time comentou que você teve sua fase de pegador.

Ryker me encara, inabalável.

— Eu honestamente não entendo por que tanto interesse na minha vida sexual.

— As mulheres de Ryker são iguais a filhote de pombo — Nico filosofa —: a gente sabe que existem, porque é impossível que ele não coma alguém de vez em quando, só que ninguém nunca viu.

Eu rio alto e Lockhart desvia o olhar para o horizonte, sério.

— Voltando ao nosso assunto — viro para Nico —, qual a sua solução para o meu problema?

Marchesi sorri apenas com o canto da boca.

— Muito simples. Siga a regra do três para os encontros.

— Que porra de regra do três é essa? — Franzo a testa.

— Um é pouco, dois é bom, três é demais. — Ele me encara com paciência, como se estivesse explicando a matéria a um aluno com limitação intelectual. — Entenda, o primeiro encontro às vezes não é tão bom. Você não conhece a gata, não sabe do que ela gosta, e ela não conhece você. Falta uma certa intimidade, sabe? Mas se, ainda assim, tiver sido gostoso, você sai uma segunda vez. Já conhece o corpo dela, já sabe o que agrada, já tem mais liberdade. Tudo flui melhor, e provavelmente será bem melhor que o primeiro. — Ele faz uma pausa dramática, com uma

expressão séria. — Mas, aconteça o que acontecer, não caia na besteira de ir para o terceiro encontro.

Eu rio.

— Eu deveria perguntar por quê?

— Claro que sim — Nico inclina o corpo para frente, parecendo animado por poder explicar. — Essa é a informação crucial, o segredo da coisa. No terceiro encontro, elas se apaixonam. Pior: começam a acreditar que você também vai se apaixonar por elas. Aí já era. Acabou a magia e começou o pesadelo.

Ryker assente.

— Por mais bizarro que pareça, faz algum sentido — ele olha para o *quarterback* e ergue a *long neck*, numa espécie de congratulação pela teoria mirabolante.

Ainda rindo, termino de virar minha garrafinha.

— Não sei se seguirei sua regra, mas foi interessante ouvir.

Nico dá de ombros.

— Azar o seu. Vai continuar sendo perseguido como o cara casável do time.

— Não vou me casar.

— Tatua essa frase na testa, se não quer seguir meu conselho. — Nico sorri, perversamente. — Talvez ajude.

Rindo, eu jogo nele uma bolinha de guardanapo amassado.

— Babaca. — Coloco a garrafinha vazia sobre a mesa. — Então, você nunca saiu com uma garota mais de duas vezes.

— Já. — A expressão dele muda. — Mas a gente aprende determinadas coisas quando se fode.

Por mais que sejamos colegas de time há alguns anos, Nico não costuma falar muito sobre a vida pessoal, exceto sobre algumas das mulheres com quem sai — no máximo duas vezes, muito importante.

Sinto que tem mais coisa nessa história, mas, pela cara dele, não parece uma boa ideia perguntar.

— Como será que vai ser esse coquetel de boas-vindas ao nosso novo proprietário amanhã, hein? — mudo de assunto.

— Sei lá. — Nico volta a olhar para mim. — Só sei que já não fui com a cara dele.

Ryker olha para o céu alaranjado pelo pôr-do-sol, sem dizer nada. Sei que ele continua tenso com esse assunto.

— Foi só impressão minha ou parecia que ele estava até meio entediado por estar ali? — comento. — Como se comprar um time que vale quase 5 bilhões de dólares fosse algo comum na rotina dele. Tipo, acordei, tomei meu café, comprei um time da NFL, tomei um banho...

Nico ri.

— Parecia mesmo. E você viu as roupas do cara? Calça jeans surrada, camiseta preta básica... igual a um atendente de loja de informática, não um bilionário.

— Deve ter se inspirado no Steve Jobs — Ryker comenta.

Nico olha para Lockhart com os olhos arregalados.

— Gênio! É exatamente isso. O cara é um plagiador do Jobs, só que com a cara do Justin Timberlake.

Agora é minha vez de rir alto.

— Caralho, vocês têm razão! Igualzinho. É uma mistura dos dois.

— Timberjobs — Nico anuncia, em tom solene. — Pronto, ele acaba de ganhar um novo nome.

Eu sacudo a cabeça, ainda rindo.

— Você é uma figura, Marchesi.

— Sou um visionário. Uma pena que somente poucos seres iluminados reconheçam minha genialidade.

Eu levanto e pego outra cerveja, a última do dia.

— Outra? — pergunto a Nico e Ryker.

— Manda — Marchesi aceita. — Já tô comendo tudo errado essa semana mesmo, mais um dia fazendo merda com a alimentação não vai mudar muita coisa. Eu compenso semana que vem.

— Pra mim não, obrigado. — Ryker levanta uma mão.

Nossa alimentação é toda controlada, mas é mesmo desafiador seguir a dieta o tempo inteiro. Entrego a *long neck* a Nico e dou uma batidinha com a minha num brinde enquanto sento.

— A uma temporada brilhante.

— Aos Sharks.

Continuamos bebendo e conversando enquanto o sol se põe. Numa rotina fodida de treinos, cobranças e pressão por todos os lados, é fundamental ter com quem dividir a carga. Esses dois caras que estão ao meu lado em cada derrota e cada vitória há seis anos são a melhor companhia que eu poderia pedir para enfrentar os leões que cruzam diariamente o meu caminho.

4

HUGH

— ÚLTIMA VOLTA, Nash!

Enquanto respiro, segurando a borda da piscina, ouço a voz de Rodriguez, nosso treinador de recuperação. Cada jogador tem seu programa de treinos individualizado. Na fase *offseason*, o foco é em manter um bom preparo físico, por isso é raro um dia em que não tenhamos algum tipo de atividade aeróbica.

Sem responder, eu largo a borda e dou um impulso com as pernas, iniciando um nado costas lento, alongando bastante a musculatura. A água tépida da piscina olímpica que temos no The Palace ajuda a relaxar e torna o treino quase prazeroso.

Assim que eu termino essa volta, saio da água e uma das assistentes me entrega uma toalha. Eu agradeço e começo a me secar, distraído. Pouco tempo depois, levanto a cabeça e vejo um rosto familiar me observado da parte interna do centro de treinamento, através do vidro.

É Natasha Sullivan, filha de George Sullivan. A loira bonita já flertou comigo mais de uma vez em eventos do time, e eu sempre consegui me esquivar com educação me fazendo de desentendido.

Qualquer envolvimento com ela seria uma péssima ideia. Se eu cedesse e levasse essa mulher para a cama, certamente ficaria numa situação bastante complicada com o treinador na hora em que a diversão acabasse. O melhor que eu tenho a fazer é continuar evitando qualquer oportunidade de ficarmos sozinhos e ela acabar dizendo algo mais direto.

Dou um rápido aceno na sua direção e caminho até o vestiário com a toalha amarrada na cintura. Chegando lá, cumprimento Juan Esposito, nosso massagista, que está a caminho da sala de massagem.

— Sua sessão começa em cinco minutos, Nash — ele me avisa.

— Ok. — Desamarro a toalha e vou até a entrada do banheiro. Sem me virar, levanto a voz para que ele escute. — Vou só tirar o cloro do corpo.

Tomo um banho rápido, me enxugo com uma toalha seca e, em seguida, a enrolo na cintura. Vou até a sala de massagem e deito de bruços, enquanto Juan posiciona uma toalhinha menor para cobrir minha bunda.

— Como está sua neta? — pergunto, assim que ele espalha o óleo e começa a trabalhar nos músculos das costas.

— Ah, muito melhor! — sua voz com sotaque soa aliviada. — Foi operada há três dias e deve ter alta em breve.

Eu fecho os olhos, aproveitando a sensação das mãos habilidosas de Juan.

— Que ótimo. O que os médicos disseram?

A netinha de três anos do nosso massagista foi diagnosticada com um tumor no rim há algumas semanas. Fez quimioterapia e depois foi operada para retirar o tumor.

— A cirurgia foi um sucesso. Conseguiram limpar todo o câncer, e agora vão apenas acompanhar.

Eu sorrio, ainda de olhos fechados.

— Melhor notícia do dia.

Faço uma nota mental de comprar um presente para a menina. Juan é uma pessoa muito querida pelo time. É mexicano, imigrou ilegalmente para os EUA aos 21 anos para fugir de uma situação social difícil no seu país. Trabalhou em vários subempregos até conseguir fazer um curso de massagem. Ele tem tanta habilidade nessa área que acabou se destacando e sendo contratado por times de esportes pequenos.

Seu nome foi ficando mais conhecido e, há dez anos, foi contratado pelo Sharks. Conseguiu formar um filho dentista e agora tem essa netinha, que é a paixão da vida dele.

Assim que a massagem termina, eu agradeço e sigo em direção aos chuveiros outra vez, para tirar o óleo do corpo. Coloco uma bermuda e uma camiseta e vou até o restaurante para almoçar. Lá, encontro Ryker e Nico sentados a uma mesa.

— E aí? — cumprimento, puxando uma cadeira.

— Fala — eles respondem, quase juntos.

— Fizeram o que, hoje? — Estico as pernas e cruzo os tornozelos.

— Treino de força na academia. — Nico bebe um gole de água.

— Eu tive acupuntura e quiropraxia. — Ryker sacode a cabeça, parecendo inconformado. — Rodriguez está preocupado com o meu ombro e vem me poupando de alguns treinos, por mais que eu tenha dito que não estou sentindo nada.

— Vai devagar, cara — Nico pede. — Você estava sentindo esse ombro no final dos dois últimos jogos. Não vai ficar forçando e se foder sem

necessidade.

Ryker tem essa característica: ele não reclama, ele não desiste, ele apenas vai lá e faz o que precisa ser feito. No início da carreira, ele jogou a última metade de um jogo, inclusive fazendo dois *touchdowns*, com o dedo da mão fraturado porque se recusou a demonstrar que estava com dor. O cara é uma lenda na NFL, tanto pela competência quanto pela disciplina. Não me lembro de conhecer outro jogador tão focado.

Enquanto esperamos que sirvam o almoço, pergunto:

— A que horas vocês vão chegar no coquetel hoje?

— Marquei com o Bob para me buscar às sete — Nico responde, se referindo ao motorista.

— Mesmo horário. — Ryker faz um sinal pedindo outra água.

Eu pego o celular para mandar mensagem para Louis, meu motorista.

— Beleza, vou marcar sete também.

Enquanto estou digitando, nossa comida chega. Passamos a meia hora seguinte conversando sobre coisas sem grande importância. Em seguida, me despeço e vou para casa tirar um cochilo antes do coquetel.

— NÓS ESTAMOS DANDO as boas-vindas para quem, mesmo? — pergunto a Nico, sem esconder o sarcasmo.

Ele bebe um gole de seu uísque.

— Estou pouco me fodendo se o cara vai aparecer ou não. A festa está maneira, então dane-se o Timberjobs.

Faz quase uma hora que chegamos ao coquetel, no salão nobre de um dos melhores hotéis de Los Angeles, e o “convidado de honra” ainda não deu as caras.

Olho ao redor do ambiente requintado. O amplo salão está decorado com arranjos de flores coloridas, garçons circulam com bandejas cheias de bebidas e canapés, e um bufê quente está posicionado numa das laterais, servindo pequenas porções de algo caro e sem graça.

Só consigo pensar no quanto seria maravilhoso passar num KFC quando saíssemos daqui. Essa é uma das coisas que eu sinto falta da época em que eu ainda não era um rosto conhecido pela maior parte dos americanos. Quando eu podia sair na rua, entrar numa lanchonete *fastfood*, me entupir

de asinhas de frango bem gordurosas e conversar numa mesa com amigos sem ter pessoas fazendo fila para pedir um autógrafo, ou a consciência pesada porque estou saindo da dieta.

Não que eu esteja reclamando da minha vida, seria uma puta injustiça. Eu pratico profissionalmente o esporte que eu amo, tenho a oportunidade de jogar com os melhores do mundo, ganho mais dinheiro do que jamais serei capaz de gastar e recebo o carinho do público por todos os lados. O saldo final, sem dúvidas, é positivo.

— Bem, já que nosso CEO nem se dignou a aparecer ainda, vou dar uma chegada no banheiro — Nico avisa. — Tomara que eu não perca o discurso, já que passei o dia todo ansioso por esse momento.

Ele começa a se afastar, e eu levo o copo de uísque aos lábios com um sorriso. Quem não conhece Nico Marchesi às vezes é ludibriado pela maneira como ele fala as coisas. Seu tom é tão sério quando está sendo sarcástico que é muito fácil acreditar em qualquer parada que ele diz como sendo algo legítimo.

— Que milagre vê-lo sozinho — uma voz feminina soa atrás de mim.

Eu me viro para dar de cara com ninguém menos que Natasha Sullivan. Ela está usando um vestido longo vermelho que parece gritar *olhem para mim*.

— Natasha. Como vai?

Ela sorri e fica na ponta dos pés para me dar um beijo no rosto, mais perto da boca do que deveria. Instintivamente dou um passo para trás.

— Bem melhor agora — a loira ronrona.

O tom sensual não deixa muitas dúvidas a respeito de suas intenções com essa conversa. Eu sorrio educadamente e viro o restante do uísque no meu copo, um pouco tenso pela maneira como ela está me analisando sem qualquer pudor.

— Eu te vi hoje lá no The Palace — Natasha comenta, casualmente.

Ver é uma palavra leve demais. O mais adequado seria dizer que ela me comeu com os olhos.

— Ah, sim. Estava perdida por lá? — Meu olhar vasculha freneticamente o salão, procurando alguém que possa me tirar dessa enrascada. Ryker está distraído num papo com Campbell e Nico parou para fazer social com o time de defesa. Ou seja, ninguém para me resgatar.

— Eu adoro acompanhar os treinos, e preciso dizer que você é muito talentoso. Fico impressionada com a velocidade com que consegue correr, e

como desvia daqueles brutamontes. — Ela ri do próprio comentário.

— Obrigado.

Natasha dá um passo na minha direção e corre um dedo lentamente pelo meu antebraço, por cima do terno. Estamos num canto mais reservado, o que parece ter dado a ela a sensação de que estamos sozinhos nessa festa.

— Sabe, Hugh... você ainda não deve ter notado, mas eu me sinto bastante atraída por você — ela sussurra, perto demais do meu ouvido. *Jura? Eu realmente não tinha percebido*. Guardo o comentário sarcástico para mim mesmo. — Sei que a situação é delicada, porque meu pai é seu chefe, então tive o cuidado de conversar com ele antes de vir falar abertamente com você. Papai disse que não haveria problemas, mas que teria uma conversinha com você para se certificar de que cuidaria bem da sua princesa. — Ela pisca um olho, divertida, e eu engulo em seco.

Fodeu. Como vou sair dessa situação?

Se eu digo sim, vou ter um sério problema com Sullivan quando quiser sair fora dessa história. Se eu digo não, corro o risco de ele entender que eu não acho a filha dele boa o suficiente para mim.

— E então, Hugh? O que me diz?

Meu cérebro tenta freneticamente buscar uma solução, mas nada parece bom o suficiente. Olho ao redor do salão e vejo um dos caras do time de defesa abraçado à namorada. Sem pensar no que estou fazendo, eu solto:

— Desculpe, Natasha. Fico honrado pelo seu interesse, mas eu tenho namorada.

O rosto dela murcha um pouco.

— Sério? Como eu nunca ouvi nenhum comentário sobre isso, nem nos bastidores nem na mídia? E por que ela não está aqui hoje?

Tá, não poderia ser tão fácil. Mas eu *acho* que tenho uma saída.

— É que a minha garota não é famosa, e ela preza muito pela própria privacidade. Por isso, combinamos de manter o relacionamento em segredo, ao menos por enquanto.

Pronto, essa resposta é convincente. Nem todos querem ter que lidar com a imprensa no cangote o tempo inteiro.

— Ah, entendi... — Seu tom não disfarça a decepção. Ela me oferece um sorriso amarelo. — Que pena, Hugh. O relacionamento de vocês é sério, então.

— Muito. — Eu uno as sobrancelhas e balanço afirmativamente a cabeça, reforçando a seriedade do meu compromisso inexistente. —

Estamos completamente apaixonados.

Natasha bebe um pouco de seu champanhe.

— Qual o nome da sortuda?

Porra, e agora? Respondo um nome qualquer, correndo o risco de ser mais facilmente desmascarado depois? Não, melhor não.

— Eu prefiro não dizer — respondo, em tom de desculpas. — Prometi a ela que não falaria sobre nós com ninguém, por enquanto.

A loira dá de ombros.

— Tudo bem. — Ela endireita a postura e me oferece um sorriso ensaiado. — A gente se vê por aí.

Com um aceno, Natasha desliza pelo salão, se afastando de mim. Eu solto o ar, aliviado. Persigo um garçom como um *stalker* até conseguir um novo copo de uísque e bebo tudo quase em um gole só. Espero realmente que essa mentira não me complique.

— Estava te procurando. — Nico para ao meu lado.

— E por que não achou antes, filho da puta? — reclamo. — Teria me salvado de uma grande roubada.

— Que roubada?

Em poucas palavras, eu resumo o que acabou de acontecer.

— A filha do Sullivan deu em cima de você? — Nico mal consegue conter a gargalhada que começa a escapar da sua boca.

— É, ri mesmo. Grande amigo, você.

O *quarterback* coloca a mão sobre o estômago, vermelho de tanto rir.

— E agora você tem uma *namorada misteriosa*? — Nico ergue as sobrancelhas. — Ela é gostosa, pelo menos?

— Vai se foder, babaca.

Antes que Nico tenha a chance de continuar me zoando, Sullivan sobe ao palco e chama a atenção de todos.

— Boa noite, senhoras e senhores. Após alguns contratempos de agenda, finalmente nosso proprietário conseguiu chegar e gostaria de lhes dizer algumas palavras. Com vocês, Dominic Becker!

Aplausos ecoam pelo salão enquanto o jovem bilionário sobe os três degraus até o pequeno palco.

— Pelo menos hoje ele está de blazer — comento no ouvido de Nico.

— Mas continua com a calça jeans e a camiseta preta por baixo. — Ele olha para mim. — Timberjobs não decepciona.

— Boa noite a todos — Becker fala ao microfone. — Não me estenderei muito. Gostaria apenas de dizer que é um prazer estar aqui hoje. Admiro profundamente cada um de vocês pela dedicação e pela competência, e tenho certeza de que faremos uma grande temporada. — Ele faz uma pausa, olha para Campbell e em seguida dá um soco meio desajeitado no ar. — Vamos, Sharks!

Os jogadores imitam o movimento que é como um grito de guerra do time.

— Vamos, Sharks! — todos gritam junto, sem tanta convicção.

— Discursos motivacionais são muito chatos, e o meu já terminou. Aproveitem a festa. — Dominic acena brevemente e desliga o microfone.

Esse cara é *realmente* uma figura.

Os convidados voltam a circular pelo salão e conversar. Ryker se aproxima de nós com seus passos lentos e decididos. Mal ele para ao nosso lado, Nico abre sua boca grande.

— Sabia que Hugh arrumou uma namorada?

Ryker levanta tanto as sobrancelhas que elas quase encostam na linha do cabelo.

— Como é?

Eu reviro os olhos.

— Não é nada disso.

Dou um suspiro, antes de resumir a história pela segunda vez. Depois de ouvir tudo com uma expressão divertida, Lockhart comenta:

— Vamos torcer para que a garota guarde a informação para ela. Imagina se esse boato se espalha?

Nesse instante, George Sullivan para ao meu lado.

— Nash! — Ele me dá alguns tapinhas nas costas. — Soube que dispensou a Natasha.

Eu engulo em seco.

— Senhor, eu...

Ele ri.

— Relaxa, não precisa ficar constrangido. Nat sempre foi atiradinha assim, e eu dei meu aval porque você parece ser um bom rapaz. — Sullivan me cutuca, de um jeito brincalhão. — Tanto que até arrumou uma namorada. Admito que fiquei surpreso com a informação

Minha boca resseca subitamente. Tento engolir, mas parece haver areia na minha garganta. Nico disfarça o sorriso levando o copo de uísque à boca

e Ryker começa a analisar meticulosamente os próprios sapatos.

Sullivan é o tipo de GM que gosta de manter uma relação estreita com os jogadores. Conhece as pessoas mais próximas de suas famílias pelo nome, marca jantares em sua casa, coisas do tipo. É óbvio que está surpreso por descobrir que eu tenho uma suposta namorada.

Como ele está claramente esperando por um comentário meu, me esforço para fazer alguma frase coerente sair da minha boca.

— Pois é. Sabe como são essas coisas, ela quer preservar a própria privacidade.

O homem mais velho envolve meus ombros.

— Eu entendo seu receio com a imprensa, eles são mesmo cansativos algumas vezes. Deve ser horrível não poder apresentar sua garota para os seus amigos, levá-la para assistir seus jogos...

Eu faço minha melhor expressão de tristeza.

— Sim, é difícil. Mas, fazer o que, não é?

Sullivan dá um largo sorriso.

— Pois eu tenho uma notícia maravilhosa. Meu aniversário de 60 anos será uma comemoração íntima, apenas para vocês do time e alguns amigos próximos e familiares. Será daqui a duas semanas, um fim de semana num hotel isolado e fechado apenas para nós, com todos os funcionários assinando NDA[1]. Quero todos se divertindo sem preocupações, aproveitando alguns momentos de lazer antes do início do *training camp*.

Eu começo a sentir gotas de suor se formando na minha testa, porque eu tenho quase certeza de que sei onde isso vai dar.

— Que ótimo, senhor — respondo, hesitante.

— Você pode levar sua namorada sem preocupações — ele completa.

Nico limpa a garganta e vira de costas, para evitar uma gargalhada. Ryker agora está contemplando as luminárias do teto com as sobrancelhas unidas, num ar quase filosófico.

Calma, Hugh. Calma.

— Eu agradeço imensamente, mas acho que ela...

— Hugh — Sullivan me interrompe, segurando minha nuca. — Eu faço questão que você a leve. Sua garota poderá conhecer as namoradas e esposas dos outros jogadores e pegar dicas de como lidar com essa invasão de privacidade. Isso será fundamental para o sucesso do seu relacionamento, acredite. Vocês sabem que me sinto um pouco como pai de todos vocês, e quero vê-los felizes.

— É que ela...

— Não aceito um não como resposta. Convença-a, e vai me agradecer depois. — Ele olha ao redor e em seguida vira para mim. — Preciso dar atenção a outras pessoas. Até mais rapazes.

Enquanto ele se afasta, eu fico observando o salão cheio com o olhar perdido.

— Você sabe que, se não aparecer com uma garota nessa festa, ele vai desconfiar de que foi uma armação para dispensar a princesinha dele, não sabe? — Nico sussurra no meu ouvido, como bom filho da puta que é.

— Eu sei — respondo entre dentes.

— Como você pretende sair dessa, Nash? — Ryker pergunta, entre divertido e preocupado.

Olho para o teto, como se pedisse uma inspiração divina.

— Honestamente? — Volto a encarar os dois. — Eu não faço a mais puta ideia.

5

LANEY

CONFIRO MEU VISUAL no espelho do quarto pela terceira vez. Não costumo ser insegura com a minha aparência, porque sei que Norman vê muito além da parte física, mas hoje quero estar especialmente bonita para ele.

O vestido verde escuro de mangas compridas faz um contraste interessante com minha pele branca e meu cabelo ruivo comprido. Os saltos quadrados de tamanho médio me deixam na altura ideal para ficar uns dez centímetros menor que Norman, que tem 1,70m. Eu tenho apenas 1,56m, por isso sempre preferi homens baixos.

Checo as unhas, pintadas num tom suave de rosa. Minhas mãos estão perfeitas para receberem um anel de noivado. Respiro fundo e sorrio para o meu reflexo. É hora de encontrar o homem da minha vida, meu futuro marido. Tiro o celular da bolsa e peço um Uber, já descendo os dois lances de escada até a portaria.

Como o restaurante fica a meio caminho da minha casa e da dele, Norman sugeriu que nos encontrássemos lá. Ele é sempre assim, prático, e eu geralmente gosto disso. Contudo, confesso que hoje eu teria gostado se ele me buscasse em casa, abrisse a porta do carro para mim e me desse um beijo carinhoso antes que eu entrasse.

O Uber estaciona em frente ao prédio e eu entro. Cumprimento o motorista, que está entretido ouvindo uma música de rock pesado num volume mais alto do que seria considerado educado.

Minhas fantasias a respeito da minha noite de noivado não começavam num carro velho, cheio de farelo de biscoito no banco e ouvindo um *heavy metal* que parece testar a resistência dos meus tímpanos. Fecho os olhos, me concentro na respiração e repito mentalmente as palavras que me acalmam em ambientes sujos ou bagunçados. Isso funciona bem hoje em dia, desde que a minha permanência nesses lugares não seja muito longa.

Procuro me lembrar de que, especialmente hoje, nada disso importa. O que interessa é o que acontecerá muito em breve, e que poderá mudar o resto da minha vida para melhor.

Após dez minutos dessa situação potencialmente disparadora de gatilhos de ansiedade — felizmente controlados com sucesso —, o motorista estaciona em frente ao restaurante e eu saio do carro. Cumprimento a hostess, que me leva até a mesa onde Norman já está bebendo sua água com gás.

Eu sorrio largamente e ele retribui de forma tensa ao se levantar. Deve estar nervoso com o pedido, lógico.

— Oi, amor. — Fico na ponta dos pés para beijá-lo, e noto que seus lábios estão frios e ressecados.

— Oi, Laney. — Ele puxa a cadeira para mim. — Você está ótima.

Eu sorrio, orgulhosa.

— Obrigada. Você também está.

Assim que sentamos, Norman coloca o cardápio na frente do rosto.

— Eu já dei uma olhada, se não se importa. Posso pedir para nós?

— Por favor.

Ele sabe absolutamente tudo que eu gosto de comer, então confio de olhos fechados na sua capacidade de fazer meu pedido. Meu namorado acena para o garçom e pede um vinho e os pratos.

Assim que o rapaz se afasta, ele me encara com uma expressão ainda mais nervosa.

— Conseguiu adiantar as planilhas que você queria?

Como ele disse que ia visitar a avó hoje à tarde e achou melhor que eu não o acompanhasse para que ela não se agitasse demais, eu acabei resolvendo adiantar algumas coisas do trabalho.

— Sim, foi bem produtivo.

— Que bom.

O garçom chega novamente à mesa e serve o vinho que Norman pediu. Ele espera que meu namorado experimente e dê o ok, e só então enche as taças. Eu levanto a minha, aguardando que Norman faça o brinde. Quando ele fica em silêncio, eu me adianto:

— Ao nosso futuro.

Ele engole em seco, antes de dizer.

— A nós.

Eu experimento a bebida saborosa, tentando acalmar uma sensação estranha que me diz que as coisas não estão bem. Achei que Norman estivesse apenas nervoso, mas parece ser mais do que isso.

Ele começa a contar sobre a avó, dando detalhes ligeiramente desnecessários do aspecto do curativo e uma longa descrição dos diálogos que teve com sua mãe e suas tias. Essa não era bem a conversa que eu esperava para esta noite, mas procuro ser paciente e atenciosa, sem deixar de ouvi-lo com minha total atenção até mesmo enquanto eu limpo os talheres com álcool.

A comida é servida, e Norman segue com o monólogo altamente descritivo da visita que fez à casa dos pais. Nos intervalos entre as garfadas, o assunto continua, de maneira cada vez mais estranha e sem propósito.

Quando chegamos à sobremesa e meu namorado começa a dissertar sobre a quantidade exata de cada uma das mudas de plantas novas que sua mãe colocou no jardim, eu tenho certeza de que ele está apenas ganhando tempo por não querer dizer alguma coisa.

— Norman — eu o interrompo. — O que está acontecendo?

Ele me encara, parecendo profundamente angustiado.

— Ah, Laney. Eu não sei como te dizer isso.

Sinto algo gelado apertando meu coração.

— Isso o quê?

Pela primeira vez, eu não tenho ideia do que se passa na cabeça do meu companheiro de uma vida inteira, a pessoa que eu melhor conheço nesse mundo, e a sensação é um tanto desesperadora. Ele começa a brincar com o guardanapo sobre a mesa, sem conseguir me olhar nos olhos.

— Eu acho que precisamos dar um tempo.

As palavras são como um soco. Minhas mãos começam a tremer, e eu as entrelaço sobre o colo.

— O que você quer dizer com isso? — Minha tentativa de manter a voz firme não sai tão boa quanto eu gostaria.

Ele volta a me encarar, seus olhos repletos de pesar.

— Vou tentar resumir o que vem passando na minha cabeça nos últimos tempos, ok?

Nos últimos tempos. Quanto tempo? Por que ele não dividiu comigo antes? Por que não confiou em mim para compartilhar suas preocupações? Ao invés de bombardeá-lo de perguntas, eu endireito a postura e encorajo:

— Por favor, faça isso.

Norman respira fundo e solta o ar devagar.

— Laney, você foi a única mulher que eu beijei. A única com quem eu transei, a única em... tudo.

Eu sorrio, apesar da tensão, porque adoro me lembrar disso.

— Sim, e você foi o meu.

— Pois é. Chegamos a um ponto do nosso relacionamento em que não há mais razão para não darmos o próximo passo. Estamos ambos empregados de maneira estável, nos aproximando dos 30 anos e com objetivos de vida parecidos.

— Exatamente.

Vou ficando um pouco mais calma. Talvez eu tenha entendido errado, e essa seja apenas uma maneira muito peculiar de ele me pedir em casamento. Até agora, tudo que eu ouvi foram os motivos pelos quais somos perfeitos um para o outro e devemos nos casar.

— Só que, antes de dar esse passo... — Norman desvia o olhar outra vez — eu acho que precisamos ter certeza de que é isso mesmo que queremos.

Franzo a testa.

— Não entendi.

Ele suspira, retorcendo o guardanapo entre os dedos. Quando volta a olhar para mim, sua expressão está ainda mais angustiada.

— Como vamos saber se somos mesmo a alma gêmea um do outro se nunca experimentamos nada diferente? E se a gente só acha que isso é a melhor coisa porque não tivemos outras experiências?

Meu coração começa a acelerar desconfortavelmente e eu ergo uma palma estendida, pedindo a ele para parar de falar.

— Peraí... você quer ter outras *experiências*, é isso?

Norman fica vermelho.

— Sim. — Ele abaixa o rosto. — Você naturalmente poderia ter, também.

Agora minha angústia vai se transformando em raiva.

— Eu não preciso de nenhuma droga de *experiência* para saber que eu amo você e quero ser sua esposa, Norman Simpson. — Meu tom de voz sai um tanto exaltado e atrai a atenção de algumas pessoas nas mesas ao redor.

Eu respiro fundo algumas vezes para me acalmar, porque odeio chamar a atenção.

— Laney, e se nós acabarmos num casamento... tedioso?

As palavras são como uma punhalada pelas costas.

— O que você quer dizer com isso? Você acha nossa relação tediosa? Você *me* acha tediosa?

Ele parece cada vez mais constrangido.

— Não foi isso que eu disse. — Norman procura minhas mãos, mas eu as recolho.

Estou começando a questionar absolutamente tudo, e essa sensação é horrível.

— Quais são minhas maiores qualidades, Norman? Eu quero te ouvir dizendo.

Em dez anos de relacionamento, eu nunca lhe fiz essa pergunta. Nunca precisei, porque sempre tive certeza dos sentimentos do meu namorado por mim. Até agora.

— Você é maravilhosa, Laney.

— Seja mais específico.

Ele pensa por alguns segundos.

— Você é inteligente, responsável, organizada, confiável, pontual...

Cubro o rosto com as mãos.

— Meu Deus... — murmuro baixinho.

— O que houve? O que eu disse de errado?

Eu o encaro, incrédula.

— O que você disse de errado? Norman, você parece uma porcaria de funcionário dos recursos humanos indicando alguém para uma vaga, e não um namorado apaixonado! — Desvio o olhar e fico encarando o vazio, vendo minha vida desmoronar diante dos meus olhos. — Eu sou tão tediosa e desinteressante assim? — murmuro, mais para mim mesma.

— Não! — Ele estende de novo as mãos e, dessa vez, alcança as minhas. — Por favor, não fale assim.

— Isso tem a ver com o meu...

— De jeito nenhum, Laney — Norman me interrompe. — Isso nunca foi um problema para mim, você sabe disso.

— Não sei mais o que pensar — admito, voltando a encará-lo.

O rosto dele se contrai ao ver o quanto estou magoada.

— Laney, vamos encarar como um período de experiências. Eu poderia ter traído você, seria o caminho mais fácil para ter essas vivências, mas eu não sou esse cara. Jamais faria isso contigo. Se nos casarmos, eu terei tanta convicção de que você é a mulher da minha vida que você pode ter certeza de que jamais irei te trair. Só acho que não devemos dar um passo tão importante sem termos... vivido um pouco mais.

Eu balanço a cabeça.

— Você está jovem demais para uma crise de meia-idade. Vai comprar um conversível, também? — pergunto, ácida.

— Não fale assim, você não é uma pessoa cruel — ele pede, derrotado, e eu me sinto imediatamente culpada. — Eu realmente gostaria que você compreendesse.

Não sei se tenho condições de compreender nada nesse momento. A crise de ansiedade está batendo na minha porta, e eu só quero ir embora daqui.

— Acho que essa conversa acabou, Norman.

Ele fica inquieto, se ajeitando na cadeira.

— Me promete que vai pensar no que eu te falei. Experimente outras coisas também, se tiver vontade. Vamos encarar com um hiato, e não precisaremos conversar sobre esse período nunca, se não quisermos. — Ele suaviza a expressão num quase sorriso. — Se realmente formos feitos um para o outro, teremos essa certeza e seguiremos ainda mais fortes.

Minha vontade agora é dizer que não precisamos nos ver nunca mais, mas não quero agir por impulso, movida pela mágoa. Preciso pensar com clareza antes de dizer qualquer coisa.

— Tudo bem.

Ele parece mais aliviado.

— Eu sabia que podia esperar isso de você. Obrigado por ser tão madura e compreensiva, Laney.

Nem tanto quanto você imagina, meu amor. Neste momento, minha vontade é enfiar sua cabeça numa privada e dar a descarga ininterruptamente até você recuperar o juízo.

— Vou pra casa — digo, levantando.

— Eu te acompanho. — Norman se levanta também, esquecendo que ainda nem pagou a conta.

— Não precisa. — Eu o faço sentar outra vez. — Prefiro ir sozinha.

Ele parece perdido com a minha recusa.

— Tudo bem.

— Bem, a gente... se fala.

Sem dar a ele a chance de responder, saio andando em direção à porta do restaurante, atraindo alguns olhares curiosos. A hostess me oferece um sorriso penalizado, que só me faz ter vontade de chorar. Ser dispensada pelo namorado no dia em que eu achei que seria pedida em casamento foi uma bela rasteira.

Se o roteirista da minha vida queria me humilhar, está de parabéns.

Enquanto aguardo o Uber, fico pensando no que fazer. Eu poderia ligar para Julia, ou para a minha mãe, mas não quero falar com ninguém. Se eu não contar a respeito do que aconteceu, é como se eu ganhasse algum tempo antes de ter que lidar pra valer com essa nova realidade.

Na quarta, tenho o almoço semanal com Julia, e acabarei tendo que contar a verdade. Além disso, no próximo fim de semana, é a comemoração de aniversário dela, e eu irei sem Norman. Não tenho ideia de como lidarei com esses momentos, mas, até lá, vou viver como se o mundo não soubesse que minha vida acaba de capotar.

Volto para casa com a mente em turbilhão, apesar do esforço constante de esvaziá-la usando todas as técnicas que aprendi ao longo dos anos. Assim que entro no apartamento escuro, tranco a porta e checo três vezes se está mesmo trancada, algo que eu só faço hoje em dia quando estou ansiosa. Nem me dou ao trabalho de acender as luzes até chegar ao quarto, pois sei a posição de cada coisa nessa casa de cor. Lá, mesmo exausta emocionalmente, cumpro meu ritual de dobrar cuidadosamente as roupas, lavar o rosto, passar os cremes e escovar os dentes. Nas horas de maior desespero, a rotina é a única coisa que me permite guardar um pouco de sanidade.

Conforme caminho para a cama, a dor de ver todo o meu futuro esfarelando diante dos meus olhos é tão insuportável que transborda através de lágrimas grossas e quentes. Como Norman não tem certeza de que seríamos perfeitos juntos? Não consigo aceitar.

Ao retirar minha lingerie branca discreta, a mais “sensual” que eu tenho, fico me perguntando se meu namorado — ou melhor, *ex-namorado* — realmente não me acha tediosa.

Coloco a camisola de algodão e deito entre os lençóis cheirosos, que eu troco duas vezes por semana, deixando que os soluços de tristeza e humilhação sacudam meu corpo. Me lembro de quando nos conhecemos, e eu me encantei pelo seu sorriso tímido. Me lembro também das nossas viagens, e de como Norman adorava que eu planejasse cada detalhe. Penso na família dele, e como todos são tão carinhosos comigo.

Enxugo o rosto na manga da camisola, desolada. Eu nunca tive dúvidas de que ficaríamos juntos pelo resto da vida. Será que essa certeza toda fez com que Norman perdesse o interesse em mim? Será que eu me acomodei e permiti que o nosso relacionamento deixasse de ser interessante?

Talvez eu precise lembrá-lo do quanto nós nos divertimos juntos, fazendo-o entender como nosso casamento poderá ser feliz. As pessoas não precisam viver em montanhas-russas. É perfeitamente possível ser feliz num carrossel, e eu pretendo mostrar isso a ele assim que essa fase estranha passar.

É isso. Vou mostrar a Norman que eu também sei ser uma pessoa divertida, que pode fazê-lo feliz com uma vida tranquila. Não posso abrir mão de todos os meus projetos de vida, de todo o meu futuro, sem lutar um pouco por isso antes.

O único empecilho para o meu plano perfeito é que não tenho a menor ideia de por onde começar.

6

HUGH

MEU TELEFONE TOCA ASSIM que deixo a minha casa. Sorrio ao olhar para o visor de LCD do carro e descobrir quem está ligando.

— Fala, pentelhinha — atendo, pisando mais fundo.

— Quero saber se meu irmão preferido não esqueceu minha festa de aniversário — Julia provoca.

— Em primeiro lugar, sou seu único irmão. Em segundo: a festa era hoje?

— Hugh... — o tom de alerta em sua voz me faz rir.

— Relaxa, bobinha. Já estou a caminho.

Paro num sinal vermelho.

— Que bom. Queria saber se você poderia comprar mais uns três *packs* de cerveja no caminho? — Julia pede. — Por favorzinho? Alguns amigos que não vinham confirmaram em cima da hora, e estou achando que vai faltar.

Eu suspiro, porque nós dois sabemos exatamente o que significa para um jogador famoso parar e comprar cervejas.

— Só vou dizer sim porque é seu aniversário.

— Obrigada! Você é o melhor irmão do mundo.

— Eu sei. Te vejo daqui a pouco.

No meio do caminho de quase uma hora até Pasadena, onde meus pais e minha irmã moram, eu paro num posto de gasolina para comprar o que ela pediu. Antes de sair do carro, coloco o boné que sempre deixo no porta-luvas para essas situações e o enterro na cabeça, escondendo parte do rosto.

Por sorte, a loja de conveniências está vazia. Eu pego as cervejas e me dirijo ao caixa para pagar. O rapaz parece extremamente entediado, e mal me olha ao passar os itens no leitor do código de barras.

—São 18 dólares e 60 centavos — ele informa.

Passo meu cartão e o garoto me entrega o recibo. Ao olhar para o meu rosto, ele quase cai da cadeira.

— Puta merda, você é o Hugh Nash — o atendente diz. Em seguida, fica vermelho. — Desculpe pelo palavrão, senhor.

Eu rio baixo.

— Tudo bem.

Pego os *packs* e estou prestes a sair quando ele pergunta, timidamente.

— Posso tirar uma foto com você? Meu irmão não vai acreditar quando eu contar.

Ofereço meu melhor sorriso profissional e concordo.

— Claro.

O garoto pega o celular e posiciona para tirar uma selfie. Me inclino sobre o caixa para ficar mais perto dele e sorrio. Depois de tirar a foto, ele guarda o aparelho.

— Obrigado, cara.

— Por nada. Boa noite e bom trabalho aí.

— Boa temporada, Nash. Acabe com eles.

Saio da loja e vejo uma família no canto do posto, perto de onde estacionei o carro. É uma mãe com duas crianças pequenas, vestidas com roupas sujas e surradas. A menina mais velha deve ter uns três anos e está descalça.

Antes de ir até o carro, puxo a carteira do bolso da calça e retiro de lá três notas de 100 dólares, todo o dinheiro vivo que eu tenho comigo. Chego perto da mãe, que está trocando a fralda do bebê no chão do posto.

— Com licença — digo.

Sem olhar para cima, a mulher responde:

— Já vou sair.

— Não ia pedir isso — aviso.

Ela então levanta os olhos, e não parece me reconhecer. Seu rosto é fino e também está sujo, como o das crianças.

— O que quer? — a mulher pergunta, na defensiva. Compreensível.

Estendo a ela as notas.

— Aqui. Espero que ajude de alguma forma.

Ela me encara com uma expressão contrariada.

— O que você quer? — pergunta.

— Nada — respondo. — Apenas ajudá-la. Compre algo para as suas crianças.

Ainda ressabiada, ela aceita o dinheiro.

— Obrigada — murmura.

— Por nada.

Dou as costas e entro no carro. Enquanto dirijo até a casa da minha irmã, fico pensando em como o mundo é mesmo um lugar desigual.

Procuro não me sentir culpado por ser rico, porque só eu sei o quanto eu batalhei e de quantas coisas eu abdiquei para chegar onde cheguei, mas de vez em quando esse sentimento é inevitável.

Por outro lado, ganhar tanto dinheiro me permite ajudar outras pessoas. Eu, Ryker e Nico doamos um quarto do nosso salário para diversas instituições beneficentes, assim como outros jogadores também doam diferentes percentuais. Não é isso que vai mudar o mundo, mas ao menos me sinto um pouco melhor por estar ajudando quem precisa.

Após vinte minutos, chego à casa dos meus pais e estaciono na garagem, ao lado do Volvo da minha mãe. As janelas estão quase todas iluminadas e é possível ouvir a música vindo do jardim dos fundos.

Pego no banco de trás o presente que comprei para Julia e toco a campainha. Pouco tempo depois, minha irmã abre.

— Seu cretino! — Jules dá um pulo, envolvendo minha cintura com as pernas, e eu a seguro no colo. — Estava morrendo de saudades de você! Odeio ter um irmão famoso, você nunca tem tempo para mim.

Eu rio, abraçando-a.

— Sua pequena mentirosa. Eu sempre tenho tempo para você.

Julia desce e eu lhe entrego o presente.

— O que é? — ela pergunta, já rasgando a embalagem. Quando vê o que está dentro, arregala os olhos. — Hugh! Onde conseguiu isso?

Julia é fã de músicas antigas e tem uma coleção de LPs. Um de seus grupos preferidos são os Beatles, e ela estava há meses procurando o álbum *Yesterday and Today*, que eu descobri ser bastante raro.

— Cobrei uns favores, falei com algumas pessoas...

— Você é o melhor! — Ela me abraça outra vez.

Eu abro novamente a porta do carro para pegar as cervejas e, em seguida, nós entramos na casa. Ela logo é chamada por um grupo e pede licença antes de se afastar de mim. Minha mãe está na cozinha, terminando de preparar alguma coisa. Assim que me vê, limpa as mãos num pano de pratos e vem na minha direção.

— Meu filho! — Ela me envolve num abraço acolhedor. — Que bom te ver.

— Oi, mãe. — Beijo sua bochecha. — Você está linda.

Ela cora.

— Deixe de ser bobo, Hugh.

— Cadê o meu pai? — pergunto.

— Lá no jardim, tomando conta dos amigos de Julia.

Eu ergo as sobrancelhas.

— Ele sabe que Jules tem 26 anos, né? Assim como a maioria dos seus amigos.

Minha mãe ri.

— Velhos hábitos nunca morrem.

— Vou guardar isso aqui e depois irei até lá falar com ele.

Após colocar as cervejas quentes no congelador, pego uma garrafinha de água gelada para mim. Já bebi álcool dois dias na semana passada e estou dirigindo. Mesmo fora da temporada, não posso me dar ao luxo de abusar. Sem cervejas para mim hoje.

Saio pela porta dos fundos até o quintal. Temos uma pequena piscina, que está iluminada, e uma varanda com mesas, cadeiras, uma pia e a churrasqueira. Meu pai está em pé num canto, com uma garrafa de cerveja na mão e um pequeno sorriso enquanto “toma conta” da festa.

Ando até ele.

— Pai.

James Nash se vira na minha direção e seu sorriso se alarga.

— Filho! — Ele me abraça apertado e começa a me dar tapas nas costas, que eu retribuo.

— E esses jovens, estão te dando muito trabalho? — brinco, e meu pai ri.

— Ainda não.

Ficamos conversando um pouco, e eu vejo alguns rostos conhecidos. Julia é muito sociável, faz amigos com facilidade, mas o mais legal é que consegue mantê-los. Sua amiga mais antiga ainda é bem próxima a ela. Laney Abernathy frequenta nossa casa desde que tinha uns cinco ou seis anos.

Por falar nela, vejo a ruiva chegando, seu olhar vasculhando o local provavelmente em busca da minha irmã. Há algo de estranho, mas eu demoro a identificar o que é. Ah, sim. Falta o namorado. Ela só vive pendurada no braço do sujeito em todas as ocasiões desde que tinha uns 15 anos. É estranho vê-la sozinha.

Laney ajeita o vestido comportado, que vai até seus joelhos. Ela é uma mulher bonita, mas se veste de uma forma tão sóbria que parece querer passar o tempo o recado de *afastem-se, homens*.

Não que eu tivesse qualquer interesse em me aproximar. Comprometida, amiga da minha irmã, toda certinha... Deus me livre dessa cilada.

— Já viu as estatísticas do Brown, aquele *rookie*[1] dos Cowboys? — meu pai pergunta. — Se for bem no *training camp*, o garoto tem chances de estrear no time titular.

Enquanto converso com o velho sobre futebol, meu olhar volta a encontrar Laney. Ela está abraçando minha irmã, e parece estar quase chorando. Bebo um gole da minha água, sem tirar os olhos da ruiva. Não me lembro de já tê-la visto abalada assim, e fico me perguntando o que será que aconteceu.

Meu pai pede licença para cumprimentar meu tio e a esposa, que acabaram de chegar. Aproveito para sentar num dos bancos do jardim e, em pouco tempo, um cara que eu nunca vi senta ao meu lado.

— Você é aquele jogador famoso, não é?

E lá vamos nós.

— Sim. — Sorrio, educado.

— É dos Fortyniners? — ele pergunta, se referindo a um time de São Francisco.

— Não. — Mantenho o sorriso educado. — Sharks.

O rapaz dá um tapa na própria testa.

— Claro, verdade. *The Dangerous Trio.* — Ele contrai os bíceps e o peitoral como um gorila e tenta imitar um rugido de leão, ou algo parecido, o que honestamente é um tanto bizarro.

Levanto a garrafinha de água numa espécie de cumprimento, porque não sei exatamente como ele espera que eu responda a isso.

— O que está fazendo nessa festa, Marchesi? — ele pergunta.

— Nash — corrijo.

— O quê? — o garoto, que já está meio bêbado, parece confuso.

— Eu sou o Nash. Marchesi é nosso QB[2].

A expressão no rosto dele vai mudando, como se agora tudo fizesse sentido.

— Saquei! Julia *Nash*.

Aponto um dedo para ele e estalo a língua.

— Garoto esperto. — Minha paciência com essa conversa já esgotou, então levanto. — Até mais, cara.

Saio com a garrafinha vazia em busca de uma lixeira. Conforme circulo pela festa, noto os vários olhares e cochichos. Alguns amigos da Julia me

conhecem há anos e já nem ligam mais, mas sempre tem uma galera nova que fica meio surpresa.

Percebo uma garota me olhando de um jeito malicioso, e não estou a fim de ter que dispensar mais uma das amigas da minha irmã nesse momento. Entro na casa e vou atrás de Julia, afinal, ela é o motivo para eu estar aqui.

Ao passar pela porta do quarto dela, vejo-a conversando com Laney, que está chorando sentada na cama enquanto minha irmã a abraça. Não sei o que houve, mas deve ter sido algo sério. Nunca vi a garota assim antes.

Me viro e começo a me afastar para dar privacidade às duas, quando minha mãe me chama.

— Hugh! Venha cumprimentar sua tia Aubrey. Ela quer te parabenizar pelo resultado da última temporada.

Ando até lá com um sorriso. Eventos na minha casa são sempre assim, eu mal consigo ter um minuto de paz. Todos são falantes e amam ouvir as histórias da NFL, o que chega a ser divertido em alguns momentos. Dei a sorte de nascer em uma família amorosa e presente, então realmente não tenho do que reclamar.

1

LANEY

— ME FALA o que eu posso fazer por você — Julia pede, fazendo um carinho no meu rosto.

— Sair de perto de mim e ir curtir sua festa — respondo, fungando e forçando um sorriso.

Ela balança a cabeça.

— De jeito nenhum. — Após uma pausa, pergunta: — Por que não me ligou antes? Tudo bem que você estava tão gripada que precisou faltar ao nosso almoço, mas eu podia ter ido até a sua casa. Não precisava ter esperado uma semana para me contar tudo isso.

Eu dou de ombros.

— Acho que não estava preparada para contar a ninguém, ainda. Talvez nem para mim mesma. Ficar gripada foi a melhor coisa que me aconteceu, já que eu acabei fazendo home office durante a maior parte da semana e quase não encontrei com ele.

Minha amiga suspira, pensativa.

— Laney, provavelmente você vai achar meu comentário estranho, até porque nunca fui a maior defensora do Norman. — Ela me encara, cautelosa. — Mas você já parou para pensar que talvez ele tenha razão?

Franzo a testa.

— O que você quer dizer com isso?

Ela se ajeita na cama, esticando a postura como se estivesse se preparando para encarar uma batalha.

— Antes de rebater, apenas me escute, ok?

Mesmo contrariada, eu concordo.

— Ok. Diga.

— Vocês só experimentaram um ao outro. Isso é como dizer que banana é sua fruta preferida no mundo todo sem nunca ter provado outras.

— As situações são muito diferentes — discordo.

— Por quê?

— Porque você não vai magoar a banana se comer uma maçã. Porque a banana não passará o resto da vida sozinha se você se encantar pela melancia.

Meus olhos se enchem de lágrimas outra vez e Julia me abraça.

— Ah, amiga! — Ela faz um carinho no meu cabelo. — Você tem uma opinião muito equivocada sobre si mesma. Quem disse que a banana não arrumaria coisa muito melhor?

— A banana não quer — choramingo. — A banana só precisa de estabilidade, de alguém que goste dela do jeito que é, que tenha os mesmos interesses e queira o mesmo futuro.

Julia me afasta o suficiente para me olhar nos olhos.

— Você quer mesmo o Norman de volta, não é?

Eu assoo o nariz no lenço de papel balançando positivamente a cabeça.

— Sim. Mesmo que ele tenha me magoado profundamente com esse término, ainda acho que ele é uma boa pessoa. — Meu olhar fica perdido no quarto. — Algo que ele disse me marcou. Norman poderia ter me traído, seria mais fácil e eu provavelmente nunca descobriria. Mas ele optou pelo caminho mais difícil, porque era o mais honesto. Isso diz algo sobre o caráter dele, não diz? — pergunto, precisando de palavras de afirmação que me mostrem que não sou uma idiota por ainda estar insistindo nesse relacionamento.

— Diz, Laney. Na verdade, talvez tenha sido uma atitude madura da parte dele. Ainda que isso tenha te magoado.

— Eu sei. — Respiro fundo. — Apenas pensei bem, e talvez eu estivesse acomodada. Mas eu não vou desistir. Vou provar que ele se equivocou e Norman ainda vai me pedir desculpas por quase me perder. Só não tenho ideia de como mostrar para ele que eu sou a mulher certa.

— Vamos pensar... — Julia franze a testa, concentrada.

Nesse momento, um dos pensamentos intrusivos que me perseguiu nos últimos dias e noites volta com força total: Norman, sendo feliz com outra pessoa.

— Ah, Jules, se eu o vir com outra mulher... nem sei o que sou capaz de fazer.

Ela levanta o rosto com uma expressão determinada e um meio sorriso.

— É isso! — diz, animada.

— Isso o quê?

— É isso que você precisa fazer.

Uno as sobrancelhas, confusa.

— Vê-lo com outra?

Julia ri.

— Não, sua boba. Deixá-lo ver *você* com outro. Algo sutil, mas que desperte seu ciúme. Nada mais poderoso para trazer à tona o instinto territorialista e protetor de um homem do que o ciúme. Sem contar que damos muito mais valor às coisas quando perdemos. É o plano perfeito.

Eu rio nervosamente. Parece mesmo interessante, mas... eu, arrumar outro homem? Como se isso fosse uma possibilidade.

— Jules, acho que você esqueceu quem eu sou.

Minha amiga sorri de forma carinhosa.

— Não, Laney. Às vezes eu acho que foi *você* quem esqueceu quem você é. Uma mulher linda, inteligente, leal, carinhosa...

As descrições foram um pouco melhores do que as de Norman, mas, ainda assim, é nítido que nada é empolgante na minha personalidade. Talvez minha amiga esteja certa e eu não devesse me colocar tanto para baixo, mas é bem difícil manter a autoestima elevada depois de levar um fora. A última coisa que eu me sinto nesse momento é habilitada a seduzir um homem. Não que eu quisesse isso, porque a mera ideia de outra pessoa tocando em mim faz meu coração acelerar, e não de um jeito bom.

— Eu não quero outra pessoa — confesso. — Você sabe o quanto é difícil para mim me acostumar com alguém novo, sair da minha rotina. As pessoas não entendem por que determinadas coisas são importantes para mim e me chamam de maluca. — Olho para ela com tristeza. — Não quero me expor a ser magoada dessa forma outra vez, sabe?

Minha amiga segura minhas mãos com um olhar compreensivo.

— Eu sei de tudo isso. Mas também sei que existem muitas pessoas legais por aí, que te aceitariam exatamente como você é e enxergariam todas as suas qualidades.

Eu olho através da janela para a paisagem escura lá fora.

— Esse não é um passo que eu esteja disposta a dar, mas pensarei em outra coisa — digo, antes de voltar a encará-la com um sorriso decidido. — Agora chega de lamentações. Vamos sair desse quarto e aproveitar sua festa. Já te prendi por tempo demais aqui dentro.

Julia levanta, me puxando com ela.

— Beba um pouco, Laney. Lembre-se de que aqui é um ambiente seguro, você pode relaxar e se divertir.

Andamos juntas até o jardim dos fundos. Minha amiga tem razão. Se eu quero provar a Norman que eu consigo me divertir, ser uma pessoa leve

com quem ele pode ter um futuro feliz, é hora de começar a trabalhar em pequenas coisas.

Julia é chamada por um grupo de amigos do trabalho e eu aproveito para olhar as opções na geladeira. Não tem vinho, que é o que costumo beber nas poucas ocasiões em que consumo álcool. As opções são cerveja ou Gin. Como detesto cerveja, me sirvo de um copo de Gin de uma jarra grande que já estava pronta.

Dou o primeiro gole e fico agradavelmente surpresa. A água tônica, assim como as especiarias, ajudam a quebrar o sabor forte do álcool. Bebo um segundo gole, que desce ainda mais fácil que o primeiro. Na metade do copo, já estou mexendo um pouquinho os quadris ao ritmo da música que está tocando.

MEU DEUS, *por que eu fiz isso?*

Meu estômago dá uma cambalhota e eu coloco a mão sobre ele, como se isso fosse capaz de melhorar o enjoo crescente. Já nem lembro mais quantas taças de Gin eu tomei. Estava descendo tão fácil, e eu estava ficando tão relaxada, que perdi completamente a noção.

Olho ao redor da festa, bem mais vazia a essa hora. Tiro o celular da pequena bolsa que eu trouxe e aperto os olhos para fixar a visão turva. Duas e meia da manhã. Eu deveria ir embora, mas estou com medo de vomitar no Uber.

Ando até a geladeira na varanda dos fundos e pego uma garrafinha de água. Talvez, se eu beber uns três ou quatro litros na próxima meia hora, esse enjoo passe. Viro a garrafinha, mas calculo mal e acabo tomando um banho.

Com um gemido frustrado, tento secar a frente do vestido *offwhite*, sem muito sucesso. Fantástico, agora as pessoas conseguem ver meu sutiã com desenho de joaninhas por baixo da roupa.

Com passos cambaleantes, ando até a lateral da casa, atrás da garagem. Meu plano é me esconder aqui até estar em condições de ir embora. Julia não pode me ver, senão vai parar de se divertir na própria festa para cuidar da amiga patética que, além de largada pelo namorado, não sabe beber.

Sento na soleira da porta dos fundos, observando o céu estrelado. Recosto a cabeça no batente da porta fechada, na esperança de que o mundo pare de rodar. Poucos minutos depois, a porta se abre e eu caio estatelada no chão da cozinha.

— Caralho! — Ouço a voz assustada. Em seguida, um rosto conhecido surge no meu campo de visão, com a testa franzida. — Laney?

Claro que a humilhação da noite ainda não estava completa. Agora, o irmão famoso e ridiculamente bonito da minha melhor amiga está me vendo bêbada no chão da cozinha. Tento levantar, mas não consigo, o que só torna toda a situação ainda pior.

Hugh Nash me ajuda e eu finalmente volto a ficar sentada. Só então reparo que ele está com um saco preto na mão.

— Eu ia jogar o lixo fora — o jogador avisa ao acompanhar meu olhar, como se precisasse me dar alguma explicação.

— Pode ir. — Me encolho no canto do vão da porta, porque levantar infelizmente não é uma opção.

Ele passa por mim, abre a tampa do latão de lixo atrás da garagem e joga o saco preto lá dentro. Ao retornar, mantém os olhos fixos no meu rosto, o que me faz desviar o olhar por vergonha.

— Vem. — Hugh estende a mão para mim. — Eu te ajudo a levantar.

— Não, obrigada. — Eu balanço de leve a cabeça e me arrependo em seguida, porque o enjoo piora. Abafando um soluço, completo: — Estou bem aqui.

Ele ergue as sobrancelhas, mas não diz nada. Apenas entra em casa e encosta a porta. Eu solto o ar devagar, aliviada. Agora é um desses momentos na vida em que as pessoas ao seu redor não são companhias, são testemunhas. Melhor não tê-las.

Fecho os olhos, torcendo para melhorar logo e poder ir para casa. Minha barriga está emitindo ruídos estranhos, como se eu estivesse grávida de uma cigarra. Preocupante.

A porta se abre novamente, mas dessa vez eu fui um pouco mais esperta e não estava apoiada nela. Para minha surpresa, Hugh aparece outra vez com um comprimido e um copo de água. Ele encosta a porta atrás de si e senta ao meu lado na soleira.

— Toma isso. — O irmão de Julia me entrega o remédio. — De porre eu entendo, vai te ajudar.

Eu o encaro, derrotada demais até para protestar. Pego o comprimido sem nem perguntar o que é, coloco na boca e empurro com a água. Com um murmúrio de agradecimento, devolvo o copo a ele.

Hugh o apoia no chão e fica olhando para o céu, assim como eu.

— Dia difícil? — ele pergunta.

Eu rio, sem humor.

— Imagina. — Nem tento disfarçar o sarcasmo.

— Cadê o namorado?

Eu recosto outra vez a cabeça.

— Vivendo *outras experiências* para descobrir se eu sou mesmo o amor da sua vida.

Assim que as palavras deixam a minha boca, eu fecho os olhos, envergonhada. Aparentemente, o álcool interferiu também no meu bom senso. Eu e Hugh nunca tivemos qualquer intimidade para que eu despejasse esse fato humilhante em cima dele dessa maneira.

— Hum — ele diz, um timbre levemente divertido colorindo sua voz. — Não esperava por essa resposta.

Eu apenas dou de ombros, em silêncio.

— Não deve estar sendo fácil para você. — O comentário é feito num tom tão desprovido de julgamentos que eu acabo encarando-o.

— Não, não está — admito. Em seguida, mostro meu próprio estado decadente com uma mão. — Estou péssima, como você pode ver.

Hugh me analisa, e controla o riso ao passar pelo meu colo. Malditas joaninhas.

— Sim, eu posso ver.

Faço uma careta, abaixando o rosto.

— Eu só queria que as coisas voltassem a ser como antes, sabe? — digo, como se falasse sozinha.

— Quer me contar essa história? — Hugh pergunta, bebendo um gole da água que eu deixei no copo.

— Você não tem nada melhor para fazer? — pergunto, encarando-o.

Ele sorri.

— *Nah*, é até bom poder me esconder um pouco. Se eu tiver que responder mais uma pergunta sobre a temporada que vai começar, sou capaz de fingir um mal súbito e fugir dessa festa. Estou fazendo isso há cinco horas.

Eu sorrio também. Mesmo que nunca tenhamos tido um contato muito próximo, Hugh sempre foi gentil comigo. Eu respiro fundo antes de resumir toda a história. Como se estivesse conversando com um grande amigo, e não com o irmão super famoso da minha melhor amiga, eu conto tudo, desde o tipo de relacionamento que eu tinha com Norman, nossos planos de vida em comum, a expectativa de ser pedida em casamento e os argumentos dele para pedir um tempo.

— Saquei. — Hugh encara os próprios tênis. — É uma situação de merda, especialmente por ele ter escolhido justamente o aniversário de namoro para ter essa epifania.

— Foi exatamente o que eu pensei — respondo. — Só tornou tudo ainda mais humilhante para mim.

O jogador coça o queixo, pensativo.

— E, mesmo assim, você ainda quer o cara de volta?

Rio sem nenhum humor.

— Sim. Talvez você me ache patética por isso, mas eu quero.

Hugh me encara, sério.

— Você não é patética, Laney. Planejou uma vida inteira com o sujeito, e ele não traiu sua confiança. Apenas não estava na mesma página que você, ficou inseguro e optou por um caminho honesto ao admitir. Tudo bem que ele escolheu o pior *timing* possível, mas fazer o quê? Nem sempre as coisas são perfeitas como gostaríamos que elas fossem, mas isso não significa que não possam dar certo.

— É isso o que eu desejo. Fazer dar certo. O problema é que eu não sei como mostrar a ele que eu sou a mulher certa, sabe? — Lembro da sugestão de Julia e rio, sem muito humor. — Sua irmã sugeriu que eu aparecesse com alguém para deixá-lo com ciúmes.

Hugh sorri.

— Essa é sempre uma boa ideia. Pode funcionar.

Eu franzo o nariz.

— É uma péssima ideia, na verdade. Eu não sou uma pessoa fácil, demoro demais a me acostumar com pessoas novas e não tenho qualquer vontade de estar com mais ninguém. — Olho para o homem lindo sentado ao meu lado. — Ele foi meu único, e não quero que isso mude.

O queixo de Hugh cai.

— Você está falando sério?

— Muito sério.

— Caralho. — Ele fica com o olhar perdido.

Olho para os meus próprios pés.

— Entende agora por que a ideia de fazer ciúmes nele jamais funcionaria? Eu não tenho nenhum interesse em outros homens. Não seria real, seria um fingimento, e não acho justo fazer isso com alguém.

Assim que eu digo isso, o rosto de Hugh se vira lentamente na minha direção. Os olhos castanhos claros estão arregalados, como se ele estivesse chocado.

— Laney... eu tenho a solução perfeita para o seu problema.

Franzo o nariz.

— Acho bem improvável.

— Posso ao menos dizer qual é a minha ideia?

Como não tenho nada a perder, eu sorrio de leve. É óbvio que Hugh Nash não tem a solução mágica para o meu problema, mas ele está sendo tão legal que não me custa nada ouvir.

— Claro. — Cruzo os braços. — Sou toda ouvidos.

— Finja que está em um relacionamento comigo.

8

HUGH

TUDO BEM QUE a ideia de propor a Laney Abernathy que ela fingisse ser minha namorada foi um tanto impulsiva, mas a reação dela começa a me deixar um pouco puto. Depois de arregalar os olhos ao perceber que eu estava falando sério, a garota começou a rir. Rir não, a melhor palavra é *gargalhar*.

Já faz quase um minuto que Laney está dobrada sobre o próprio corpo, rindo tanto que seu rosto está vermelho.

— Laney? — chamo sua atenção, porque a situação está ficando realmente constrangedora. — O que é tão engraçado assim?

Ela seca os olhos úmidos e me encara, ainda rindo.

— Como assim, Hugh? A piada é autoexplicativa. — Ela aponta para o próprio peito com o polegar. — *Eu* em um relacionamento — agora é seu indicador que está apontado na minha direção — com *você*?

Eu ajeito a postura.

— Sim, mas seria um relacionamento de mentira. Você é apaixonada pelo Morgan...

— Norman.

— ... Norman, e eu não quero me envolver com ninguém. Nós apareceríamos juntos na frente dele, o cara veria que está correndo o risco de te perder de vez e rapidinho mudaria de ideia. Fim da história.

Bem, não exatamente, mas eu quero primeiro mostrar as vantagens que *ela* teria.

Laney balança a cabeça, ainda não levando a minha sugestão a sério.

— Hugh, você já *olhou* para as mulheres com quem você sai? — a voz agradável de Laney está um pouco arrastada, o que denuncia o quanto ela bebeu.

Eu sorrio.

— Sim, por mais estranho que pareça, eu prestei, sim, alguma atenção nelas enquanto estávamos juntos — respondo, divertido.

A ruiva balança a cabeça para cima e para baixo enfaticamente, como se eu tivesse acabado de comprovar seu ponto.

— Pois é. Então, você sabe do que estou falando.

— Não, não sei.

Ela suspira, impaciente, e me encara.

— Hugh, você está diariamente na mídia, seja em sites esportivos ou de fofocas. As mulheres com quem você é fotografado parecem deusas. Todos sabem seu nome. Você tem 3 milhões de seguidores no Instagram. Agora olhe para mim — Laney pede, e eu obedeço.

— O que tem você?

— Eu sou uma mulher comum, com uma vida comum e uma aparência comum. Minha própria mãe às vezes erra meu nome porque me confunde com a minha irmã, eu não abro meu Instagram há mais de seis meses, e tenho certeza de que nenhum dos meus 30 seguidores está sentindo minha falta por lá.

— Laney...

— Me deixa terminar de falar. — Ela levanta a mão, me interrompendo. — Entenda, eu não estou me desmerecendo. Sei que sou inteligente, uma excelente profissional, uma amiga leal e uma ótima filha. Sou uma boa pessoa, e tenho minhas qualidades. O que estou dizendo é que eu não tenho nada a ver com você. *Nada*. Absolutamente *ninguém* acreditaria que nós estamos num relacionamento, Hugh. Eu não sou seu tipo de mulher.

— Ei, peraí. — Agora eu fiquei puto. — Você me acha tão superficial assim? Eu não tenho um *tipo* de mulher. Poderia perfeitamente sair com uma mulher como você.

Laney me encara com um sorrisinho condescendente.

— Ah, Hugh. Agradeço sua boa intenção de me fazer sentir melhor, mas...

— É sério. — Nem a deixo continuar. — Não é uma boa ideia que nada role entre a gente, mas não por você não ser uma mulher atraente. Você é a melhor amiga da minha irmã, apaixonada por outro cara, quer casar e ter uma casinha com cerca branca.

— Quem te contou sobre a cerca? — ela pergunta, estreitando os olhos numa expressão falsa de acusação.

Eu solto uma risada espontânea. Quem diria que Laney Abernathy tinha esse humor leve e inteligente.

— Olha, eu nunca tive uma namorada — admito, ainda tentando convencê-la da melhor ideia que eu tive nos últimos tempos. — As pessoas me veem desfilando com mulheres diferentes, mas que têm sempre algumas características em comum. Talvez a principal delas seja o fato de que estão

mais preocupadas em *serem vistas* comigo do que em *estar* comigo de fato. Todos estranhariam se eu aparecesse namorando alguma delas, mas, sendo alguém completamente diferente... seria mais fácil.

Laney franze as sobrancelhas e balança levemente a cabeça.

— Calma... — ela pede, levantando uma mão. — Acho que perdi alguma coisa. Quem, além do Norman, acharia que eu estou com você? Pior: *namorando* com você?

Engulo em seco, porque agora é tudo ou nada.

— Bem, digamos que seria um acordo vantajoso para ambas as partes — confesso. Ela apenas me encara, esperando que eu explique. — Suponha que eu tivesse que apresentar uma namorada ao GM do time.

— Estou supondo.

— Mas que eu não tivesse qualquer interesse em arrumar uma... — Levanto as sobrancelhas para ela, e Laney faz o mesmo, esperando que eu termine a frase. — Ainda não?

Ela suspira, impaciente.

— Hugh, eu estou bêbada e provavelmente perdi algumas dezenas de neurônios para o Gin hoje. Seja menos enigmático, por favor.

Eu rio, porque é oficial: eu adoro o humor dessa garota.

— Posso te explicar melhor depois, mas, em resumo, você iria comigo a uma festa de aniversário fingindo ser minha namorada, e eu te ajudaria a colocar ciúmes no seu ex. Uma troca super justa, não acha?

Laney me encara com seriedade.

— Hugh.

— O que foi?

— Eu nunca consegui mentir nem para a minha mãe. Eu fico vermelha, começo a torcer as mãos e suar. Eu jamais conseguiria fazer isso.

— Eu te ajudo! — Chego um pouco mais perto dela, cada vez mais decidido a convencê-la. — Podemos conviver um pouco, aprender mais um sobre o outro até você ficar mais à vontade. Seremos amigos, com um pouco mais de contato físico.

— Oh, Deus. — Laney cobre o rosto com as mãos.

— Calma. — Eu sorrio. — Estou me referindo a abraços, mãos dadas, no máximo um selinho. Nada além disso.

— Isso não vai dar certo — ela diz, ainda com o rosto coberto e a voz abafada.

Começo a ficar um pouco agitado, porque a ideia parece cada vez mais perfeita.

— Laney, você me conhece há mais de 20 anos. Sabe que eu não sou um filho da puta, e você é a melhor amiga da minha irmã. Sei que posso confiar em você, e você sabe que eu jamais faria nada para te prejudicar.

— Não é isso. — Ela desce as mãos, mas a massa de cabelos ruivos esconde seu rosto abaixado, me impedindo de ver sua expressão. — Só não consigo ver essa ideia insana dando certo. Tem algumas coisas sobre mim que talvez você não saiba — ela comenta, com a voz triste.

— Tipo...

Laney volta a olhar para mim.

— Eu tenho transtorno obsessivo compulsivo, Hugh.

Eu realmente não sabia.

— Ah — digo, por não saber o que falar.

— Poucas pessoas sabem, porque já sofri muito preconceito. Sua irmã é uma das poucas que têm conhecimento do meu diagnóstico, mas Julia nunca comenta com ninguém para me preservar.

Eu a encaro, meio perdido.

— Na prática... o que isso quer dizer?

Laney me oferece um sorriso triste.

— Felizmente, eu tenho uma forma não grave da doença. Após dois anos de terapia semanal e um ano usando medicação controlada, eu aprendi a conviver com o TOC e melhorei em muitos aspectos. Hoje em dia, faço apenas um acompanhamento psicológico mensal e tenho consultas semestrais com o psiquiatra. Contudo, minha vida precisa de uma certa rotina para as coisas funcionarem.

Ainda estou absorvendo a informação, mas quero entender mais.

— Me dê exemplos — peço.

Laney suspira, pensando.

— Eu não gosto de ir para lugares desconhecidos. Preciso estar em ambientes limpos e organizados, caso contrário, corro o risco de desenvolver crises de ansiedade. Preciso de rotina e previsibilidade, porque, quando as coisas fogem do controle, eu tenho dificuldade de lidar.

Puta merda. Não consigo nem imaginar como deve ser desafiador conviver com algo assim. Começo a me sentir um babaca egoísta por estar tentando convencer Laney a aceitar esse acordo.

— Eu entendi. Olha, se você acha que essa situação seria difícil demais, vamos deixar para lá, ok? Não quero que você se sinta pressionada a fazer nada.

Ela me encara com uma expressão tão desolada que sinto vontade de abraçá-la.

— Eu realmente gostaria que as coisas fossem mais simples, acredite.

— Eu acredito — digo, com sinceridade.

Laney respira fundo e se levanta.

— Já estou em condições de ir para casa — avisa. — Vou me despedir da sua irmã e dos seus pais.

— Eu te levo — ofereço, levantando também. — Onde você mora?

— Não precisa — Laney nega, passando as mãos na própria bunda pata limpar a parte de trás do vestido. — Vou pegar um Uber.

Eu seguro seu antebraço.

— Onde você mora, Laney?

— Westwood.

— Quase caminho até Malibu. Vamos nos despedir das pessoas, você volta comigo.

Ela parece querer protestar, mas desiste. Nós nos despedimos dos meus pais, de Julia e de alguns poucos amigos da minha irmã que ainda restaram na festa. Ninguém estranha quando eu digo que darei uma carona a Laney, afinal, nos conhecemos desde crianças.

Quando vê meu carro, ela fica claramente desconfortável. É como se fosse um lembrete do quanto nossas realidades são diferentes. Assim que entra e coloca o cinto de segurança, Laney me passa seu endereço, e eu programo no GPS. Em seguida, ela recosta a cabeça e fecha os olhos.

Eu ligo uma música em volume baixo e iniciamos o trajeto em silêncio. Depois da terceira curva, a garota já está dormindo, com a boca um pouquinho aberta.

Eu sorrio sozinho. A situação toda essa noite foi bastante bizarra, mas preciso admitir que a amiga da minha irmã é uma pessoa divertida. A verdade é que conversamos muito pouco na última década, porque Laney sempre estava com o tal namorado em todas as ocasiões e não interagia com outras pessoas, exceto minha irmã. Foi bem interessante conhecer sua versão adulta um pouco melhor. Mesmo com todos os problemas, ela consegue rir de si mesma e manter o bom humor. Isso é algo raro de se ver.

Vinte e cinco minutos depois, estaciono na frente do seu prédio.

— Laney — chamo baixinho, e ela nem se mexe. — Laney. — Nada. Solto o meu cinto e mexo um pouco nela. — Laney, chegamos.

Ela finalmente acorda e pisca os olhos verdes confusos para mim.

— O quê? — Após olhar ao redor, ela compreende. — Ah, sim. Chegamos. — Tira o cinto e sorri timidamente. — Obrigada pela carona, Hugh.

— De nada.

Laney abre a porta e, antes de fechá-la, se abaixa um pouco.

— Obrigada também por tentar me ajudar.

— Não foi 100% altruísta. — Franzo o rosto numa expressão culpada.

— Não importa. — Seu tom é doce. — Não há muitas pessoas dispostas a fazer coisas por mim, então, obrigada de qualquer forma.

Ela fecha a porta, me deixando sem palavras. Espero até que entre no prédio, e percebo que seus passos estão mais firmes. Ela fecha a porta de vidro e checa duas vezes se está trancada antes de subir as escadas.

Coloco o carro em movimento mais uma vez, pensativo. É realmente uma pena que Laney não esteja disposta a aceitar minha proposta, porque algo me diz que poderia ser uma experiência bem divertida.

Para nós dois.

9

LANEY

DESÇO DO TÁXI tentando proteger meu cabelo da chuva e dou uma corridinha até a entrada do prédio comercial onde fica a sede administrativa da Baby & Co. A última coisa que eu queria era ter que voltar ao escritório hoje, mas tive uma consulta com o psiquiatra no meio da tarde e ainda tenho um levantamento que preciso entregar.

Felizmente, o dr. Ortega me disse que eu continuo bem, apesar da drástica mudança que minha vida sofreu há uma semana e meia. Na tentativa de preservar minha sanidade, tenho evitado ao máximo encontros casuais com Norman no escritório, e felizmente tenho sido bem-sucedida. As duas únicas vezes em que o vi foram de relance, do outro lado do amplo espaço onde ficam as baias dos funcionários. Não trocamos nem bom-dia desde o fatídico jantar, e é melhor assim.

Não quero correr o risco de desmoronar na sua frente, nem acabar enfiando os pés pelas mãos e fazendo papel de idiota ao pedir a ele para reconsiderar a decisão. Ele precisa me ver como alguém interessante e atraente, não como um filhote de cachorro desesperado por atenção.

Atravesso o escritório já praticamente deserto nesse horário, exceto por três pessoas espalhadas pelo mar de baias vazias. Como estou bem cansada, opto por pegar meu laptop e algumas pastas das quais vou precisar e levar para casa para trabalhar de lá. Já estou sonhando com minha camiseta de algodão, a manta macia no meu sofá e uma xícara de chá para acompanhar as solitárias horas de trabalho.

Depois que saio da minha sala, resolvo dar uma passada rápida na copa para pegar um copo de água antes de encarar o trânsito da hora do rush. Minhas sapatilhas com sola emborrachada nem fazem barulho no piso, e me surpreendo ao ouvir sons vindo do interior da copa.

— Vocês terminaram mesmo, não é, Norman? — Reconheço a voz de uma das advogadas júnior da empresa, que foi contatada há menos de dois meses. — Preciso saber se os boatos são reais, porque eu não sou a favor de traição.

Eu congelo no lugar, incapaz de mexer um músculo mesmo que minha vida dependesse disso.

— Sim, eu e Laney estamos separados.

Meu coração bate tão forte que parece querer quebrar minhas costelas.

— Por que vocês terminaram?

Ah, meu Deus. Que humilhação. Eu deveria sair daqui. Realmente deveria. Ao invés disso, aperto o laptop entre os dedos até as juntas ficarem brancas, prendendo a respiração.

— Não quero falar sobre isso — Norman desvia da pergunta. — Quero saber por que você me chamou aqui.

Ouço uma risadinha baixa.

— Por isso.

Em seguida, chegam até mim os sons inconfundíveis de um beijo. Fecho os olhos, completamente mortificada. Eu *preciso* virar as costas e sair. Imediatamente. Porém, antes que eu consiga dar a ordem para as minhas pernas, elas dão um passo para frente, me oferecendo uma visão parcial da copa. Norman está encostado na pia, enquanto a advogada se ajoelha na sua frente. No momento em que as mãos da garota alcançam seu zíper, meu ex joga a cabeça para trás, de olhos fechados.

Ela vai... fazer sexo oral nele? No meio do escritório?

Meu coração bate tão forte que eu fico com medo que eles escutem. Sinto os olhos ardendo e viro as costas, praticamente correndo dali. Essa é uma cena que eu *definitivamente* não preciso ver até o final. Saio do prédio enxugando as lágrimas, que se misturam à chuva assim que eu chego à calçada. Por sorte, a capa do meu laptop é impermeável, porque nem pensei nele ao começar a perambular como uma louca no meio do temporal.

Ando por três quarteirões, completamente sem rumo, até que a dor no meu peito vai se transformando em uma raiva líquida, que corre como lava pelas minhas veias. Se Norman não teve qualquer dificuldade em cair nos braços de outra, por que eu deveria estar aqui sofrendo por ele?

Eu deveria era dar o troco, isso sim. Pagar na mesma moeda. O problema é que, exceto pela satisfação de fazê-lo sofrer o mesmo que eu estou sofrendo, não tenho qualquer vontade de fazer algo assim. E, mesmo que eu quisesse: com quem eu faria isso? Teria que arrumar um desconhecido num bar? A ideia é completamente repulsiva.

Perdida em pensamentos, ouço uma buzina ao meu lado. Nem dou atenção, mas o carro começa a andar bem devagar, me acompanhando. Como eu sigo ignorando, o motorista abre a janela do carona e grita:

— Laney? É você?

Me surpreendo ao ouvir a voz de Hugh Nash. Me viro na direção dele, protegendo os olhos com a mão em concha acima da sobrancelha.

— Hugh?

— O que você está fazendo andando sozinha nesse temporal?

Eu dou de ombros. Não quero admitir o que acabou de acontecer, então invento:

— É difícil conseguir um táxi com chuva.

Ele se debruça sobre o banco e abre a porta.

— Entra. Eu te levo em casa.

Penso em protestar, dizer que não precisa, mas eu soaria como uma idiota. Estou quase entrando quando me dou conta de algo.

— Não dá. Vou molhar todo o seu carro.

Hugh sorri daquele jeito charmoso que derrete os corações de toda a população feminina dos Estados Unidos.

— Por sorte, o banco é de couro e já inventaram as toalhas para enxugá-los depois. Vamos, entra logo.

Eu acabo sorrindo também e me acomodo no assento do carro luxuoso. Hugh programa o GPS, e noto que meu endereço ainda estava no histórico. Ele então acelera o veículo potente. Os sons abafados da chuva se misturam aos do rádio em volume baixo.

— Então, o que estava fazendo por aqui? — pergunto, para puxar assunto.

Sem tirar os olhos da rua, ele faz uma curva à esquerda.

— O escritório do meu agente fica aqui perto. Acabei de sair de uma reunião com ele.

Eu recosto a cabeça no banco e suspiro.

— Achei que pessoas ricas e famosas como você só se deslocassem com motoristas. Ou helicópteros.

Hugh solta uma risada gostosa.

— Nem sempre. Eu tenho um motorista, mas uso apenas quando necessário. A verdade é que eu adoro dirigir.

Hugh para num sinal fechado e me encara com um meio sorriso. Seu rosto bonito está parcialmente iluminado pela luz de um poste. Eu sorrio de volta, porque ele é realmente um cara legal. Sempre foi, desde que éramos crianças.

Quando o carro volta a andar, me viro em direção à janela e fico pensativa, olhando os pingos de chuva fazerem caminhos no vidro do carro.

Lembro da proposta esdrúxula que Hugh me fez há poucos dias: fingir ser namorada dele. Sorrio sozinha, porque toda vez que eu lembro dessa história me dá vontade de rir.

Ele dirige habilmente pelo trânsito pesado do fim da tarde e eu continuo perdida em pensamentos. Me recordo então do trecho da conversa em que ele disse que me achava atraente, mas que não era uma boa ideia que nada acontecesse entre nós porque eu estava apaixonada por outro. Sim, eu ainda estou apaixonada por outro, só que esse outro estava com uma mulher ajoelhada na sua frente prestes a enfiá-lo na boca em pleno escritório há poucos minutos.

Fecho os olhos, porque só de lembrar da cena eu me sinto fervendo de ódio.

— Está tudo bem? — Hugh pergunta, ao estacionar em frente ao meu prédio.

Eu olho para ele.

— Está sim. Eu só... — Um pensamento estranho passa pela minha cabeça. E se eu desse o troco em Norman com Hugh? Ele não é um desconhecido, disse que me acha atraente e praticamente se materializou na minha frente justamente hoje. Pode ter sido um sinal, afinal, é a situação perfeita. Não é? Se não é, passará a ser. Vou agir por impulso ao menos uma vez na minha vida, e seja o que Deus quiser. — Estava pensando se você não quer entrar um pouco.

A expressão no rosto dele é curiosa.

— Algum motivo especial? — o jogador pergunta, cauteloso.

Eu engulo em seco. Não posso perder a coragem.

— Não, só queria retribuir a carona te oferecendo um vinho. — *E talvez sexo. O que você acharia disso, Norman? Posso transar com um cara no primeiro encontro. Quem é a mulher enfadonha agora, hein?*

Completamente alheio aos meus pensamentos impróprios, Hugh desliga o carro.

— A temporada ainda não começou, então ainda posso me dar ao luxo de beber álcool. Mas, como estou dirigindo, não dá para exagerar.

Nós saímos do carro e damos uma corrida até o apartamento. Meu coração está acelerado, menos pela corrida e mais pelo que eu estou prestes a fazer. Subimos juntos as escadas e eu destranco o meu apartamento com a mão um pouco trêmula.

Assim que eu acendo a luz e Hugh entra, ele observa tudo com uma expressão interessada.

— Simpático. — É a única coisa que ele diz.

Eu tranco a porta e me surpreendo pela ausência do impulso de checar se está trancada. Em geral, os comportamentos compulsivos acontecem como um escape para os pensamentos obsessivos e intrusivos, mas meu corpo está preenchido com tanta adrenalina que não há muito espaço para eles agora.

— Eu vou servir o vinho — aviso e aponto o sofá. — Fique à vontade.

Hugh senta e cruza o tornozelo sobre o joelho, com o braço apoiado no encosto do sofá. Sim, ele parece mesmo à vontade, o oposto de como eu me sinto. Com um sorriso tenso, ando até a cozinha, pego um vinho, abro e sirvo em duas taças. Em seguida, levo-as até o sofá. Hugh está com um porta-retratos na mão.

— Quem tirou essa foto?

Eu enrubesço um pouco. A fotografia é um hobby que eu adoro, mas não tiro fotos para que outras pessoas vejam. É algo só meu. Essa que ele está segurando retrata um casal de idosos de mãos dadas, sentados no banco de uma praça. A mulher está com a cabeça encostada no ombro do marido, e eles exibem sorrisos suaves e olhares apaixonados. Minha sensação foi a de testemunhar o amor de uma vida inteira, e por isso pedi a permissão dos dois para tirar a foto.

— Fui eu.

Ele continua analisando a imagem.

— Quem são?

Eu dou de ombros.

— Nem cheguei a perguntar seus nomes. — Apoio as taças na mesa de centro e sento ao lado de Hugh no sofá. — Eu gosto de fotografar cenas que me tocam de alguma maneira.

O homem lindo ao meu lado me encara, com uma expressão de admiração que me pega desprevenida.

— Você deveria se dedicar mais a isso — Hugh diz. — Não sou nenhum expert no assunto, mas, além de me parecer ter uma boa técnica de enquadramento, exposição, etc., essa fotografia transmite sentimento.

Meu rosto fica ainda mais vermelho.

— Bem... obrigada.

Eu limpo a garganta e me inclino para pegar o vinho, ansiosa para deixar de ser o foco da atenção de Hugh dessa maneira desconcertante. Sempre tive uma certa dificuldade em lidar com elogios.

Ao notar meu gesto, ele pega a outra taça e pergunta:

— A que estamos brindando?

Eu puxo o ar com força.

— A novos começos.

Nós tocamos as taças suavemente uma na outra e eu desvio o olhar, tentando acalmar as batidas frenéticas do meu coração. Como minha mão está um pouco trêmula, eu apoio o vinho na mesinha para não fazer um estrago no meu estofamento impecavelmente limpo.

— Está tudo bem mesmo, Laney? — Hugh pergunta, me observando com atenção.

É agora ou nunca.

— Hugh — digo, reunindo coragem.

— Sim? — Ele leva a taça aos lábios.

— Você quer... você sabe... — Faço um gesto com a cabeça em direção ao meu quarto e hesito, torcendo para que ele entenda minha intenção sem que eu precise pronunciar as palavras. Contudo, pela expressão confusa enquanto bebe o vinho, Hugh claramente não faz a menor ideia do que eu estou sugerindo. Puxo o ar com força e disparo: — Você quer fazer sexo comigo agora?

10

HUGH

COMEÇO A TOSSIR VIOLENTAMENTE quando metade do vinho que estava na minha boca vai parar nos meus pulmões. Laney chega mais perto e dá tapinhas ansiosos nas minhas costas.

— Meu Deus, você está bem? Por favor, fala comigo.

Eu levanto uma mão, ainda tossindo e tentando respirar. Quando finalmente consigo, ergo meus olhos vermelhos e úmidos do esforço na direção dela.

— Estou bem. — Respiro fundo e apoio a taça na mesa. — Eu só engasguei.

Laney parece assustada, ainda mais nervosa do que estava desde que entrou no meu carro. É nítido que alguma coisa aconteceu, mas, como ela não quis contar, não achei que era meu papel pressionar.

Eu me viro na sua direção, cauteloso com as próximas palavras.

— Eu acho que entendi errado o que você disse.

A garota engole em seco. Seus olhos cor de azeitona estão um tanto arregalados e ela aperta uma almofada com tanta força que parece querer desintegrá-la.

— Não, você ouviu certo. Eu te ofereci sexo.

Se ela não estivesse tão tensa, eu provavelmente começaria a rir. Não porque a ideia de transar com Laney seja engraçada, especialmente considerando que consigo ver seus mamilos rígidos através da blusa branca completamente molhada — e hoje o sutiã é uma peça branca simples, sem joaninhas. Eu riria pela maneira que ela está oferecendo isso. Num raio de 100 quilômetros, provavelmente não há nenhuma mulher menos confortável com a ideia de fazer sexo comigo neste momento do que Laney Abernathy.

Mas como rejeitar essa sugestão sem fazê-la sentir-se péssima?

Eu limpo a garganta.

— Laney... — Meu tom sai tão hesitante que percebo que falhei antes mesmo de começar.

Ela fecha os olhos e levanta, completamente mortificada.

— Meu Deus, que vergonha. — Laney coloca a almofada de volta no sofá e começa a andar em círculos pela sala. — Eu entendi tudo errado. É

óbvio que você nunca se sentiu atraído por mim, estava apenas sendo gentil naquela festa.

— Calma, não é is...

De costas para mim, ela me interrompe erguendo uma mão rígida no ar.

— Não precisa dizer mais nada, Hugh. Só vai piorar minha humilhação, que não é de forma alguma culpa sua. Eu sou a única culpada por essa situação ridiculamente embaraçosa.

Eu me levanto e vou até ela.

— Me deixa falar — peço, levando uma mão ao seu ombro, mas Laney foge para o outro lado da sala, ainda de costas para mim.

— Não tenho condições de ter essa conversa com você agora. Provavelmente, não terei nunca. Foi um erro, uma ideia estúpida, e eu agradeceria imensamente se você pudesse fingir que isso nunca aconteceu e sair da minha casa. Não é como se nós precisássemos nos ver no futuro.

— Laney...

— Ah, meu Deus! — Ela geme e leva as mãos à cabeça, parecendo estar à beira de um colapso nervoso. — Como eu sou idiota. Você é irmão da minha melhor amiga, o que significa que algum dia nós *vamos* nos encontrar novamente. Eu jamais conseguirei olhar para você novamente sem me lembrar dessa noite patética. Droga, que bagunça... — Nesse momento, Laney esconde o rosto nas mãos e começa a chorar. — Me deixa sozinha, eu estou implorando. — Sua voz quebrada não passa de um murmúrio.

Contrariando o que ela pediu, ando até lá e a faço virar para mim. Seguro seu queixo e retiro delicadamente suas mãos, obrigando-a a me encarar.

— Eu não vou a lugar nenhum enquanto você estiver assim. — Duas lágrimas escorrem pelo rosto desolado, e eu as enxugo. — Por que não me conta o que está acontecendo?

Laney se rende, fechando os olhos e permitindo que o choro recomece com força total. Eu a conduzo até o sofá, fazendo com que se sente ao meu lado e então a abraço. Ela chora agarrada à minha camisa, murmurando pedidos de desculpas de tempos em tempos. Pela vergonha, pela camisa arruinada, e por algumas outras coisas que eu não entendo direito.

Espero por um bom tempo, fazendo carinho no cabelo extremamente macio. Eu não tinha ideia de que as mechas ruivas de Laney fossem tão gostosas de tocar. Quando ela finalmente se acalma, respira fundo e me

encara. Seus olhos estão inchados, o nariz vermelho, mas, ainda assim, eu a acho estranhamente bonita.

— Eu flagrei o Norman com outra mulher hoje.

Porra, finalmente *agora* essa noite insólita começa a fazer sentido.

— Onde? — pergunto.

— Na empresa onde trabalhamos. — Ela funga. — Os dois se beijaram, e em seguida ela...

Quando a frase cessa no meio, eu imagino o que aconteceu a seguir.

— Não precisa reviver os detalhes, se não quiser.

Laney me observa de relance, antes de desviar o rosto outra vez.

— A mulher ia fazer sexo oral nele no meio do escritório. — Ela fica com o olhar perdido e balança a cabeça, inconformada. — Eu não aceitava nem beijar Norman na empresa, porque achava isso pouco profissional. Uma vez, ele quis fazer sexo comigo lá dentro, numa noite em que saímos tarde e estávamos sozinhos. Eu o chamei de louco, disse que jamais faria algo assim... — Seu tom parece transparecer arrependimento. — Eu sou enfadonha, Hugh.

— Não fale assim.

Laney volta a me encarar, dessa vez com firmeza.

— Eu *sou*. Não sei ser espontânea, não sei ser divertida. Mesmo quando eu tento, olha o desastre que é. — Ela aponta um dedo entre nós dois e ri, mas é um riso nervoso. — Acabei me oferecendo a você da maneira mais patética possível, como se eu precisasse acrescentar mais itens ao meu recente histórico de humilhações.

— Não tem humilhação nenhuma aqui — rebato. — Se as circunstâncias fossem outras, eu...

Ela me interrompe outra vez.

— Você realmente não precisa fazer isso. Eu poderia ter aparecido nua na sua frente, não teria feito qualquer diferença. Chega de tentar me fazer sentir melhor.

Não vou continuar ouvindo esse monte de absurdos. Eu seguro seu rosto com as duas mãos, fazendo-a me encarar.

— Agora você vai ficar quietinha, porque é a minha vez de falar — ordeno. Quando a garota finalmente fica muda e para de se depreciar, eu respiro fundo. — Laney, eu entendo que deve ser uma merda ser dispensada pelo cara que você gosta, mas não há qualquer motivo para você se sentir por baixo dessa maneira. A gente se conhece há anos, mas apenas naquele

dia da festa conversamos de verdade. Ali, eu já notei o quanto você é inteligente, divertida e interessante.

Os olhos castanhos me observam, sem piscar. Ótimo, eu finalmente consegui sua atenção.

— Quanto a você se oferecer para mim, está nítido que não está fazendo isso por vontade. Você está tensa, tão desconfortável com a ideia de fazermos sexo que chega a estar tremendo. Isso não é o jeito certo de se vingar desse cara, entende? Se forçando a fazer algo que você claramente não quer.

Ela suspira.

— Eu queria querer — admite, num fio de voz.

— Mas não quer. Ao menos, não ainda. — Faço uma pequena pausa, porque estou prestes a entrar num terreno perigoso. Não posso me esquecer de que ela é a melhor amiga da minha irmã e está com o coração partido por causa do namorado. — Mas, no dia em que você quiser ir pra cama com alguém, não precisa se preocupar com o fato de não se achar atraente, *porque você é*. Eu te garanto que, se você não estivesse tão nervosa, eu ficaria tentado a aceitar sua sugestão. Qualquer cara que você escolher para essa aventura será um sujeito de sorte.

A boca rosada e carnuda se abre, em seguida se fecha. Logo depois se abre de novo.

— Isso quer dizer que você... faria sexo comigo?

Laney certamente está nervosa, mas de um jeito diferente de antes. A respiração dela está um pouco ofegante, o que só faz os mamilos rígidos se comprimirem mais contra o tecido transparente da blusa. Nossa, os peitos dela têm o tamanho ideal. São pequenos e redondinhos, caberiam perfeitamente na minha mão.

Porra, que caralho eu estou fazendo encarando os peitos da amiga da minha irmã com a minha visão periférica?

Me obrigo a fixar o olhar apenas no seu rosto.

— Não, mas apenas porque isso seria uma péssima ideia — explico. A expressão dela é quase de desapontamento, e eu sinto uma discreta resposta do meu pau querendo participar da conversa. — Laney, isso seria o pior erro que poderíamos cometer. Você é a boa garota que gosta de romance, que curte essas coisas melosas e bonitinhas. Eu sou o cara que não se apega a ninguém, e prefiro umas paradas mais... intensas, digamos assim. Jamais

correria o risco de magoar você, te conheço a minha vida inteira, praticamente.

— Eu sei. — Ela sorri, e fico aliviado ao ver que está mais relaxada. — Foi uma ideia idiota, motivada pela raiva que eu senti ao vê-lo se divertindo com outra mulher.

Lembro então da conversa que tivemos na festa da minha irmã, e o medo que ela ficou de estragar as coisas quando estivéssemos fingindo na frente das pessoas que eu conheço.

— Escuta, tenho uma contraproposta para te fazer — digo, num impulso. — Ao invés de também fingirmos que você é minha namorada naquele evento que terei que ir, eu posso apenas fazer parecer que estou com você para que o seu ex veja. Da forma que ficar mais tranquilo para você, é só me dizer quando e onde. Se for antes do início da temporada, eu dou um jeito de estar lá.

Laney fica apenas me encarando, e não tenho ideia do que está se passando em sua cabeça. Após longos segundos, ela pergunta:

— Por quê?

— Por que o quê?

— Por que você faria isso? Não te ajuda em nada, essa situação.

Dou de ombros.

— Gosto de fazer coisas pelos outros, Laney. E você é uma garota legal, merece ser feliz. Se isso ajudar a trazer o cara que você gosta de volta, já terá valido a pena.

Um sorriso doce curva sua boca e eu acabo sorrindo também. Acho que estou fazendo a coisa certa, ainda que tenha minhas dúvidas de que o tal Norman vale esse esforço todo. Não cabe a mim julgar, mas, quanto mais eu conheço de Laney Abernathy, mais eu chego à conclusão de que ela talvez mereça alguém melhor do que um otário que não soube dar valor ao que tinha.

— Não sei se isso vai dar certo, mas estou inclinada a aceitar.

Eu relaxo no sofá, cruzando os braços.

— Ótimo. É só me dizer quando aparecer. Prometo que ele sairá completamente convencido de que você tem um pretendente apaixonado.

Laney ri, e o som é uma delícia de ouvir.

— Tomara que sim. — Ela fica um pouco mais séria. — Mas vou aceitar com uma condição.

— Manda. — Inclino o corpo para pegar novamente minha taça de vinho abandonada sobre a mesa de centro após o primeiro gole.

— Eu vou retribuir essa gentileza gigantesca. Pode contar comigo na tal festa do seu time, eu serei sua namorada de mentirinha.

Como eu não esperava por isso, paro com a taça a meio caminho da boca.

— Você não precisa fazer isso — recuso. — Já disse que não se sentiria à vontade, me explicou sobre a sua doença...

Laney dá de ombros.

— Depois da noite de hoje, você não é mais um estranho. Já até te convidei para fazer sexo. — Ela dá uma piscadinha, e eu rio.

— Como argumentar contra essa lógica?

— Além disso, por alguma razão esquisita, eu me sinto à vontade com você. Se nos encontrarmos mais algumas vezes, acredito que poderei fingir que estamos juntos sem maiores problemas.

Eu bebo um longo gole do vinho, pensando. Por fim, apoio novamente a taça e seguro suas mãos entre as minhas.

— Tem certeza? Não quero que se sinta pressionada a retribuir.

Ela balança a cabeça com determinação.

— Não estou me sentindo pressionada. Eu também gosto de fazer coisas legais pelos outros.

Nem acredito que esse problema que vem me tirando o sono nos últimos dias finalmente terá uma solução. Cruzo as mãos atrás da nuca e solto o ar devagar.

— Nossa, não vou negar que vai me ajudar pra caralho, Laney. Não sabia a quem eu poderia pedir algo assim, e só falta pouco mais de uma semana.

Ela alcança sua taça de vinho e coloca as pernas sob o próprio corpo, sem se afastar de mim. Depois de beber um gole, pergunta:

— Nenhuma das mulheres com quem você sai toparia?

Eu dou de ombros.

— Não sei, mas nunca tive a intenção de perguntar.

Laney franze a testa.

— Por quê?

— Porque não confio em nenhuma delas. — Minha resposta seca a faz arregalar os olhos. Eu sorrio, suavizando o impacto da afirmação. — Olha,

esse meio onde eu vivo é complicado. É difícil diferenciar quem é honesto e quem só está ali para se dar bem de alguma forma, sabe?

— Não sei se consigo imaginar isso.

Eu bebo mais um pouco, pensando em como explicar melhor.

— O mundo nos vê como se fôssemos uma espécie diferente de seres humanos. A fama, o dinheiro, tudo isso mexe com a cabeça e com o imaginário das pessoas. As mulheres muitas vezes se aproximam dos jogadores buscando ganhar visibilidade, aparecer na mídia, tentar se dar bem de alguma forma. Não é fácil confiar em alguém em circunstâncias assim.

Laney assente, pensativa.

— Talvez as pessoas só enxerguem o lado bom da vida que vocês levam. Não deve ser nada fácil. — Com um sorrisinho, ela comenta: — Sem ofensas, mas eu jamais trocaria minha vidinha calma e anônima por uma como a sua.

Eu sorrio de volta, especialmente porque tenho certeza de que ela está sendo absolutamente sincera.

— Eu entendo, Laney. E fique tranquila que manterei a mídia longe desse nosso acordo. Sua vida não mudará em nada.

Ela suspira, aliviada.

— Obrigada.

Após alguns segundos de silêncio, me dou conta de que deve estar tarde. Checo o relógio e descubro que já passa das dez.

— Acho melhor eu ir. — Fico em pé. — Amanhã tenho treino às oito.

Laney apoia sua taça e levanta também.

— Claro. Vou te levar até a porta.

Andamos em silêncio até lá.

— Talvez devêssemos trocar telefones — ela sugere. Logo em seguida, acrescenta, num tom de justificativa: — Já que teremos que nos encontrar algumas vezes para nos conhecermos melhor.

— Sim. — Eu tiro o aparelho do bolso da calça. — Anota seu número aqui.

Espero enquanto Laney digita e, em seguida, me devolve o celular. Assim que ela puxa a maçaneta, eu me inclino e beijo sua bochecha. Consigo sentir um perfume suave e gostoso, um cheiro levemente cítrico.

Ela fica um pouco vermelha e desvia o olhar, e eu acho isso uma graça.

— Vai ser divertido, Laney. — Tento tranquilizá-la. — Acabaremos virando bons amigos no final dessa história, você vai ver.

Recebo um sorriso tímido.

— Acho que sim. Boa noite, Hugh.

Desço as escadas num trote rápido. Ao chegar à portaria, percebo que parou de chover. Saio do prédio com uma sensação boa. Não apenas vou resolver a questão que vem me atormentando nas últimas semanas como terei a chance de ajudar uma pessoa legal.

Ligo o carro e começo a dirigir pelas ruas escuras e molhadas de Los Angeles. Estou levemente preocupado sobre como será esse encontro entre Laney e o pessoal do Sharks, mas ainda assim otimista. Ryker e Nico saberão a verdade, e apenas eles. Só o que eu preciso fazer é conhecer um pouco melhor a minha “namorada”, e todo o resto vai dar certo.

Ah, e, preferencialmente, parar de reparar nos peitos dela enquanto estamos sozinhos.

11

HUGH

— QUE PORRA de arremessos são esses, Marchesi? — A voz grave de Campbell reverbera no gramado quando a bola do *quarterback* passa longe de Lockhart. — Sonhou com a Cinderela e virou uma garotinha enquanto dormia? Joga direito, porra!

Nico resmunga uns palavrões a uns cinco metros de mim. Ele pega outra bola e arremessa com raiva, dessa vez caindo bem nas mãos de Ryker.

— Agora sim — o técnico resmunga. — Virou homem de novo.

Ofegante após a corrida que acabei de dar e com as mãos apoiadas nos joelhos, eu sorrio da cara do meu amigo. Nico é orgulhoso pra cacete. A melhor maneira de fazê-lo jogar bem é dizer que ele está jogando como um merda.

— Outro tiro em cinco segundos — o treinador do time ofensivo me avisa, e eu assumo a posição. — Três, dois, um, vai!

Eu corro outra vez pelo gramado desviando dos auxiliares, que me empurram com grandes almofadas emborrachadas durante todo o percurso, tentando me derrubar. O treino de hoje está intenso e, depois de mais de três horas, mal posso esperar para que termine.

Sobrevivo a mais meia hora de tortura, até que Campbell apita alto.

— Dispensados.

Eu retiro o capacete com um suspiro de alívio. Começo a andar em direção ao vestiário, seguido de perto por Ryker e Nico.

— Você parece mais animadinho, hoje — Marchesi comenta. — Comeu alguém?

Eu rio, empurrando a porta de aço e vidro que dá acesso ao corredor interno do centro de treinamento.

— Não, cara. Não comi ninguém. — *Por mais que tenha recebido uma oferta inesperada nesse sentido.*

— Tá felizinho por quê, então? — ele insiste, enquanto entramos no vestiário amplo.

Ryker apenas ouve a conversa, em silêncio.

Eu paro em frente aos chuveiros e começo a tirar o uniforme de treino.

— Eu arrumei uma namorada.

— O quê?! — os dois perguntam juntos, com expressões de choque. — Quem? — Nico completa.

Termino de tirar a roupa antes deles e ligo um chuveiro.

— Calma, seus putos. Não é um namoro de verdade. — Eu entro sob o jato de água quase fria, adorando a sensação refrescante no meu corpo suado. — Eu convenci uma amiga a fingir que estamos juntos, só isso.

Nico entra na cabine ao lado da minha.

— Que amiga? Você não tem amigas. Ao menos, nenhuma que você não tenha comido — ele provoca. Ouço um resmungo de Ryker na cabine do outro lado. — Qual é, Lockhart? — Nico rebate. — Só porque você decidiu transformar seu pau num ermitão, sem contato com seres humanos, não significa que o restante do mundo vai aderir à mesma moda. Ao contrário de você, somos homens normais que não dispensam sexo.

Meus ombros sacodem com uma risada, enquanto eu enxáguo o shampoo. Nico não perde uma oportunidade de zoar nosso amigo por não comer ninguém. Lockhart talvez seja o único jogador do time que não tem namorada ou esposa e também não se aproveita da fama para se dar bem com mulheres. Não que não haja uma infinidade delas tentando.

— Vai se foder, Marchesi — Ryker resmunga.

Eu termino a ducha rápida e desligo o chuveiro. Logo que alcanço uma toalha, Nico sai atrás de mim, insistindo no assunto.

— Então, vai contar quem é essa amiga misteriosa ou não?

Eu começo a me enxugar.

— Na verdade, ela é a melhor amiga da minha irmã.

— Ihhh... isso nunca dá certo. — O *quarterback* cruza os braços musculosos sobre o peito, sem nenhuma pressa em tirar o pau do nosso campo de visão. Nico é o tipo de cara que, se pudesse, comeria a si mesmo, e adora ficar se exibindo.

Eu alcanço uma toalha e estendo para ele.

— Se importa? — pergunto. Ele apenas sorri com o canto da boca e começa a se enxugar. — O lance com a Laney não vai ser um problema, porque não vai rolar nada entre a gente.

— E por que não? — Marchesi não larga o osso. — Ela é feia?

Ryker, que também está se secando do meu outro lado, revira os olhos.

— Não, Nico — eu respondo, pacientemente. — Não vai rolar nada porque Laney não é esse tipo de garota. Ela é do tipo certinha, romântica,

quer um amor pra vida toda e não uma foda casual. Além disso, ela acabou de terminar um namoro longo e está mal por causa disso.

O *quarterback* apoia a mão no meu ombro quando eu amarro a tolha na cintura.

— Porra, mas essas transas são as melhores. Sexo de revanche é sensacional. Elas ficam ferozes, querendo provar pra si mesmas que são deusas na cama. Se tiverem sido traídas, melhor ainda.

Eu rio, mas não consigo deixar de lembrar do oferecimento de Laney ontem. Se ao menos ela estivesse realmente à vontade com o que estava propondo, eu não me importaria nem um pouco de gastar um bom tempo chupando aqueles peitos.

Quer dizer, se ela não fosse a porra da melhor amiga certinha da minha irmã.

— Nada disso, cara — recuso a sugestão. — Ela topou me ajudar, e em troca só quer fazer um ciuminho no cara para eles voltarem. Vamos fingir um pouco de intimidade de casal, mas sem intimidade física real, sacou?

Ryker finalmente se manifesta:

— *Isso* sim pode dar merda.

Eu levanto as sobrancelhas para ele ao pegar minha roupa no armário.

— Por quê? Acabei de dizer que não vai rolar nada entre a gente.

Ele começa a se vestir também.

— Porque ela está sensível com esse término, provavelmente carente, e vocês precisarão fingir carinho e atenção um com o outro. Se ela é romântica como você disse, pode acabar se apaixonando por você. Já pensou nisso?

Eu rio.

— Cara, não vai acontecer. Laney é louca pelo ex e bem espertinha. Sabe muito bem que eu não sou o tipo de cara que ela procura.

— Se você diz... — Lockhart não parece muito convencido.

Nico fecha o zíper da calça e me encara.

— Bem, meu conselho para você seria, ao menos, experimentar o doce que você está preparando para outro cara comer.

— Jesus, você tem as piores analogias. — Visto a camiseta.

— Mas — ele prossegue, me ignorando —, se acha que pode dar merda, fica na sua. Amiga de irmã é território complicado mesmo.

— *Melhor* amiga — eu reforço.

Marchesi pega a mochila no armário e fecha a portinha de metal.

— Tem muito peixe no mar. Melhor se garantir com as trutas do que arriscar e se foder tentando pescar o salmão.

E as analogias sem qualquer porra de sentido continuam.

— Então, as trutas que me aguardem. — Pego minhas coisas também e saímos os três juntos do vestiário. Alguns outros caras do time ainda estão circulando por aqui. Acenamos para eles no caminho até o estacionamento.

— Quais os planos para hoje? — pergunto.

Nico sorri de lado.

— Terei companhia lá na minha piscina. Uma pena que eu não avisei a ela para levar biquíni, então teremos que nadar pelados.

Eu balanço a cabeça em negativa.

— Que surpresa. — Olho para Ryker. — Deixa eu adivinhar: vai ficar sozinho em casa, com um pijama de flanela, bebendo chá e lendo, como um velho de 80 anos.

Ryker não sorri.

— Exatamente — ele diz, e não tenho ideia se foi uma resposta sarcástica ou não. Com Lockhart, nunca se sabe ao certo.

— E você? — Nico pergunta, quando chegamos aos nossos carros. — Vai comprar o anel de noivado? Ou sair para escolher cortinas novas para a casa? — Antes que eu consiga responder, ele bate a mão no teto do seu conversível. — Já sei! Vai assistir algum filme com a Julia Roberts.

Eu destranco meu carro e lhe mostro o dedo do meio antes de entrar.

— Até amanhã, seus cretinos — me despeço, fechando a porta em seguida. Dou a partida no motor e abro o vidro. — E vê se não joga como uma garotinha da próxima vez, Marchesi.

Acelero o carro rindo, enquanto a voz de Nico me mandando à merda vai ficando para trás.

12

LANEY

— LANEY, você tem um minuto? — Suzanne para ao lado da minha baia.

Eu levanto os olhos do computador.

— Claro. — Volto a olhar para tela, meus dedos deslizando habilmente sobre o teclado. — Me dê apenas um instante para terminar de escrever esse e-mail.

Minha chefe assente e aproveita esse tempo para checar alguma coisa no seu celular. Em menos de um minuto, eu finalizo o texto e aperto o botão de enviar.

— Prontinho — aviso, já levantando. Como ela não sai do lugar, eu pergunto: — Quer ir até sua sala, ou...?

Suzanne olha ao redor, parecendo constrangida.

— Sim, acho que é melhor — ela concorda. — Vamos até lá.

Eu a acompanho pelo corredor, evitando olhar na direção onde fica o setor jurídico. Hoje faz dois dias que eu tive o azar de presenciar a situação profundamente constrangedora com Norman na copa, e não estou com nenhuma vontade de arriscar vê-lo aos beijos com a tal advogada. Não que eu ache que ele apareceria com ela na minha frente de propósito, mas nunca se sabe.

Chegando à sala de Suzanne, ela aponta uma cadeira, fecha a porta e em seguida se acomoda atrás da mesa de madeira. Seu olhar para mim é quase penalizado, e não estou gostando nada do rumo que as coisas estão tomando.

— O que houve? — pergunto. — Algum problema com o balanço?

Eu tenho quase certeza de que ela não me chamou para falar de trabalho, mas, ainda assim, me agarro à esperança de que essa conversa não seja sobre o que eu acho que é.

Ao longo desse último ano, eu e minha chefe acabamos nos tornando amigas. Eu tendo a ser uma pessoa mais reservada, mas Suzanne é tão animada e simpática que acaba deixando qualquer pessoa à vontade, e eu não fui exceção. Ela ficou bastante preocupada comigo quando soube do

término do meu namoro e tentou conversar a respeito, mas eu preferi não tocar no assunto e ela respeitou.

— Nenhum. — Suzanne suspira. — Laney, você sabe o quanto gosto de você.

Sabia! Nenhum assunto agradável começa com essa frase.

Ajeito a postura e cruzo as mãos sobre o colo.

— Você sabe que é recíproco. — Forço um sorriso.

Minha chefe inclina a cabeça para o lado.

— Talvez eu nem devesse estar me metendo, mas... — ela fixa os olhos escuros em mim — se a situação fosse inversa, eu gostaria de ouvir de uma pessoa amiga.

Sinto meu coração acelerando de um jeito desconfortável.

— Ouvir o quê? — A voz já não sai tão firme quanto antes. Droga.

— Que Norman está saindo com outra mulher.

A informação não é nova, mas, ainda assim, não deixa de me causar uma pontada de dor atrás das costelas.

— Eu sei — digo, sem demonstrar muita emoção.

— E eu soube também que ele pretende ir com a moça à festa de comemoração do aniversário da empresa.

Ok, essa parte é novidade. O jantar será daqui a três semanas, e eu realmente não esperava que Norman fosse aparecer com outra mulher na frente de todos os nossos conhecidos em comum. Eu respiro fundo.

— Como você soube disso? — pergunto, tentando manter a respiração tranquila.

Suzanne revira os olhos, numa expressão de reprovação.

— Andrea, a advogada com quem ele está saindo, é amiga da minha secretária. Acabou comentando com ela, que não perdeu a oportunidade de me contar. — A expressão penalizada retorna ao rosto de Suzanne, e eu me sinto uma derrotada. — Sinto muito mesmo, Laney. Sei que faz poucas semanas que vocês terminaram, e...

— Tudo bem — eu a interrompo com firmeza. Em seguida, forço um sorriso. — Talvez seja até bom. Assim, não me sentirei constrangida em levar o meu namorado ao jantar.

A expressão da minha chefe vai se transformando. A pena vira confusão e, logo depois, um completo choque.

— Você... está namorando outra pessoa?

— Sim. — Meu sorriso falso se alarga. — Cedo, não é? Mas essas coisas a gente não controla. Quando o sentimento bate... — estalo uma palma contra a outra — bam! Não tem jeito.

Bam, não tem jeito?! Não tinha uma forma menos ridícula e pouco natural de explicar a situação?

Suzanne ainda parece um tanto confusa, mas sorri também.

— Bem, Laney, se você está feliz... torço para que dê certo.

— Vai dar. — Me ajeito na cadeira, ansiosa para terminar essa conversa o mais rápido possível.

— Quem é ele? — minha chefe pergunta, baixando a voz como se a samambaia atrás dela fosse espalhar a fofoca.

— Um velho amigo — desconverso. — Quando fiquei solteira, ele se aproximou e as coisas acabaram acontecendo. Como ainda é tudo muito recente, optamos por manter entre a gente. — Bato as mãos sobre o colo e faço menção de me levantar. — Se era só isso, eu preciso ir. Vou encontrá-lo hoje à noite.

Nesse momento, meu celular começa a tocar. Eu checo a tela discretamente, e o nome de Hugh está piscando. Nossa, que *timing*. Desde aquela noite profundamente embaraçosa no meu apartamento, em que eu lhe ofereci sexo como quem oferece um chá, nós não nos falamos mais.

— Pode atender. — Suzanne faz um gesto com a mão em direção ao telefone. — É o namorado? — ela pergunta, com um sorrisinho conspiratório.

O aparelho continua tocando na minha mão, e eu começo a ficar nervosa.

— Ahm... sim, é ele.

— Atenda, Laney! — Passado o choque, minha chefe agora parece uma adolescente, trocando confidências sobre o *crush* com a melhor amiga. Exceto que não somos melhores amigas, e muito menos adolescentes.

— Eu... ah... — gaguejo. — Tudo bem. — Respiro fundo e aperto o botão verde na tela. — Oi, amor.

O silêncio do outro lado da linha dura apenas dois segundos.

— Oi, *amor* — a resposta vem num tom quase natural. — Você está no trabalho?

Hugh é esperto. *Bem* esperto. E eu dou graças a Deus por isso, porque, pelo sorrisinho de Suzanne, ela está ouvindo toda a conversa na sala absolutamente silenciosa.

— Sim. Estou numa reunião rápida com a minha chefe.

— Entendido. — Ele faz uma pausa. — Quero saber se vamos nos ver hoje à noite.

Eu suspiro, aliviada, e sorrio para Suzanne.

— Claro, amor. Já estava combinado, não é?

— Sim. — Hugh solta uma risadinha abafada. — Só estava confirmando, mesmo. A que horas eu te busco?

Checo o relógio, nervosa como se fosse um encontro real. Exceto pelo fato de que não há encontro nenhum marcado, e eu sequer vou vê-lo hoje.

— Hum... que tal às oito?

— Perfeito, gata. — Eu sinto as bochechas corando pelo apelido íntimo. — Mal posso esperar para te ver. Até mais.

— Até. — Desligo o telefone, com o rosto queimando.

Suzanne está sorrindo de orelha a orelha.

— Ah, Laney, que fofura! — Ela dá uma risadinha. — Desculpe, foi inevitável ouvir a conversa. Eu confesso que achei estranho você dizer que estava namorando tão pouco tempo após o término com Norman, mas você realmente parece apaixonada... ficou até vermelhinha! — Minha chefe suspira com ar sonhador.

Ah, se ela soubesse que o motivo das minhas bochechas estarem pegando fogo é o fato de eu ser uma péssima mentirosa, e não uma namorada apaixonada, Suzanne ficaria bastante decepcionada.

Melhor eu ir embora daqui, antes que acabe fazendo uma besteira. Levanto da cadeira como se houvesse um formigueiro nela e me despeço.

— Bom final de semana, Suzanne. Nos vemos na segunda.

Ela continua com o sorrisinho insinuante e ainda completa com uma piscadela.

— Aproveite o fim de semana para namorar bastante.

Eu reúno o que restou da minha compostura e saio da sala como um raio. Pego minhas coisas e deixo o prédio em direção ao ponto de ônibus. Como hoje não está chovendo, não há por que gastar com táxi ou Uber.

Enquanto espero, tiro o celular da bolsa e digito uma mensagem rápida.

Eu: Desculpe por isso. Eu deveria ter te avisado antes.

Fico encarando a tela, mas ele nem vê a mensagem. Estou com apenas 2% de bateria, o que raramente acontecia no passado. Ultimamente, parece

que minha cabeça está completamente fora de lugar. Guardo o telefone e espero o ônibus.

13

LANEY

O TRAJETO até o meu apartamento, que geralmente leva 20 minutos, hoje levou quase 30, por causa do trânsito. Chego em casa e imediatamente coloco o celular no carregador. Tiro os sapatos de salto médio e sento no sofá, esperando que a tela acenda. Assim que isso acontece, eu desbloqueio o aparelho e vou imediatamente ao aplicativo de mensagens. Abro direto em uma enviada 23 minutos atrás.

Hugh: Sem problemas. Te pego às oito.

O ar fica preso na minha garganta. Como assim? Nós realmente teremos um encontro? Balanço a cabeça, para clarear as ideias, e checo as horas. Sete e quarenta e quatro.

Levanto do sofá num pulo e começo a andar em círculos pela sala, roendo o canto da unha. Isso significa que eu tenho 16 minutos para encará-lo, e eu não tenho a menor ideia de como me comportar. Sei que combinamos que fingiríamos um namoro, o que pareceu uma ideia razoável depois de uma taça de vinho. O problema é que, depois que eu fiquei sóbria outra vez, comecei a questionar minha sanidade.

E o pior: agora não apenas eu me comprometi com Hugh, como informei a respeito do meu *namoro* para a minha chefe. E ainda disse que ia levá-lo à festa da empresa!

Meu Deus, o que está acontecendo comigo ultimamente? Como eu consegui fazer tanta besteira em tão pouco tempo?

Marcho até o banheiro, irritada. Sabe de quem é a culpa de tudo isso? Do Norman! Se ele não estivesse tendo uma crise precoce de meia-idade, nada disso estaria acontecendo. Eu estaria nesse momento arrumando as coisas para passar o fim de semana no apartamento dele, imersa na minha rotina calma e previsível, e não taquicárdica com a iminência de um encontro com um jogador da NFL.

Respiro fundo ao ligar a água, na tentativa inútil de me acalmar. Nem espero que esquente, já começo o banho para não me atrasar. Mesmo sendo rápida, ainda estou me enrolando na toalha quando a campainha toca.

Solto um grunhido baixo ao andar até o interfone.

— Quem é? — pergunto, apenas por precaução. Eu sei exatamente quem é.

— Seu namorado — a voz soa divertida do outro lado.

Ao menos *alguém* está achando graça nessa história.

Eu aperto o botão que libera o portão de entrada do prédio e, segundos depois, as batidas soam na porta do apartamento. Abro devagar, checando se o corredor está vazio. Em seguida, eu o puxo para dentro do apartamento e tranco a fechadura.

Os olhos de Hugh se arregalam um pouco ao me ver, percorrendo desde o meu cabelo molhado até minhas pernas completamente expostas. Sei que não é um comportamento educado analisar alguém dessa maneira, mas a expressão de apreciação no rosto anguloso funciona como uma injeção de ânimo inesperada no meu ego ferido.

Eu ajeito a postura, involuntariamente empinando um pouco os seios. O olhar de Hugh se fixa exatamente ali, e eu sinto meus mamilos enrijecendo sob a toalha. Ele limpa a garganta.

— Acho que cheguei cedo demais.

Eu recobro a compostura.

— Não, fui eu que me atrasei. — Aponto o sofá. — Sinta-se em casa, mais uma vez. Vou colocar uma roupa.

— Por favor, faça isso. — O pedido sai num tom levemente ansioso.

Escondo um sorriso no caminho até o meu quarto. Pelo visto, a parte em que Hugh me disse que me achava atraente talvez não seja mesmo mentira. Não acho que eu tenha interpretado errado o brilho de desejo nas íris castanhas ao me olhar de cima a baixo.

Abro meu armário, desanimada com as opções disponíveis. Cruzo os braços, analisando minhas roupas sérias e de cores neutras. Minha mãe não é uma pessoa vaidosa e, criando os filhos sozinha, não tinha tempo de se arrumar. Durante a minha juventude, eu não fui ensinada a valorizar o cuidado com a aparência, pelo contrário.

Talvez um dos meus erros no relacionamento com Norman tenha sido considerar que a atração que ele sentia por mim não dependia de aspectos fúteis como aparência. Sou uma defensora entusiasmada do empoderamento feminino, da não-objetificação das mulheres, e continuo achando tudo isso importante. Mas talvez tenha faltado um pouco de equilíbrio nessa questão.

Solto um suspiro frustrado ao retirar da gaveta um vestido marrom que vai até os joelhos. Se existisse uma palavra para o oposto de sexy, ela

poderia ser ilustrada por esse vestido.

Solto a toalha e coloco a calcinha bege de algodão. Todas as minhas peças íntimas são de algodão, em cores claras e pasteis. Sempre priorizei o conforto nesse quesito, até porque, Norman nunca ligou para isso. Ao menos, eu acho que ele não ligava. Agora, não tenho mais certeza de nada.

Assim que termino de me vestir e pentear o cabelo, volto para a sala. Dessa vez, o olhar de Hugh não é mais de apreciação, e isso é um combustível adicional sobre as reflexões que eu tenho feito a respeito da minha aparência.

— Está tudo bem? — ele pergunta, relaxado no meu sofá. É impressionante como Hugh parece ocupar a sala toda com a sua presença confiante.

— Sim, eu... — Por que meu primeiro impulso sempre é o de mentir e dizer que está tudo bem? — Quer saber? Não, nada está bem.

Hugh levanta as sobrancelhas.

— Quer me contar por quê?

Eu suspiro e sento ao seu lado.

— Hugh, me fale a verdade. — Aponto para a minha roupa. — O que você acha da minha aparência?

Ele parece surpreso pela pergunta. Se ajeita melhor no sofá, me analisando com cautela antes de responder.

— Em que sentido?

— Todos! — Levanto as mãos e olho para o alto. Em seguida, o encaro com determinação. — Pode ser sincero. Eu estou pedindo.

O jogador esfrega a nuca e limpa a garganta, e eu já sei que não vou gostar do que vou ouvir.

— Laney, gosto é algo muito pessoal — ele começa, escorregadio, e eu estreito os olhos na sua direção. Ele então se ajeita melhor e me encara com uma expressão sincera. — Prefiro te devolver a pergunta: o que *você* acha da sua aparência?

Eu olho na direção da janela, tentando colocar em palavras como eu me sinto.

— Eu nunca pensei muito sobre isso, mas, desde que Norman terminou comigo, tem sido inevitável rever uma série de aspectos da minha vida.

— Seu visual está te incomodando?

Eu baixo o olhar, um pouco constrangida.

— Acho que cometi muitos erros no meu relacionamento — admito, num tom triste. — O fato de ter estado com Norman a minha vida toda me trouxe uma sensação de segurança que não era real e, por dez anos, eu não me preocupei com determinadas coisas.

Hugh procura minha mão.

— Certamente, você não é a única a passar por isso. Relacionamentos longos não deveriam exigir um grande esforço, Laney. Estar tanto tempo com alguém significa trocar toda a empolgação das primeiras vezes por estabilidade. Não é esse o objetivo?

Eu levanto um ombro.

— Talvez. Mas eu não me lembro de ter me esforçado *nunca*, entende? Tudo sempre foi tão natural entre a gente... E, agora, eu me olho no espelho e começo a me questionar se algum dia eu sequer *tentei* ser desejável para ele.

Hugh levanta o meu queixo, me obrigando a encará-lo.

— Você não precisa mudar sua aparência pelos outros. Só vale a pena fazer isso se estiver fazendo por você mesma. Isso está te incomodando?

Lembro das minhas roupas sem graça e da sensação de frustração por não conseguir escolher nada que me faça sentir bonita.

— Está — confesso. — Minha autoestima foi derrubada sem pena, e não há uma peça sequer no meu armário que ajude a levantá-la.

Hugh assente.

— Então, compre roupas novas. — Ele sorri de lado, recostando de novo no sofá. — Já notei que você é diferente das outras mulheres que eu conheço, mas, ainda assim, parece que uma tarde no shopping pode te fazer bem nas atuais circunstâncias.

Eu concordo com isso, mas há um pequeno problema nessa ideia.

— Eu não tenho a menor ideia do que comprar. — *Nem dinheiro suficiente para torrar num guarda-roupa novo*. Essa última parte eu guardo para mim.

Hugh sorri.

— Essa é a parte fácil, porque eu conheço a pessoa ideal para te ajudar. — Já estou pensando que ele vai se oferecer, mas nem morta eu aceitaria sair com Hugh Nash para escolher roupas. Porém, não é o que ele tinha em mente. — Julia.

Eu ergo as sobrancelhas, porque essa é uma ideia realmente boa. Jules tem um estilo mais despojado, mas seu senso de moda é bem aguçado. Se

eu explicar exatamente o que estou precisando, ela provavelmente será capaz de me ajudar.

— Posso pedir a ela — concordo.

Não preciso comprar muita coisa de uma vez. Em lojas de departamentos, devo encontrar algumas combinações que caibam no meu orçamento, e depois vou aumentando as opções devagar.

— Ótimo. — Hugh tira o celular do bolso e faz uma chamada. Quando ele leva o telefone ao ouvido, eu o encaro, com a boca aberta.

— Você está doido? Qual desculpa você vai dar para estar comigo hoje e pedir esse tipo de favor tão... pessoal?

Hugh apenas sorri e coloca um dedo na frente dos lábios.

— Jules? — ele diz, e seu sorriso se alarga ao ouvir a irmã do outro lado. — Que mentira, eu sempre ligo para você. — Olhando para mim, ele balança a cabeça em negativo, com as sobrancelhas unidas numa expressão culpada. — Escuta, tenho uma parada para te contar.

Ai, meu Deus. O que ele vai dizer?

— Hugh! — eu sussurro, tentando chamar sua atenção, mas ele faz um gesto com a mão.

— Sabe a Laney? Nós estamos namorando.

Eu cubro a boca com as mãos. Ele não pode estar fazendo isso. Julia jamais vai me perdoar por mentir para ela.

— Não... — Solto um gemido abafado.

— Calma, mulher — ele pede à irmã, rindo. — É um namoro de mentira. Depois eu te conto a história com calma, mas, em resumo, somos dois amigos se ajudando. — Hugh olha para mim. — Sim, talvez tenha a ver com o Norman. Mas eu prefiro que você pergunte essa parte à Laney. Ela te explica melhor.

Eu levanto e começo a andar pela sala. Quando a ideia maluca surgiu, eu realmente achei que quase ninguém saberia, além de nós. Mas essa mentira perigosa não para de crescer.

— Eu quero pedir um favor seu — Hugh continua falando ao telefone. — Laney precisa de um guarda-roupa novo. Você pode sair com ela amanhã para resolver isso? — Ele então balança a cabeça, em aprovação. — Excelente, irmãzinha. Sabia que podíamos contar com você. Sim, ela vai te ligar. Também te amo. Tchau.

Ele desliga o telefone com um sorriso vitorioso. Eu abraço meu corpo.

— Julia vai me matar.

Hugh ri, sem qualquer preocupação na vida. É como se o mundo para ele fosse um parque de diversões. Nós não poderíamos *mesmo* ser mais diferentes.

— Relaxa. Ela certamente vai te encher de perguntas, mas, no final, achará a situação divertida.

Eu respiro fundo.

— Bem, pelo visto, eu descobrirei amanhã.

Ele balança o telefone.

— Gosta de comida chinesa? Posso pedir nosso jantar em casa, se você preferir.

Solto um suspiro aliviado.

— Acho uma excelente ideia, mas sou vegetariana.

— Sem problemas, podemos pedir algo sem carne.

Eu então hesito por dois segundos.

— Se importa se eu trocar essa roupa por algo mais confortável?

— Claro que não. Vá em frente.

Em menos de cinco minutos, eu volto para a sala usando uma calça legging e uma camiseta larga. Hugh analisa minha roupa em silêncio.

— O que foi? — pergunto. — Pode falar.

Ele dá um sorrisinho.

— Você tinha me pedido sinceridade antes, então serei sincero: essa roupa está melhor em você do que a anterior.

Eu olho para minhas peças velhas de ficar em casa e faço uma careta.

— Esse passeio no shopping parece cada vez mais necessário.

14

LANEY

ASSIM QUE ENTRO NO SHOPPING, vejo Julia encostada na parede, mexendo no celular. Ela está usando uma calça jeans desfiada, uma blusa de banda de rock e tênis. Seu cabelo castanho está preso num rabo-de-cavalo no alto da cabeça, compondo um visual despojado e atraente ao mesmo tempo. É impressionante como minha amiga consegue ficar estilosa com qualquer combinação de roupas e acessórios — o exato oposto do que acontece comigo.

— Jules — eu chamo, me aproximando.

Ao ouvir minha voz, ela guarda o celular na maxibolsa colorida e abre um largo sorriso.

— Cunhada! — Julia exclama alto demais, atraindo a atenção de algumas pessoas antes de me abraçar. — Agora me conta pessoalmente: qual a sensação de namorar um gato como meu irmão?

Eu sinto as bochechas queimando ao abraçá-la de volta. Mesmo sendo tudo mentira, a ideia de estar namorando com um jogador famoso — e lindo de morrer — da NFL ainda me deixa constrangida.

— Deixa de palhaçada — reclamo, no ouvido dela. — Nós já te explicamos que não é de verdade.

Ontem, assim que Hugh saiu da minha casa, eu liguei para Julia para esclarecer. Durante quase meia hora, ela me bombardeou de perguntas, ficou *muito* mais animada do que deveria com essa farsa e só concordou em encerrar o assunto porque estava tarde e nós nos encontraríamos aqui hoje.

Minha amiga me solta e me encara com um sorrisinho de canto.

— Bem que poderia ser — ela diz, e eu reviro os olhos. — Faria bem a ele namorar alguém que tenha o cérebro maior que o silicone dos peitos.

— Jules! — eu repreendo, mas não consigo evitar um sorriso.

Ela engancha o braço no meu e começa a andar pelo corredor do shopping, me puxando junto.

— Eu só estou sendo sincera. Conheci pessoalmente nas festinhas na casa dele umas três mulheres que meu irmão estava pegando, e todas me deram vontade de vomitar. Cada movimento parecia milimetricamente

calculado, e a maneira que seguravam Hugh, como se ele fosse um troféu, era patética. Meu irmão merece coisa melhor.

Não acho que eu esteja em posição de julgar o tipo de garota com quem Hugh Nash sai, então me contento em analisar as vitrines, imaginando aonde Julia pretende me levar.

— Não me parece que ele esteja muito preocupado com isso — argumento. — Hugh deixou claro que não está interessado em um relacionamento, e essas garotas devem ser mais que suficientes para satisfazê-lo naquilo que ele espera delas.

Julia suspira teatralmente.

— Talvez você tenha razão. — Ela aponta para uma loja que parece bastante cara. — Vamos começar por aqui.

Eu estaco na porta, o que faz com que minha amiga pare abruptamente também. Solto seu braço quando ela me encara com a testa franzida.

— Jules, eu tenho um limite de orçamento. Com o que eu ganho, consigo pagar as contas e economizar um pouco, mas não posso torrar todas as minhas economias irresponsavelmente comprando roupas caras. Vamos escolher coisas mais em conta, ok?

Ela cruza os braços, sorrindo de leve.

— Meu irmão não te contou?

Eu uno as sobrancelhas.

— Contou o quê?

— Ele está bancando, amiga. — Julia puxa um cartão de dentro da bolsa. — Mandou entregar isso lá em casa hoje de manhã.

Eu dou dois passos para trás, sacudindo a cabeça.

— De jeito nenhum! — Era só o que faltava. — *Eu* vou pagar pelas minhas próprias roupas.

Julia me encara, com uma expressão paciente.

— Olha, tenho uma ideia. Vamos fingir que você recusou veementemente, nós discutimos por horas, e, apenas no fim, você se rendeu ao meu incrível poder de persuasão. Ninguém precisa saber os detalhes dessa dinâmica, nem meu irmão. Prometo dizer que você estava decidida a recusar, e o mérito foi todo meu.

Eu cruzo os braços.

— Não vai acontecer. Não tem sentido Hugh pagar nada para mim, Julia. Isso está fora do nosso acordo.

Ela dá de ombros.

— Tudo bem, eu avisei mesmo a ele que você não aceitaria. — Para a minha surpresa, minha amiga guarda o cartão, faz meia-volta e começa a andar em direção a uma loja de departamentos. Após um segundo de hesitação, eu a sigo.

— Obrigada por me compreender.

Jules assente.

— Eu disse ao Hugh que você não precisa impressionar ninguém com roupas caras na tal festa em que vai acompanhá-lo. Se os amigos dele desconfiarem do relacionamento porque ele foi incapaz de te presentear com roupas, joias e bolsas, como todos os jogadores fazem com suas namoradas, qual o problema?

Eu engulo em seco. Não havia pensado nisso.

— Você acha que... — hesito — eu vou destoar demais das outras mulheres do lugar?

Jules me dá um sorrisinho.

— Considerando que todos são multimilionários e você está indo como namorada de um dos jogadores mais bem pagos da NFL, eu diria que existe uma chance real de você virar o centro das atenções com suas roupinhas de loja de departamentos. Mas quem liga para a opinião dos outros, não é mesmo?

Ah, mas que droga. A última coisa que eu preciso é chamar a atenção nessa festa, e ainda por cima deixar Hugh numa situação desconfortável.

— Eu... não tinha pensado nisso — admito.

Minha amiga dá de ombros de um jeito exageradamente casual.

— Relaxa, Laney. Hugh jamais permitirá que alguém te trate mal. Ele certamente saberá lidar com essa situação como um profissional. — Ela ameaça sair andando outra vez e, pelo sorriso vitorioso mal disfarçado, tenho certeza de que a filha da mãe sabe que me convenceu.

Eu seguro seu braço.

— Jules, espera. — Nós duas paramos e eu solto o ar ruidosamente, derrotada. — Tudo bem, vamos escolher uma roupa para esse evento.

Ela ergue as sobrancelhas, com um falso ar inocente.

— Como você quiser, Laney. Só não se esqueça do que você mesma me contou, que será um fim de semana inteiro. Talvez as pessoas estranhem se você usar a mesma roupa por três dias.

Eu solto um grunhido frustrado.

— Ok, *algumas* roupas, então.

— E sapatos — ela completa.

— Sim. E sapatos.

— Bolsas e acessórios também, óbvio.

Eu escondo o rosto nas mãos.

— Isso vai custar uma fortuna... — murmuro, me sentindo péssima.

Julia ri alto.

— Amiga, você tem alguma ideia de quanto meu irmão ganha por mês?

Eu volto a encará-la.

— Não. — Realmente não sou ligada nesse tipo de coisa.

Ela balança a cabeça, divertida.

— Não é exatamente um segredo, já que os valores desses salários são divulgados toda hora pela imprensa. O contrato dele com os Sharks, que era de cinco anos e foi renovado por mais cinco, paga ao bonito 1,2 milhão de dólares por mês.

Meu queixo cai.

— Você não está falando sério.

— Estou falando seríssimo. Então, quer fazer o favor de relaxar? Podemos comprar o shopping inteiro e nem ao menos faremos cosquinha na fatura dele. Vou contar pro Hugh que você faz aniversário daqui a três semanas, e que ele já pode considerar isso como sendo um presente adiantado. Resolvido.

Com essas palavras, Julia volta a me puxar. Ainda estou chocada demais com o as cifras do salário para dizer qualquer coisa, então apenas a sigo, em silêncio.

A ideia de que o irmão da minha amiga me compre um guarda-roupas novo não me agrada nem um pouco, ainda que ele ganhe em um mês o que eu não ganharei em uma década. Se tem algo que eu não sou é interesseira. Gosto demais da minha independência financeira e sempre vivi de maneira muito racional, pisando apenas onde meu pé alcança.

Além disso, não ligo para bens materiais. Roupas de marca nunca me encheram os olhos e prefiro morar em lugares pequenos, que são mais fáceis de limpar e arrumar. A única coisa de que eu sinto falta com meu orçamento restrito é poder viajar com maior frequência.

Mesmo com o TOC, eu sempre gostei de viajar. Preciso planejar tudo com antecedência para evitar ao máximo os imprevistos que funcionam como gatilhos para crises de ansiedade, mas conhecer lugares novos e viver

culturas diferentes é algo que me encanta. Algum dia, ainda vou conhecer a Itália, um dos meus maiores sonhos. Nunca fui à Europa.

— Aqui. — Julia aponta outra vez para a mesma loja onde havíamos parado no início. — Um bom lugar para começarmos.

Ela me puxa e me coloca sentada num pufe de veludo azul marinho. Normalmente, eu não gosto de ser tratada como uma criança, mas hoje não estou me importando. Fazer compras não é minha zona de conforto, então, ter alguém tomando a frente é um alívio.

Minha amiga conversa com a vendedora, que me encara com uma expressão curiosa. Eu baixo o rosto e analiso minha calça de brim verde musgo e minha blusa bege sem decote nenhum, além dos sapatos baixos de couro marrom. Lembro agora que eu comprei um par igual para minha mãe, porque estavam em promoção.

É, talvez eu não me vista como uma jovem de 26 anos deveria.

— Ela vai provar essa aqui também — Julia fala com a vendedora, e noto que ambas estão com os braços cheios de peças.

Os tecidos variam de preto a branco, passando por quase todas as cores do arco-íris. Relaxo os ombros quando percebo que a maior parte das peças são lisas, ou com estampas bem discretas. Por mais que eu esteja disposta a mudar, não consigo me ver usando um tecido de oncinha.

— Prontinho! — Jules exclama, com um sorriso animado. — Vamos para o provador.

Eu me forço a sorrir, ainda que o prospecto de passar as próximas horas tirando e colocando roupas seja bem distante do meu ideal de uma tarde agradável.

— ACHO que temos tudo que precisamos — Julia anuncia, quase quatro horas depois.

Eu solto o ar, aliviada.

— Graças a Deus. — Aponto para uma mesa vazia na praça de alimentação. — Preciso sentar um pouco, estou até com dor de cabeça.

Julia acabou me convencendo a comprar muito mais do que o necessário para um fim de semana, com o argumento de que Hugh pode precisar ser visto comigo em mais alguma ocasião.

Apoio a dúzia de sacolas que estão comigo, e Jules faz o mesmo com as dela antes de sentarmos, exaustas.

— Podemos parar para descansar um pouco, mas ainda falta o salão — minha amiga me lembra.

Eu solto um gemido frustrado, porque tinha esperanças de que Julia fosse esquecer essa última parte.

— Vamos refazer o caminho que percorremos — eu peço. — Eu perdi uma coisa importante.

Ela franze a testa, preocupada.

— O que você perdeu?

Eu finjo uma cara séria.

— Minha sanidade, quando concordei em deixar que você escolha meu novo corte de cabelo.

Rindo, Julia me cutuca.

— Ah, você sabe que eu tenho um excelente gosto. Sem contar que nosso dia está sendo ultra divertido.

Eu sorrio de volta.

— Sua companhia é divertida. Todo o resto foi uma tortura.

Minha amiga apoia o cotovelo na mesa e relaxa o queixo na mão.

— A melhor parte foi você fazer questão de pagar pela lingerie.

Eu coro.

— Os amigos do seu irmão não verão essas peças, então não fazia nenhum sentido que ele pagasse por elas.

Julia sorri de um jeito sacana.

— Se *ele* visse o que nós escolhemos, garanto que não se importaria nem um pouco de ter pago.

Eu a fuzilo com os olhos.

— Isso não vai acontecer. — Lembro do comentário de Hugh na minha casa, reforçando o quanto seria uma péssima ideia se algo rolasse entre nós. — Pare com essas fantasias bobas.

Minha amiga cruza as pernas, sem parar de sorrir.

— Uma garota tem o direito de sonhar, não? Imagina que máximo se um dia virássemos mesmo cunhadas.

Julia não tem jeito.

— Esqueça essa ideia, pelo amor de Deus. Eu e Hugh somos dois amigos se ajudando, só isso.

— Uhum. — Ela ergue as sobrancelhas. — E quem, além de você mesma, vai usufruir da visão magnífica dos seus conjuntos pretos de renda?

Limpo a garganta.

— Se tudo der certo, Norman.

Julia revira os olhos.

— Nossa, que excitante — ela responde, sem nem tentar disfarçar o sarcasmo. Quando percebe meu olhar, Jules levanta as mãos. — Desculpe, amiga. Sei que você ainda está com essa ideia fixa, mas não consigo imaginar seu ex arrancando aquela peça fabulosa com os dentes.

Eu franzo a testa.

— Por que com os dentes? Sexo não precisa ser bruto assim. Eu e Norman fazemos amor, o que é muito mais valioso.

Minha amiga analisa as próprias unhas.

— Claro. Sexo bruto é horrível. — Ela aperta os lábios, contendo um sorriso.

Eu acabo rindo.

— Nós duas temos gostos diferentes, só isso — eu digo.

Como não consegue se conter, Julia olha para os lados, se debruça sobre a mesa e sussurra:

— Laney, no dia em que um homem rasgar uma calcinha no seu corpo de tanto tesão, quando você for fodida de verdade, entenderá o que estou dizendo. — Ela joga o corpo para trás novamente e sorri. — Nossa, você não faz ideia do quanto eu torço para que isso aconteça.

Eu coro só de imaginar essa cena, especialmente porque minha capacidade de visualizar Norman fazendo isso é nula. Eu só não posso permitir que o empoeirado setor de fantasias sexuais no meu inconsciente me mostre quem ele escolheu para o papel principal dessa besteira sugerida pela minha amiga, porque no fundo eu sei exatamente quem é.

— Falando nisso — Jules continua, prestes a arruinar minha tentativa de manter o bom senso —, na próxima vez em que tiver a chance de dar para um cara gostoso e quente, antes de recusar, lembre-se de que o seu precioso Norman estava ganhando um boquete no escritório. Você merece, no mínimo, experimentar algo equivalente.

Eu sinto meu pescoço e meu rosto fervendo, porque agora é tarde demais. A frase “dar para um cara gostoso e quente” era tudo que meu cérebro traiçoeiro precisava para conjurar com nitidez uma imagem de Hugh Nash nu e suado em cima de mim. Não posso pensar em Hugh dessa

maneira, especialmente depois que ele me disse que acha uma péssima ideia que algo aconteça entre nós.

Não que eu realmente quisesse isso. *Claro* que não.

— Eu não deveria ter te contado sobre o que aconteceu com Norman — desconverso. — Você já não era muito fã dele antes, agora vai passar a odiá-lo.

Julia fica indignada.

— Não, você não entendeu nada! — ela protesta. — Eu acho que o Norman está certíssimo. Quem está errada é você, por não fazer o mesmo.

— Eu já disse que não tenho vontade de ficar com outros homens — insisto.

Minha amiga me encara, inconformada.

— Laney, se voltar com seu ex é mesmo o que você quer, tudo bem, mas antes você precisa dar para pelo menos *um* cara gostoso pra caralho. Unzinho que seja. — Seu olhar quase implora para que eu diga sim. Diante da minha ausência de resposta, ela levanta. — Desisto de você. Vou pegar um café, quer um?

Eu assinto.

— Um cappuccino, por favor.

Jules para no meio do caminho e vira para trás outra vez.

— Pelo menos um, Laney. Sério. — É claro que ela não desistiu. Desistência e Julia Nash não fazem parte do mesmo universo semântico. — Só torço para que você escolha sabiamente, porque eu tenho certeza de que será a sua chance de ter a melhor foda da sua vida.

Ela então se afasta, caminhando em direção à cafeteria. Para o meu desespero, a imagem de Hugh volta a ocupar meus pensamentos de maneira inconveniente. Se ao menos meu namorado falso não fosse tão lindo, musculoso e charmoso, minha vida seria infinitamente mais fácil.

15

HUGH

BORRIFO DOIS JATOS de perfume e confiro minha aparência no espelho: uma camiseta simples, uma calça jeans e tênis — ou seja, perfeito para a ocasião. Chamei Laney para jantar aqui em casa hoje, porque o aniversário de Sullivan será no próximo fim de semana e nós ainda temos alguns detalhes do nosso “relacionamento” para acertar.

Me ofereci para buscá-la, mas ela preferiu pegar um Uber direto do trabalho para cá. Já notei que a garota gosta de preservar a independência, e eu admiro isso. Sorrio ao lembrar do que minha irmã me contou a respeito da relutância da amiga em fazer as compras usando o meu cartão no fim de semana passado. Qualquer outra mulher vibraria com a chance de uma tarde de gastos ilimitados no shopping, mas não Laney Abernathy. Confesso que ela ganhou ainda mais pontos comigo depois dessa.

A campainha toca e eu vou até a entrada principal. Helmet, meu cachorro vira-lata, me segue abanando o rabo. Ele adora quando recebo visitas. Abro a porta com um sorriso.

— Bem-vinda à mi... — Meu sorriso se desmancha um pouco com o choque ao vê-la nas roupas novas. Laney está simplesmente sensacional. O cabelo está mais curto, e repicado de um jeito sexy. Ela está usando uma calça jeans justa o suficiente para mostrar suas curvas, que ficavam completamente escondidas nas roupas largas de antes. E, para completar o visual simples e arrebatador, uma blusa branca com decote em V que apenas insinua os seios pequenos e redondos que estão por baixo do tecido fino. Eu limpo a garganta e tento falar outra vez: — Bem-vinda à minha casa.

Ela sorri com seu jeito meio tímido, que eu acho uma graça.

— Obrigada. — Depois de dar um passo para dentro, Laney olha ao redor. — Nossa, que lugar lindo.

Eu fecho a porta e tento enxergar o ambiente pelos olhos dela. Uma sala ampla, decorada em tons claros, com móveis de boa qualidade, e uma cozinha moderna integrada. A varanda tem vista livre para a praia de Malibu, o que torna o visual cinematográfico.

Nesse instante, Helmet decide que já foi ignorado por tempo demais e pula nas pernas da minha convidada.

— Helmet, não! — eu ordeno, apenas para ser solenemente ignorado. Todas as minhas tentativas de adestrar esse cachorro foram inúteis.

Laney arregala os olhos e imediatamente se abaixa para fazer carinho no pelo desgrenhado. Não importa quantas vezes Helmet tome banho e seja escovado, ele sempre parece ter acabado de sair de um campo de batalha.

— Olha quem nós temos aqui — ela diz, com a voz doce. — Qual o seu nome, rapazinho?

Sempre me divirto com quem fala com os cachorros como se eles fossem capazes de responder. Eu obviamente me enquadro nessa categoria.

— Esse é o Helmet — respondo pelo animal, que está com a língua para fora e rebolando tanto o rabo que parece que vai quebrar a coluna. — Como você já deve ter notado, ele adora visitas.

Laney coça atrás de suas orelhas.

— Mas você é um menino muito bonito — ela diz, fazendo um biquinho e sem tirar os olhos do cão. — Muito bonito.

Helmet está nas nuvens com tanta atenção. O safado tem uma predileção por mulheres bonitas, vai entender.

— Acho que ele nunca foi acusado disso antes. — Cruzo os braços, com um sorriso de lado.

Laney olha para mim, com um ar divertido.

— Não fale assim — ela sussurra. — Ele pode se ofender.

Eu alargo o sorriso e balanço a cabeça.

— Quer conhecer a casa? — pergunto.

— Claro. — Ela levanta, apoia a bolsa pequena sobre o aparador e enfia as mãos nos bolsos da calça.

— Vamos fazer um tour, então.

Eu a levo pelos cômodos do andar inferior, que não são tantos, sempre seguido pelo cachorro. A casa foi construída num conceito mais aberto, com espaços amplos e poucas paredes. Além da sala e da cozinha, tenho ainda um escritório, um banheiro e um quarto de hóspedes no primeiro andar.

— Vou te mostrar a parte de baixo — aviso, descendo uma escada. Assim que chegamos ao último degrau, eu faço um gesto com o braço. — Aqui tenho a piscina, uma sauna naquele canto, uma pequena cozinha e uma academia.

Laney olha ao redor, parecendo quase divertida.

— Você tem uma academia em casa? — Ela me encara outra vez.

Eu dou de ombros.

— Quase todos nós do time temos. É prático para os dias em que queremos mais privacidade nos treinos individuais.

Ela assente, olhando tudo.

— A vista de todos os cômodos é linda.

Eu aperto seu cotovelo, chamando-a.

— A mais bonita fica lá em cima. Vem que eu te mostro.

Subimos novamente até o piso principal e, em seguida, outro lance de escadas mais escondido, no fim do corredor da ala íntima. Helmet nos segue, o barulho das patas ecoando no piso frio. Ao chegarmos ao topo da escada, eu explico:

— Aqui é o meu quarto.

O queixo de Laney cai conforme ela olha ao redor. Minha suíte master ocupa todo o piso superior da casa e é dividida em ambientes. Uma espécie de antessala, com um sofá e uma TV, a cama king size na parede do fundo, um closet e um banheiro gigantesco, com uma banheira de hidromassagem para duas pessoas e teto de vidro, através do qual é possível ver as estrelas à noite.

Ela olha ao redor e balança um pouco a cabeça em negativa.

— O que foi? — pergunto, achando graça na cara que Laney está fazendo.

Sua reação é inegavelmente diferente da de todas as mulheres que já pisaram aqui. Enquanto os olhos das outras garotas brilhavam e eu ouso dizer que elas já se imaginavam fazendo as malas e se mudando para cá, Laney parece estar analisando algo tão distante da sua realidade quanto uma nave espacial. A expressão é de mera curiosidade, sem nenhum interesse particular.

Os olhos cor de oliva encontram os meus.

— Estou me sentindo no cenário de um filme de Hollywood. É difícil acreditar que alguém realmente *more* aqui.

Meus ombros sacodem com uma risada leve.

— Vem, vou te mostrar a vista.

Eu a levo até a varanda, que tem duas espreguiçadeiras confortáveis e uma mesinha. O sol está quase se pondo, tingindo o céu em tons de rosa,

laranja e azul escuro, que se refletem no mar. A visão é de tirar o fôlego, por mais acostumado que eu esteja a ela.

Como está soprando uma brisa fresca, percebo que a pele dos braços de Laney se arrepia e ela abraça o próprio corpo, com o olhar perdido no horizonte, admirando a beleza do pôr-do-sol. Eu me imagino envolvendo-a e trazendo-a para junto do calor do meu corpo, mas imediatamente espanto o pensamento súbito e inapropriado.

— Gostou da casa? — pergunto, para quebrar o silêncio desconfortável.

— Muito — ela responde, voltando a olhar para mim. — Uma verdadeira mansão.

Nossos olhares se prendem, e uma energia estranha parece circular entre os nossos corpos. Preciso fazer um esforço monstruoso para não deixar que meu olhar deslize para baixo, onde eu sei que os mamilos dela também devem estar arrepiados de frio. Ao invés disso, acabo encarando sua boca, o que não é muito melhor.

Eu já tinha reparado que Laney tem os lábios cheios e rosados, mas nunca tinha sentido esse impulso de passar meu polegar sobre eles. O pequeno sorriso dela se desmancha e Laney umedece o lábio inferior, parecendo um tanto desconcertada com meu olhar fixo.

Mas que merda eu estou fazendo?

Ela estremece de maneira quase imperceptível e eu saio do transe. Desvio o rosto, enfiando as mãos nos bolsos com mais ímpeto do que o necessário. Tento brincar para amenizar o clima.

— Pelo menos, agora você poderá responder qualquer pergunta que te façam sobre o meu quarto. — Dou um passo para trás, com um sorriso um tanto forçado.

— Eu honestamente espero não ter que responder muitas perguntas sobre a nossa suposta... intimidade.

Laney fica um pouco vermelha e inclina o rosto para o lado de um jeito que eu já notei que ela faz quando está sem graça. É, talvez eu esteja reparando demais nessa garota ultimamente.

Limpo a garganta.

— Meu cozinheiro deixou um risoto de cogumelos — eu aviso. — Está com fome?

Ela concorda.

— Sim. — Laney lança um olhar estranho para a cama logo atrás de mim e ajeita a postura. — Vamos descer?

— Vamos.

Eu a sigo em direção à escada, e não consigo deixar de reparar na bunda redonda desenhada pela calça jeans. Como olhar não tira pedaço e ela nem sabe que eu estou secando seu corpo, me permito alguns segundos de diversão.

Enquanto descemos os degraus, eu fico pensando que é uma pena que Laney seja amiga da minha irmã, apaixonada por outro cara e do tipo que adora um romance. Eu consigo pensar em várias coisas que poderia fazer com esse corpinho se nossa noite fosse terminar de outro jeito.

Afasto a ideia de merda e acompanho a garota até a cozinha.

16

LANEY

MEU DEUS, *o que diabos está acontecendo comigo?*

Eu me ajeito no banco que ocupei em frente à ilha da cozinha moderna e espaçosa, observando Hugh de costas servindo nosso jantar. Ele fez questão de fazer isso sozinho, e me colocou aqui com uma taça de vinho e uma única palavra: relaxe.

Como? Como relaxar se meu corpo resolveu reagir de uma maneira estranha e completamente inapropriada à presença desse homem hoje?

Desde que eu cheguei e recebi como boas-vindas um olhar mal disfarçado de apreciação com o novo visual, meu sistema límbico[1] decidiu que, a partir de agora, taquicardia é meu novo normal.

E quão ridículo foi conhecer o quarto de Hugh Nash em sua mansão em Malibu e subitamente me imaginar entre os lençóis brancos daquela cama king size? E o pior, *com ele*. A imagem mental foi bastante nítida, e nenhum de nós dois estava vestido. *Ó, céus*.

Bebo um gole do vinho, observando a bunda redonda do jogador abraçada pela calça jeans. O que está havendo hoje? Eu não costumo ser assim. Não posso dizer que minha libido fosse algo nem remotamente perto do descontrole. Conheço Hugh há duas décadas, e nunca o olhei com nada mais que uma apreciação platônica e inocente, porque qualquer pessoa com olhos percebe o quanto esse homem é bonito.

Mas me imaginar com ele? Pior, quase desejar isso? Ah, mas é bem diferente. Naquela hora em que estávamos na varanda do quarto e ele encarou minha boca por tempo demais, eu cheguei a imaginar que fosse me beijar. E a ideia não pareceu nem um pouco desagradável.

Eu baixo o olhar, porque, logo em seguida, me vem a imagem de Norman. O sorriso doce, o jeito carinhoso, tudo que nós vivemos. E eu me sinto culpada por estar me imaginando com outro homem, ainda que seja apenas por atração física.

Lembre-se de que seu precioso Norman estava ganhando um boquete no escritório.

As palavras de Julia voltam, me atormentando. Sim, é verdade. Ele não parecia nem um pouco culpado por estar com a boca da tal advogada entre

as pernas. Então, por que eu deveria me sentir culpada pela atração por outro homem, sendo que foi o próprio Norman quem sugeriu que eu também vivesse outras experiências?

— Pronto. — Hugh coloca um prato na minha frente e ocupa o banco no lado oposto da ilha, com seu próprio risoto. — Espero que esteja gostoso.

Eu sorrio, para disfarçar o rumo que meus pensamentos estavam tomando segundos atrás. Encaro os talheres impecavelmente limpos e brilhantes, e felizmente não sou atormentada pelo medo dos germes que costumo sentir quando como fora de casa. Não sei como me sentiria usando o álcool para limpá-los na frente de Hugh.

— Obrigada por ter lembrado que eu sou vegetariana — digo.

— Não precisa agradecer.

Coloco a primeira garfada na boca e faço um murmúrio de apreciação.

— Hum. — Termino de mastigar e engulo. — Delicioso.

Hugh sorri com o canto da boca, desse jeito charmoso que eu já notei que é sua marca registrada.

— Pablo é um chef fantástico. Tive muita sorte ao contratá-lo.

Eu como mais um pouco e então pergunto:

— Quantos funcionários você tem aqui? — Limpo a boca com um guardanapo. — Admito que uma parte de mim achava que eu seria recebida por um mordomo.

Hugh ri.

— Não tenho um mordomo. Além do Pablo, que faz minha comida, tenho duas pessoas que limpam a casa e outra que gerencia tudo. Faz compras, orienta o que precisa ser feito, esse tipo de coisa.

Eu olho ao redor.

— E onde elas ficam?

Ele bebe um gole do vinho.

— Não dormem aqui. Eu gosto de preservar minha privacidade, ao menos quando estou em casa.

Assinto, voltando a comer.

— Não deve ser fácil ser alguém tão conhecido.

Hugh levanta um ombro.

— A gente acaba se acostumando.

Continuamos comendo, até que o delicioso risoto desapareça dos nossos pratos. Eu apoio os talheres e sorrio.

— Nossa, estava realmente muito bom.

Hugh cruza os braços, com uma expressão satisfeita.

— Bem, agora que você está alimentada, que tal alinharmos alguns detalhes do nosso *relacionamento*? O próximo fim-de-semana já está perto.

Eu respiro fundo, para me acalmar. Esse tema ainda me deixa tensa, e os pensamentos intrusivos de que eu farei alguma besteira e estragarei tudo, prejudicando-o, voltam com força. É inevitável que meu olhar vagueie pelo ambiente e eu comece a sentir o impulso de organizar os livros de culinária em uma das prateleiras da cozinha, um dos comportamentos compulsivos que me acalmam.

Fecho os olhos, ouvindo mentalmente as palavras da minha terapeuta. Preciso me lembrar de que meus medos não são reais, mas o problema é que, nesse caso, talvez sejam.

— Laney? — A voz grave de Hugh me faz abrir os olhos. — Está tudo bem?

Debato por alguns segundos sobre como devo responder a isso. Posso sorrir e dizer que sim, fazer um esforço monumental para aparentar normalidade, ou posso admitir a verdade a ele.

Seu olhar é tão calmo, tão gentil, que acaba me acalmando um pouco também.

— Eu... — Engasgo nas palavras. Como dizer isso sem parecer uma maluca, que é o que muitos pensam de mim quando tento explicar sobre a doença? Eu realmente não queria que o olhar de apreciação com que Hugh tem me encarado ultimamente se transformasse em pena, ou até mesmo aversão, como já vi em outras pessoas. Tento ser honesta, mas com cuidado. — Por causa do TOC, eu acabo ficando mais ansiosa do que a maioria das pessoas em relação ao risco de prejudicar os outros.

A atenção de Hugh está completamente focada em mim, e sua expressão não muda absolutamente nada ao ouvir a palavra TOC. Isso é um pequeno alívio.

— Me explica melhor — ele pede.

Eu relaxo um pouco mais.

— O transtorno é caracterizado por dois aspectos interligados: os pensamentos obsessivos, que de maneira geral estão ligados ao medo de que algo ruim aconteça com nós mesmos ou com os outros, e os comportamentos compulsivos, que nada mais são que uma maneira de aliviar temporariamente a ansiedade provocada pelos pensamentos

obsessivos. Por exemplo, até hoje eu limpo talheres com álcool em restaurantes, por um medo meio irracional de contaminação por germes. Isso me acalma de uma forma inexplicável.

Ele continua olhando para mim, parecendo apenas interessado.

— E o que são esses pensamentos obsessivos para você agora? Você está com algum?

Eu baixo a cabeça, um pouco constrangida.

— Sim. Nos últimos dias, eu tenho passado várias horas pensando no risco de falar ou fazer alguma coisa errada no fim de semana, e todos descobrirem sobre a nossa farsa. Isso acabou desencadeando alguns comportamentos compulsivos que eu não tinha há bastante tempo. — Rio baixinho, sem humor. — Ontem mesmo, fiquei fazendo faxina até duas da manhã, e agora eu quase me levantei para arrumar seus livros de culinária.

Minha esperança com esse comentário era trazer mais leveza, talvez fazer Hugh rir. Mas ele continua sério.

— Laney. — O chamado firme me faz erguer novamente o rosto. — Arrume os livros, se isso te fará sentir melhor. Arrume a droga da minha casa inteira, eu não me importo. Mas, se essa viagem for te fazer sentir mal, a gente cancela imediatamente. Não quero ser um causador de desconforto para você.

As palavras são tão contundentes, tão sinceras, que eu sinto meus olhos ardendo.

Ah, não!

Era só o que faltava, chorar na frente dele. Tento disfarçar e enxugo rapidamente a lágrima que escapou, mas é tarde demais. Hugh levanta do banco, dá a volta na ilha e para ao meu lado, erguendo meu rosto com um toque gentil no meu queixo.

— Ei. Eu estou falando sério. Não quero te ver assim.

Seu olhar é tão intenso, tão profundo, seu toque tão gentil, que eu sinto uma vontade quase incontrolável de beijá-lo. Sufoco esse pensamento, porque certamente não precisamos dessa complicação adicional.

— Você é um cara legal, Hugh Nash. — Eu sorrio, com um pouco de tristeza. Ainda que ele não demonstre pena de mim, eu sinto pena de mim mesma, às vezes. Tem horas em que eu só queria que as coisas fossem mais fáceis. — Mas eu acho que tenho uma ideia melhor para nós dois fazermos juntos do que arrumar seus livros, algo que me ajudará a relaxar.

Noto um lampejo de confusão misturada com calor se espalhando pelos olhos castanhos. Só então, percebo o duplo sentido do que eu acabei de dizer. Coro violentamente.

— Eu... não quis dizer sexo. Não... não dessa vez — gaguejo. As sobrancelhas de Hugh se erguem, e ele começa a exibir um ar divertido, ainda mantendo a mão no meu rosto. Fecho os olhos, mortificada. — Meu Deus, eu estou agindo como uma idiota.

Sinto o polegar deslizando suavemente pela linha da minha mandíbula, chegando perto demais da boca. Um arrepio de excitação percorre minha coluna inteira.

— Laney, a última coisa que você parece agora é uma idiota. — A voz de Hugh está um pouco rouca. — Mas, como não vamos fazer sexo, eu sugiro que a gente sente naquele sofá mantendo uma certa distância um do outro enquanto você me conta sobre a sua outra ideia. Eu não sou de ferro.

Minhas pálpebras se abrem, em choque. Será que ele realmente consideraria... fazer sexo comigo hoje? Engulo em seco, e meu olhar desce até a boca bem desenhada, contornada pela barba. E se eu...

Hugh vira de costas e se afasta em direção ao sofá, mexendo discretamente na braguilha da calça jeans. Ele senta num extremo do móvel de couro branco, deixando clara sua intenção de manter distância. Eu o sigo, lidando com a frustração de não experimentar algo que, até hoje, eu nem sabia que queria.

— Por que não me conta sua ideia? — ele pede, assim que eu me sento.

Respiro fundo, ainda um tanto afogueada pelos últimos acontecimentos.

— Minha terapeuta trabalhou muito comigo na questão da substituição dos comportamentos compulsivos por ações que de fato resultem em ganho. Por exemplo, nesse caso, arrumar seus livros seria apenas um alívio temporário, mas que não muda a raiz do problema. Ao invés disso, podemos trabalhar em questões que, de fato, trarão impacto. Por exemplo, alinhar o que diremos quando nos perguntarem como tudo começou.

Hugh apoia o braço no encosto do sofá, e eu não consigo deixar de reparar na quantidade de músculos que existem ali.

— Me parece uma excelente ideia — ele concorda. — Essa primeira é fácil. Você é amiga da minha irmã, nos conhecemos há anos. Numa festa na casa dos meus pais, há dois meses mais ou menos, estávamos ambos solteiros e ficamos juntos.

— Por que dois meses? — pergunto, curiosa.

Hugh sorri.

— Eu inventei a história do namoro um pouco antes da festa da minha irmã. Lembra que eu cheguei a falar sobre isso com você na festa?

— Verdade. — Sorrio também. — Tinha esquecido. Continua.

— Bom, quando saímos de lá, eu te trouxe para a minha casa. Foi tão espetacular que decidimos que deveríamos explorar mais isso, e acabamos nos apaixonando.

Eu sinto meu rosto esquentar com a parte do “foi tão espetacular”.

— Eu realmente preciso parar de corar com qualquer menção a sexo com você — disparo, sem pensar.

Hugh começa a rir.

— Não se preocupe com isso. Talvez, seja até um bônus para a minha imagem. Você fica tão extasiada com a minha performance que não consegue evitar de ficar vermelha só de lembrar.

Excelente, agora devo estar da cor de um tomate.

— Hugh, pelo amor de Deus... — peço, escondendo o rosto nas mãos. — Podemos falar sobre outra coisa?

O cretino ainda está rindo, se divertindo horrores com a minha vergonha.

— Podemos. Não acho que precisemos entrar nos detalhes das posições preferidas, ou do número de orgasmos por transa — ele provoca.

Eu o encaro outra vez, com uma cara meio brava. Homens sabem ser irritantes quando querem, mas não posso dizer que eu esteja realmente desconfortável. Hugh não me intimida, nem me deixa insegura. Isso é surpreendente, considerando o quanto eu me sinto pouco à vontade com a maior parte das pessoas.

— Já chega, tudo bem?

Ele mantém um sorriso sacana no rosto.

— Sexo faz parte da vida, Laney. Não precisa ficar tão sem graça.

— Sexo *com você* não faz parte da *minha vida*, então, pela última vez, vamos mudar de assunto.

Hugh levanta os braços, em rendição.

— Tudo bem. Não quero uma crise conjugal tão precoce no nosso relacionamento.

— Engraçadinho. — Já estou sorrindo outra vez.

— Bem, vamos aos aspectos práticos, então. Você conhece minha família muito bem, já que vivia lá em casa quando era mais nova. Mas eu

sei pouco sobre a sua. Por que não me conta mais sobre eles?

Eu tiro os sapatos e coloco as pernas sob o corpo, cada vez mais à vontade.

— Meus pais se separaram há uns sete anos. Meu pai é piloto comercial, e parava muito pouco em casa. Ele não foi muito participativo na minha infância e adolescência, e continua não sendo até hoje. Minha mãe nunca trabalhou, sua vida girou em torno dos cuidados com a casa e a criação dos quatro filhos. Tenho uma irmã mais velha, Sue, e dois irmãos gêmeos também mais velhos do que eu, Logan e David. Nos encontramos em datas comemorativas, mas cada um deles tem suas famílias, então não fazemos muito parte do dia-a-dia uns dos outros.

— Eu supostamente conheço sua família? — Hugh pergunta. — Imagino que faria sentido você apresentar um novo namorado a eles.

Eu penso por alguns instantes.

— Imagino que sim. Minha mãe você certamente conheceria, porque é a pessoa com quem eu tenho mais contato. Meu pai, dificilmente. Ele está sempre viajando e, honestamente, não acho que faria muita questão. Meus irmãos eu não sei se conseguiria encontrar. São todos bem ocupados.

— Qual o nome da sua mãe?

— Alice. Meu pai se chama Armand.

Hugh tira o celular do bolso e começa a digitar.

— Alice... Armand... Sue, Logan e David. Pronto. — Ele guarda o aparelho de volta.

Eu sorrio.

— Você está mesmo empenhado.

— Lógico. A ideia não é você se sentir segura? Da minha parte, pode confiar. Não conheço sua família, mas saberei mentir como um profissional. E da sua, você não precisará inventar quase nada, Laney. A única mentira que precisará contar é que está apaixonada por mim.

Eu o encaro, com uma expressão doce.

— Não é nem um pouco difícil para uma mulher fingir que está apaixonada por um cara legal como você, Hugh.

Ele sorri e pisca para mim.

— Você também é uma garota naturalmente apaixonante, Laney.

Um silêncio toma conta da sala, quebrado apenas pelos ruídos da respiração pesada de Helmet, dormindo no tapete aos nossos pés. Lá fora já escureceu, e a casa está iluminada apenas por algumas luzes indiretas.

O ambiente começa a ficar íntimo demais, e eu levanto do sofá num movimento rápido.

— Está ficando tarde — digo, colocando os sapatos. — É melhor eu ir.

— Eu te levo — Hugh oferece, se levantando também.

— Não precisa. — Seria fortemente aconselhável manter a maior distância possível dele agora, e não ficar sozinha com esse homem num carro por mais vinte minutos.

— Faço questão. — Ele anda até um aparador e pega as chaves, não deixando margem a discussão. Em seguida, se agacha e faz um carinho atrás das orelhas de Helmet, que acordou com o movimento.

— Eu já volto, rapaz. Se despeça da nossa visita.

Como se entendesse o que foi dito, o cachorro levanta e vem acompanhando o dono até a porta, com um andar mais arrastado e sonolento.

— Tchau, amiguinho. — Eu coço sua cabeça. — Adorei te conhecer.

Hugh me guia até a garagem e nós entramos em um dos carros parados lá. Eu não saberia dizer qual o modelo, só sei que parece muito, muito caro. Ele dirige em silêncio, o que acaba sendo um alívio. Minha cabeça está um furacão depois de tantas emoções numa noite só.

Assim que estaciona em frente ao meu prédio, ele me surpreende ao desligar o motor e dar a volta para abrir a porta para mim. Eu saio e então o encaro. A expressão de Hugh é intensa como sempre e eu começo a me remexer, um tanto afetada pela masculinidade que exala de cada centímetro de pele desse homem.

— Laney, a próxima vez que nos encontraremos será na sexta, quando eu vier te buscar para a viagem. É nítido que você fica tensa quando eu estou perto demais, e isso, sim, pode acabar gerando desconfianças.

Engulo em seco.

— Eu sei, e sinto muito por isso.

Ele dá meio passo, quase colando o corpo ao meu. Sinto minhas costas pressionadas contra a lateral do carro, e meu coração acelera.

— Você precisa ficar à vontade com o meu toque. Eu não vou te beijar para não complicarmos as coisas, mas vou te dar um abraço — Hugh avisa.

Não foi um pedido — foi uma constatação. Tenho certeza de que, se eu dissesse não, ele não forçaria nada. Mas admito que gosto do fato de que Hugh não está pedindo a minha permissão nesse momento.

— Tudo bem — ofereço-a assim mesmo.

Eu achei que seria algo rápido, quase fraternal. Aparentemente, eu estava bem enganada.

A mão grande sobe até a lateral da minha cintura, segurando-a logo acima do cós da calça jeans. Hugh desliza o polegar sobre o tecido fino da blusa, e eu arfo de maneira involuntária. Que pena que ele disse que não me beijaria, porque é exatamente o que eu queria que acontecesse agora.

Em seguida, devagar, o outro braço me envolve e me puxa contra o corpo forte. Eu suspiro e relaxo, permitindo que meus próprios braços se encontrem atrás dele. Apoio o rosto no peitoral definido, aspirando o perfume másculo na camisa de tecido macio. A mão que estava na minha cintura sobe até minha nuca, por baixo do cabelo, e começa a fazer um carinho lento ali.

Meu corpo arrepia inteiro, e eu solto um gemido baixinho. Ao mesmo tempo em que me sinto nervosa como uma adolescente, a presença de Hugh me acalma de um jeito surpreendente. Seu toque firme e carinhoso ao mesmo tempo é delicioso.

Permito que minhas mãos subam e desçam pelas costas largas, percorrendo o relevo dos músculos trabalhados. Hugh me aperta um pouco mais contra o seu corpo, e é nessa hora que eu percebo algo inconfundível: sua volumosa ereção por baixo do jeans.

Meu coração acelera, mas eu não me mexo. O meio das minhas pernas começa a latejar, de uma forma que eu nunca senti antes com tão pouco estímulo. Nós nem nos beijamos, pelo amor de Deus!

Num gesto de ousadia que eu nem reconheço, movo o quadril alguns centímetros para frente, querendo senti-lo melhor. Ao invés de se afastar, ele calmamente levanta o meu cabelo e sussurra no meu ouvido:

— É melhor a gente parar por aqui, antes que eu acabe fazendo uma grande besteira. — Hugh desliza a mão livre até a minha bunda e me puxa para ainda mais perto, dessa vez fazendo com que seu membro pareça uma barra de ferro pressionada contra a minha barriga. — Mas isso aqui é para que você nunca mais duvide de que eu te acho uma delícia, Laney Abernathy.

Hugh deixa um beijo no canto da minha boca e me solta. Estou atordoada demais para me mexer, então apenas levo uma mão ao local que ele beijou e encaro os olhos castanhos, que estão quentes como o inferno.

— Não me olha com essa cara, mulher — ele pede, rouco. — Meu autocontrole tem limite. Entra naquele prédio e se tranca lá dentro como

uma boa garota.

Não estou em condições de protestar, então apenas obedeço. Assim que eu entro e tranco a porta, um sorriso deliciado se espalha pelo meu rosto. Subo as escadas como se estivesse flutuando e, quando finalmente me deito entre os lençóis, pela primeira vez não é Norman que ocupa meus pensamentos antes de dormir.

17

HUGH

— EU NEM IMAGINAVA que havia um hotel de luxo no meio do deserto — Laney comenta, conforme percorremos os últimos quilômetros da estrada que leva à entrada do Premier Lounge Resort.

Eu sorrio.

— Esse resort não está nas mídias, nem aberto a reservas em sites comuns. É um destino de hospedagem de pessoas públicas, onde todos os funcionários assinam NDA.

Ela assente, olhando através da janela.

— Ainda bem que eu concordei com o seu argumento de que eu seria a única mulher do lugar em roupas de lojas de departamentos e fiz as compras em lugares melhores naquele dia.

Eu desvio os olhos da estrada e a encaro com o cenho franzido.

— *Meu* argumento? De onde você tirou isso?

Laney me olha de volta, confusa.

— O que você disse para a sua irmã, a respeito de chamar a atenção por estar usando roupas simples demais.

Eu balanço a cabeça, incrédulo.

— Foi Julia que te falou isso? — Solto um som que é um misto de bufada com riso. — Minha irmã é foda. Percebeu que você ia recusar meu presente e deu um jeito de te convencer.

Agora é Laney quem me encara com a confusão estampada no rosto.

— Então, não partiu de você essa preocupação?

Rindo, olho para ela por alguns segundos, aproveitando o fato de não haver nenhum outro carro visível em qualquer direção.

— Claro que não. Eu não poderia me importar menos com a loja onde você comprou suas roupas, só queria que você se sentisse bonita. — Dou uma olhada não tão discreta para o vestido rosa estampado que deixa metade das coxas suculentas à mostra. — O que interessa é que funcionou.

Ela sorri, um misto entre timidez e provocação.

Desde o nosso último encontro, onde eu quase perdi a cabeça e a arrastei para dentro do seu apartamento para fodê-la até tirá-la do meu sistema, eu não parei de pensar em Laney. Perdi a conta de quantas vezes

me masturbei nos últimos dias com a imagem dela na cabeça, o olhar que é ao mesmo tempo inocente e curioso, os peitinhos que estão me deixando louco, a bunda redonda e firme que eu apertei com vontade. Queria ouvi-la gemendo meu nome quando eu a fizesse gozar, dar uns tapas naquele traseiro empinado e bagunçar o cabelo sempre tão arrumadinho.

O problema é que isso não seria certo. Não sou idiota e já notei que ela se sente atraída por mim também. Provavelmente, se eu investisse, ela acabaria se rendendo. O problema é que Laney não é o tipo de garota para fodas sem compromisso e com prazo de validade, e eu não tenho nada além disso para oferecer a ela.

Melhor deixar as coisas do jeito que estão. Assim que esse namoro falso terminar, vou atrás de alguma outra mulher para descarregar essa energia acumulada, porque certamente até lá eu já terei tirado essa ruiva da cabeça.

Instantes depois, vejo o imponente portão principal do hotel.

— Chegamos — aviso, ainda que seja óbvio.

Um segurança de terno preto me interpela na entrada, conferindo nossos nomes numa lista e em seguida liberando o acesso. O carro ainda percorre uns 500 metros por uma alameda ladeada de árvores, e eu me pergunto quanto eles gastaram em sistemas de irrigação nesse lugar.

A sede principal aparece à nossa direita. Um prédio luxuoso e agradável, com a estrutura predominantemente em madeira e vidro, telhados inclinados em várias direções e um paisagismo complexo em volta. O lugar é mesmo lindo.

— Uau — Laney murmura, tirando os óculos escuros para enxergar melhor. — Que paraíso.

Estaciono sob uma marquise e imediatamente dois funcionários uniformizados abrem as portas para nós.

— Bem-vindos, sr. Nash e srta. Abernathy — um deles cumprimenta. — É um grande prazer tê-los em nossas dependências.

— Obrigado — digo, saindo do carro.

Laney sorri e cumprimenta o outro rapaz.

— Podem, por favor, se dirigir ao balcão principal para o check-in. Suas malas serão levadas diretamente à suíte — o primeiro garoto diz. Ele não deve ter mais de 20 anos, mas comporta-se com total profissionalismo.

Eu tiro discretamente duas notas de 100 dólares do bolso e entrego a ele.

— Obrigado mais uma vez.

Ele assente e guarda as notas no bolso, sem nem olhar para elas. Quem trabalha em ambientes assim aprende algumas regras de etiqueta, como não conferir as gorjetas.

— Vamos? — Eu paro ao lado de Laney e seguro sua mão com naturalidade.

Assim que entrelaço nossos dedos, percebo que o corpo dela tensiona por dois segundos e depois relaxa.

— Vamos.

Entramos no saguão principal. O pé direito deve ter quase 10 metros no ponto mais alto, com o telhado inclinado trazendo um charme para o lugar. Os móveis são em estilo mais rústico, predominando o couro e a madeira. No fundo, um paredão de vidro deixa à mostra um jardim ainda mais bonito do que o da frente, com um gramado que se estende até sumir de vista.

Ainda assim, a visão mais bonita desse lugar está bem aqui ao meu lado. Conforme andamos até o balcão, eu sussurro no seu ouvido:

— Eu estava falando sério no carro. Você está linda.

Ela me encara de lado, com um meio sorriso.

— Foi você que pagou por isso, então, que bom que gostou.

O brilho nos olhos esverdeados é de provocação, e eu me vejo sorrindo de volta. Ah, se as circunstâncias fossem outras... o primeiro lugar desse hotel que conheceríamos certamente seria a cama.

— Aí estão vocês! — a voz animada de Sullivan exclama. — Fizeram boa viagem?

O homem de meia idade e cabeça completamente branca para ao nosso lado, com um largo sorriso e um drinque na mão.

Eu sorrio de volta.

— Sim, a estrada é ótima. — Aponto com a cabeça para Laney. Que comecem os jogos. — George, essa é Laney Abernathy. Minha namorada.

O GM mantém o sorriso ao apertar sua mão.

— É um prazer conhecê-la, Laney. Posso chamá-la assim?

— Claro, sr. Sullivan.

O homem mais velho balança a cabeça, sem soltar a mão pequena presa num aperto entusiasmado.

— George, por favor. Somos todos uma grande família por aqui.

Ela concorda, ainda sorridente. Uma coisa eu preciso admitir: George Sullivan tem o dom de fazer as pessoas se sentirem bem. O pulso firme no

time vem do treinador, Liam Campbell. Esse, sim, sabe ser um demônio quando quer.

— Fiquem à vontade para fazer o check-in e se acomodar. — Ele confere o relógio. — Daqui a uma hora, nos reuniremos no pátio dos fundos para um jantar ao ar livre. Espero vocês lá.

— Pode deixar. — Apoio uma mão na base da coluna de Laney, aproveitando todas as desculpas para tocá-la. — Nos veremos em breve.

Depois de um check-in rápido e eficiente, percorremos um corredor com piso de tábuas corridas até o elevador. Saímos no terceiro andar e, poucos metros à frente, está o nosso quarto.

Passo o cartão e abro a porta. A suíte tem uma antessala com sofá e televisão. Por trás de uma meia-parede de madeira e dois degraus acima, está o espaço onde fica a cama king size com duas mesas laterais. A decoração é toda no mesmo estilo rústico, mas de extremo bom gosto. Nossas malas estão posicionadas num canto, onde fica um pequeno closet.

— Nossa — Laney corre os dedos pelo sofá bege, olhando ao redor. — Esse certamente é o lugar mais chique onde eu já estive. — Ela anda pelo quarto e puxa um pouco a cortina, revelando o espetacular jardim dos fundos. — Mas, ao mesmo tempo, é muito aconchegante.

Eu não consigo parar de olhar para a parte mais alta do cômodo. Não acho que eu serei capaz de dividir uma cama com Laney e manter distância, então começo a analisar o sofá, que infelizmente não é um sofá-cama. Não é muito grande, mas, se eu me encolher, acho que caibo nele.

Checo as horas.

— Bem, ainda faltam 45 minutos para o jantar. O que quer fazer?

Laney se vira devagar, me encarando com uma expressão indecifrável. Segundos depois, ela quebra o contato e olha na direção do banheiro.

— Acho que vou tomar um banho. Se importa?

De saber que você está nua a poucos metros de mim, esfregando sabonete por cada centímetro de pele macia e cheirosa? Imagina.

— Fique à vontade — respondo, forçando um sorriso e lhe dando as costas em seguida, fingindo procurar algo na mala.

Laney para ao meu lado e abre sua própria bagagem, tirando de lá algumas peças e pendurando no armário. Com o canto dos olhos, noto quando ela tira um vestido verde e em seguida um conjunto preto de calcinha e sutiã. Preciso conter um gemido frustrado ao pensar que não verei essas peças no seu corpo delicioso.

— Não vou demorar — ela avisa, indo em direção ao banheiro.

— Leve o tempo que precisar.

Eu separo uma roupa para trocar daqui a pouco e deito na cama. Olho de lado para o banheiro, tentando imaginar se Laney já está pelada. Será que os pelos da boceta são tão ruivos quanto o cabelo? Percebo uma ereção começando e enfio um segundo travesseiro atrás da cabeça com mais força que o necessário.

— Merda — murmuro baixinho, ligando a televisão para me distrair.

Quase vinte minutos depois, o barulho de água cessa. Um silêncio toma conta do banheiro antes que a porta se abra devagar. Laney, enrolada numa toalha, sai de lá. Essa mulher só pode estar de sacanagem.

Ela começa a vasculhar o chão, inclinando um pouco o corpo para frente o que faz com que a parte de trás da toalha suba. Caralho, se ela abaixar cinco centímetros a mais... Levanto da cama, meio puto com esse showzinho involuntário que está me deixando maluco, e pergunto:

— O que houve?

Ela estica o corpo e me encara, constrangida.

— Não consigo achar minha calcinha. Acho que deixei cair no caminho até o banheiro.

Eu suspiro.

— Vou te ajudar a procurar.

Volto até o closet, e encontro um pequeno montinho preto perto da porta. Seguro a peça e não resisto a testar a textura, que é tão macia quanto eu imaginava.

— Achou? — uma voz atrás de mim pergunta.

— Aqui. — Entrego a ela, disfarçando a culpa por estar analisando sua calcinha.

— Obrigada. — Laney volta para o banheiro como se estivesse sendo perseguida, me deixando apenas com a nuvem de cheiro do seu shampoo.

Eu jogo a cabeça para trás e corro as mãos pelo cabelo, soltando o ar bem devagar.

Será um longo fim de semana.

18

LANEY

CHEGAMOS ao terraço dos fundos pontualmente às sete e meia. Hugh está um espetáculo à parte com uma camisa social de mangas dobradas e uma calça jeans escura. Eu optei pelo vestido verde que Julia me convenceu a comprar, ainda que tenha um decote nas costas que mostra muito mais pele do que qualquer uma das roupas que eu já vesti até hoje. Quando o comprei, fiquei um pouco insegura, porém o olhar de apreciação que brilhou no rosto de Hugh ao me ver arrumada era o que eu precisava para reunir a confiança necessária para usá-lo.

Sandálias pretas de tiras, uma pequena bolsa na mesma cor, uma maquiagem elegante que Julia me ensinou a fazer e um rabo de cavalo alto completam o visual ousado. Assim que entramos no elevador, eu notei através do espelho que meu acompanhante não tirava os olhos do meu traseiro. Além de ser um comportamento apropriado para um namorado, o desejo que transparece cada vez que Hugh me olha tem tido um efeito poderosíssimo na minha autoestima. Eu realmente não estou reclamando.

Conforme caminhamos entre as mesas, Hugh vai cumprimentando algumas pessoas e me apresentando a outros jogadores. Será impossível decorar o nome de todos nesse primeiro dia, então eu nem tento. Noto que a maioria está desacompanhada, mas alguns estão com suas namoradas ou esposas e há até mesmo algumas crianças entre os presentes.

Quando passamos pela mesa do aniversariante, uma mulher loira, jovem e ridiculamente bonita se levanta. Ela olha para nós dois de uma forma estranha, como se estivesse um pouco constrangida.

— Olá, Hugh — a mulher cumprimenta, e em seguida olha para mim. — Não vai me apresentar sua namorada?

Ele envolve minha cintura, espalhando uma onda de calor com seu toque, e em seguida nos apresenta:

— Natasha, essa é Laney Abernathy. Laney, Natasha Sullivan, filha de George.

A moça me encara por dois segundos antes de estender a mão.

— É um prazer, Laney.

— O prazer é meu.

Há definitivamente uma vibe estranha no ar, mas eu não tenho ideia do que seja. Nesse momento, George e uma mulher mais velha, que eu logo descubro ser sua esposa, se levantam e nos cumprimentam também.

— Nós vamos procurar uma mesa — Hugh avisa. — Até mais.

Eu me despeço da família Sullivan com um aceno e sigo Hugh pelo terraço. Ele avista algumas pessoas e aponta:

— Vamos sentar ali.

Na mesa de quatro lugares há apenas dois homens. Um deles é loiro, com olhos muito azuis e uma beleza clássica, de chamar a atenção. O outro tem o cabelo castanho-claro, que chega quase na altura dos ombros, olhos azuis esverdeados e uma expressão mais fechada. Ainda assim, ele tem uma beleza meio rústica, quase feroz, e parece mais velho que Hugh e o loiro, também.

Assim que nos veem chegando, os dois levantam.

— Fala, cara. — O loiro abraça Hugh de lado e dá dois tapinhas nas suas costas.

— E aí? — o outro o cumprimenta, com um sorriso discreto.

Hugh me traz para mais perto.

— Gente, essa é a Laney. — Ele então olha para os amigos. — Esses aqui são os piores jogadores da NFL, Nico Marchesi e Ryker Lockhart.

O loiro, que agora eu sei que se chama Nico, revira os olhos.

— Não acredita nesse cara, Laney. Tudo inveja porque o *quarterback* sou eu, não ele.

Eu sorrio e todos nós sentamos. Hugh chega mais perto e fala no meu ouvido:

— Esses dois são meus melhores amigos e os únicos que sabem a verdade. Mas, aqui, é melhor fingir, ok?

Eu assinto, aliviada por saber que ao menos nesse jantar eu não precisarei me esforçar tanto para impressionar ninguém. Ainda assim, estou tensa com o medo de falar alguma besteira e denunciar nossa farsa.

O garçom se aproxima e pega os pedidos de bebida. Todos beberão vinho, então decido acompanhá-los. Conversamos sobre algumas banalidades, até que o rapaz educado retorna e coloca os talheres na mesa.

Eu sinto meu coração acelerando ao ver uma pequena mancha no meu garfo. Ela é quase imperceptível, mas já é o suficiente para se tornar um gatilho. Eu abro a bolsa sobre o colo, vendo ali dentro o pacote de lenços umedecidos com álcool. Fecho os olhos, lutando contra o impulso de usá-

los, mas, ao mesmo tempo, sentindo a ansiedade escalonar. Não quero embaraçar Hugh na frente dos seus amigos, mas os sinais de uma crise de ansiedade começam a se insinuar, no pior momento possível. Sou pega de surpresa por um toque no meu braço.

— Laney? — Hugh me chama e eu o encaro, frustrada e com vontade de chorar. Ele então olha para a bolsa aberta no meu colo. — Pode me emprestar esses lenços? Meu talher está sujo.

Desconcertada, eu pego o pacote e estendo para ele. Com a maior naturalidade do mundo, Hugh puxa um e limpa meticulosamente seu garfo e sua faca. Em seguida, oferece a embalagem aos amigos:

— Querem? Precaução nunca é demais.

Os dois dão de ombros e pegam os lencinhos, limpando seus próprios talheres.

Minha vontade de chorar aumenta, mas por outra razão. Sem que eu precisasse dizer nada, Hugh transformou uma situação angustiante e embaraçosa em um momento extraordinário, que eu guardarei para sempre na memória. Nunca alguém fez algo parecido por mim.

Mesmo Norman, que obviamente sabia mais do que qualquer outra pessoa a respeito dos meus comportamentos compulsivos, no máximo me dava liberdade para fazer como eu precisasse. Ainda assim, algumas vezes eu o notava observando discretamente ao redor, nitidamente constrangido quando percebia alguém me encarando com estranheza.

— Obrigado. — Ryker me estende a embalagem branca, sem dar muita importância ao que acabou de acontecer.

Para os amigos de Hugh, não foi nada. Para mim, foi tudo.

Engulo as lágrimas, pego o pacote de lenços de volta, retiro um e limpo meus talheres. Pela primeira vez na minha vida, sou a *última* pessoa da mesa a fazer isso, não a *única*. Com a cabeça baixa, eu sorrio. Hugh Nash é, sem dúvidas, uma pessoa muito especial.

O garçom se aproxima e recolhe os lencinhos usados com naturalidade e discrição. Toda essa dinâmica foi o suficiente para me fazer relaxar e aproveitar a noite de uma maneira completamente diferente do que eu estava prevendo.

Os amigos dele, mesmo o mais calado, mostram-se pessoas agradáveis e gentis comigo. Todos evitam usar termos técnicos ao falar de futebol e, mesmo nos momentos em que a conversa se aprofunda em contextos mais

complexos, os três fazem questão de parar e me explicar o que está sendo discutido.

Hugh apoia casualmente um braço no encosto da minha cadeira e começa a fazer um carinho no meu braço, distraído. Esse contato simples é o suficiente para enviar uma descarga elétrica por todo o meu corpo, e eu fico ansiando por mais. Mais toques, mais proximidade, *mais Hugh*. Mais desse homem que não para de me surpreender e me fazer admirá-lo cada vez mais.

— E o Timberjobs? — Hugh pergunta. Em seguida, se vira para mim para explicar: — É o apelido que demos ao novo dono do time. Mistura de Justin Timberlake com Steve Jobs.

Eu rio.

— Entendi.

Nico bufa.

— Não vai aparecer, óbvio. A última coisa na lista de prioridades daquele cara é o time, e eu nem me surpreenderia se nunca mais víssemos sua carinha de nerd bilionário.

O garçom volta para pegar nosso pedido e fico aliviada por haver uma opção vegetariana no cardápio. Em pouco tempo, ele retorna com os pratos e o jantar transcorre de maneira suave. Após terminarmos a primeira garrafa de vinho, Nico inclina um pouco o corpo sobre a mesa e baixa a voz:

— Sei que não devemos falar disso aqui, mas vocês estão de parabéns. Qualquer pessoa que veja os dois vai jurar que são mesmo um casal.

Eu enrubesço com esse comentário. Óbvio.

Hugh solta uma risadinha descontraída.

— Nós somos excelentes atores.

— Fale por você... — eu murmuro baixo, mas, pelo visto, alto o suficiente para todos ouvirem, porque os outros dois jogadores começam a rir.

— Conte mais sobre você, Laney — Ryker pede. — Nós monopolizamos a conversa falando sobre futebol, como se já não respirássemos esse bendito esporte em cada minuto do nosso dia.

Eu sorrio.

— Minha vida não é tão emocionante...

Nico faz um gesto com a mão, me incentivando a continuar.

— Lockhart tem razão, fomos deselegantes. Por favor, conte um pouco sobre você. A mulher que fisgou o coração de Hugh Nash certamente tem

histórias interessantes para contar.

Eu poderia achar que isso é um comentário sarcástico, mas não parece ser o caso. Nico está longe de ser uma pessoa maldosa ou desagradável, então deduzo que é apenas uma brincadeira mesmo.

— Bem, eu sou contadora — explico. — Meu dia se resume a planilhas e mais planilhas, reuniões de mais de uma hora que poderiam ser resolvidas por e-mails de três parágrafos e eternas tentativas de mostrar os balanços de uma forma em que eles pareçam melhores do que realmente são.

Nico solta uma gargalhada e Ryker sorri também.

— Você é divertida de um jeito espontâneo, Laney — o *quarterback* diz, e então se vira para Hugh. — Gostei dela!

Meu suposto namorado olha para mim com uma expressão que eu não consigo interpretar.

— Eu gosto dela também.

Meu coração dispara de um jeito desconcertante. Sei que tudo isso é apenas uma brincadeira entre amigos, e que Hugh gosta de mim como amiga, na melhor das hipóteses. Mas isso não impede que eu sinta uma espécie de tremor por dentro, uma sensação de bem-estar diferente de tudo que já experimentei antes.

A conversa continua, todos mantendo o mesmo clima leve e descontraído. Contudo, algo em mim mudou. Estou consciente demais das mãos grandes de Hugh manipulando os talheres, do seu braço forte roçando no meu, do perfume gostoso que ele usa. Lembro da forma como ele estava segurando minha calcinha antes de me devolver, e subitamente preciso apertar uma coxa contra a outra no meio da mesa do restaurante.

Os sons da conversa ao meu redor vão perdendo a nitidez conforme eu mergulho nos meus próprios pensamentos. E se a gente simplesmente se entregasse a essa atração por duas noites? Sei que ele não está em busca de compromissos, e eu quero estabilidade. Mas as palavras de Julia subitamente se infiltram no meu cérebro como uma maldição, me dizendo que eu preciso saber como é ser fodida de verdade.

Talvez eu precise mesmo, independentemente do que acontecer entre mim e Norman depois. E a única pessoa com quem eu tenho vontade de experimentar isso é Hugh Nash. Duas noites, apenas isso. Já que estamos fingindo um compromisso durante esse fim de semana, podemos perfeitamente levar nossa pequena farsa a um outro patamar. O relacionamento pode ser falso, mas o tesão é real.

Eu ajeito a postura. Vou oferecer sexo a Hugh de novo, mas dessa vez pelos motivos certos. Não estarei fazendo isso porque eu quero me vingar de Norman, e sim porque eu não consigo parar de pensar em como seria ter essas mãos grandes e ásperas percorrendo meu corpo, me apertando, me dando prazer. Como seria senti-lo dentro de mim, com todo aquele tamanho glorioso que eu senti através da calça jeans.

Meu corpo estremece e Hugh usa o braço que está envolvendo minhas costas para me apertar levemente contra si.

— Está com frio?

Eu quase solto uma risada de nervoso. Frio é o último problema na minha lista, nesse momento. Eu o encaro, pensando em como seduzi-lo. Nunca precisei seduzir ninguém na vida.

— Estou bem, mas você pode me abraçar, se quiser.

Pela expressão desconfiada de Hugh, não foi exatamente uma frase sedutora. Ok, talvez eu deva tentar quando estivermos sozinhos. Contudo, mesmo parecendo estranhar meu comentário, ele faz o que eu pedi e me abraça. Eu apoio a cabeça contra o peito largo, gostando demais de como eu me sinto pequena e protegida perto dele.

Nico ergue uma sobrancelha e esconde um sorriso ao nos ver assim, aconchegados, mas não diz nada.

Um pouco mais tarde, nos despedimos de todos e subimos para o nosso quarto. Assim que cruzamos a porta, eu começo a ficar nervosa. Como eu devo fazer isso? Digo na lata que quero transar com ele? Coloco uma das camisolas sexy que Julia me fez comprar e torço para que ele resolva me atacar?

Antes que eu consiga fazer qualquer coisa, Hugh avisa:

— Vou ao banheiro.

Ele pega algumas coisas na mala e se tranca lá por alguns minutos. Eu sento na cama e começo a morder o canto da unha, ficando mais nervosa com o passar do tempo. Talvez essa ideia toda seja uma tolice. Talvez ele esteja certo em não querer complicar as coisas entre nós. Talvez...

A porta do banheiro se abre e Hugh sai de lá, usando apenas um short de algodão.

Meu. Deus. Do. Céu.

Se de roupa ele já é uma tentação, sem camisa é de venerar de joelhos. Seu corpo é musculoso o suficiente para que todos os músculos sejam visíveis, mas sem transformá-lo num brutamontes. O abdome tem tantos

gominhos que fica difícil até contar. Uma fina camada de pelos cobre seu peitoral, deixando-o ainda mais másculo. E essas coxas grossas que o short mal esconde?

Eu *preciso* dar para esse homem.

Ao invés de ir até a cama, ele pega no armário um lençol, um travesseiro e um cobertor e leva tudo para o sofá. Minha frustração é tão grande que a sensação é como se eu tivesse construído um lindo castelo de areia e estivesse agora observando uma onda vir e destruir tudo.

— O que você está fazendo? — pergunto, tentando disfarçar o desapontamento na voz.

— Arrumando o lugar onde eu vou dormir. — Ele forra o sofá com o lençol e em seguida se vira para mim. — Acredite em mim, Laney, é uma péssima ideia nós dormirmos na mesma cama hoje.

— Por quê? — Minha pergunta parece um lamento patético.

Hugh larga a roupa de cama e anda até onde eu estou.

— Porque algo acabaria acontecendo entre a gente e eu não quero te magoar.

Eu o encaro, sem saber ao certo como responder a isso.

— Mas... e se eu também quiser? Só sexo, nada mais?

Ele ri, mas é um riso sem humor.

— Você não tem ideia de onde está se metendo, Laney. Eu gosto de foder com força, não tenho meio do caminho. Não existe romantismo nenhum, é puramente físico. Por tudo que você já me contou e pelo que eu te conheço, não é com isso que você está acostumada. É?

— Não — admito.

— Eu imaginava. E se for horrível? E se a gente não tiver química na hora em que rolar pra valer, se você não curtir esse meu jeito mais bruto? Já imaginou que merda vai ser continuarmos fingindo um relacionamento depois disso?

Nesse momento, eu penso que estamos num hotel, cercados pelos colegas de trabalho de Hugh, pela família do seu chefe. Lembro ainda que a *minha* chefe acha que eu estou namorando e, para piorar, eu fiquei de levar Hugh na festa da empresa.

Talvez ele tenha razão, e isso só iria complicar as coisas.

— Tudo bem. Você está certo.

Ele solta um suspiro que parece uma mistura de alívio e decepção, se é que isso é possível.

— Eu vou dormir. Você deveria fazer o mesmo.

Eu dou de ombros, concordando. Pego a bendita camisola e entro no banheiro, saindo de lá minutos depois. Ando até o closet para guardar meu vestido, e ouço um grunhido no sofá.

— Hugh? Está tudo bem?

Ele coloca um travesseiro sobre a cabeça e em seguida sua voz sai meio abafada:

— Da próxima vez em que você for aparecer de camisola na frente de um cara para quem você *não* vai dar, seja mais sensata na escolha do modelo.

Eu disfarço um sorriso e ando até a cama, entrando sob os lençóis. Ainda que eu não vá ter a noite de sexo quente que eu esperava, saber que Hugh tem tanta dificuldade de resistir a mim compensa um pouquinho a frustração.

Assim que o quarto fica em silêncio, ouço a voz grossa me chamando mais uma vez.

— Laney?

— Sim?

Ele solta o ar pesadamente.

— Sua sorte é que eu gosto *mesmo* de você. Caso contrário, você não dormiria essa noite e lembraria de mim cada vez que se sentasse amanhã.

Um arrepio percorre a minha coluna.

— E a sua sorte é que eu quero muito que o nosso plano dê certo — rebato, com uma ousadia que eu não costumo ter. — Caso contrário, você já estaria dentro de mim nesse momento, cumprindo essa ameaça. Boa noite, Hugh.

Um rosnado torturado é tudo que eu recebo como resposta.

19

HUGH

FRUSTRAÇÃO SEXUAL É UMA MERDA. Uma que eu não me lembro de ser obrigado a aguentar desde a adolescência e, mesmo naquela época, as coisas nunca foram muito difíceis. Ser um jogador de destaque no time de futebol americano tem uma série de vantagens, inclusive a facilidade para conseguir transar.

Saio do banho e começo a me vestir, irritado. Odeio colocar a roupa no banheiro, porque a pele ainda está úmida e o ambiente fica abafado. Mal saí do chuveiro e já estou começando a suar.

Enfio a bermuda por cima da boxer, recolho o resto das coisas e marcho até a porta. Vou terminar de me vestir no quarto, foda-se que isso significa desfilar sem camisa na frente de Laney e ser obrigado a receber seu olhar interessado. *Interessado* é o caralho, vamos dar nome aos bois: a garota me come com os olhos, e isso só me faz ter ainda mais vontade de fodê-la.

Pro inferno com tudo isso.

Quando entrei no banheiro, Laney ainda estava dormindo. Agora, ela não apenas está acordada como está sentada na cama com o celular na mão, usando apenas a maldita camisola preta, que deixa as coxas branquinhas inteiras à mostra. A renda que mal esconde os mamilos faz com que sobre bem pouco para a imaginação.

Que ótimo. Sensacional. Era bem o que eu precisava, depois de uma noite inteira acordado naquela merda de sofá apertado fantasiando com a garota que eu não posso ter.

Ela levanta o olhar para mim, sorri preguiçosamente e me analisa da cabeça aos pés. A filha da puta chega a morder o canto do lábio inferior enquanto faz isso, e eu juro que sou capaz de matar alguém nesse momento. Provavelmente a mim mesmo, por ter decidido ser honrado justamente com a mulher que mais me deixou com tesão em muito, muito tempo.

— Bom dia, Hugh.

Até a voz dela é mais sexy quando acorda. Puta que pariu.

— Bom dia — eu rosno, entre os dentes, e vou para o outro lado do quarto para terminar de me vestir.

Com o canto dos olhos, noto que Laney está me observando, meio confusa, mas não diz nada antes de pegar suas roupas e se trancar no banheiro. Melhor assim. Ela lá e eu aqui. Quanto mais longe melhor.

Ouço o chuveiro sendo ligado e a imagem dela nua volta a invadir minha cabeça. Óbvio que eu começo a ficar duro de novo. Estou desde ontem à noite com o saco doendo, e nem a punheta que eu toquei no banho há menos de dez minutos, obviamente pensando nela, ajudou. Isso é o que eu mereço por tentar fazer a coisa certa.

Me jogo no sofá, pensando quanto tempo eu vou conseguir resistir. Mas, como tem acontecido em looping desde ontem, a crise de consciência não demora a substituir o tesão descontrolado quando lembro do quanto Laney está emocionalmente frágil nesse momento. Rejeitada pelo namorado, tendo visto o cara que ela gosta com outra mulher, lidando basicamente sozinha com os sintomas de uma doença que a deixa insegura e ansiosa.

Lembro da maneira comovida como ela me encarou quando estava se debatendo com a vergonha na questão dos lenços no jantar, sendo que eu apenas fiz o que qualquer pessoa minimamente empática faria: eu a ajudei a se sentir mais à vontade com a situação. Eu juro que o olhar dela para mim carregava tanta surpresa e gratidão que eu fiquei me perguntando o que as pessoas na vida dessa mulher andam fazendo por ela.

Laney é uma garota doce, que sonha em casar, ter filhos, que gosta de sexo romântico e declarações de amor. Que se ressente do pai por ter sido ausente durante toda a sua vida, que busca estabilidade a todo custo — o que é totalmente compreensível. Laney Abernathy quer e merece ser amada, cuidada e protegida.

Quão canalha eu preciso ser para mandar isso tudo à merda e fodê-la como se não houvesse amanhã apenas para saciar um desejo meu? Não, isso é demais. Prefiro ter que lidar com essa frustração de proporções estratosféricas do que magoar a pessoa que menos merece ser magoada.

Sou arrancado dessa espiral de pensamentos quando a porta do banheiro se abre e ela sai de lá com o cabelo úmido, usando um short branco e uma blusa azul escura elegante, mas cujo decote discreto mostra a parte superior dos seios empinados o suficiente para me fazer ter vontade de lamber a pele exposta.

Excelente, estamos de volta à outra extremidade do ciclo — aquela parte em que eu me torturo com a vontade de atacá-la como um animal no

cio. Assim que Laney passa por mim e para em frente à sua bagagem, eu levanto do sofá num movimento único e pergunto:

— Está pronta? — Meu tom sai um pouco ríspido, mas não estou em condições de ser gentil nesse momento.

Laney para de mexer na mala e levanta os olhos para mim.

— Hugh, está tudo bem?

— Tudo ótimo, mas nós precisamos descer para tomar café.

Ela continua me encarando, agora com a testa franzida.

— Confesso que eu não imaginava que alguém tão de boa com a vida como você tinha mau-humor matinal.

Melhor mesmo que ela pense que é esse o motivo.

— Pois é, mas eu tenho. Vamos?

Balançando a cabeça e escondendo um sorriso, Laney volta a arrumar as coisas na mala. Em seguida, endireita a postura e pega a bolsa.

— Pronto, vamos descer. Quem sabe depois de comer seu humor não melhora?

Eu apenas resmungo alguma coisa enquanto saímos do quarto e andamos até o elevador. Dentro da caixa de metal apertada, eu mantenho o rosto virado para o outro lado, sentindo o olhar de Laney sobre mim.

Sei que estou sendo injusto, já que a culpa não é dela. Mas não posso correr o risco de tê-la perto demais, ou acabarei perdendo a cabeça e indo contra tudo que eu racionalmente já decidi ser o melhor a se fazer.

Conforme atravessamos o corredor no andar térreo na direção do terraço dos fundos, sinto a mão dela entrelaçando os dedos nos meus e meu corpo enrijece na mesma hora.

Antes que a gente consiga entrar no espaço já ocupado por algumas outras pessoas do time, Laney para bruscamente e puxa minha mão, me fazendo parar também. Ela dá dois passos para trás, o que faz com que fiquemos parcialmente escondidos por uma pilastra e uma planta.

— Isso não vai dar certo — ela dispara, séria. — Bastou eu segurar sua mão para você começar a andar como um Robocop com artrose. Algo claramente está diferente desde o que aconteceu ontem à noite e, ou a gente conversa sobre isso, ou em poucos minutos todos naquele salão saberão que algo está errado.

Eu solto um longo suspiro frustrado e seguro a base do nariz entre os dedos.

— Você tem razão. Estou agindo como um babaca, desculpe.

As feições dela suavizam um pouco.

— Está desculpado. — Os olhos verdes procuram os meus, honestos e diretos como sempre. — Me fala o que está acontecendo, Hugh. Acima de tudo, gosto de pensar que somos amigos, e amigos são sinceros um com o outro.

E agora eu me sinto um merdinha infantil por ter agido da forma como eu agi, ao invés de simplesmente abrir o jogo com essa mulher fantástica, que lida com as situações desafiadoras como uma profissional.

— Laney, é mais simples do que parece. — Agora quem sustenta seu olhar sou eu. — Estou maluco de tesão por você, a situação escalonou para algo fora de controle muito rápido. Desde ontem, eu só consigo pensar em te foder, mas tenho plena consciência de todos os motivos pelos quais isso seria uma puta sacanagem da minha parte. Só estou tentando manter um pouco de distância para preservar minha sanidade, mas fiz isso do pior jeito possível. Prometo que não vou mais agir assim. Sou um homem adulto, capaz de conter os próprios impulsos, e vou me comportar como um.

Ela sorri, mas nada nesse sorriso é convencido ou arrogante. Laney parece genuinamente feliz com o meu desabafo, e nada além disso.

— Eu também tenho tido dificuldade de resistir a você, Hugh. E, por mais que eu entenda seus motivos, confesso que preferiria que você fosse menos honrado.

Solto um gemido frustrado, porque esse é o tipo de coisa que ela não deveria dizer. Antes que eu consiga responder, Laney continua:

— Mas vou respeitar sua decisão e prometo não ficar te provocando, tudo bem? A última coisa que a gente precisa é de um clima ruim entre nós. Já basta o estresse de toda a situação.

— Obrigado. — Eu sorrio. Como é bom lidar com pessoas maduras.

— Agora, me dê sua mão — ela pede, e eu obedeço. Laney entrelaça os dedos nos meus de uma forma carinhosa, mas cumprindo a promessa de não me tentar desnecessariamente. — Pronto. Podemos ir?

— Podemos.

Entramos juntos no terraço, onde está sendo servido o café da manhã. Como a mesa de Nico e Ryker está ocupada por mais dois jogadores, nós buscamos outra mais vazia. Encontramos dois lugares na mesa de Marco Suarez, *tight end* do time, e sua esposa.

A refeição transcorre sem maiores transtornos. Continuo tendo dificuldade de manter meu olhar longe da bunda de Laney quando ela

levanta para se servir, ou de não ter vontade de limpar a gotinha de iogurte no canto do seu lábio com a minha língua. Ainda assim, eu sorrio para as pessoas e paro completamente de agir como um cavalo chucro com a garota. Sim, a essa altura, eu estou me dando os parabéns por conseguir fazer o mínimo.

Depois do café, os homens decidem sair para jogar golfe. O grupo está reunido no limite entre o terraço e o gramado, alguns jogadores já se despedindo de suas esposas ou namoradas. Eu me viro para Laney e sussurro no seu ouvido:

— Posso ficar te fazendo companhia.

Ela sorri e faz um gesto com a mão.

— Não precisa. Ficarei conversando com Camila, pode ir se divertir com seus amigos.

Camila Suarez é a esposa de Marco, uma mulher agradável e nem um pouco esnobe, assim como o marido. Os dois estão bem ao nosso lado.

— Nos vemos mais tarde, então? — pergunto.

— Sim, não precisa ter pressa. Ficarei bem.

Nesse instante, Marco se inclina e dá um beijo na mulher, antes de me chamar.

— Se despede logo da sua garota e vamos embora, Hugh.

Eu olho para Laney, e tenho certeza de que ela percebeu o mesmo que eu. Vai parecer muito estranho se eu apenas acenar e virar as costas, casais de namorados se beijam em situações assim.

Ela faz um gesto quase imperceptível de concordância antes de engolir com algum esforço. Seu rosto é um misto de medo da rejeição e expectativa, o que só aumenta minha vontade de beijá-la.

O certo seria que eu apenas lhe desse um selinho rápido, o que já bastaria para os propósitos da encenação. Contudo, eu não sei quando ou se eu terei a chance de beijar Laney novamente, e a imagem que eu quero que ela leve de mim não é a de um beijinho sem graça. Posso estar sendo um babaca egoísta? Posso, mas não vou perder a chance de dar nela um beijo que a faça se lembrar de mim pro resto da vida, como eu sei que me lembrarei dela. Como não temos muito tempo, não será um beijo lento como eu gostaria que fosse. Mas será inesquecível.

Aproximo meu corpo do dela e a envolvo pela cintura, como eu fiz naquele dia na porta do seu prédio. A outra mão vai até sua nuca, por baixo do cabelo. Eu desço o rosto, observando cada nuance das íris verdes. Noto o

exato instante em que Laney se entrega sem reservas, um segundo antes de fechar os olhos.

Minha boca encontra os lábios cheios com os quais eu venho sonhando há dias. Eles são macios como eu imaginei que seriam, talvez mais. Ela tem cheiro de flor e fruta misturadas, se é que isso faz algum sentido. Assim que minha língua invade sua boca, Laney suspira, segurando meus braços como se estivesse com medo de cair. Meu polegar desliza pelo seu pescoço, e eu sinto a pulsação tão acelerada quanto a minha.

Esqueço completamente do mundo ao redor. Mergulho nesse beijo como mergulharia ao encontrar um oásis no deserto, depois de um dia inteiro andando na areia escaldante. Beijar Laney Abernathy, minha namorada falsa, a melhor amiga da minha irmã, é uma das coisas mais deliciosas que eu já fiz na vida, e não quero que acabe.

Comprimo seu corpo contra o meu e ela solta um gemidinho baixo, que vibra diretamente no meu pau já completamente duro. Essa mulher me deixa maluco.

— Nash, sério, arruma um quarto. — A voz divertida de Suarez me arranca desse universo paralelo onde eu estive nos últimos segundos.

Muito a contragosto, eu afasto a boca da de Laney, levando uma mão ao seu rosto e fazendo um carinho na bochecha corada. Ela abre os olhos com dificuldade, como se também não quisesse voltar ao mundo real.

Nós sorrimos um para o outro. E a única coisa que eu quero fazer agora é beijá-la outra vez. Inferno.

— Nos vemos mais tarde? — pergunto, com a voz rouca.

— Uhum — ela responde, ainda meio aérea.

Eu deixo um último beijo na sua testa e me afasto, relutante. Só sobramos eu e Suarez para trás, então vamos atravessando o gramado juntos em direção ao campo de golfe. Ele olha para mim, me analisando de cima a baixo, e explode numa risada contida.

— O que foi, cara? — eu pergunto, ainda com a cabeça naquele beijo.

— Há quanto tempo você e Laney estão juntos mesmo?

— Dois meses. Por quê?

Ele balança a cabeça, ainda rindo.

— Nada. Estou tentando lembrar quando foi a última vez que eu fiquei de pau duro desse jeito beijando minha mulher em público.

Eu levo a mão à bermuda, olho para baixo e vejo que ele tem razão. Ainda estou tão fora do ar que nem reparei nesse detalhe. Rindo, aproveito

que não há ninguém por perto para enfiar a mão dentro da roupa e me ajeitar como dá.

Voltamos a andar, e Suarez quebra o silêncio.

— Você nunca namorou sério, não é, Nash?

— Não.

Ele assente, pensativo.

— Com ela, pode acreditar que vai durar — meu colga de time afirma. — Eu não me surpreenderia se, daqui a alguns meses, eu fosse convidado para o seu casamento.

Eu rio.

— O tamanho da ereção é um indicativo de duração dos relacionamentos? — brinco.

Ele sorri, me olhando de um jeito esquisito.

— Não foi essa a razão do meu comentário.

Continuamos andando, já chegando perto do lugar onde os outros membros do time estão.

— Qual foi, então? — pergunto, entre divertido e curioso.

— Vocês olham um para o outro como se nada mais existisse. A única vez em que eu olhei assim para uma garota, fui esperto o suficiente para torná-la minha esposa.

20

LANEY

— O QUE VOCÊ ACHA, Laney? — A voz suave de Camila me traz de volta à realidade.

— Oi? Desculpe, eu estava distraída. — Sorrio, meio sem jeito.

Na verdade, eu não estou distraída. A sensação é de que, desde o beijo avassalador que Hugh Nash me deu há mais de uma hora, meus neurônios entraram em curto circuito.

— Eu estava comentando que, em menos de um mês, começará o *training camp* — Camila repete, paciente. — Marco está ansioso, como acontece em todos os anos.

— Ah, sim. Hugh... — me dou conta de que quase não conversamos sobre futebol — também está.

A conversa continua, mas meu cérebro desliga outra vez. Estou sentada numa mesa no pátio externo, tomando drinques com algumas das esposas e namoradas, mas eu poderia estar numa nave espacial a caminho de marte que não faria a menor diferença. A única coisa que ocupa completamente meu pensamento é a pressão firme e quase possessiva da boca de Hugh contra a minha.

Eu mal tenho pensado em Norman nos últimos dias, mas agora foi inevitável fazer uma comparação. Nossos beijos eram carinhosos, românticos, mas nunca foram *assim*. Meu ex-namorado nunca me deu a sensação de que não conseguia ter o suficiente de mim, que precisava de *mais*. Pelo contrário: eu ficava feliz por acreditar que eu sempre fui suficiente. Até que ele precisou de mais, só que esse *mais* não era eu.

Já com Hugh, foi algo completamente diferente. Ele não apenas me beijou. Aquele homem me saboreou, me devorou, me possuiu com a boca. Pelo tempo que durou o beijo, eu era dele, só dele, e ainda assim não parecia bastar. E senti que ele também era apenas meu. Mesmo que por menos de um minuto, Hugh Nash foi meu, e a sensação foi indescritível.

— Vocês estão juntos há quanto tempo?

A pergunta fica no ar, e eu levo alguns segundos para perceber que foi para mim. O questionamento partiu da loira que conheci ontem, durante o jantar. A filha do administrador do time.

— Há pouco mais de dois meses — respondo, mantendo o que eu e Hugh combinamos.

— Bem recente — ela comenta, num tom quase melancólico.

Algo na maneira como essa garota olha para Hugh me chamou a atenção ontem, e o jeito quase derrotado com que ela fala comigo só reforça a impressão de que existe alguma coisa que eu não sei.

— Mas eles estão claramente apaixonados — Camila interfere, com um sorriso gentil, e em seguida pisca para mim. — Aliás, o que foi aquele beijo no jardim?

Eu enrubesço um pouco, porque agora virei o centro das atenções na roda.

— Hugh é um cara bem... passional — explico, porque o beijo foi mesmo intenso.

Lauren, a namorada de outro jogador, ri.

— Confesso que não achei que nenhum dos meninos do *The Dangerous Trio* fosse namorar tão cedo. Com aquele status de celebridade, é fácil se acostumar a uma vida louca.

Eu apenas sorrio, porque não tenho ideia do que seja *The Dangerous Trio*, e provavelmente é algo que eu deveria saber. Faço uma nota mental para pedir que Hugh converse mais comigo sobre a sua profissão.

— Eu já apresentei algumas amigas a eles nas famosas festinhas na casa do Marchesi, mas nunca evoluiu para nada sério — uma namorada novinha que eu não lembro o nome comenta. — Lockhart nunca fica com ninguém, e os outros dois eram adeptos dos casos de uma noite só.

A maior parte das mulheres riem, e eu acompanho por educação. Ainda que meu relacionamento com Hugh seja falso, não é agradável ficar ouvindo histórias dele com outras garotas.

— Acho que podemos falar sobre outra coisa, não? — Camila interfere, com firmeza e educação. — O passado dos nossos namorados e maridos ficou para trás, e o que importa é o agora.

— Tem razão — Lauren bebe um gole de seu drinque. — Não nos faz bem nenhum ficar lembrando dessa fase de putaria antes de nos conhecerem.

A garota novinha ergue seu copo.

— Um brinde a nós, sortudas que ganhamos o coração desses homens maravilhosos.

Eu acompanho as demais no brinde, ainda que me sinta meio deslocada nesse momento. Como em qualquer ambiente ou contexto social, algumas das mulheres são simpáticas, gentis e educadas, mas outras não parecem ter muito em comum comigo.

A maneira como se vestem e se comportam diz muito sobre sua personalidade, e pelo menos metade delas não são pessoas com quem eu tenho qualquer afinidade. Procuro focar minha atenção em Camila e algumas outras esposas um pouco mais velhas, na faixa dos 30. Essas me deixam mais à vontade.

Após umas duas horas no pátio, somos chamadas para almoçar. Enquanto andamos até o prédio principal do hotel, eu pergunto discretamente a Camila:

— Sabe se os homens vão almoçar com a gente?

Ela assente.

— Imagino que sim. O jogo de golfe já deve estar terminando.

Eu solto o ar, num misto de alívio e ansiedade. Não que estar na presença das outras mulheres tenha sido ruim, mas estar perto de Hugh me acalma. No café da manhã, ele já me perguntou sobre os lenços assim que sentamos, e nós dois limpamos nossos talheres com tanta naturalidade que o casal Suarez pareceu nem notar.

Hugh tem esse jeito peculiar de me fazer sentir ao mesmo tempo segura e completamente desconcertada, mas de um jeito bom. Desde ontem, fico ansiando por qualquer situação onde ele precise me tocar, ainda que seja para manter a farsa. Só que, depois do beijo, as coisas atingiram outro patamar, e agora eu não sei se conseguirei sobreviver sem descobrir como seria ir para a cama com Hugh Nash.

Justamente quando estou pensando nisso, eu o vejo se aproximando da sede do hotel, conversando com Nico e Marco. Quando nossos olhares se cruzam, o canto da boca máscula se levanta, como se estivesse pensando na mesma coisa que eu. Ou seja, indecências entre os lençóis daquela king size magnífica.

Meu corpo inteiro esquenta, e eu começo a me abanar sem perceber.

— Está com calor? — Camila me pergunta. — Estou achando o dia tão fresco hoje.

Eu olho para ela, com um sorriso forçado.

— Pois é, sou bem calorenta. — O que é uma grande mentira em todas as situações que não envolvam fantasias sexuais com meu suposto

namorado.

Hugh finalmente chega ao terraço e vem direto na minha direção. Antes que eu consiga dizer qualquer coisa, ele envolve minha cintura, desliza a mão livre pelas minhas costas e enterra o rosto no meu pescoço, inspirando meu cheiro. Eu o abraço de volta, com a frequência cardíaca em patamares perigosamente altos.

Fecho os olhos, cada vez mais convencida de que o abraço de Hugh é melhor do que qualquer outro que eu já tenha experimentado. Assim que ele me solta, fico esperando que me beije, mas Hugh apenas mantém uma mão na minha cintura e me encara com um meio sorriso.

— Como foi o jogo? — pergunto, por não saber o que dizer.

— Ótimo. E sua manhã?

— Divertida. — Não vou ficar incomodando-o com meu desconforto em relação a algumas das esposas e namoradas.

— Está com fome? — Ele aponta com a cabeça para as mesas já arrumadas. — Estou faminto.

— Eu também — minto. Meu estômago está dando cambalhotas nesse momento, então não tenho nem tanta certeza de que conseguirei comer.

Ainda assim, todos nós ocupamos as mesas e o almoço é servido. Dessa vez, nos sentamos novamente com Nico e Ryker, o que eu acho um alívio. Além de Camila, eles dois são as pessoas com quem eu me sinto mais à vontade aqui.

Depois da refeição, vários de nós nos acomodamos nos sofás e ficamos por um bom tempo apenas conversando. Hugh puxa meu corpo para junto do seu e mantém um braço ao redor dos meus ombros por todo o tempo, brincando com mechas do meu cabelo ou deslizando os dedos distraidamente pelo meu braço. Eu aproveito para colocar uma mão sobre seu peitoral largo, sentindo as batidas calmas do coração sob o meu toque.

No final da tarde, algumas pessoas decidem ir até o estande de tiro ao alvo, localizado a alguns metros do prédio principal.

— Topa ir? — Hugh me pergunta.

— Por que não?

Nos juntamos a um grupo de oito pessoas e vamos até o local. Chegando lá, Hugh me surpreende ao perguntar:

— Quer que eu te ensine a atirar?

Eu nunca, jamais, me imaginei disparando uma arma. Até porque, colocar a mim mesma ou outras pessoas em risco é sempre uma questão

para mim. Mas quer saber? Eu nunca me imaginei fazendo uma porção de coisas, e começo a ter a sensação de que eu perdi mais do que pensava. Hugh me transmite segurança o suficiente para arriscar algumas coisas novas.

— Quero. — Ajeito a postura. — Quero aprender a atirar.

Hugh sorri, como se estivesse orgulhoso de mim, mas não de um jeito condescendente. Logo em seguida, se afasta e retorna poucos minutos depois com o protetor de ouvido e uma pistola. Ele se posiciona atrás de mim para me ensinar a segurar a arma.

— Afaste suas pernas e posicione seu pé dominante um pouco mais à frente — ele orienta. Como sou destra, avanço um pouco o pé direito. — Muito bem. Agora, segure a pistola primeiro com a mão direita. Seu objetivo é posicioná-la o mais alto possível no cabo para minimizar o chicote. Assim.

Ele está por trás de mim, seu corpo quase completamente colado ao meu. É bem difícil prestar atenção em qualquer outra coisa, mas eu me esforço.

— E agora? — pergunto.

— Agora, sua mão esquerda envolve a direita. Isso aí. Eleve a arma até a altura dos seus olhos. Está vendo que há uma bolinha na ponta e uma espécie de U na parte mais próxima a você?

— Sim.

— Posicione a arma de forma que você enxergue a bolinha dentro do U.

Eu faço o que ele pediu.

— Pronto.

— Excelente. Por último, mire no alvo lá do outro lado. Assim que eu me afastar, você aperta o gatilho. — Ele coloca os protetores sobre os meus ouvidos.

Concentrada, eu faço exatamente como Hugh explicou. Respiro fundo, posiciono a arma no lugar certo e... *bam*! A força que o revólver faz para trás é tão forte que o tiro sai numa direção completamente diferente da que eu esperava.

Olho por sobre os ombros, apavorada. Meu coração está quase saindo pela boca, mas Hugh está rindo. Eu tiro o protetor.

— Você está achando engraçado? Eu quase morri de susto!

Ele chega mais perto e faz um carinho no meu rosto. Sei que há pessoas ao nosso redor, mas não consigo deixar de lado a sensação de que esse gesto

foi para mim, e mais ninguém.

— Relaxa, Laney. Acontece com todo mundo na primeira vez em que atira. Depois de algum tempo de prática, você acostuma. Quer tentar de novo?

Eu olho para a arma na minha mão.

— Quero.

Nossa, como estou destemida hoje.

Nós repetimos o processo durante um bom tempo. No fim das contas, Hugh não atirou nem uma vez, mas não parece incomodado com isso. Lá pela minha vigésima tentativa, eu finalmente consigo acertar o alvo. Na parte mais externa, mas, ainda assim, no alvo.

Eu arranco o protetor de ouvido sorrindo como uma doida.

— Você viu isso?! — exclamo, empolgada demais para me conter.

Hugh também está sorrindo, e seu sorriso cresce ainda mais ao ver a minha alegria.

— Eu vi. Praticamente uma *sniper*. — Assim que eu solto a arma, ele me abraça. — Parabéns, garota.

O que começa como um abraço de comemoração entre amigos acaba durando tempo o suficiente para se transformar em algo a mais. Sinto sua respiração pesada no meu pescoço, e cada centímetro de pele arrepia. O corpo musculoso envolve completamente o meu, e o cheiro másculo invade minhas narinas como uma droga entorpecente. A boca de Hugh desliza pela minha mandíbula devagar, e eu sei que ele vai me beijar. Está quase lá.

— Pessoal, vamos fechar — o funcionário do hotel avisa.

Nós nos afastamos no susto, como se tivéssemos sido flagrados fazendo algo proibido. Meio sem jeito, notamos que todos os outros já foram embora, então saímos do galpão sozinhos.

No caminho de volta até a sede, não trocamos nenhuma palavra, nem nos encostamos. Subimos até o nosso andar ainda em silêncio, mas meu coração começa a martelar o peito em expectativa quando nos aproximamos da porta do quarto.

Hugh a abre e me dá passagem. Eu entro e espero, as mãos suadas de nervoso. Quero demais que ele deixe sua resistência de lado e me arraste para aquela cama. Quero que ele me mostre formas inéditas de sentir prazer, porque a essa altura eu já tenho certeza de que o sexo com Hugh Nash não será comparável a nada que eu vivi com Norman.

Mas eu quero que a iniciativa seja dele. Já me ofereci duas vezes e fui recusada. Por mais que eu saiba que os motivos dessa recusa são nobres e altruístas, não quero ser rejeitada outra vez. Então, eu apenas aguardo.

Depois de fechar a porta com um clique suave, Hugh sorri para mim, mas o sorriso não alcança seus olhos.

— Se importa que eu tome um banho rápido primeiro? — ele pergunta. — Os caras combinaram de tomar um uísque antes do jantar. Você pode me encontrar no bar do hotel quando estiver pronta.

A decepção é tão grande que eu preciso virar de costas e fingir que estou arrumando algo na mala para que ele não veja o turbilhão de sentimentos nos meus olhos.

— Claro — respondo, num tom jovial. — Fique à vontade, eu te encontro mais tarde.

Ele assente, pegando as roupas no pequeno closet e em seguida se trancando no banheiro. Assim que eu ouço o barulho do chuveiro, arrio no chão e enterro a cabeça entre os joelhos. Eu realmente preciso parar de criar expectativas.

21

HUGH

— EU ESTOU com um puta problema — disparo assim que sento na banqueta do bar do hotel, vazio exceto por Nico e Ryker.

— Fala, garoto. — Marchesi bebe um gole de uísque. — Tio Nico vai te ajudar com seus dilemas.

Eu peço outro ao barman e viro para os dois.

— Vou acabar fazendo uma besteira com a Laney.

— Que tipo de besteira? — Ryker pergunta, me encarando com tranquilidade.

— Do pior tipo possível. Como, por exemplo, fodê-la a noite inteira, até que não eu tenha mais energia nem para respirar.

Nico dá uma risadinha escrota.

— Quem diria, Hugh Nash de bolas azuis. Eu vivi para ver isso.

Mostro o dedo do meio.

— Algum dia, você vai querer comer uma mulher e não vai poder. Ficarei feliz de te lembrar desse dia.

Marchesi sacode a cabeça, com as sobrancelhas unidas e um meio sorriso.

— Nunca será. Não há uma mulher viva — solteira e hetero, naturalmente — que resista ao charme de Nico Marchesi.

Eu reviro os olhos.

— Eu poderia argumentar que é *claro* que existe, mas vou dizer algo diferente: a Laney *quer* me dar. *Esse* é o maior problema.

Nico cruza os braços.

— Não entendi por que isso seria um problema.

Ryker dá um tapa na nuca do *quarterback*.

— Porque o cara não quer ser escroto com a garota, mané — ele explica o óbvio.

Marchesi faz um *pfff*.

— Fala sério, Nash. Se a mulher também tá a fim, cai dentro. Desde que ela saiba onde está se metendo, garanto que ia curtir uns orgasmos de brinde pela hospedagem.

Ryker olha para o teto, como se pedisse paciência divina, e eu olho para o líquido âmbar no meu copo.

— Não é tão simples, cara. Ela é toda romântica, tem o lance lá com o ex...

Nico segura meu braço com firmeza.

— Porra, Nash, na boa. Sei que não sou o melhor conselheiro de relacionamentos — Marchesi ignora as sobrancelhas erguidas de Ryker na sua direção, porque dizer que não é o *melhor* é o eufemismo do século —, mas eu vi a forma como a garota te olha. *Brother*, ela pode ser apaixonada pelo ex, mas o babaca terminou com ela para comer outras mulheres. Laney pode querer fazer o mesmo, é um direito dela. Se está claro para a gata que vocês não vão namorar de verdade e, ainda assim, ela tá a fim, dê o que a mulher está querendo. Você está complicando o que era para ser simples.

Eu olho para Ryker, que dessa vez apenas ergue um ombro. Será que essa ideia de Nico faz algum sentido ou eu apenas estou me agarrando ao que eu gostaria desesperadamente de ouvir?

— E se for uma merda? — pergunto.

Nico dá uma risadinha.

— Se você não tiver esquecido como fazer uma mulher gozar, não vai ser uma merda, meu amigo. Ao menos, não para ela. Agora, se for ruim pra você, aguenta calado e não repete a experiência. Pronto.

Não vai ser ruim pra mim. Não sei como, mas eu tenho certeza disso. Meu receio é assustá-la com uma intensidade à qual ela não está acostumada. Bebo um longo gole do uísque.

Eu não sou um animal. Posso até preferir um sexo mais bruto, mas vou fazer o impossível para me controlar e ser gentil com Laney. Não consigo ser romântico, porque nem sei fazer essas merdas, mas posso tentar ser cuidadoso. Talvez baste.

Respiro fundo, um pouco tenso. Não consigo me lembrar quando a perspectiva de transar com uma mulher me deixou nervoso, mas agora está deixando. Pra caralho.

Nesse momento, uma imagem atrai minha atenção. Uma ruiva fenomenal está andando na nossa direção. Ela está usando um vestido preto longo, com uma fenda lateral que deixa parte da coxa à mostra. O decote é sensual e elegante ao mesmo tempo, e os peitos que me deixam fissurado apenas se insinuam discretamente nele. O cabelo está preso num coque meio bagunçado, o que faz com que o pescoço fique à mostra.

Eu juro por Deus que começo a salivar.

Laney se aproxima, cumprimenta meus amigos e em seguida me pergunta:

— Vamos para o restaurante agora ou prefere que eu vá na frente?

Apesar das palavras neutras e do sorriso educado, eu percebo que ela está diferente. Mais fria, algo que só é perceptível para quem a conhece um pouco melhor.

— Eu vou com você. — Olho em seguida para os meus amigos.

Ambos viram o restante da bebida e levantam.

— Vamos também — Nico avisa.

Andamos até o restaurante, eu e Laney dois passos à frente dos outros dois. Eu passo uma mão ao redor da sua cintura e sussurro no seu ouvido:

— Você está um espetáculo.

Ela enrijece e se afasta do meu toque de maneira discreta.

— Obrigada.

Algo está errado, e eu não tenho a menor ideia do que seja. Só sei que isso é um péssimo começo para a decisão que eu acabei de tomar de deixar as coisas fluírem entre nós.

Nos acomodamos na mesa, seguimos nosso ritual de limpeza dos talheres, ao qual Nico e Ryker também aderiram sem questionar, e conversamos sobre amenidades enquanto o jantar é servido.

Antes da sobremesa, George Sullivan pede a atenção dos presentes e faz um discurso de agradecimento, reforçando o quanto ele considera a todos nós como se fôssemos sua própria família. Durante a fala, nós nos viramos na direção da sua mesa e eu aproveito para passar um braço sobre as costas da cadeira de Laney. Diferente das outras vezes em que eu fiz isso, ela agora não parece curtir muito minha atitude, e eu acabo retirando o braço pouco tempo depois.

Uma mistura de confusão e frustração vai tomando conta de mim. Eu queria poder conversar com ela sobre o que está acontecendo, mas aqui não dá. O jantar se arrasta por mais algum tempo, e eu dou graças a Deus quando todos começam a levantar.

— O pessoal do hotel acendeu uma fogueira lá no pátio externo — Camila avisa, animada. — Está uma noite linda! Vamos até lá?

Minha vontade é responder um sonoro não, mas alguns casais já começam a se dirigir para o local para aproveitar o clima romântico.

— Claro, por que não? — respondo, a contragosto.

Chegando ao pátio, vejo algumas espreguiçadeiras duplas posicionadas ao redor da fogueira. O céu realmente está lindo, todo estrelado, e uma brisa fresca sopra. As noites no deserto são sempre mais frias. Laney se encolhe e eu a abraço, ainda que isso faça com que ela se encolha ainda mais.

Para a nossa sorte, a equipe do hotel colocou mantas dobradas aos pés de cada espreguiçadeira. Eu e Laney nos acomodamos em uma delas e eu puxo a manta sobre nós dois.

Não há uma interação coletiva. Pelo visto, a intenção é propiciar aos casais uma oportunidade de namorar num ambiente diferente, e eu finalmente consigo conversar com Laney em particular.

— Você não quer me contar o que está acontecendo? — eu pergunto, trazendo-a mais para perto do meu corpo ainda que ela esteja rígida e de cara amarrada.

— Não.

Eu rio.

— Olha quem estava reclamando de mim de manhã. Essa é sua maneira madura de lidar com os problemas, Laney Abernathy?

Ela suspira e me encara.

— Posso conversar com você depois, Hugh. Mas não quero fazer isso agora. Tudo bem?

Eu concordo.

— Com uma condição — respondo.

— Qual?

— Que você ao menos relaxe no meu abraço — peço. Ela parece ponderar por alguns segundos, mas, por fim, solta o ar e me abraça de volta, meio a contragosto. Eu sorrio. — Agora sim.

Beijo o alto da sua cabeça, correndo minha mão pelas costas parcialmente expostas pelo decote na parte de trás do vestido.

As espreguiçadeiras estão distantes umas das outras o suficiente para conferir uma certa privacidade. O pátio está bem escuro, exceto pelo fogo alaranjado crepitando, e eu consigo apenas identificar os vultos dos casais se beijando e trocando carinhos sob as mantas.

Para quem tem um relacionamento real, deve ser mesmo uma chance interessante de fazer umas sacanagens discretas em público, o que sempre traz uma emoção adicional à rotina dos relacionamentos.

A vontade de tocar em Laney é quase insuportável, mas não quero avançar limites. Ainda assim, minha mão começa a descer um pouco mais a

cada vez que desliza pelas costas macias, se insinuando na bunda redonda. Fico esperando uma reação, algum sinal de desconforto, e eu pararia imediatamente. Só que esse sinal não vem.

Pelo contrário, Laney solta um suspiro trêmulo contra o meu peito quando minha mão dá um leve aperto na curva do seu traseiro por cima do vestido. Meu pau já ganhou vida há algum tempo, e agora está pressionando a calça com tanta força que tenho medo que a marca do zíper fique ali para sempre.

Poucos minutos depois, ao invés de apertar levemente a bundinha gostosa, eu já estou agarrando com vontade, com a respiração mais pesada. Laney também está ofegante, e desliza uma perna sobre a minha coxa, o que faz com que a saia do vestido levante e a fenda suba tanto, que chega quase ao seu quadril. Mesmo com medo de que ela se esquive, eu arrisco e deslizo minha outra mão devagar pelo braço que está apoiado na minha cintura, até alcançar o peito. Roço os dedos de leve sobre o tecido do vestido, buscando o mamilo já durinho, e Laney solta um gemido contido. Ela muda um pouco a posição para me dar mais acesso, e eu sorrio no escuro.

Deslizo a alça fina devagar, sempre por baixo da manta, até expor completamente um seio. Uma pena que eu não possa ver, mas minha mão escorrega pelo montinho pequeno até encontrar o bico excitado. Eu o prendo entre os dedos e aperto, provocando em Laney um estremecimento delicioso.

Ela então me surpreende ao subir a saia do vestido até embolar na cintura. Em seguida, começa a se mexer, esfregando timidamente a boceta na minha coxa por cima da calça.

Puta que pariu. Ela está se masturbando na minha perna.

Eu solto um grunhido baixo e aperto sua bunda com força, agora sem o tecido do vestido para atrapalhar. Como já liguei o foda-se, levo a outra mão até o meio das pernas de Laney, que ofega quando percebe minha intenção. Sem dizer uma palavra, ela para de se esfregar, muda um pouco o ângulo e se arreganha para mim como consegue por baixo da manta.

Eu estou prestes a explodir na boxer como um adolescente, porque eu juro que essa é uma das coisas mais eróticas que eu já fiz em toda a minha vida. A calcinha pequena está completamente melada, e eu preciso prender o ar para tentar manter algum controle.

Eu afasto o tecido fino para o lado e deslizo o dedo pela boceta lambuzada, arrancando de Laney um gemido mais alto.

— *Shhhh* — eu sussurro, rindo, e ela agarra minha camisa, enfiando o rosto ali.

Roço os dedos devagar, fascinado com a textura lisa e lubrificada. Quando enfio um dedo dentro dela, Laney solta outro gemido abafado contra o meu peito. A merda é que minhas duas mãos estão ocupadas, porque a vontade de segurar meu pau é quase insuportável.

Deixo meu dedo entrar e sair da bocetinha apertada, ao mesmo tempo em que o polegar massageia o clitóris inchado. Os gemidos baixos e abafados de Laney se transformam em choramingos, e ela começa a tremer nos meus braços. Segundos depois, sinto suas paredes se contraindo ao meu redor e começo a respirar pesado, com a mandíbula travada na tentativa de manter algum controle.

Ter essa mulher gozando na minha mão é fenomenal, mas tudo que eu consigo pensar é em senti-la gozar na minha boca e no meu pau.

Assim que os espasmos cessam, eu a ajudo a arrumar a roupa e então sussurro no seu ouvido:

— Vamos para o quarto, Laney. Agora eu vou te dar a melhor foda da sua vida.

22

LANEY

QUANDO FOI a última vez que eu fiquei fora de órbita desse jeito depois de um orgasmo? Ah, essa é fácil: *nunca*.

A mão grande de Hugh segura a minha com firmeza conforme atravessamos o gramado em direção à sede do hotel. Já é praticamente um milagre minhas pernas estarem me sustentando, então não vou reclamar do fato de que meu andar está tão vacilante que ele tem que praticamente sustentar meu peso com seu aperto firme.

Ao chegarmos ao terraço dos fundos, Hugh desvia das mesas e empurra cadeiras sem muita paciência, como se cada obstáculo que enfrentamos até chegar ao quarto o irritasse um pouco. Jamais alguém demonstrou tanta urgência para estar comigo, e a sensação é simplesmente inebriante.

Cruzamos o corredor até o elevador, que felizmente está aberto no térreo. Assim que as portas se fecham, Hugh me imprensa contra a parede espelhada, segura minha nuca e assalta minha boca pela segunda vez, sem pedir licença. Eu envolvo seu pescoço, tomada pela mesma ansiedade. Sua mão livre se enfia por baixo do meu vestido e aperta minha bunda com força, e eu solto um choramingo de prazer.

— Gostosa pra caralho — ele rosna contra os meus lábios, antes de me beijar outra vez.

O apito suave nos desperta desse furacão de sensações e ele me puxa para o quarto. Passa o cartão com pressa na fechadura e empurra a porta, que se choca contra a parede. Eu realmente não tinha ideia do que era ser desejada com fervor até essa noite.

Assim que entramos no cômodo, Hugh acende todas as luzes.

— Foda-se o clima romântico, Laney. Eu não quero perder a chance de ver nem um pedacinho do seu corpo.

A frase arranca de mim um suspiro trêmulo, que é imediatamente abafado pela boca de Hugh novamente na minha. Os braços musculosos me tiram do chão, e eu envolvo sua cintura com as pernas. Isso acaba fazendo com que o vestido suba, se embolando parcialmente no meu quadril.

Hugh não perde tempo em apertar minha bunda outra vez, enquanto me carrega no colo até a cama. Ele inclina o corpo e caímos juntos sobre o

colchão macio.

A boca exigente se descola da minha e começa a descer pelo meu pescoço. A barba roça na pele sensível e me provoca um arrepio delicioso.

— Eu juro que queria ser mais paciente, Laney. — Ele me morde. — Mas não dá, não com o tesão descomunal que eu sinto por você. — Outra mordida, mais leve dessa vez. — Então, se eu estiver sendo bruto demais, se eu te machucar, se não estiver sendo bom, eu quero que você me diga.

Eu jogo a cabeça para trás, embrenhando as mãos nos fios macios do seu cabelo conforme ele desce uma alça do meu vestido e expõe um seio.

— Eu quero que você faça tudo que tiver vontade — peço. — Não se contenha, por favor. Eu quero tudo.

Ele solta um grunhido baixo em resposta e abocanha meu mamilo, sugando com força. A sensação é tão surreal e diferente de tudo que já experimentei que um gemido alto escapa da minha boca, me surpreendendo.

Mal me reconheço nessa mulher ousada e sensual que se apoderou de mim desde que Hugh Nash entrou na minha vida. Com ele, eu me sinto tão segura que tenho certeza de que jamais terei outra chance de me soltar desse jeito. Preciso aproveitar.

— Eu sou completamente fascinado pelos seus peitos desde aquele dia na festa da minha irmã — ele murmura, voltando a chupar com vontade.

Eu sorrio.

— Mesmo com o sutiã de joaninhas? — brinco, e Hugh ri contra a minha pele, seu hálito quente arrepiando ainda mais o mamilo sensível.

— Mesmo assim. Para você ver.

A língua estimula o bico excitado com lambidas rápidas, o que faz meu clitóris latejar. A mão de Hugh vai até as minhas costas e desce o zíper do vestido, que ele consegue puxar para baixo sem tirar a boca do meu peito. Eu levanto o quadril para ajudar e, em dois segundos, estou usando apenas a calcinha e a sandália de salto.

Hugh afasta o rosto e me admira, percorrendo cada centímetro do meu corpo com seu olhar, sem pressa dessa vez. Nunca me senti assim, venerada.

— Você é um espetáculo, Laney Abernathy. Um espetáculo. — Ele então repara na calcinha preta de renda, com a lateral muito fina. — Fui eu que paguei por isso?

Seu olhar encontra o meu e eu sorrio com uma pontada de timidez, balançando a cabeça.

— Não, essa fui eu.

— Por quê?

Eu dou de ombros.

— Não achei que você fosse ver, então não me senti à vontade para abusar.

Seus olhos de chocolate derretido se estreitam.

— Que pena.

— Por quê? — pergunto, um pouco ofegante.

— Porque se eu tivesse comprado — ele encaixa um dedo na lateral da peça e levanta de leve — não me importaria de destruí-la.

Cacete, isso é muito erótico. Julia estava coberta de razão.

Eu puxo o ar com força antes de dizer:

— Pois é exatamente o que eu quero que você faça.

Hugh sorri com lascívia antes de dar um puxão súbito, fazendo com que a peça delicada arrebente na sua mão. Eu puxo o ar e prendo a respiração com o susto. Em seguida, ele enfia o dedo na outra lateral e repete o movimento. Dessa vez, eu já estou esperando, então apenas o observo, fascinada. Hugh acaba de rasgar uma calcinha no meu corpo. Uau.

Antes de me tocar outra vez, ele levanta e desabotoa a parte superior da camisa social preta. Seu peitoral definido começa a ficar visível, com a fina camada de pelos. Em seguida, o abdome trincado aparece, e eu solto um gemido baixo.

Meu Deus, como pode ser tão perfeito?

Hugh joga a camisa no chão e abre a calça jeans, retirando-a em seguida. Sua ereção empurra a boxer de uma forma que parece que vai rasgá-la, eu não vejo a hora de senti-lo na minha mão. Em outros lugares, também.

Com uma expressão quase maldosa, Hugh ajoelha na cama e empurra minha coxa com um dos joelhos.

— Agora — ele tira a calcinha arruinada e joga longe — eu vou provar você, Laney. Mas prepare-se, porque não estou com pressa. Não tirarei minha boca da sua bocetinha enquanto você não implorar por alívio.

Eu prendo a respiração e agarro o lençol até as juntas dos dedos ficarem brancas. Hugh se acomoda melhor entre as minhas pernas e sua mão áspera empurra minha outra coxa, deixando-me completamente exposta para ele.

Um dedo corre lentamente pela faixa de pelos e ele sorri com o canto da boca.

— Ruivinha até aqui embaixo, exatamente como eu imaginei.

Meu coração parece um beija-flor, se debatendo enlouquecido na gaiola.

— Você... me imaginou?

Ele solta uma risadinha quase incrédula.

— Ah, minha garota inocente... se você soubesse a quantidade de coisas devassas que eu imaginei em relação a você, provavelmente sairia correndo desse quarto.

Eu coro.

— Talvez eu não saísse.

Hugh esfrega a barba na pele sensível da parte interna da minha coxa, e eu arfo outra vez. Os olhos quentes encontram os meus, num desafio silencioso.

— Então, vamos descobrir se você é uma garota destemida. — Ele chega ainda mais perto da minha entrada e aspira profundamente, fechando os olhos. — Caralho, até seu cheiro é delicioso.

Eu estou pulsando de desejo e antecipação, mas Hugh está cumprindo a promessa de fazer tudo sem pressa. Quando a língua úmida me lambe de baixo para cima, desde o ânus até o clitóris, eu acho que vou desmaiar de prazer.

Meu gemido torturado ecoa no quarto silencioso, ao mesmo tempo em que eu jogo a cabeça para trás e fecho os olhos, apertando o lençol ainda mais forte. Hugh afasta um pouco a cabeça e ri, e eu juro que penso em matá-lo.

— Hugh... — murmuro em tom de súplica.

— O que foi, gostosa? — Ele aperta minhas coxas.

— Não para...

Ele desliza a ponta do nariz de leve sobre o meu clitóris intumescido, provocando uma descarga elétrica.

— Me fala o que você quer que eu faça com você — ele provoca.

Levanto a cabeça para encará-lo.

— Você quer que eu fale coisas... sujas, é isso?

Seus olhos exibem um misto de desejo e divertimento.

— Quero.

Eu nunca falei muito durante o sexo. Na verdade, Norman e eu não falávamos nada. Mas a ideia de dizer algumas coisas que eu nunca me

imaginei falando não me deixa desconfortável. Pelo contrário, só de ver a expectativa de Hugh e o quanto ele parece excitado com essa ideia, vai ficando cada vez mais excitante para mim também.

— Me lambe — peço, e ele sorri, lascivo.

— Seu pedido é uma ordem, delícia.

Antes da minha próxima respiração, os lábios de Hugh envolvem meu clitóris e sugam, me fazendo ver estrelas. Começo a ofegar, porque agora ele não para. Sem que eu perceba, enfia um dedo dentro de mim, entrando e saindo num movimento ritmado enlouquecedor.

Eu já estou completamente suada, trêmula e ofegante. Começo a sentir os prenúncios de um orgasmo e sorrio. Minha alegria não dura muito, porque Hugh afasta o rosto justamente nessa hora.

Levanto a cabeça e o encaro, incrédula.

— O que foi agora? — pergunto, frustrada.

O sorriso sacana se alarga dois milímetros.

— Eu disse que só sairia daqui quando você implorasse.

Filho da mãe.

— Continua, por favor — eu peço, sem forças.

— Ainda não é isso que eu quero ouvir, Laney. Mas a gente chega lá.

Ele então volta a me lamber, com movimentos lentos e calculados. Meu clímax vai se aproximando outra vez, devagar, e, quando estou quase lá, Hugh mais uma vez para.

— Hugh! — eu protesto, com um choramingo. — Não para.

— Diz o que você quer, mulher. Mas faz isso direito.

— Me faz gozar — eu ordeno, olhando no fundo dos seus olhos com determinação. — Agora.

Ele balança a cabeça devagar, aprovando.

— Isso, garota. Você pode ter o que quiser de mim, aprenda isso. É só dar a ordem, e eu te obedeço.

Quando a língua quente e macia volta a me lamber, eu apenas me entrego às sensações extraordinárias. Segundos depois, explodo no orgasmo mais intenso da minha vida, sendo arremessada para outra galáxia sem escalas.

Quando finalmente aterrisso de volta, Hugh está tirando a boxer. Ele pega uma camisinha no bolso da carteira e, quando volta a ficar em pé, meu queixo cai. Eu já tinha percebido que ele era grande, mas não imaginei que

fosse... isso. Seu pau é longo e grosso, apontando para cima. A cabeça é rosada e o comprimento é coberto por veias calibrosas.

Eu não consigo desviar o olhar enquanto ele coloca habilmente o preservativo. Quando Hugh levanta o rosto e me vê encarando-o sem o menor pudor, ele ri.

— Está gostando do que está vendo, Abernathy?

Eu balanço a cabeça, confirmando.

— Você é um fenômeno, Nash.

Ele mantém o sorriso quando volta a subir na cama, engatinhando.

— Você ainda não viu nada, baby. — Com um movimento rápido e inesperado, Hugh me vira de bruços e levanta meu quadril, deixando minha bunda no ar. Ele então debruça o tronco sobre as minhas costas e sussurra no meu ouvido. — Quero que você se lembre disso quando eu estiver enterrado dentro de você.

Ele então leva uma mão até a própria virilha, segura seu pau glorioso e o posiciona na minha entrada.

— Isso... — eu deixo escapar, tamanha é minha ansiedade para senti-lo dentro de mim.

— Você quer que eu te coma, Laney?

— *Sim.* — Eu agora estou implorando. — Sim, sim...

— Você disse que queria tudo. — Hugh estala um tapa na minha bunda, me fazendo pular de susto. O local fica ardido, e a sensação é inexplicavelmente boa. — Vai mudar de ideia? A hora é agora.

— Não. — Eu estou ofegando como se tivesse corrido uma maratona. — Eu quero tudo.

— Ah, mulher... Assim você me deixa maluco. — Hugh me penetra de uma vez só, me fazendo gemer alto.

Ele solta um grunhido gutural e então aperta meu quadril tão forte que eu tenho certeza de que acordarei amanhã com as marcas dos seus dedos. Não que eu me importe com essa parte, o que está me deixando louca é que Hugh continua imóvel. Eu estava ansiosa demais por esse momento, preciso senti-lo se movendo dentro de mim, aliviando essa ânsia.

— Hugh — murmuro, sem ar —, continua.

— Preciso de um segundo, Laney. Você é apertada pra caralho.

Eu aguardo, impaciente. Ele então finalmente começa a estocar, suas mãos puxando meu quadril de encontro ao dele até que nossos corpos se choquem e então saindo de dentro de mim, apenas para repetir tudo de novo

e de novo. Seu pau me preenche de um jeito inexplicável, e eu consigo senti-lo em todos os lugares.

— Que delícia — sussurro, de olhos fechados, dominada pelas sensações.

— Sua boceta é que é uma delícia, Laney. — Hugh sai quase inteiro de mim e entra novamente até o final. — Eu vou te foder a noite inteira.

Eu realmente espero que essa frase não seja apenas uma figura de linguagem, porque dar para Hugh Nash é tão sensacional que eu não pretendo desperdiçar minha chance de fazer com que dure o máximo possível.

Outro tapa estala, dessa vez na banda esquerda da minha bunda, e eu me empino ainda mais para ele.

— Você gosta disso, é? — ele pergunta, começando a se mover mais devagar agora, numa cadência lenta enlouquecedora, mas nem por isso menos intensa.

— Sim... — minha voz não passa de um lamento patético.

Mais um tapa, me fazendo choramingar por causa do formigamento misturado ao prazer intenso. Hugh então empurra minhas costas para baixo com firmeza, mas sem me machucar. Ele escorrega inteiro para fora de mim e entra de uma vez, repetindo as estocadas firmes e ritmadas. O som dos nossos corpos suados se chocando, sua respiração pesada e os meus gemidos são os únicos que se ouvem no quarto silencioso.

Estou perto demais do clímax, mas não consigo chegar lá apenas com penetração. Com o cabelo completamente desgrenhado, o rosto enterrado no travesseiro, a boca entreaberta e os olhos fechados, quase fora do ar, eu levo uma mão hesitante até o meio das minhas pernas, onde o meu clitóris lateja, implorando por alívio.

Assim que percebe meu movimento, Hugh tira minha mão e se inclina sobre o meu corpo, sem parar de me penetrar. Ele afasta o cabelo úmido do meu rosto e sussurra no meu ouvido:

— Deixa que eu faço isso, ruivinha.

Sua outra mão encontra o ponto pulsante e começa a massageá-lo com destreza. Meus gemidos se misturam à respiração pesada de Hugh no meu pescoço, seu peito colado às minhas costas enquanto o quadril estreito não para, me fazendo senti-lo em todos os lugares.

— Goza no meu pau, gostosa. Quero que sua bocetinha me ordenhe, porque vou te encher de porra.

As palavras sujas, quase degradantes, deveriam me deixar desconfortável. Eu nunca fui adepta a esse tipo de linguajar, sempre achei decadente e desnecessário. Só que a forma como Hugh fala isso no meu ouvido, o fato de saber que sou eu que o deixo enlouquecido de desejo a esse ponto, tem o efeito oposto sobre mim.

Eu me vejo ansiando por ouvi-lo dizer ainda mais coisas eróticas, me fazer sentir coisas que eu jamais imaginei serem possíveis. Por mais que isso aqui seja apenas sexo — aliás, *que sexo* —, ele ainda é o mesmo cara que se preocupa comigo, que demonstra cuidado em pequenas coisas, que me faz sentir segura e normal.

O ato pode ser intenso, primitivo, quase bruto, mas Hugh não é. Isso é o suficiente para que eu me permita experimentar tudo, aproveitar cada segundo dessa espiral interminável de prazer.

Meu ápice chega quase sem aviso dessa vez, como um vulcão que explode de repente, espalhando lava incandescente pelo meu ventre e pelas minhas artérias. Os espasmos são tão fortes que Hugh solta um gemido rouco e me aperta contra ele, e eu consigo senti-lo pulsando dentro de mim logo depois.

Não tenho ideia de quantos segundos nosso orgasmo dura, porque o tempo simplesmente deixou de existir. Só existimos nós dois, duas pessoas dispostas a viver intensamente o agora, sem pensar em mais nada.

Quando nossas respirações finalmente começam a normalizar, Hugh deixa um beijo carinhoso entre as minhas escápulas e sai de dentro de mim. Ele tira a camisinha enquanto eu me viro de frente e desabo na cama.

Não tenho ideia do que fazer agora, o que seria esperado nessa situação, então apenas o encaro, ainda maravilhada com toda essa experiência. Sem dizer nada, Hugh levanta e caminha até o banheiro. Eu tento afastar a pontada de decepção. Ele disse mais de uma vez que não é um cara romântico, então eu deveria esperar por esse comportamento mais reservado após o sexo. Talvez ele agora queira tomar um banho sozinho, e tudo bem se for assim.

Para a minha surpresa, menos de um minuto depois, Hugh retorna, agora sem o preservativo na mão. Ele para ao lado da cama e estende uma mão para mim. Eu me levanto e a seguro, um pouco confusa, e, no instante seguinte, sou envolvida pelo seu abraço.

— Sou péssimo nessa parte — ele admite enterrando o rosto no meu pescoço, sua boca quase colada ao meu ouvido. — Não sei o que você

espera de mim, mas provavelmente não serei capaz de oferecer. Só sei que transar com você foi sensacional, e eu estou com medo de estragar isso agindo como um babaca insensível.

Eu o abraço de volta, com o coração acelerado e um sorriso bobo no rosto.

— Fique tranquilo, jogador. Você acaba de superar todas as minhas expectativas.

Sinto seu corpo sacudindo com uma risada abafada antes de ele me soltar e afastar uma mecha de cabelo da minha testa.

— Puta merda, suas expectativas eram tão baixas assim?

Eu sorrio também.

— Talvez eu esteja aprendendo a criar memórias, ao invés de expectativas.

23

HUGH

O PÓS-SEXO É um momento crucial. Eu diria que, para a maior parte dos homens, é quase uma cilada. Se você é atencioso, carinhoso, fica abraçadinho ou outra merda parecida, a chance de elas lerem algo que não existe nas entrelinhas é gigantesca. Por outro lado, se agimos com naturalidade, o que para a maior parte dos homens significa se limpar e ter alguns minutos de silêncio pós-orgasmo, onde nosso cérebro não está pensando em literalmente nada — por mais que nenhuma mulher acredite nisso —, corremos o risco de sermos acusados de babacas.

Eu não menti quando disse que não sabia o que Laney esperava de mim, mas que provavelmente iria decepcioná-la. Não sou o tipo de cara que fica de conchinha depois de transar, e não quero assumir um personagem apenas para agradá-la. Só que a ideia de que Laney se sinta mal por um eventual comportamento mais egoísta da minha parte também não é aceitável, por isso fiz questão de ser honesto e lhe dar pelo menos um abraço.

Ainda estou pensando no que fazer em seguida quando ela me surpreende ao me soltar, dar dois tapinhas no meu peito e dizer:

— Preciso de um banho.

Sem esperar uma resposta, Laney sai andando nua em direção ao banheiro, sem olhar para trás. Ela nem parece fazer questão da minha presença nesse momento, mas não de um jeito ruim. A garota está tão confortável no contexto pós-foda que eu me sinto meio idiota por ter sequer me preocupado com isso.

Ouço o barulho do chuveiro sendo ligado. Eu já me limpei rapidamente quando fui jogar a camisinha fora, então poderia dar uma relaxada enquanto Laney toma sua ducha. Isso seria o esperado, o mais óbvio pela minha experiência prévia com essas situações. Eu ficaria aliviado e aproveitaria meus momentos de relaxamento e cabeça vazia.

Contrariando minhas próprias expectativas, começo a andar em direção ao banheiro. Ela está no box, sob o jato do chuveiro, olhos fechados enquanto a água percorre seu cabelo, rosto e corpo. Sua expressão é quase sorridente, e eu fico satisfeito por ser o motivo desse sorriso.

Gostosa. Linda. Perfeita.

— Aceita companhia? — pergunto.

Ela abre os olhos e me encara, com naturalidade.

— Claro.

Eu cruzo a abertura do box e a alcanço em dois passos. Envolvo-a pela cintura e colo seu corpo cheio de curvas ao meu, me molhando também.

— Posso te dar um banho, se você quiser — ofereço, já com a boca no seu pescoço.

Laney estremece ligeiramente.

— Eu gosto dessa ideia — ela responde, baixinho.

Pego o sabonete líquido e derramo um bocado na minha mão. Em seguida, começo a espalhar na pele macia bem devagar. Primeiro, ensaboo os seios empinados, demorando mais tempo nos mamilos que enrijecem sob o meu toque. Laney fecha os olhos e suspira de prazer.

Eu desço a mão pela barriga lisa e passo direto, esfregando uma perna de cada vez. Para alcançar a parte de baixo, eu preciso agachar na frente dela, e Laney sorri, sem abrir os olhos. A faixa de pelos ruivos está bem na altura do meu rosto, e eu começo a salivar.

Com um gesto calmo, eu afasto uma de suas coxas e a coloco sobre o meu ombro. Minha mão direita sobe pela perna macia bem devagar, e a pele de Laney arrepia. Quando finalmente alcanço sua boceta, corro dois dedos por ali, notando o quanto está melada.

— Lavar isso aqui com sabão seria um desperdício — murmuro, com a voz rouca. — Vou te limpar com a minha língua.

Ela agarra meu cabelo com força e solta um gemido alto no instante em que minha boca encosta nas dobras lubrificadas. Eu lambo toda a sua extensão repetidas vezes, antes de enfiar um dedo nela e começar a bombear devagar.

— Meu Deus, que delícia... — Laney sussurra, sua cabeça jogada para trás contra os azulejos.

Meu pau já está completamente duro de novo, e eu o envolvo com a mão esquerda. Começo a tocar uma punheta lenta, porque não quero gozar ainda. Quando noto que Laney está mais perto do orgasmo, eu mudo o estímulo e sugo o clitóris inchado sem parar. Ela começa a ofegar e tremer e, em segundos, está espasmando contra a minha mão e a minha boca. Mulher gostosa do caralho.

Eu levanto o corpo, sem parar de me masturbar. Os olhos verdes se abrem devagar, como se ela estivesse voltando de um transe. Assim que

nota o que eu estou fazendo, seu olhar se fixa no meu pau, hipnotizada pelo movimento da minha mão.

Laney então olha para mim.

— Eu posso... retribuir o que você fez comigo?

Eu sorrio, sacana.

— Você quer me chupar, Laney Abernathy?

Ela cora e balança a cabeça, confirmando.

— Quero.

Tiro a mão e abro os braços, me colocando inteiro à disposição dessa mulher.

— Sou todo seu, delícia.

Com uma breve hesitação, Laney se ajoelha no chão do box e levanta o rosto para mim. Seus olhos brilham com desejo e expectativa. Ela então segura minha base e começa a subir a mão devagar, testando. Eu solto um gemido rouco, porque o toque quase inocente é enlouquecedor.

Laney tem a mistura certa de inexperiência e ousadia. Ainda que tenha namorado por tanto tempo, a maneira surpresa como ela reagiu em vários momentos do sexo me leva a crer que as fodas com o tal Norman não eram tão animadas.

Eu a deixo à vontade para fazer o que quiser. Qualquer coisa que essa garota faz comigo é deliciosa. Quando os lábios úmidos tocam a glande, eu solto um suspiro, sem deixar de olhar para o rosto de Laney. Encorajada, ela me coloca na boca, sua língua deslizando pela minha extensão de um jeito bom pra caralho.

Eu agarro um punhado do cabelo ruivo, me controlando para não foder a boquinha macia do jeito que eu queria.

— Puta que pariu, Laney.

Ela continua com a exploração, sem pressa, me levando à loucura. Os sons que eu emito são uma mistura de grunhido e rosnado, porque a vontade de socar meu pau até sua garganta é quase incontrolável.

Por outro lado, essa forma mais controlada de boquete tem suas vantagens. É como uma tortura lenta, que vai fazendo a vontade de gozar crescer devagar, atingindo patamares muito mais altos do que aconteceria se eu fizesse como estou acostumado.

Agarro seu cabelo com força e meto na boca gostosa o mais devagar que eu consigo. Meu único direcionamento no que ela está magnificamente conduzindo é levar uma de suas mãos até minhas bolas e ensiná-la como me

massagear. Laney aprende rápido, e estimula meu saco com a mão delicada ao mesmo tempo em que me chupa na cadência perfeita. Eu olho para baixo, vejo meu pau entrando e saindo da boca rosada e, em menos de um minuto, minhas pernas começam a tremer e percebo que o gozo está prestes a explodir.

Eu apenas puxo seu cabelo, tentando alertá-la. Minha respiração está ofegante demais para falar, e meu cérebro nublado de tesão tem dificuldade de articular palavras coerentes.

— Laney... — minha voz não passa de um murmúrio rouco.

No instante seguinte, os jatos de porra jorram na sua garganta, e eu apenas fecho os olhos e jogo a cabeça para trás, com a boca entreaberta, completamente entorpecido pela sensação indescritível de prazer. Um dos melhores orgasmos da minha vida, sem dúvida.

Quando acaba, meu coração está socando o peito e meus dedos estão dormentes. Eu a ajudo a levantar, um pouco preocupado com a reação que vou encontrar. Não é educado ejacular como um cavalo na boca de uma mulher sem avisá-la antes. Para o meu alívio, Laney limpa o canto dos lábios com um sorrisinho safado e me encara, sem nenhum desconforto.

— Eu nunca tinha engolido — ela admite.

Eu realmente deveria ter avisado.

— Cara, foi mal. Eu tinha que ter...

Laney coloca um dedo sobre a minha boca, me interrompendo.

— *Shhh*. Eu curti, Hugh. Seu gosto é bom.

Um arrepio inesperado de prazer levanta os pelos da minha nuca com essa frase.

— Curtiu, é? — Eu a puxo para um abraço, roçando a ponta do meu nariz no dela. — Então, serei obrigado a foder sua boca mais vezes — provoco. Laney solta uma risada e eu enterro o rosto no seu pescoço, aspirando esse cheiro bom que só ela tem e mordendo o lóbulo da sua orelha de leve em seguida. — Será um enorme sacrifício, mas posso fazer isso por você.

Uma mão pequena belisca minha cintura.

— Obrigada por tanta gentileza — Laney brinca. — Posso retribuir e deixar você fazer o mesmo em mim.

Cada vez mais soltinha comigo. Sensacional.

— Safada. — Depois de mais uma mordida leve no seu pescoço, eu a solto. — Vamos terminar esse banho e voltar para a cama?

Ela concorda com um movimento de cabeça.

Nós terminamos o banho, escovamos os dentes e andamos juntos até o quarto. Eu nem cogito a possibilidade de voltar para o maldito sofá, então apenas me jogo pelado sobre o lençol bagunçado. Laney vai até o closet e pega uma camisola preta, que eu acho que é a mesma que ela usou ontem à noite e quase me deixou maluco.

Ela veste a peça e vem para a cama. Assim que se deita ao meu lado, eu a analiso de cima a baixo.

— Linda. Mas prefiro você nua.

Para a minha surpresa, Laney senta, tira a camisola e a calcinha, joga ambas no chão e volta a deitar. Eu rio alto e a puxo, colocando sua cabeça apoiada no meu peito e abraçando-a.

— Você é demais, Laney Abernathy. Quem diria.

Ela apenas suspira, se aninhando a mim. Fico fazendo um carinho distraído nas suas costas e cabelo, mas noto que ela não está conseguindo relaxar.

— O que houve? — pergunto.

Os olhos verdes se erguem para mim.

— Sei que é ridículo, mas... o quarto está muito bagunçado. Estou tentando me desligar disso, mas não consigo.

Eu dou um beijo na sua testa e levanto da cama.

— Vamos resolver isso agora — digo, começando a recolher as peças de roupa espalhadas e dobrando.

Ela me encara com um sorriso comovido, que mexe um pouco comigo. Como eu realmente estou tentando evitar complicações adicionais, desvio o olhar, covardemente. Laney se junta a mim na tarefa de organizar tudo. Ao dobrar minha camisa, ela fica com o olhar perdido, pensativa.

— Norman e eu sempre dobrávamos as roupas antes de transar. Eu não conseguia fazer diferente.

Pela primeira vez, a imagem dela com o tal sujeito me causa um ligeiro desconforto. Provavelmente porque eu acabei de comê-la, e ainda estou sob efeito desse sentimento primitivo de posse. Deixo o pensamento de lado e me concentro no que ela falou.

— Você não parecia desconfortável por ter deixado as roupas largadas enquanto nós transamos — eu constato, pegando uma calcinha do chão. Chego a pensar em levar a peça ao rosto só para sentir seu cheiro mais uma vez.

Laney se vira para mim.

— Eu não fiquei mesmo desconfortável. A bagunça só me incomodou agora, até então eu não estava pensando em nada disso. — Assim que eu a encaro de volta, um sorriso tímido levanta o canto da sua boca. — Estava ocupada demais pensando em você e nas coisas extraordinárias que estava fazendo comigo.

Eu sorrio de volta.

— Obrigado pela parte que me toca. — Assim que guardo a última peça de roupa, eu olho ao redor. — E agora?

Laney volta para a cama, deita sob o edredom e dá dois tapinhas ao seu lado.

— Agora, você me abraça outra vez daquele jeito gostoso.

Eu rio e me junto a ela, puxando-a contra mim e beijando o topo da cabeça ruiva.

— Seu desejo é sempre uma ordem, delícia.

24

LANEY

— Ei. — Uma barba macia roça no meu pescoço e eu recebo um beijo no ângulo da mandíbula. — Precisamos acordar.

— Acordar? — resmungo, sem abrir os olhos. Estou completamente exausta. — A gente mal dormiu.

Hugh me aperta contra o corpo musculoso, minhas costas pressionadas no seu peitoral e a ereção matinal encaixada na minha bunda. Apesar do cansaço, eu sorrio.

— Eu sei, mas estou morrendo de fome — ele diz. — Precisamos tomar café.

— Fale por você — eu rebato, puxando a mão de Hugh para que ele brinque com o meu seio. Sim, eu descobri nas últimas horas que *adoro* sexo. Fui começando a ousar um pouco mais e agora não me canso de experimentar todas essas sensações maravilhosas. — Eu troco facilmente o café da manhã por isso aqui.

Ele aperta meu mamilo já excitado.

— Quem diria que você seria insaciável assim. — Hugh então me solta, o que me faz gemer de frustração.

— Jesus, mulher — ele fala, rindo. — Calma.

Ouço o barulho dele mexendo em alguma coisa atrás de si e em seguida o som familiar do pacotinho de camisinha sendo rasgado. Eu sorrio, ainda de olhos fechados. Segundos depois, a mão de Hugh está entre as minhas pernas.

— Puta merda, Laney. Como você pode acordar prontinha pra mim desse jeito? — Ele encaixa seu pau e me penetra por trás quase de uma vez só, me fazendo abrir os olhos de uma vez e puxar o ar. — Será uma rapidinha — ele avisa, começando a entrar e sair, me fazendo ver estrelas mais uma vez. — Não resisto a você, mas também não vou perder o café da manhã desse hotel, que é bom pra caralho.

Hugh cumpre a promessa. As estocadas são rápidas e firmes, mas nem por isso menos prazerosas. Ele me faz abrir as pernas e, com a mão livre, encontra meu clitóris. Amo o fato de que Hugh se preocupa com o meu prazer o tempo inteiro, mas não deixa a própria satisfação de lado para isso.

Eu sempre achei que o sexo precisa ser igualmente bom para os dois, e pelo visto ele concorda.

Menos de três minutos depois, eu começo a tremer.

— Isso, gostosa — sua voz sai entrecortada pelo esforço e ele acelera os movimentos, que chegam a ser quase brutos. — Goza pra mim, porque eu vou junto.

Essas palavras me empurram do precipício. Eu solto um gemido longo, que parece um choramingo, reviro os olhos e o sinto pulsando ao mesmo tempo em que sou varrida pelo meu orgasmo. Assim que termina, Hugh sai de dentro de mim, ainda ofegante, e me puxa para fora da cama.

— Vamos. — Ele beija minha testa, tentando acalmar a respiração. — Temos só meia hora.

Eu o acompanho até o banheiro, rindo. Hugh abre o chuveiro e entramos para outra ducha rápida. Acho que tomamos umas cinco nessa madrugada. Além do sexo fenomenal, indescritível, que apenas foi ficando melhor a cada vez, é impressionante como o clima entre a gente mudou. Mesmo não sendo um cara romântico — ele não estava mentindo quando disse que não era —, Hugh consegue me fazer sentir à vontade, desejada, respeitada, tudo ao mesmo tempo. Nós rimos juntos várias vezes, conversamos sobre uma infinidade de coisas bobas e importantes, dormimos abraçados, coisa que nunca gostei até ontem. Eu realmente não imaginei que seria tão bom, nem nas minhas melhores fantasias.

Nessas últimas horas, não tive muito tempo para ficar me preocupando obsessivamente com tudo, como eu sempre faço, então não houve muitos pensamentos intrusivos. Sei que estamos vivendo uma situação à parte da realidade, que em breve tudo vai mudar outra vez, mas estou me esforçando para não pensar nisso agora.

Saímos do banho, nos arrumamos bem rápido e descemos para o café. Assim que chegamos ao terraço, Nico e Ryker param de falar e nos observam. Nossas caras devem estar nos denunciando abertamente, porque Ryker exibe um sorriso conspiratório discreto, de quem deduziu exatamente o que nós dois estivemos fazendo nas últimas horas, mas é educado o suficiente para não comentar. Já o *quarterback* não foi apresentado ao significado da palavra discrição.

Assim que nos sentamos, ele inclina o corpo sobre a mesa, com um sorriso malicioso, e comenta:

— Porra, até que enfim vocês transaram. Essa tensão sexual toda ia acabar causando um infarto em algum dos dois.

Eu fico vermelha e abaixo a cabeça com um sorriso, enquanto Hugh dá um tapinha na lateral da cabeça do amigo.

— Bom dia pra você também, Marchesi. Obrigado por respeitar a nossa privacidade.

Nem um pouco afetado, Nico recosta na cadeira, rindo.

— Fala sério. Vocês dois estavam morrendo de tesão um pelo outro, mandaram bem em aproveitar.

Eu olho para Hugh com uma expressão divertida. Ele retribui meu sorriso, parecendo mais relaxado ao perceber que eu não fiquei assim *tão* constrangida pela situação. É bem mais engraçado do que constrangedor, na verdade.

Hugh se inclina e me beija de leve, na frente de todos. É apenas um roçar de lábios com uma pequena mordidinha no meu lábio inferior, mas, ainda assim, meu coração dispara. Sei que fizemos muito mais na última noite, mas esse beijo é diferente. É quase como uma marcação de território, como se Hugh estivesse satisfeito em mostrar para todo mundo que eu sou *dele*.

Meu estômago dá uma cambalhota. Primeiro, porque isso é uma grande viagem da minha cabeça. Hugh apenas está de volta ao personagem — não posso me esquecer do motivo pelo qual eu estou aqui, independentemente de termos decidido aproveitar essa química louca que explodiu entre nós. E segundo, porque a fantasia de Hugh querendo que eu seja dele não deveria mexer comigo dessa forma.

Eu limpo a garganta, forço um sorriso e aviso:

— Vou pegar umas frutas no bufê.

Caminho até lá, ainda desconcertada com o rumo dos meus pensamentos.

É só sexo, Laney. Você está carente, insegura, e por isso sob o risco de se apegar demais quando não deveria. Cuidado, pelo amor de Deus. Hugh não é o cara ideal, que você tanto deseja. Aquele com quem você quer dividir sua vida.

Coloco duas fatias de mamão no prato e Camila para ao meu lado. Eu sorrio para ela, feliz com a distração.

— Oi! — cumprimento, com uma alegria genuína ao vê-la.

— Olá, Laney. — Ela sorri de volta. — Preparada para voltar ao mundo real?

Por um segundo, fico confusa, imaginando se ela descobriu algo sobre o meu acordo com Hugh. Porém, logo depois, entendo que ela está se referindo ao fim da viagem de fim de semana, o que significa que retornaremos às nossas rotinas.

— Definitivamente não — respondo, num tom de brincadeira. Aponto para o magnífico jardim com um movimento amplo do braço. — Depois de dois dias nesse paraíso, minha baia no escritório parecerá o cenário de um filme de terror.

Ela ri, e conversamos sobre mais algumas amenidades.

— Acho que não nos veremos mais hoje — Camila diz por fim, com um sorriso que é também um biquinho triste. — Assim que terminarmos o café, já vamos pegar a estrada. Marco tem treino amanhã cedo, e quer aproveitar a tarde para assistir alguns vídeos de jogos e relaxar no nosso sofá.

Eu sorrio.

— Eu adorei te conhecer, Camila. De verdade.

— Eu também, Laney. Espero encontrá-la novamente em breve.

Nos despedimos com um abraço, e eu sou tomada por uma certa melancolia. Provavelmente, nunca mais verei Camila e Marco, já que eu e Hugh não somos realmente namorados. Se tudo correr como estou esperando, nos encontraremos mais uma vez na festa da minha empresa e será isso. Cada um seguirá seu rumo. A ideia me traz uma tristeza inesperada.

Volto para a mesa, onde Hugh está devorando uma porção ridiculamente grande de ovos mexidos trazida pelo garçom. Ele já me contou que sua dieta precisa ser rica em proteínas, então comer seis ovos no café da manhã faz parte da rotina de um dia normal.

Quando terminamos a refeição, Nico e Ryker também se despedem de mim.

— Espero vê-la novamente por aí, Laney — Nico diz, me abraçando.

— Quem sabe? — eu respondo, com um sorriso um tanto falso. A verdade é que eu adoraria que isso acontecesse, mas acho bem improvável.

Dou um abraço também em Ryker, que reforça os votos de que nos encontremos novamente. Assim que eles se afastam para buscar suas malas, Hugh entrelaça os dedos nos meus.

— Vamos?

Eu assinto, espantando essa sensação estranha de nostalgia por algo que nem sequer é real. Eu não sou a namorada de Hugh Nash, não farei parte da vida dele daqui para frente. É inapropriado e perigoso me deixar levar pela imaginação desse jeito.

Já no quarto, nós arrumamos as malas e eu confiro pelo menos três vezes cada canto da nossa suíte, para ver se não esqueci nada. Hugh apenas aguarda pacientemente no sofá, respondendo algumas mensagens no celular.

Eu olho para a enorme cama uma última vez, pensando no quanto a noite passada mudou minha vida. Pode parecer exagero, mas é verdade. As coisas que eu senti com Hugh, mesmo que tenham sido basicamente sensações físicas, me fizeram questionar mais coisas do que meu cérebro exausto tem condições de processar nesse momento. É melhor guardar essas reflexões para depois.

— Podemos ir — eu aviso, empurrando minha mala.

Hugh guarda o celular, levanta do sofá e tira a bagagem da minha mão com gentileza, sem dizer nada. Para quem não é romântico, até que ele sabe ser cavalheiro de vez em quando.

Descemos no elevador e passamos na recepção para o checkout. Deixo Hugh tomar conta disso e aproveito para observar a beleza do lugar, tentando memorizar cada detalhe desse fim de semana perfeito. Vejo três rostos conhecidos e, no instante seguinte, George Sullivan está me chamando.

Ando até ele, a esposa e a filha. O homem me abraça com afeto, assim como sua esposa, e agradecem minha presença. A filha, apesar de manter-se educada, parece mais uma vez um tanto desconfortável na minha frente.

Hugh se aproxima, abraça George e a esposa afetuosamente e, no momento de se despedir de Natasha, ele também parece pouco à vontade. Fico me perguntando se já houve algo entre eles, e fico surpresa com a pontada de ciúmes que surge com esse pensamento.

Por que diabos eu teria ciúmes de Hugh Nash?

Nós finalmente acenamos para os Sullivan, atravessamos o saguão e entramos no carro, já trazido pelo manobrista. Eu me acomodo no banco, coloco o cinto e Hugh faz o mesmo.

Ele acelera o motor potente e começamos a percorrer o caminho ladeado de árvores que leva até a saída do hotel. Eu fico em silêncio,

olhando pela janela, ainda incomodada comigo mesma pelo estranho sentimento de posse em relação a Hugh.

— Está tudo bem? — ele pergunta, desviando os olhos da estrada por alguns segundos para olhar para mim.

— Sim, tudo ótimo.

— Laney...

Eu o encaro com um pequeno sorriso. Como pode me conhecer tão bem em tão pouco tempo?

— Só fiquei curiosa com uma coisa, mas não é da minha conta — falo uma parte da verdade.

— Curiosa com o quê?

Eu puxo o ar devagar.

— Achei estranha a forma como Natasha Sullivan me olhou durante o fim de semana todo. E também a maneira como ela olha para você.

Hugh sorri de lado, ao cruzarmos o portão principal do hotel.

— Ela é o motivo de você estar aqui.

Franzo a testa, sem entender.

— Ela? Achei que era o George.

Ele balança a cabeça.

— Vou resumir, porque a história nem é tão interessante assim. Natasha vem dando em cima de mim há algum tempo, mas eu conseguia sempre me esquivar — ele começa, e eu fico pensando por que Hugh se esquivaria de uma mulher lindíssima como ela. Como não é da minha conta, guardo a dúvida para mim mesma. — Até que, num coquetel, ela finalmente me pegou desprevenido e foi mais direta. Eu fiquei com medo de rejeitá-la na cara dura e criar um clima péssimo com Sullivan, então inventei que tinha uma namorada. O que eu não esperava era que ela contaria minutos depois para o pai, e que George me intimaria a trazer minha suposta namorada aqui. Essa é a história.

Eu aceno com a cabeça, entendendo agora o desconforto da moça. No lugar dela, eu me sentiria mal, também.

— Nossa, que chato. Fico triste por ela.

Hugh sorri.

— Não fique. O que não faltam para Natasha são homens interessados, e não se pode dizer que ela estava apaixonada por mim. Nós mal trocamos meia dúzia de palavras até então.

Eu sorrio de volta.

— Bem, independentemente do motivo que nos trouxe até aqui, eu só tenho a agradecer, Hugh. Sei que eu vim para te ajudar, mas acabou sendo incrível para mim também. Obrigada — agradeço, um pouco tímida.

Ele tira a mão direita do volante e procura a minha, entrelaçando nossos dedos.

— Foi bom pra caralho pra mim também, Laney.

Ficamos assim, de mãos dadas e em silêncio, por um longo trecho da estrada. Cada um mergulhado nos próprios pensamentos, eu acho. Ou talvez ele esteja apenas ouvindo a música enquanto eu continuo remoendo os sentimentos estranhos que começaram a surgir nesse fim de semana.

Após um pouco mais de uma hora, estacionamos em frente ao meu prédio. Hugh desliga o carro e sai para tirar minha mala do bagageiro. Eu o encontro na calçada, ao lado do veículo.

— Vou te acompanhar até lá em cima — ele avisa.

Eu nem penso em protestar, apenas o acompanho para dentro do prédio. Nós subimos o lance de escadas e eu destranco minha fechadura. Acendo as luzes e Hugh coloca minha mala de rodinhas num canto da sala.

Começo a ficar nervosa, e nem ao menos sei por quê.

— Bem — digo —, obrigada mais uma vez pelo fim de semana maravilhoso.

Hugh faz um carinho na minha bochecha e desliza o polegar pelo meu lábio inferior. Meu coração idiota acelera em expectativa, porque tudo que eu mais quero é que ele me beije e decida ficar mais um pouco aqui comigo.

— É melhor eu ir — Hugh diz, seu tom baixo, mas com potência suficiente para destruir minha esperança de ter um pouco mais de tempo com ele.

— Claro. — Eu forço um sorriso. — A gente se fala, então.

Ele retira a mão, e o lugar onde eu estava sendo tocada parece formigar.

— Sim. Eu te ligo. — Hugh se inclina e beija o meu rosto rapidamente. — Até mais.

Eu aceno e o observo partir, me sentindo mais confusa do que já estive em qualquer outro momento da minha vida.

25

HUGH

— COLOCA MAIS DEZ de cada lado — ordeno, seco.

O rapaz de 20 anos, que está trabalhando há alguns meses como assistente de preparação física, me encara com uma expressão preocupada.

— Nash, eu não sei se o Soranz vai...

— Eu disse para colocar mais dez de cada lado.

Deitado no banco do salão de musculação do The Palace, eu mantenho o olhar no teto e as mãos na barra, sem encarar o pobre garoto que deu o azar de cruzar meu caminho hoje. Mesmo relutante, ele me obedece.

Solto um urro e empurro a barra do supino com raiva, sob o olhar meio assustado do jovem assistente. Repito o movimento de novo e de novo, com o rosto vermelho e contraído pelo esforço excessivo, tentando descontar nos pesos a minha frustração. Assim que eu termino a décima e o garoto me ajuda a apoiar a barra, sinto uma mão cutucando meu ombro sem gentileza.

— Levanta — Ryker comanda.

Eu nego.

— Vou terminar a série.

— Vai porra nenhuma — ele diz, sem paciência. — Levanta dessa merda.

A academia está vazia exceto por nós dois e os assistentes, porque ainda são sete e quinze da manhã de uma segunda-feira da fase *offseason*. Normalmente, Ryker é o único neurótico que treina assim tão cedo e por tantas horas mesmo fora da temporada, mas hoje eu precisava desesperadamente da distração.

Sabendo que Lockhart não vai me deixar em paz, eu faço o que ele pediu e levanto do banco. Enxugo o rosto numa toalha pequena e bebo um gole longo de água.

— Vem comigo. — Ryker começa a sair da academia, sem me esperar.

Eu vou atrás, frustrado por não ter conseguido melhorar em absolutamente nada meu humor mesmo após quinze minutos de um treino com intensidade máxima. Ele atravessa as portas de vidro que dão acesso ao gramado. Hoje é o último dia de junho, o que significa que o céu não tem uma nuvem sequer e já está quente às sete da manhã.

O irrigador automático está ligado, formando uma nuvem fina de água que parece um arco-íris sob a luz do sol. Mas eu não estou interessado em nada disso, só quero saber por que Lockhart decidiu atrapalhar a porra do meu treino.

Meu amigo senta num banco e fica olhando para frente, esperando que eu me junte a ele. Assim que eu faço isso, Ryker me encara:

— Que merda está acontecendo com você hoje?

Eu mantenho os olhos no gramado.

— Não sei do que você está falando — me faço de desentendido. — Eu só vim treinar, mas *alguém* não está deixando.

Ryker solta uma risadinha sem humor.

— Vamos economizar nosso tempo e a minha paciência, Nash. Você estava ridiculamente perto de se lesionar levantando peso, e faltando 20 dias para o início do *training camp*. Isso ultrapassa os limites da idiotice até para um novato, o que definitivamente não é seu caso. Então, vou repetir: que merda está acontecendo?

O mais vergonhoso é que ele tem razão. Eu estava mesmo forçando demais o treino, de uma maneira desnecessária e até irresponsável. Puxo o ar com força e encaro meus pés.

— Não consigo parar de pensar na Laney — admito. — E isso está me deixando maluco.

Vários segundos de silêncio se arrastam, até que escuto uma risadinha. Viro na direção de Ryker, meio ofendido.

— Seu filho da puta — reclamo. — Você me pede para ser sincero e agora ri da minha cara?

Ele não tira os olhos azuis esverdeados dos meus.

— Não estou rindo da sua cara, cuzão. Estou aliviado que o motivo é só esse.

— Como assim, *só esse*? — Fecho a cara. — Eu não consegui dormir quase nada essa noite, pensei umas quinze vezes em voltar na casa dela, arrastá-la para a cama e foder até não ter mais forças.

— E por que não fez isso? — Sua expressão agora é divertida.

— Porque Laney Abernathy não é a porra da minha namorada! — explodo, irritado. — Porque ela é a melhor amiga da minha irmã, que tem um namorado...

— Ex-namorado.

— ...um ex-namorado por quem é apaixonada.

Será que se eu repetir essa frase para mim mesmo por vezes suficientes, uma hora ela finalmente entra na minha cabeça? Porque a sensação que dá é que eu estou preso nessa tentativa miserável de me lembrar dos motivos pelos quais eu não devo ficar com Laney, mas nunca consigo realmente entender isso e deixar essa ideia pra lá.

— Sim, eu já ouvi essa parte. — Ryker confirma minhas suspeitas de que estou me tornando uma porra de disco arranhado. — Mas as coisas mudaram, não?

— Mudaram por uma noite, Lockhart. Tudo que rolou entre nós aconteceu por causa de uma invenção, algo que não existe. Eu não posso me meter ainda mais fundo nessa mentira só porque o sexo foi fenomenal.

Eu sei que não é só pelo sexo, mas não estou preparado para analisar mais nada além disso nesse momento.

— E se ela também quiser aproveitar um pouco mais? — ele pergunta. — Vocês não precisam necessariamente complicar as coisas. Se ambos estiverem a fim de curtir umas semanas de sexo juntos até o início da *preseason*, por que não?

— Isso é uma ideia de merda — murmuro, mas sem muita convicção.

— Será? — Ryker provoca. — Você tentou ao menos conversar com ela?

Eu nego.

— Não. Quando deixei Laney em casa ontem, a última coisa que eu queria fazer era ir embora. Ainda assim, foi exatamente o que eu fiz. Saí quase correndo, porque não quero bagunçar a vida da garota. — Finalmente olho para o meu amigo. — Eu sou tudo que ela já disse que não quer, e não posso ser egoísta. Especialmente com ela.

Ryker apoia os cotovelos nos joelhos, com o corpo inclinado para frente, mas sem deixar de me encarar.

— Como assim, você é tudo que ela não quer?

Sorrio, mas meu sorriso está longe de refletir alegria.

— Ela é uma garota simples, Lockhart. Nada parecida com as outras mulheres com quem eu fiquei até hoje. Laney gosta de ter a vida calma e organizada, odeia chamar a atenção, se sente desconfortável no meio de pessoas estranhas.

— Ela não pareceu desconfortável durante a viagem — ele aponta. — Pelo contrário.

Eu fico pensativo por alguns segundos.

— Sim, por sorte, lá deu tudo certo. Mas ela já disse que não gosta. — Olho novamente para o irrigador, que segue girando e molhando a grama silenciosamente. —Laney me explicou que quer estabilidade, gosta de relacionamentos seguros. Eu não vou oferecer nada disso a ela. Eu sou a diversão passageira.

— Mas ela não quis se divertir lá no hotel?

— Quis.

— E quem determinou que a validade da diversão tinha que ser tão curta?

Continuo com o olhar perdido.

— Eu — respondo, por fim.

Ryker aperta o meu ombro.

— Cara, em três semanas, nossa vida vai virar um inferno. Estaremos treinando doze horas por dia, sete dias por semana. Depois, começarão os jogos. Nós sabemos muito bem que não existem relacionamentos casuais que sobrevivam a uma temporada. De qualquer forma, o que quer que exista entre vocês está fadado ao fim em muito pouco tempo. Daí eu te pergunto: se você quer curtir mais com a garota, por que não perguntar se ela não quer o mesmo?

Eu respiro fundo e olho para o meu amigo.

— Você tem razão. Obrigado por me ajudar a enxergar o óbvio, porque eu estava ficando maluco com isso.

Ele sorri de lado.

— Às ordens, garoto.

DEPOIS DE UM dia intenso no centro de treinamento — mas, a partir de então, com responsabilidade —, chego em casa às quatro da tarde louco por um banho no meu chuveiro.

Assim que abro a porta, Helmet vem me receber com o rabo abanando. Me agacho para falar com ele, coçando suas orelhas. O cachorro senta e me dá a pata.

— Bom garoto — elogio, o que o faz sorrir com a língua para fora. — Bom garoto.

A sra. Duchester, minha governanta, está organizando alguma coisa com Pablo na cozinha. Antes de subir as escadas, aceno para os dois, que retribuem com um sorriso.

Tomo um banho longo, deixando que a água quente caia sobre os meus músculos doloridos. Depois que termino de me enxugar, coloco um short e vou até a varanda privativa do meu quarto. Sento em uma das espreguiçadeiras com o celular na mão, cruzo os pés sobre a mesinha e fico olhando o mar, pensando se seria melhor convidar Laney para vir aqui ou levá-la para comer fora.

Penso na logística complexa que envolve a organização de jantares em restaurantes de forma a não ser reconhecido e abordado por paparazzis ou fãs, e desisto. Mais fácil trazê-la para comer aqui.

Procuro seu telefone entre os contatos e faço a ligação. Laney atende no sexto toque.

— Alô?

— Laney?

— Sim. — Dois segundos de silêncio. — Não esperava sua ligação.

Pelo tom dela, não consigo identificar se está surpresa e feliz ou surpresa e incomodada. Melhor descobrir.

— Estou atrapalhando?

— Não! — A resposta rápida me faz sorrir. — Não, eu vou sair do trabalho agora.

— Você tem planos para hoje à noite? — A linha fica muda por vários segundos, e eu me pergunto se a ligação caiu. — Laney?

— O que isso significa, Hugh? — ela finalmente responde com uma pergunta.

Fico confuso.

— Não entendi. Perguntei se você tem pl...

— Eu ouvi. Quero saber o que essa ligação representa. — Ouço uma porta se fechando e o ambiente fica em completo silêncio. Deduzo que ela entrou em algum ambiente mais privativo. — Nós tínhamos um acordo de um relacionamento de fachada. Aí, viajamos juntos e fizemos coisas naquele quarto que não faziam parte desse acordo, mas sequer conversamos sobre isso depois. Agora, você me pergunta se eu tenho planos. Quem você precisa encontrar hoje, Hugh? Sua namorada falsa ou eu?

Sempre direta. Gosto disso, demais até.

— Você, Laney. Eu quero ver *você*.

— Por quê?

Penso por alguns segundos nessa resposta. Porque eu sinto saudade do seu cheiro. Porque quero ouvir sua risada outra vez. Porque quero beijar e lamber cada parte do seu corpo até senti-la tremendo nos meus braços. Porque quero te foder tão forte que você será capaz de me sentir dentro de você por dias. Porque, por mais estranho que pareça, eu já estou sentindo a sua falta.

— Porque eu tenho uma proposta diferente para te fazer.

Eu aperto o telefone com mais força, só então me dando conta de que estou ansioso pela resposta dela.

— Como você quer fazer?

Solto o ar, aliviado.

— Te busco às sete. Pode ser?

— Pode.

Antes de desligar, peço uma última coisa.

— Ah, Laney? Prepare uma bolsa com as coisas que você precisará para ir ao trabalho amanhã.

— Por quê?

Sorrio.

— Porque, se o resultado dessa noite for o que eu estou esperando, você não volta para casa hoje.

26

LANEY

— ESTAVA UMA DELÍCIA, como sempre — elogio, com um sorriso, e bebo mais um gole do vinho.

Do outro lado da mesa iluminada por duas velas, Hugh sorri de volta, sem tirar os olhos castanhos intensos de mim.

Desde a ligação inesperada de hoje à tarde, eu estou uma pilha de nervos. Após o final frustrante da viagem ontem, eu realmente achei que não teria notícias de Hugh tão cedo. Quando o celular tocou e o nome dele piscou na tela, meu coração quase saiu pela boca. Precisei de alguns segundos para me acalmar antes de atender.

Aí veio a pergunta sobre hoje à noite. Nenhuma palavra sobre o fim de semana, sobre a maneira estranha como nos despedimos, nada. Apenas um convite implícito para um encontro. Eu não sei viver assim, não sei lidar com algo tão incerto como isso que está rolando entre nós. Em teoria, ainda sou a namorada falsa de Hugh, mas o que fizemos naquela cama de hotel não teve nada de falso. Só que, horas depois, ele se despediu de mim com um beijo na bochecha.

Tudo aquilo foi mais do que eu consigo gerenciar, então passei a tarde inteira e uma parte da noite faxinando o apartamento para aliviar a ansiedade, até quase desmaiar na cama de exaustão. Aí, no dia seguinte, ele faz esse convite como se fosse a coisa mais normal do mundo? Não. Eu precisava saber o que está acontecendo, e a resposta de Hugh de que queria me ver foi o suficiente para fazer meu coração disparar e novamente inflar com expectativa. Perigoso, para dizer o mínimo.

Desde que me buscou em casa, ele não foi nada além de um perfeito cavalheiro. Uma parte de mim — a maior delas, sem dúvida — queria que Hugh me imprensasse contra a parede e assaltasse a minha boca, como ele já fez outras vezes. Que me arrastasse até o meu quarto e me tirasse de órbita daquele jeito delicioso.

Mas não foi isso que ele fez. Hugh beijou minha bochecha, me trouxe até aqui, me serviu um jantar delicioso num ambiente iluminado por luzes de velas e conversou comigo como se fôssemos namorados contando sobre o dia um para o outro, exceto pelo fato de que nós não somos.

— Fico feliz que tenha gostado — Hugh diz, levantando e retirando os pratos sujos. — Direi ao Pablo que a lasanha de berinjela está aprovada.

Eu ajudo levando as taças, e juntos carregamos a lava-louças. Assim que Hugh fecha a porta do eletrodoméstico, eu não aguento mais a ansiedade e disparo:

— Por que você me chamou aqui?

Ele endireita a postura calmamente e para na minha frente. Coloca uma mecha de cabelo atrás da minha orelha, chegando mais perto, seus olhos intensos presos aos meus. Meu traseiro está encostado na bancada da cozinha, e o corpo de Hugh está tão próximo que consigo sentir seu calor emanando através das roupas.

— Como eu disse, tenho uma proposta para te fazer — ele explica.

Sua mão desliza devagar pelo meu pescoço, arrepiando a pele. Eu engulo com algum esforço.

— Estou ouvindo.

Hugh encosta a testa na minha e fecha os olhos. Nossas respirações se misturam, e a vontade de beijá-lo é quase insuportável. Quando ele me encara outra vez, seu olhar é tão profundo que meu estômago dá uma cambalhota.

— Sei que vamos tomar rumos diferentes muito em breve, Laney. Você vai casar com um cara legal, que te dará uma vida estável e feliz, e eu vou entrar em mais uma temporada insana do esporte que eu amo. Não quero complicar nada, não quero desorganizar sua vida nem magoar você.

— Eu sei — respondo, com a voz fraca.

Hugh desliza o polegar pelo meu lábio inferior.

— Só que eu não consigo tirar você da cabeça. Em três semanas, começaremos o *training camp* e minha vida vai mudar drasticamente. Eu não terei tempo para nada. Então, o que eu queria saber é se, até lá, você quer...

A frase fica pela metade quando eu puxo seu pescoço largo, colando nossas bocas com sofreguidão. Não preciso ouvir mais nada, não quero ouvir mais nada. Se o que Hugh está me oferecendo são três semanas dessas sensações extraordinárias, eu aceito.

Ele solta um som rouco contra a minha boca e me levanta, me colocando sobre o balcão da cozinha e se posicionando entre as minhas pernas. Em seguida, abaixa a alcinha fina do meu vestido e expõe um seio, que a boca faminta abocanha segundos depois. Eu fecho os olhos e seguro

sua cabeça, apertando-o contra mim. Hugh suga o mamilo com força e depois lambe devagar, me fazendo gemer.

As mãos grandes levantam meu vestido, embolando-o na minha cintura. Hugh olha para a minha calcinha com uma expressão lasciva, segura minhas pernas pelos joelhos e as afasta, me deixando completamente arreganhada em cima do balcão da sua cozinha.

Ele então puxa a peça íntima para o lado, agacha no chão e começa a me lamber. Um gemido escapa dos meus lábios entreabertos e eu fecho os olhos, deliciada com as sensações. Minha mão se embrenha no cabelo castanho macio, incentivando-o a continuar.

Quando seus lábios envolvem meu clitóris e ele começa a sugar de forma ritmada, é o meu fim. O orgasmo me atinge como uma onda quente, despertando todas as terminações nervosas. Assim que eu paro de tremer, Hugh levanta com os olhos brilhando e começa a abrir a calça, sem tirar os olhos de mim.

— Gostosa — ele sussurra.

Segundos depois, abaixa a cueca o suficiente para libertar seu pau grande e grosso. Minhas pernas continuam abertas, e eu as abro um pouco mais, ansiosa por senti-lo me preenchendo.

Hugh não me faz esperar muito. Ele se aproxima do meu ouvido e pergunta:

— Você usa algum anticoncepcional?

— Sim — respondo, meio ofegante. — Tomo pílula.

— Eu faço exames completos a cada três meses e estou completamente limpo. Posso te foder sem camisinha, Laney?

Minha respiração fica ainda mais acelerada.

— Pode.

Ele então se posiciona na minha entrada e enfia tudo de uma vez, me fazendo puxar o ar com força. Hugh volta a me beijar, sem parar de mover o quadril em estocadas firmes.

— Sua bocetinha apertada me deixa maluco — ele diz contra a minha boca, ofegante. — *Você* me deixa maluco.

— Eu quero tanto você, Hugh — murmuro, mantendo seu rosto perto do meu e sentindo toda a sua extensão entrando e saindo de mim numa cadência deliciosa. — Não para.

Ele agarra a lateral da minha bunda, cravando os dedos ali.

— Não vou parar. — Os movimentos se intensificam. — Você vai gozar no meu pau, gemendo o meu nome. Você é minha, Laney.

Nossos corpos se chocam um contra o outro quase com violência, mas de um jeito maravilhoso. Eu viro os olhos de prazer, trêmula e descabelada, segurando o corpo forte contra o meu.

— Hugh — ofego. — Meu Deus, eu vou gozar.

Ele então me abraça, se enterrando até o final, de novo e de novo. Eu sou varrida por um orgasmo avassalador, tão forte que afundo as unhas nas costas largas e preciso lutar para conseguir respirar. É a primeira vez que eu gozo apenas com a penetração, então demoro alguns segundos para entender o que está acontecendo.

Hugh pulsa dentro de mim logo em seguida e, só de saber que ele está ejaculando lá dentro, sem barreiras, meu prazer triplica de uma maneira inesperada.

Quando termina, ao invés de já se afastar, ele me abraça de um jeito carinhoso, que eu não estava esperando. Desliza as mãos pelas minhas costas, afasta meu cabelo úmido e beija minha testa. Por alguma razão que eu não consigo compreender, sinto meus olhos queimando, e pisco várias vezes para disfarçar.

— Tudo bem, delícia? — Hugh pergunta, sem me soltar.

— Tudo — respondo. — Foi maravilhoso.

Ele então sai de dentro de mim devagar.

— Vamos dar um mergulho na piscina?

A sugestão me surpreende.

— Agora? — pergunto, com um sorriso e as sobrancelhas erguidas. — São quase dez.

Hugh levanta um ombro.

— Está uma noite agradável, e a piscina é aquecida.

Eu escorrego para fora do balcão.

— Só preciso me limpar antes.

Hugh se inclina, me beija rapidamente e pega minha mão.

— Tem chuveiro lá embaixo. Vamos.

Em poucos minutos, estamos dentro da piscina em formato de L, abraçados e nus, tendo apenas as estrelas como testemunhas.

— Adorei que você tenha aceitado minha proposta — Hugh diz, com o rosto bem perto do meu.

Meus braços estão circundando o pescoço largo, enquanto os dele estão ao redor da minha cintura.

— Estou feliz de estar aqui com você. — Sorrio. — Agora sou sua namorada falsa *e* seu casinho de verdade.

Hugh ri.

— Algo por aí.

Ele me beija, sem pressa. Morde meu lábio inferior de leve, desliza a língua sobre ele e invade minha boca, me fazendo suspirar. Os beijos desse homem são completamente viciantes.

— Seu aniversário está chegando, né? — Hugh pergunta, deslizando a mão pela minha bunda sob a água.

— Sim. É daqui a duas semanas.

— Já pensou no que vai fazer?

Eu reflito por alguns segundos.

— Como vai cair numa quarta, fica difícil combinar algo com a minha família. Acho que será uma noite normal na minha rotina — respondo.

Se eu e Norman ainda estivéssemos juntos, ele provavelmente me levaria para jantar. Estranhamente, não fico triste pela ausência do meu ex-namorado nesse dia. O que me deixaria realmente feliz seria poder passar essa data com Hugh, mas entendo que é algo íntimo demais para se fazer com quem se tem apenas um compromisso casual.

— Entendi — ele diz, me apertando um pouco mais contra si e me fazendo apoiar a cabeça no peito largo. O silêncio toma conta por alguns instantes, antes que Hugh volte a falar. — Sabe quando a gente tem certeza de que não queria estar em nenhum outro lugar?

Minha frequência cardíaca acelera um pouco.

— Sim.

— É como eu me sinto agora.

Droga. Meu coração está batendo tão forte que eu fico com medo de que Hugh perceba. Para descontrair, eu tento brincar.

— Pois eu tenho só um lugar onde preferia estar agora.

Ele me faz encará-lo outra vez, com uma expressão divertida.

— É mesmo? E onde seria isso?

— Roma — respondo e Hugh ergue as sobrancelhas. Eu rio, antes de explicar: — Sempre sonhei em conhecer a Itália, mas nunca tive oportunidade. Estou juntando dinheiro há algum tempo para fazer essa viagem, e um dia vai dar certo.

O canto do seu lábio se ergue um pouco.

— Tenho certeza disso.

Ficamos dentro da água mais um pouco, trocando beijos e conversando. Em determinado momento, eu começo a bocejar. Hugh beija minha boca rapidamente e então me solta.

— Já volto. — Ele sai da água e retorna com duas toalhas.

Eu saio também, me enxugo e enrolo o tecido macio no corpo. Subimos as escadas até o quarto dele, onde minha pequena mala já está. Entramos no chuveiro juntos para tirar o cloro da pele e do cabelo, e o cansaço vai tomando conta de mim. Depois de uma noite praticamente em claro no hotel e a seguinte também insone fazendo faxina para aliviar a ansiedade, meu corpo está esgotado.

Quando saímos do banheiro, Hugh me puxa até a cama e me traz para perto do seu corpo. Eu o abraço, relaxando a cabeça no peito largo, e ele então estende o braço e apaga as luzes. Suspiro, preenchida por uma sensação de paz. Minhas pálpebras pesam.

— Boa noite, delícia. — Hugh beija o topo da minha cabeça e eu me aninho ainda mais no seu calor, sorrindo como uma boba.

— Boa noite, Hugh.

27

HUGH

AGARRO A BOLA E SAIO CORRENDO, atravessando o campo tão rápido que meus pés mal tocam o chão. Desvio dos jogadores da defesa que tentam me derrubar, mas ninguém é páreo para mim hoje.

Chego à *End Zone* e mergulho agarrado à bola, com um sorriso no rosto. Quando levanto outra vez, vejo Campbell a uns dez metros de distância, sério, de braços cruzados. Ele faz um único aceno positivo com a cabeça, sua forma de me elogiar. Nosso técnico não é um cara de muitas palavras, mas é o líder mais foda com quem já tive o prazer de trabalhar. Isso sem contar que defende seus jogadores com unhas e dentes.

— Dispensados — ele diz, com sua voz firme e grossa.

Eu tiro o capacete e corro a mão pelo cabelo encharcado de suor. Ando em direção aos vestiários, acompanhado pelo resto do time. Marco me alcança e envolve meus ombros.

— Que jogada linda agora no final, Nash — ele elogia. — Nem parece que está na *offseason*.

Eu sorrio.

— Estou inspirado.

A verdade é que hoje acordei como se tivesse tomado uma garrafa inteira de café ou energético. Depois de três dias sem ver Laney, que estava enrolada com prazos no trabalho, finalmente teremos um fim de semana inteiro só para nós.

Vou buscá-la em casa mais tarde e a levarei para passar duas noites na casa de um amigo que está desocupada, em uma praia particular a pouco menos de duas horas de Malibu. Minhas intenções são as piores possíveis.

— Como está a Laney? — Marco pergunta, me seguindo para dentro do vestiário.

— Ótima. Vou buscá-la daqui a pouco para viajar.

Suarez abre um armário e guarda seu capacete.

— Hum, fim de semana romântico — ele brinca. — Vão para onde?

Eu puxo a camisa e jogo no cesto de roupas sujas.

— Lembra do Cristaldi? — pergunto.

— QB que se aposentou?

— Ele mesmo. O cara mantém uma casa perto de Las Cruces, mesmo morando na Flórida agora. Como ficamos amigos na época em que jogamos juntos aqui no Sharks, ele me empresta a casa de vez em quando.

Marco arregala os olhos.

— Aquela mansão gigantesca com praia privativa? Fomos a um churrasco lá uma vez, há uns quatro anos.

Eu tiro a bermuda e a boxer.

— Isso aí. Na despedida dele.

Marco, já sem as roupas, entra em uma cabine de chuveiro ao lado da minha.

— Caralho, aquela casa é muito foda. Laney vai adorar.

— É o que eu espero — respondo. Enfio a cabeça sob o jato quase frio e esfrego o rosto. — Vou levá-la para andar de jet ski, já que o filho da puta vendeu a lancha.

Marco ri alto.

— Vai se hospedar na casa do cara e ainda reclama que ele vendeu a lancha.

— A lancha era irada. Foi uma pena ele ter vendido. — Eu passo o shampoo e enxáguo em seguida. — Mas o jet vai ser maneiro também. Acho que a Laney nunca andou em um.

Começo a esfregar o sabonete, louco para acabar o banho e ir para casa.

— E como estão as coisas entre vocês? — Marco pergunta, elevando a voz acima do barulho da água. — Camila perguntou por ela esses dias.

Eu sorrio.

— As coisas estão ótimas entre a gente. Melhores do que nunca.

— A patroa queria convidar vocês para irem lá em casa jantar um dia desses. Topa?

Desligo o chuveiro e alcanço a toalha.

— Deixa eu ver com a Laney. — Começo a me enxugar. — Mas acho que rola sim.

Lembro que ela adorou a Camila, então provavelmente gostaria de jantar com eles.

Me arrumo em tempo recorde e já estou de saída quando Nico me para.

— Que pressa é essa, Nash?

Eu ajeito a bolsa de academia no ombro.

— Tô indo buscar a Laney. Não quero atrasar.

Ele levanta tanto as sobrancelhas que sua testa fica parecendo a porra de um código de barras. Em seguida, olha ao redor e baixa a voz.

— Esse relacionamento de mentira tá mais real que muitos namoros de verdade por aí, hein?

Eu rio.

— Não viaja, cara. A gente decidiu curtir umas semanas até o início do *training camp*, só isso.

— Umas semanas. Sei. — Nico empurra meu peito com o dedo indicador. — Não quis ouvir meu conselho sábio da regra dos três encontros, e vai acabar se fodendo. Depois a garota fica toda apaixonada e você não sabe por quê.

Meu sorriso morre um pouco.

— Não é por mim que ela é apaixonada, Marchesi. Comigo é só diversão. — A ideia era que isso soasse num tom engraçado, mas não sei por que a frase ficou quase melancólica. Espanto essa energia estranha dando dois tapinhas no ombro do meu amigo. — Relaxa que somos adultos e sabemos bem o que estamos fazendo.

Sem esperar para ouvir mais piadinhas, saio do vestiário e atravesso o corredor que dá acesso à porta dos fundos. Já são mais de seis da tarde, mas, ainda assim, o calor é infernal. Não vejo a hora de estar nadando naquela piscina maravilhosa com Laney. Sem as roupas, naturalmente.

Ligo o carro e conecto o telefone ao bluetooth do carro. Falo o nome de Laney, e a central multimídia faz a chamada para mim. Ela atende no terceiro toque.

— Alô?

— E aí, delícia? — Sorrio. — Pronta para a aventura?

— Sim. — Ouço o barulho de alguma coisa caindo. — Só preciso de mais quinze minutos.

Checo as horas.

— Relaxa. Estou saindo do The Palace agora, e passo para te buscar em uns vinte.

— Ótimo. Preciso ir. Até já.

Ela desliga e eu rio sozinho. Laney sempre fica meio tensa com coisas diferentes, mas não resistiu à ideia da viagem. Tudo bem que eu usei argumentos baixos, e talvez tenha prometido mais de vinte orgasmos em um fim de semana. Com ela, essa meta é até conservadora.

Dirijo devagar, cantando junto com a música, tão distraído que chego a levar um susto quando o telefone toca. O nome de Julia aparece na tela LCD do carro, e eu atendo com um sorriso.

— Fala, pentelhinha.

— Hugh Anthony Nash, o que você está aprontando com a minha amiga?

Meus ombros sacodem com uma risadinha quando eu paro num sinal.

— Por que estou notando um tom de reprovação na sua voz?

— Porque eu *estou* te reprovando. O que você acha que está fazendo?

Eu arranco com o carro, sem deixar de sorrir.

— Estou em uma relação casual e consensual com uma mulher maravilhosa, que por acaso é sua amiga. Posso saber qual é o problema?

Eu sei qual é o problema, mas não vou dar o braço a torcer tão facilmente.

— O problema é que eu te conheço bem, Hugh. Sua especialidade é fazer mulheres incautas se apaixonarem perdidamente por você e depois dar um pé na bunda delas sem pena.

Dou a seta e viro à esquerda, com os olhos no trânsito.

— Em primeiro lugar, não faço nada intencionalmente para que ninguém se apaixone por mim. Pelo contrário, deixo claro desde o início que não quero nada sério. Em segundo, caso você tenha esquecido, eu e Laney só nos envolvemos porque ela pretende conquistar o ex de volta. Isso não mudou. Então, qual o problema se a garota quer se divertir um pouco enquanto o cara faz o mesmo?

Ouço o suspiro alto do outro lado da linha.

— Hugh, eu fui a primeira a sugerir que a Laney ficasse com outro homem e curtisse um sexo de verdade com alguém.

— Como você sabe que o sexo dela com o namorado não era bom? — Eu tive a mesma impressão, mas, por alguma razão idiota, quero ouvir minha irmã dizendo o motivo.

— Ah, me poupe! — ela reclama. — Você já *olhou* para o Norman? Se a palavra tédio no dicionário viesse junto com uma foto, poderia ser a dele.

Eu tento não rir, mas falho miseravelmente.

— Você tem um ponto — concordo.

— Mas não era disso que eu estava falando — Julia continua, ainda parecendo meio brava. — Eu disse que Laney deveria experimentar outras

coisas, com a esperança de que ela descobrisse o que é um relacionamento gostoso e saudável e acabasse se apaixonando por outra pessoa.

Eu começo a ficar ligeiramente desconfortável com o rumo da conversa.

— Sua amiga não vai se apaixonar por mim, Jules — rebato.

— Como você sabe? — ela insiste. — Hugh, entenda: eu adoraria que vocês ficassem juntos de verdade, se casassem e me enchessem de sobrinhos. Mas eu não acho que é isso que você quer, e tenho medo de que a Laney se machuque. Só isso.

Meu desconforto vai aumentando e eu esfrego a nuca.

— Relaxa, tá? Nós temos muita clareza do que estamos nos propondo a fazer aqui. Ninguém vai se machucar, eu jamais faria isso com ela.

— Não intencionalmente. Mas...

— Julia — interrompo, começando a ficar um pouco irritado. — Eu entendo sua preocupação, mas é a minha vida, ok? Minha e dela. — Merda, odeio usar esse tom seco com a minha irmã. Respiro fundo. — Prometo que vamos tomar cuidado e garantir que seja bom para os dois, sem mágoas. Tudo bem?

Ela suspira do outro lado.

— Ela é uma das melhores pessoas que eu conheço.

— Eu sei.

— É a irmã que eu não tive.

Sorrio de leve.

— Se for só sua, tudo bem — brinco.

— Palhaço — ela está rindo outra vez, e eu fico mais aliviado.

Estaciono o carro em frente ao prédio pequeno e aviso:

— Cheguei para buscá-la. Preciso desligar.

— Tá. Mas, Hugh?

— Diga.

— Não mostre a Laney o paraíso se não pretende convidá-la para dividi-lo com você. Seria muita crueldade.

Eu engulo em seco.

— Se cuida, maninha.

Desligo o telefone e fico por vários segundos com o olhar perdido. Parece que todos resolveram tirar o dia para pegar no meu pé em relação à Laney. Apoio a cabeça no encosto, soltando o ar longamente e fechando os olhos.

Eu não sou um filho da puta. Jamais a magoaria, nem a seduziria para depois sair fora. Não fazia isso com as mulheres que não significaram nada pra mim, quanto mais com uma garota especial como Laney. A questão é que ela parece estar curtindo esse lance tanto quanto eu, e tem metas muito claras em relação ao que ela quer no futuro. Como eu não me enquadro em nenhuma delas, não estou entendendo por que está todo mundo tão preocupado.

Quer saber? A única pessoa que tem o direito de opinar sobre o que está rolando entre a gente é a Laney. Se ela está de boa com tudo, vou parar de me preocupar e dar a essa mulher as três melhores semanas da vida dela. Quando ela se despedir de mim para viver sua vida pacata com o marido certinho que chega em casa todos os dias às seis para o jantar, ao menos terá boas lembranças de um período bem mais emocionante.

E eu... bem, eu certamente me lembrarei dessa garota como uma das pessoas mais fodas que já passaram pela minha vida.

28

LANEY

— DE QUEM É esse lugar mesmo? — pergunto, quando cruzamos os portões de uma propriedade imensa. Daqui da entrada nem dá para ver onde é a casa.

— Um amigo. Foi *quarterback* titular dos Sharks por oito anos, e se aposentou há três.

O carro anda mais alguns metros, e eu finalmente consigo ver a belíssima construção branca. E o mar. E uma imensidão de grama e jardins ao redor. Tudo aqui é espetacular.

O sol se pôs há pouco tempo, então o céu está tingido em tons de azul e violeta.

— Uau — murmuro, ainda chocada com o tamanho e a beleza desse lugar.

Hugh sorri com o canto da boca.

— Coisas que o dinheiro pode comprar — ele diz. — Podemos argumentar que não são as mais importantes da vida, mas que são boas pra caralho, são.

Eu rio.

— São. Não posso discordar.

Hugh estaciona na garagem completamente vazia e desliga o motor. Nós saímos do carro, pegamos nossas pequenas malas e andamos até uma entrada lateral. Ele consulta algo no telefone, em seguida desarma um alarme e coloca o dedo num leitor biométrico para abrir a porta.

— Sua digital está cadastrada? — pergunto, surpresa.

— Sim, eu já vim aqui algumas vezes.

Procuro disfarçar a pontada de ciúmes ao pensar em Hugh passando o fim de semana aqui com outras mulheres. Me recrimino pelo pensamento idiota. Ele é um jogador lindo, rico e famoso da NFL. Já deve ter comido mais mulheres do que consegue contar, e é óbvio que já trouxe essas garotas aqui. A pergunta é: por que diabos isso agora me incomoda?

— O que foi? — ele pergunta, me dando passagem no hall espaçoso.

— Nada. — Finjo que estou apreciando uma escultura. — A casa é mesmo linda.

— Laney... — O tom firme me faz encará-lo. — Sua cara mudou. A gente não mente um para o outro, esqueceu?

Eu ruborizo um pouco e desvio o olhar.

— É uma besteira tão grande que eu não quero nem dizer.

Ele sorri e me puxa pela cintura, me fazendo encará-lo.

— Nada do que te preocupa é besteira. Vamos, me fala o que é.

Respiro profundamente.

— Fiquei pensando em quantas mulheres você deve ter trazido aqui antes de mim — admito, a contragosto. Os olhos castanhos se estreitam, e me sinto ainda mais idiota. — Esquece, você não me deve satisfação de nada. É claro que já tr...

— Sozinha comigo, nenhuma — ele me corta. Eu fecho a boca, encarando-o um pouco surpresa. — Já dei festas aqui, e havia mulheres. Não vou mentir para você, já fiquei com garotas nessa casa. Mas apenas porque elas estavam aqui, disponíveis. Vou te confessar algo do qual eu não me orgulho, mas não me lembro nem dos nomes.

Por essa declaração eu não esperava.

— Eu... não sei o que pensar disso. — Passo a mão no cabelo, um pouco desnorteada. — Eu sou a primeira mulher que você traz para passar um fim de semana com você aqui?

— Você foi a primeira mulher que dormiu abraçada comigo na minha cama, Laney. A primeira com quem eu passei um fim de semana inteiro.

Meu coração está batendo tão forte que eu fico preocupada com a possibilidade de um infarto.

— Mas... você teve outras namoradas. Eu já vi matérias em sites.

Hugh coloca uma mecha do meu cabelo atrás da orelha.

— Eu nunca namorei, Laney. Já saí algumas vezes com a mesma garota, mas eu sempre dava um jeito de deixá-las em casa depois do sexo. Nunca quis muita intimidade com nenhuma delas, exatamente porque eu sabia que havia uma chance enorme de que as mulheres com quem eu saía se aproveitassem disso como forma de autopromoção. E era o que acontecia na maioria das vezes, elas se diziam minhas namoradas, ainda que eu nunca tenha dado motivos.

Continuo confusa.

— Então por que comigo está sendo diferente? — pergunto.

Hugh permanece em silêncio, e preciso controlar o impulso de começar a mexer em alguma coisa para conter a minha ansiedade. Essa conversa está

tomando um rumo muito distante do que eu imaginava, e acabei ficando perigosamente feliz com algumas coisas que eu estou ouvindo.

— Porque eu confio em você. Porque eu gosto da sua companhia além do sexo. Porque... — ele hesita por um segundo. Estou meio tonta com tudo que eu estou ouvindo. — Porque eu sei que eu não sou o tipo de cara que você quer no seu futuro.

Essa última frase é como um solavanco, me arrastando de volta à realidade de uma forma nada gentil. É óbvio que é por isso. Hugh sabe que eu não espero nada dele, começou a sair comigo para me ajudar a reconquistar outra pessoa. Ele está seguro, sabendo que sentimentos mais profundos não fazem parte dessa equação.

Eu engulo com dificuldade e tento sorrir. Essas palavras não deveriam ser uma surpresa, pelo contrário. Apenas refletem tudo que nós combinamos desde o início. Então, por que ouvi-lo falar assim doeu?

Fico na ponta dos pés e lhe dou um beijinho rápido, empurrando as dúvidas desconcertantes para o fundo do meu inconsciente. Preciso deixar essas besteiras de lado e fazer o que nós dois nos propusemos: curtir algum tempo juntos.

— Estou com um pouco de fome — digo, aproveitando o tema para mudar de assunto. — Vamos comer?

No caminho para cá, paramos num *fast food* e compramos uma quantidade indecente de comida. Eu pedi um hambúrguer vegetariano e fritas, e Hugh pediu dois hambúrgueres imensos, mais fritas e dois copos enormes de refrigerante zero. Ele quis dispensar os empregados durante o fim de semana para que tivéssemos mais privacidade, então teremos que nos virar com a nossa comida. Quem sou eu para reclamar disso.

— Vamos. — Hugh deixa nossas malas num canto e anda até a cozinha espaçosa aberta para sala, com vista para o mar. — Vou arrumar uma mesa para nós.

— Me fala onde ficam as coisas que eu ajudo.

Em poucos minutos, estamos sentados devorando nosso jantar.

— Preciso aproveitar enquanto posso comer merda — Hugh fala, com a boca ainda meio cheia, e eu começo a rir. — É sério. Daqui a pouco o inferno começa. Setembro sempre chega.

Eu franzo um pouco a testa.

— Acho que já ouvi isso em algum lugar — comento.

— É uma frase famosa nos bastidores da NFL. — Hugh sorri, com o canto da boca sujo de maionese.

Sem parar para pensar no que eu estou fazendo, estendo a mão e limpo o local com o polegar. O olhar dele muda de maneira sutil, ficando mais intenso e... carinhoso? Fico parada nessa posição por alguns segundos, hipnotizada. Hugh inclina o rosto e beija a minha mão, num gesto tão íntimo que faz meu estômago se contorcer. Forço um sorriso e recolho a mão, voltando a comer. Ele faz o mesmo, e continua apenas me encarando em silêncio, com esses olhos que me fascinam a cada dia mais.

Eu sempre adorei essa parte. Dividir coisas simples, como um jantar de fast food. Momentos de intimidade de casal, onde um cuida do outro através das pequenas coisas. Era a minha parte preferida no relacionamento, e hoje me pergunto se talvez não fosse a única.

Porque a verdade é que eu e Norman tínhamos intimidade, companheirismo, planos para o futuro... mas não havia paixão. Nunca houve paixão, e eu só me dei conta disso agora, experimentando algo completamente diferente com Hugh.

Não é só pelo sexo, pelo prazer físico. Estar com ele é diferente de tudo que eu já experimentei. Hugh me desestabiliza e me acalma na mesma proporção. Com Norman, tudo que eu sentia era uma espécie de segurança, familiaridade. E começo a me perguntar se isso é o suficiente.

— Quero te fazer um convite. — Ele levanta da mesa, pegando as embalagens vazias assim que terminamos de comer.

Eu levanto também.

— Qual? — Levo os copos descartáveis até o lixo.

— Quero mergulhar com você na piscina. Agora.

Eu olho para o terraço, iluminado pela luz da lua e por algumas luminárias modernas estrategicamente posicionadas.

— Está bem. — Eu sorrio. Com ele, qualquer aventura tem mais graça.

— Sem roupa — Hugh avisa, olhando para mim e erguendo uma sobrancelha ao lavar a mão na pia.

Eu rio. Bem, não seria a primeira vez.

— Está bem — repito.

— E eu vou te foder naquele terraço.

Um arrepio percorre a minha coluna.

— Está bem.

Hugh anda até mim e me abraça, enterrando a cabeça no meu ombro.

— E vou te fazer gozar vendo estrelas. Literalmente.

Eu rio de novo, já sentindo a calcinha umedecendo.

— Está bem. — Uma mordida no meu pescoço me pega de surpresa. — Ai! Por que você me mordeu?

— Se você falar *está bem* mais uma vez, a próxima mordida será na sua bunda.

Eu sorrio com malícia.

— Está bem.

No instante seguinte, eu solto um gritinho ao ser colocada sobre o ombro de Hugh, que cumpre a promessa de morder a lateral da minha bunda e me carrega como se fosse um homem das cavernas até o terraço.

— O que você está fazendo? — pergunto, numa crise de riso.

— Ensinando a você o que acontece com garotas espertinhas.

No instante seguinte, Hugh me coloca no chão apenas para me abraçar e se jogar comigo na piscina. Com roupas, sapatos, tudo. Assim que consigo emergir, eu o encaro, com um sorriso incrédulo.

— Seu louco! Estamos de roupa.

Ele me puxa para um beijo, desabotoando a minha blusa.

— Não por muito tempo — murmura contra a minha boca antes de invadi-la outra vez.

Tirar as roupas dentro da água é mais difícil do que parece, e acabamos gargalhando juntos ao tentar fazer isso. Depois do dobro do tempo que levaríamos se estivéssemos secos, nos livramos das últimas peças, largando tudo na borda.

A sensação do corpo musculoso e completamente nu de Hugh Nash colado ao meu dentro da piscina é uma das coisas mais eróticas que eu já experimentei na vida, especialmente numa noite tão quente.

Sua ereção comprime a minha barriga, e eu levo a mão até ela ao mesmo tempo em que Hugh desce a cabeça até o meu mamilo.

— Você já fodeu dentro da água? — ele pergunta, mordendo o bico sensível e em seguida sugando.

— Nunca.

— É uma merda, mas vamos começar aqui para você ter a experiência. — Ele então leva uma mão ao meio das minhas pernas, deslizando o dedo pelas minhas dobras. — Caralho, como eu adoro você meladinha assim.

Hugh então me vira de costas para ele e me coloca apoiada na borda da piscina. No instante seguinte, seu pau duro e grosso se encaixa na minha

entrada, e eu sinto a pele esquentar em expectativa.

— O que você quer agora, Laney? — a voz rouca sussurra no meu ouvido e eu fecho os olhos.

— Quero você.

— Onde?

— Dentro de mim.

A invasão lenta me arranca um gemido alto. Realmente a água atrapalha um pouco, mas sentir Hugh me preenchendo é delicioso de qualquer jeito.

Ele leva uma mão à parte da frente do meu corpo e escorrega pela minha barriga até alcançar os pelos.

— A gente já vai sair daqui, mas antes quero você gozando dentro dessa piscina.

Hugh começa a me masturbar com precisão, e eu agarro a borda, ofegante. Não demora muito para que os espasmos de prazer tomem conta. Eu tremo em seus braços, com o corpo inteiro arrepiado.

— Isso, delícia — ele incentiva, reduzindo os movimentos da mão e do quadril devagar. Hugh sai de dentro de mim, me levanta pela cintura e me coloca sentada na borda.

Em seguida, apoia as duas mãos, dá um impulso e seu corpo glorioso sai da água num movimento rápido. Fico observando, fascinada, o peitoral largo, o abdome trincado, as coxas musculosas e o pau majestoso, apontando para o céu.

Ele me ajuda a ficar em pé e me conduz até uma espreguiçadeira. Eu deito ali, sentindo a brisa quente da noite na pele molhada. Hugh se posiciona por cima de mim, entre as minhas pernas, e volta a me penetrar, devagar.

Seu rosto está sério, bem próximo do meu. A mão gentil tira o cabelo da minha testa, um gesto que sempre me fará lembrar dele, e seus olhos mantêm os meus aprisionados enquanto ele penetra, numa cadência lenta.

Eu faço um carinho na barba macia, sentindo um nó na garganta. É a primeira vez que fazemos sexo assim, dessa forma mais lenta, frente a frente, cada centímetro dos nossos corpos se tocando. A sensação é avassaladora.

— A gente nunca fez assim — murmuro.

— Assim como? — Hugh pergunta, baixinho.

— De frente. Abraçados.

Ele me beija outra vez, um beijo tão suave que é apenas um roçar de lábios.

— Eu te disse que queria que você visse as estrelas.

Hugh então desce o rosto até a curva do meu pescoço, me apertando contra ele. Eu o abraço de volta, olhando para o céu sem nuvens onde uma lua cheia brilha e uma infinidade de estrelas se espalham em todas as direções.

Meus olhos ficam úmidos, e eu aperto as pálpebras com força, envolvendo o quadril de Hugh com as pernas. Ele me aperta ainda mais, acelerando os movimentos e estocando com mais força, num ângulo tão perfeito que consigo senti-lo em todos os lugares. Nossos corpos começam a estremecer juntos.

— Diz que você é só minha hoje — ele pede, numa voz ofegante.

— Eu sou sua — murmuro de volta.

Somos tomados pelo orgasmo ao mesmo tempo, enquanto Hugh me beija com paixão e urgência. Quando os espasmos passam, ele cola a testa à minha, de olhos fechados, e sussurra outra vez:

— Minha.

— Sua.

Quero guardar esse momento para sempre na memória como um dos mais bonitos da minha vida. O problema é que Hugh quer que eu seja dele *hoje*, e a ideia de que isso que estamos vivendo vai terminar em breve me causa um aperto no peito.

Eu respiro fundo e o abraço. Por mais perigoso que seja continuar com essa coisa louca que aconteceu entre nós, eu não estou preparada para abrir mão dele ainda. Só preciso manter em mente as regras desse jogo, antes que seja tarde demais.

29

HUGH

DEPOIS DE ACORDARMOS ABRAÇADOS outra vez e de mais uma rodada de sexo matinal incrível, agora Laney está se vestindo para aproveitarmos o dia na piscina. Ainda pelado na cama e com uma mão sob a cabeça, eu a devoro com os olhos.

Ela veste um biquini preto que poderia ser discreto em outras mulheres, mas nela tudo parece sexy e delicioso.

— Fui eu que paguei por isso aí também? — pergunto, com um sorriso preguiçoso.

Laney para de amarrar os lacinhos laterais e levanta o rosto para mim com um brilho divertido no olhar.

— Foi, por quê? — Antes que eu consiga responder, a safada dá um sorrisinho. — Pretende rasgá-lo?

Eu mordo o lábio enquanto analiso suas curvas perfeitamente naturais. Tudo em Laney é autêntico, e ainda me surpreendo com o quanto isso me atrai. Ela não tem um desses corpos de modelo, não se preocupa excessivamente com dieta e exercícios, apesar de levar uma vida saudável. E eu estou completamente obcecado por cada uma das suas saliências e reentrâncias.

— Eu poderia — respondo, sem tirar os olhos dos seios pequenos e sem silicone. — Mas, para a sua sorte, ele tem cordinhas que eu posso desamarrar mais tarde.

Ela ri, e eu adoro cada vez mais o som dessa risada espontânea e relaxada.

— Ainda bem. Foi o único que eu comprei naquele dia, e atualmente é o único no meu armário. Os feiosos antigos foram doados.

Eu levanto da cama e a agarro por trás.

— Acho melhor colocar uma sunga e te levar para curtir um pouco desse dia lindo. Caso contrário, vou acabar te arrastando de volta pra cama e te mantendo como minha refém aqui o dia inteiro. — Beijo seu pescoço. — Talvez isso envolva algumas formas de tortura.

Laney se vira nos meus braços e me encara com um olhar divertido e carinhoso. A mão pequena desliza pela lateral do meu rosto, enquanto seus

olhos verdes escuros aprisionam os meus.

— Por mais que essa ideia seja muito tentadora, eu adoraria aproveitar um pouco do dia. — Ela então olha para baixo, onde meu pau já começa a se animar pela proximidade. — Mas gostei da ideia de ser mantida como sua refém e torturada mais tarde.

Ela fica na ponta dos pés, me dá um beijinho rápido e sai em direção à sala, não sem antes olhar para trás e conferir que o quarto está perfeitamente arrumado. Rindo, eu coloco a sunga e me junto a ela na cozinha.

Laney já está separando algumas coisas para o café da manhã. Eu pedi a Cristaldi que providenciasse alguns suprimentos básicos para o fim de semana. Aparentemente, os funcionários dele levaram a tarefa muito a sério.

— Meu Deus, isso parece a seção de hortifruti do mercado — Laney comenta, com a cabeça enfiada na geladeira. — Tem umas frutas aqui que eu acho que nem conheço.

Eu me junto a ela na tarefa de selecionar alguns itens para a refeição e, em poucos minutos, estamos saboreando um café da manhã farto e delicioso. Quando ela morde um morango, uma gotinha do sumo da fruta escorre pelo seu queixo. Sem pensar duas vezes, eu limpo com a língua, o que acaba resultando em um beijo intenso.

É impressionante como eu não me canso dela. Sim, em parte porque quero fodê-la a cada dez minutos em todas as superfícies disponíveis, com um tesão descontrolado que eu nunca tive por nenhuma outra mulher, mas não é apenas isso. Gosto quando ela me conta sobre coisas engraçadas no seu trabalho, ou quando fala com um carinho gigantesco sobre a minha irmã, ou apenas quando me escuta com toda a atenção, como se quisesse saborear cada palavra que eu digo.

Isso sem contar os momentos em que apenas ficamos abraçados, assistindo a um filme ou mesmo na cama antes de dormir. Eu nunca gostei de fazer esse tipo de coisa com ninguém, sempre pareceu algo meio forçado. Mas com Laney é... diferente. *Ela* é diferente.

Assim que terminamos de comer, arrumamos tudo na cozinha. Já percebi que louça suja na pia, roupas espalhadas, qualquer coisa que remeta a bagunça ou sujeira a desestabiliza por causa do TOC, então acabei internalizando o hábito de arrumar tudo imediatamente. Sem perceber,

comecei a fazer isso na minha própria casa, mesmo quando estou sozinho. Vai entender.

Assim que está tudo limpo e organizado, eu a trago até o deck. Está um dia lindo, e quero levá-la para um passeio diferente.

— Você já andou de jet ski? — pergunto, protegendo os olhos com a mão por causa do sol.

— Nunca — ela responde, olhando ao redor. No momento em que vê o equipamento atracado ao pequeno píer privativo da casa, volta a me encarar com uma expressão curiosa. — Está pretendendo me levar para um passeio?

Eu levanto um ombro.

— Se você quiser...

— Eu quero.

Sorrio com a expressão dela, uma mistura de empolgação e medo.

— Vamos colocar os coletes, tudo bem? — aviso. — E eu tenho bastante experiência pilotando jet ski, você estará segura.

Laney dá um passo na minha direção e desliza o dedo timidamente pelo meu peito, sem me encarar.

— Eu sempre me sinto segura com você — murmura.

Meu coração acelera de uma maneira inesperada com essas palavras.

— Que bom, delícia — respondo, puxando-a contra mim e beijando o cabelo ruivo.

Laney me envolve pela cintura, e eu apoio o queixo na sua cabeça. Sinto uma vontade estranha de mantê-la assim, perto de mim, segura nos meus braços. Protegê-la de qualquer sofrimento, ao mesmo tempo em que a ajudo a descobrir todas as coisas fantásticas que ela ainda não teve a oportunidade de conhecer.

É nessa hora que eu me lembro de que Laney não é minha, ao menos não por muito tempo. Que ela ainda quer voltar com o babaca que a dispensou por não ter certeza de que essa garota fantástica é a mulher da vida dele.

Laney quer um tipo de compromisso que eu jamais serei capaz de oferecer, ao menos não até me aposentar da NFL. Durante sete meses do ano, eu serei ainda mais ausente do que o pai dela, sempre correndo de uma cidade para outra, preso no centro de treinamento por horas intermináveis, falhando miseravelmente em qualquer tentativa de estar por perto quando ela precisasse.

Fecho os olhos com força quando percebo uma emoção nova surgindo dentro de mim. Pela primeira vez na minha vida, a ideia de perder uma garota dói quase fisicamente. Saber que, em pouco tempo, será com outro cara que Laney vai dormir junto, acordar abraçada, beijar, transar, conversar sobre suas angústias e dar essas risadas deliciosas mexe comigo de uma forma desconcertante.

Eu não posso ser estúpido o suficiente para me apaixonar pela única garota que eu não posso ter. Justamente aquela que não se importa com a minha fama, com o meu dinheiro, com o status de estar com alguém conhecido. Pelo contrário, Laney odiaria a invasão de privacidade que vem junto com tudo isso. Ela quer apenas ser amada, cuidada e respeitada por alguém que seja presente na vida dela. Ou seja: a única coisa que eu não posso oferecer.

Ignorando a pontada de dor no peito, eu forço um sorriso e a faço olhar para mim. Eu posso não ser o homem que vai ter a honra de dividir a vida com ela, mas farei questão de dar a essa mulher algumas semanas inesquecíveis.

— Está pronta para viver a maior aventura da sua vida? — pergunto, e não estou falando apenas sobre o passeio de jet ski.

Laney sorri e franze o nariz de um jeito que me faz ter vontade de beijá-la até que ela esqueça que existe qualquer outra pessoa no mundo além de nós dois.

— Acho que estou. — Em seguida, sua expressão suaviza. — Sei que você não vai deixar que nada ruim aconteça comigo, Hugh.

A fisgada atrás das costelas retorna e eu engulo com algum esforço.

— Jamais, minha linda. Jamais.

30

LANEY

JÁ COM O COLETE SALVA-VIDAS, eu subo no jet ski, seguindo as instruções de Hugh. O equipamento é maior e mais estável do que eu imaginava.

— Eu não sabia que eram tão robustos — comento, ao me acomodar no assento.

Hugh senta atrás de mim, com o corpo colado ao meu.

— Esse é um Nikola Wav Eletric — ele responde, casualmente. — Um dos melhores modelos que existem.

Eu apenas aceno em concordância, já que ele poderia ter mencionado o nome de uma espécie rara de pinguim e não faria a menor diferença para mim.

Hugh se inclina sobre o meu corpo para segurar o guidão.

— No início, eu vou guiar — ele avisa. — Mas, quando sairmos da costa e estivermos mais perto do alto-mar, você pode assumir o comando.

Eu olho para trás, incrédula.

— Não é possível que você seja tão corajoso assim. Podemos morrer os dois, seu doido.

Ele ri.

— Ninguém vai morrer hoje, mulher. Pode confiar. — Hugh então liga o motor, que faz um ronco suave na água. — Aqui a gente acelera. — Ele mostra um dispositivo no lado direito do guidão. — É importante fazer uma pressão suave e crescente quando se está começando, caso contrário, o jet pode empinar e a gente pode cair.

— Ok... — respondo, sem muita convicção.

— Para virar, basta mexer o guidão, sempre devagar. O ideal é acelerar um pouco enquanto faz isso, senão você não irá para onde está tentando ir.

Eu engulo em seco.

— Meu Deus, é por isso que eu não dirijo nem carro — murmuro.

Hugh ri e dá um beijo no meu pescoço.

— Relaxa. Eu estarei sempre aqui, junto com você. Pronta?

Após a minha confirmação, ele acelera e o equipamento começa a ganhar velocidade. O vento fresco batendo no rosto é uma delícia, e sinto a

água do mar respingando nas minhas pernas.

Quando Hugh acelera mais, solto um gritinho seguido por uma gargalhada.

— Está gostando? — ele pergunta elevando a voz acima do barulho do motor e do vento.

— Sim! — Rio outra vez. — É muito melhor do que eu imaginava.

Minhas mãos estão junto às dele, mas quem está no comando é Hugh.

— Vamos animar essa brincadeira — ele diz.

Antes que eu entenda o que está acontecendo, Hugh acelera ainda mais, cruzando a água em alta velocidade e nos fazendo saltar sobre as pequenas ondas. Eu rio alto enquanto ele faz manobras cada vez mais ousadas. Os braços musculosos nas laterais do meu corpo me mantêm segura, assim como seu peito forte colado às minhas costas.

— Isso é bom demais! — grito para que ele consiga me ouvir, e então fecho os olhos, querendo guardar essas sensações para sempre.

Após vários minutos de passeio, quando já estamos meio longe da costa, Hugh reduz a velocidade.

— Sua vez — ele diz, alto. Meu coração acelera, mas deixo que sua mão posicione a minha no local que me permite controlar o guidão e o acelerador. — Aperta de leve.

Eu faço o que Hugh pediu e o jet ski vai ganhando velocidade outra vez. Minha expressão tensa começa a relaxar.

— Assim? — pergunto, ainda meio insegura.

— Exatamente assim. — Ele solta o guidão e me abraça. — Você está no comando, gata!

Eu rio nervosamente, mas acelero um pouquinho mais. Em seguida, arrisco uma pequena curva para a direita, já que não há literalmente nada ao nosso redor por quilômetros intermináveis de águas calmas.

— Que gostoso! — eu grito, animada.

Sinto o sorriso de Hugh contra o meu rosto, quando ele me abraça ainda mais forte. Não me lembro quando foi a última vez em que me senti tão livre, tão... feliz.

Depois de vários minutos me deixando brincar de pilotar jet ski, Hugh assume o comando outra vez e vai reduzindo a velocidade até parar. Ele então me faz virar no assento, me colocando de frente para ele. Sua mão tira uma mecha de cabelo que voou no meu rosto e seus olhos castanhos profundos me encaram.

— Eu deixo você brincar de novo daqui a pouco se quiser, mas eu precisava fazer uma pausa.

Junto as sobrancelhas, sorrindo.

— Por quê? — pergunto.

— Porque eu estava louco de vontade de te beijar.

Meu estômago dá um saltinho quando sou puxada para um beijo ardente, possessivo, que me deixa inteiramente entregue a esse homem. Hugh explora minha boca sem pressa e corre a mão direita pela minha coxa numa carícia suave, enquanto a esquerda se embrenha pelo meu cabelo solto e bagunçado pelo vento.

Quando nossas bocas se descolam, seus olhos buscam os meus.

— Caso você esteja se perguntando — ele diz —, você é a primeira mulher que eu trago para andar de jet ski.

Um sorriso involuntário se espalha pelo meu rosto, fazendo meus olhos brilharem.

— Eu nem tinha pensado nisso, mas admito que adorei saber.

Seu polegar traça o contorno do meu lábio inferior.

— Você é especial, Laney. Muito especial.

Meu sorriso vai desmanchando com a intensidade do seu olhar, e as batidas do meu coração assumem um ritmo frenético. No instante seguinte, a boca exigente de Hugh se apodera da minha de novo, com uma intensidade e uma urgência muito maiores, e eu derreto de vez em seus braços. Como minhas coxas estão por cima das dele, consigo sentir sua ereção crescendo na sunga, pressionada contra o meu centro.

Um gemido involuntário escapa da minha garganta, o que faz com que ele use uma das mãos para apertar minha bunda com força e me trazer para mais perto.

— Eu quero te comer — ele murmura contra os meus lábios.

Olho ao redor, assustada.

— Aqui? E se alguém vir?

Hugh me presenteia com um sorriso sacana.

— Podemos ser discretos até chegarmos mais perto da costa. Lá é uma praia privativa, não passa ninguém.

Meu peito parece um vulcão, explodindo com um monte de emoções ao mesmo tempo. Excitação, desejo, medo...

— Eu jamais te colocaria em risco, Laney — ele diz, com firmeza. — Confia em mim? — pergunta, correndo o polegar pela minha bochecha, seu

rosto quase colado ao meu. Eu apenas concordo com um aceno rápido de cabeça. — Olha o que você faz comigo, mulher.

No instante seguinte, Hugh coloca a mão entre os nossos corpos e puxa seu pau para fora da sunga, completamente duro. Meu clitóris imediatamente começa a latejar, e a vontade de senti-lo me preenchendo é quase insuportável.

— Hugh — ofego, sem conseguir tirar os olhos da sua ereção.

— Vira de costas pra mim de novo, em pé — ele comanda e eu obedeço, mantendo os pés apoiados nas laterais do jet. Hugh então afasta meu biquini para o lado e corre um dedo pela minha entrada. — Porra, Laney. Sempre pronta pra mim. Sempre perfeita.

Seu braço envolve minha cintura e ele me puxa na direção do seu colo. Sinto seu membro na minha entrada, e o tesão é tão grande que eu não hesito em descer o corpo, deixando que ele me penetre até o fim.

— Puta que pariu — Hugh arfa, atrás de mim. — Como vou levar essa merda de jet ski até a costa com a sua boceta me apertando desse jeito?

Eu sorrio e aperto ainda mais, adorando esse poder que tenho sobre ele.

— Laney... — Hugh rosna, entre dentes. — O que você está fazendo?

Eu me finjo de inocente e começo a rebolar devagarzinho.

— A gente não ia voltar para a costa, Hugh? Esqueceu como pilotar?

Como represália por dar uma de engraçadinha, ganho uma mordida no ombro no instante em que ele começa a acelerar o motor.

— Foda-se. Rebola direito no meu pau, safada — ele ordena, com o vento batendo nos nossos rostos. — Sua sentada é uma delícia.

Um arrepio percorre a minha coluna com essas palavras eróticas e meio sujas, que eu tenho gostado cada vez mais de ouvir. Faço o que ele pede, rebolando no seu colo e sentindo seu pau preenchendo cada espacinho dentro de mim. Os movimentos não são muito amplos por causa da instabilidade do jet ski em movimento, mas isso é parte da graça.

— Caralho, Laney — Hugh murmura no meu ouvido, e eu mal consigo ouvi-lo por causa do vento e do barulho do motor. — Quando chegarmos na praia, vou te foder tão forte que você vai me sentir por vários dias.

Ele acelera um pouco mais, como se não pudesse controlar a ansiedade. Em alguns minutos, chegamos a um trecho recuado da praia, que faz uma espécie de baía em frente à casa. Hugh desliga o motor, arranca os nossos coletes e fica em pé, me trazendo com ele. Puxa as cordas que mantém meu

biquini amarrado em cima e em baixo, e, em segundos, eu estou completamente nua. Ele deixa as peças sobre o guidão.

— Agora sim — Hugh rosna, apertando meu peito e empurrando então meu tronco para baixo. — Empina essa bunda maravilhosa pra mim.

Eu obedeço, me debruçando sobre o assento, minha cabeça parando perto do guidão. Hugh tira a sunga, que vai parar ao lado do meu biquini, e se enterra em mim de uma vez só, me fazendo gemer alto. Ele estala um tapa forte na minha bunda, antes de agarrar meu quadril e começar a me puxar contra o seu corpo, estocando numa cadência deliciosa.

Fecho os olhos, aproveitando todas as sensações. Jamais imaginei que fosse possível fazer sexo num jet ski, mas é mais gostoso do que parece. A posição não é tão desconfortável, e Hugh consegue manter o nosso equilíbrio o tempo todo.

Ele se debruça sobre o meu corpo e leva uma mão à minha boceta encharcada. Seu dedo massageia meu clitóris inchado com precisão, ao mesmo tempo em que ele beija e lambe o meu pescoço.

Seu pau grosso vai me alargando cada vez mais e, nessa posição, o estímulo ao meu ponto G é ainda mais intenso. É uma avalanche de sensações, potencializada pelo fato de saber que estou nua, em pleno mar, sendo fodida em pé num jet ski pelo homem mais perfeito que eu já conheci na vida.

Não demora muito e eu começo tremer.

— Puta merda, Laney. — Hugh ofega, rouco. — Se me apertar assim, vou encher essa bocetinha de porra.

Essas palavras me empurram do precipício e minhas pernas ficam bambas com o orgasmo avassalador. Alguns jatos de líquido transparente escorrem pelas minhas pernas, algo que nunca aconteceu comigo antes. Hugh urra no meu ouvido, gozando tão forte a ponto de eu sentir cada espasmo.

Terminamos os dois suados, descabelados e ofegantes. Assim que ele sai de dentro de mim, seu sêmen escorre pelas minhas coxas, se misturando ao líquido transparente que desceu segundos antes. Hugh me faz virar de frente para ele e desliza uma mão pela pele melada. Os olhos castanhos observam tudo, como se estivessem hipnotizados.

— Você teve um *squirt* — ele murmura, fascinado. — Eu senti os jatos na minha mão.

Eu já li sobre isso uma vez, e agora faz sentido. Sorrio, um pouco tímida.

— Parece que sim — concordo, com as bochechas vermelhas por causa do esforço e da surpresa dessa situação.

Hugh corre os olhos por todo o meu corpo, como se venerasse a obra de arte mais perfeita que existe. Meu peito aquece de uma maneira inexplicável.

— Tão minha... — ele sussurra. — Só minha. — De novo esse pronome possessivo que acaba comigo. Hugh então me abraça, suspira, e eu me aninho ao peito largo. Após alguns segundos assim, ele segura meu rosto com gentileza e beija meus lábios de leve. — Vamos?

Eu concordo e a gente senta outra vez. Não há dúvidas de que esse assento precisará de uma boa limpeza antes de irmos embora. Hugh dirige em silêncio até o píer, onde saltamos e pegamos nossas roupas de banho e os coletes. Eu olho para o equipamento sujo com os resquícios de um sexo fantástico, e Hugh acompanha meu olhar. Sem dizer nada, ele puxa uma mangueira na extremidade do deck e lava o assento, me fazendo sorrir.

Ele sabe que eu não ia conseguir relaxar sabendo que deixamos essa bagunça aqui fora, e faz de tudo para que eu me sinta bem sem que eu precise dizer nada. Eu nunca tive alguém que me fizesse sentir tão importante e respeitada assim. Quando tudo fica limpo, ele solta a mangueira e nós andamos nus e de mãos dadas até a casa.

Tento, mais uma vez, me convencer a aproveitar o que estamos vivendo, sem criar expectativas. O problema é que isso está ficando a cada dia mais difícil, e agora o medo do que virá depois vai ficando cada vez mais real.

31

HUGH

LANEY ESTICA a saia do vestido pela terceira vez desde que saímos do carro, quinze segundos atrás. Ao pararmos na porta da casa dos meus pais, eu belisco sua cintura e sussurro em seu ouvido:

— É impressão minha, ou você está nervosa?

Ela me fuzila com os olhos.

— É claro que estou nervosa, Hugh. Desde que você me falou sobre esse jantar, quando saímos da casa do seu amigo hoje de manhã, eu ainda não entendi qual a versão dos fatos por aqui. Ainda sou apenas a amiga da sua irmã? Sou sua suposta namorada? Ou sou a mulher que você está pegando por tempo limitado?

Eu sorrio, relaxado.

— Já te disse que não precisamos de rótulos. Podemos ser espontâneos e deixar rolar. Além disso, meus pais adoram v...

— Laney! — minha mãe exclama ao abrir a porta, com um sorriso tão grande que ocupa quase seu rosto inteiro.

— Viu? — sussurro para a baixinha ao meu lado, antes que ela seja sufocada pelos braços amorosos da sra. Nash.

— Oi, Selena — Laney a cumprimenta, devolvendo o abraço caloroso.

Os olhos astutos da minha mãe se estreitam na minha direção, antes de se voltarem para a ruiva com afeto.

— Quando Hugh me disse que traria uma garota para jantar, eu nem acreditei. E que surpresa maravilhosa saber que é você. — Mamãe é discreta o suficiente para não perguntar abertamente qual a nossa relação, mas não para evitar uma piscadinha sugestiva antes de me abraçar. — Que saudade, meu filho.

— Eu também estava — respondo, antes de beijar sua bochecha.

— Vamos entrar! — Ela nos puxa para dentro de casa. — Está quente demais aqui fora.

Assim que cruzamos a soleira, meu pai vem da cozinha usando um avental que diz “Beije o cozinheiro”. Ele sorri genuinamente ao ver que estou acompanhado de Laney, e se adianta para segurar seu rosto entre as mãos e beijar suas bochechas.

— Bem-vinda, Laney.

— Obrigada, James. — Laney chama meus pais pelo primeiro nome, porque os conhece desde criança. Os coroas a adoram, e sei que o sentimento é recíproco.

Ouço um barulho no corredor e viro a cabeça a tempo de ver Julia entrando na sala com uma expressão ultrajada.

— Então agora é assim que as coisas funcionam? — Ela coloca as mãos na cintura. — Meu irmão traz a *minha* melhor amiga para jantar na *minha* casa, e eu só descubro quando eles chegam?

Eu cubro a distância até ela com passos largos, a envolvo com um dos braços, prendendo os dela, e uso a outra mão para bagunçar seu cabelo curto.

— Você não manda em nada, pentelhinha — provoco, enquanto minha irmã se debate para se soltar, obviamente em vão. — Ninguém liga para você.

Julia dá um jeito de libertar uma mão e me belisca tão forte na barriga que eu gemo de dor.

— Que papelão, hein? — ela reclama, escondendo um sorriso com uma falsa cara de brava, ainda se esforçando para se libertar. — Roubando minha amiga na cara dura.

Enquanto tento prender a mão de Julia outra vez, olho na direção de Laney, que nos observa com uma expressão divertida e as bochechas coradas de vergonha.

— Eu não roubei ninguém — digo, ofegante pela luta corporal com a minha irmã. Sim, nós parecemos ter cinco anos às vezes. — Eu juro que ela veio por livre e espontânea vontade.

Entrando na brincadeira, Julia vira a cabeça na direção da amiga.

— Laney, isso é verdade? Se não for, use o nosso código de emergência.

A ruiva começa a rir e eu acabo soltando a minha irmã e envolvendo-a num abraço rápido. Em seguida, beijo o topo de sua cabeça, decretando o fim do pequeno duelo.

— Que código de emergência? — pergunto, curioso, ao soltá-la.

Julia sorri de lado e vai andando até a amiga para cumprimentá-la.

— Quando tínhamos treze anos, combinamos um código para quando uma de nós estivesse em perigo — ela explica, e então se vira para Laney. — Você se lembra qual era?

— Lógico! — Os olhos verdes brilham, divertidos. — *Preciso de um sorvete de chocolate.*

Meus pais observam toda a cena, abraçados e sorrindo.

— E se você realmente quisesse um sorvete de chocolate? — pergunto.

— Eu detesto sorvete de chocolate, Hugh — Laney explica, me encarando sobre o ombro, já que está virada na outra direção falando com Julia.

Uno as sobrancelhas, indignado.

— Como assim você *odeia* sorvete de chocolate? Nenhuma pessoa normal *odeia* sorvete de chocolate.

Ando até ela e seguro sua cintura, com naturalidade, virando-a para mim. Laney dá de ombros de um jeito bonitinho e diz:

— Eu nunca disse que era normal.

Eu rio e beijo a ponta do seu nariz.

— *Touché* — respondo, ainda rindo.

Eu então a puxo para um abraço. Laney apoia a cabeça no meu peito e envolve meu quadril, relaxada e feliz. À nossa volta, é difícil saber quem está mais radiante com essa cena, meu pai ou minha mãe.

Quando viro um pouco mais a cabeça, dou de cara com o olhar preocupado da minha irmã. Sem que Laney veja, ela leva dois dedos à frente dos próprios olhos e em seguida os direciona para mim, passando uma mensagem inequívoca de que está de olho nas minhas intenções.

Em resposta, eu aperto Laney um pouco mais e beijo sua cabeça com carinho, tentando mostrar com isso o quanto essa garota é especial para mim, e que não estou brincando com os sentimentos de ninguém. Julia relaxa apenas um pouco e sorri de lado, mas eu tenho certeza de que ainda está preocupada.

Para ser bem honesto, eu mesmo não sei exatamente o que estamos fazendo, só sei que a cada dia que passa, a ideia de deixar Laney ir parece mais estranha. Ela passou a fazer parte da minha vida de uma maneira tão intensa e natural que não parece lógico que precise se afastar em algum momento.

— Vamos comer antes que esfrie? — meu pai pergunta, interrompendo minha mais recente e recorrente masturbação mental, que tem ocupado uma parte razoável dos meus pensamentos nos últimos dias.

— Vamos — eu concordo, soltando Laney e andando até a mesa com o restante da minha família.

O jantar acontece no clima mais leve possível. A conversa não para. O som das risadas preenche a sala em diversos momentos e o peixe que o meu pai assou está delicioso. Como não sabia que Laney viria, não fez algo especificamente vegetariano, mas ela demonstrou estar plenamente satisfeita com a salada, os legumes cozidos e o macarrão com molho de tomate.

Todos nós devoramos o cheesecake que minha mãe preparou como sobremesa, e eu sorrio ao notar que Laney come sua generosa fatia sem qualquer culpa. Ter hábitos saudáveis e cuidar do próprio corpo é fundamental, como atleta eu sei disso melhor do que ninguém. Contudo, o mais importante é o equilíbrio, e a mulher ao meu lado compreende isso perfeitamente.

Enquanto minha mãe prepara um café especial que é sua nova obsessão, aparentemente moído e coado na cozinha dela, eu seguro a mão de Laney e levo aos lábios, deixando um beijo suave ali.

Ela me encara com um meio sorriso e, por alguns segundos, retornamos à bolha de intimidade e prazer que foram as últimas 48 horas na casa de praia. Eu adoro ter as pessoas que eu amo por perto e não poderia recusar o convite da minha mãe para o jantar, mas confesso que não vejo a hora de voltar para casa e ficar sozinho com Laney outra vez.

— Vejam o que acham. — Minha mãe volta para a sala carregando uma bandeja com cinco xícaras fumegantes, a expressão animada como a de uma criança. — Estou testando hoje esses grãos novos, são importados do Brasil.

Assim que ela deposita a bandeja na mesa, todos nós pegamos uma xícara. Eu sopro o líquido quente antes de provar. Demoro alguns segundos analisando o sabor, segurando o riso pela expressão ansiosa no rosto da coroa. É quase como se eu fosse um jurado do Master Chef e ela a candidata que está com medo de ser eliminada.

— Mãe, preciso te falar a verdade — eu começo, fazendo suspense.

— Pode falar, meu filho. — Seu tom mal disfarça a expectativa.

Eu respiro de forma dramática.

— Esse é o *melhor* café que eu já tomei.

Ela comemora com uma dancinha, enquanto minha irmã revira os olhos e meu pai aplaude. Rindo, eu viro para o lado e noto que Laney me observa com o olhar mais doce do mundo e um pequeno sorriso. Mesmo não tendo feito nada com a intenção de ganhar pontos com essa garota, perceber o

quanto ela aprova a relação carinhosa e divertida que eu tenho com a minha família me traz um certo orgulho.

A cada dia mais, eu quero que Laney enxergue coisas boas em mim e se sinta bem por estar ao meu lado. A ironia dessa história é desejar tanto isso mesmo sabendo que em breve nós não estaremos mais juntos, mas não estou me importando tanto agora. Se nós decidimos aproveitar o hoje, que seja da melhor forma possível.

Depois de mais vinte minutos de conversa, percebo que Laney contém um bocejo. Eu levanto da cadeira, estendendo a mão para que ela me acompanhe.

— Gente, precisamos ir — aviso. — Vamos acordar cedo amanhã.

— Claro, meu filho — minha mãe concorda imediatamente.

Vamos todos até a porta e trocamos vários abraços e beijos de despedida. Meus pais fazem questão de dizer que adoraram a presença de Laney e pedem que ela volte mais vezes. Ao final, minha irmã a abraça longamente e diz algo em seu ouvido que eu não consigo ouvir.

Em seguida, acenamos uma última vez e entramos no carro. Começo a dirigir de volta para Los Angeles, relaxado e ao mesmo tempo ansioso por um tempo sozinho com ela. Quando nos aproximamos do centro, eu pergunto:

— Precisa buscar algo na sua casa?

Laney, que estava em silêncio até então, me encara com uma expressão um pouco diferente.

— Hugh... — ela começa, hesitante. — Eu prefiro dormir em casa.

Uno as sobrancelhas e a encaro quando paro num sinal fechado. Ela parece tensa, e eu concordo com um movimento de cabeça.

— Claro. Como você preferir.

— Sozinha — Laney especifica, e eu preciso disfarçar meu desapontamento.

— Tudo bem. Você manda.

O sinal abre e eu me concentro no trânsito.

— Não fica chateado — ela pede. — É só que... acho que preciso de um pouco de tempo, sabe? Está tudo acontecendo muito rápido entre a gente, com muita intensidade, e eu...

— Laney — eu a interrompo, busco sua mão e levo aos lábios, beijando-a com carinho. — Você não tem que se explicar.

Ela suspira.

— Tudo bem. Só não queria passar a impressão de que não gosto de estar com você. — Os olhos verdes buscam os meus, quase ansiosos. — Porque eu gosto. Muito.

Eu sorrio, voltando a relaxar.

— Eu também adoro estar com você, adoraria dormir com você hoje, mas entendo que você precise do seu espaço também.

— Obrigada. — Ela solta o ar, parecendo mais aliviada.

— Aproveitando — digo, observando-a rapidamente antes de desviar os olhos para a rua outra vez —, daqui a três dias é seu aniversário.

Laney me encara, parecendo um pouco surpresa.

— Nossa, você lembrou.

Sorrio de lado.

— Claro que sim. — Volto a encará-la por alguns segundos. — Seu passaporte está em dia?

Os olhos verdes se estreitam, mas sei que ela está quase sorrindo.

— Está. O que você está aprontando, Hugh Nash?

Finjo inocência.

— Só queria te levar para conhecer um lugar.

— Que lugar?

Os cantos da minha boca contraem involuntariamente com a vontade de sorrir.

— Não é nada demais, mas acho que você iria gostar. — Estaciono em frente ao prédio dela e desligo o motor do carro, virando em seguida o corpo na sua direção. — Acha que consegue uns dias de folga no trabalho? Tipo, de terça a sexta?

Laney me encara no escuro e morde o lábio inferior.

— Posso falar com a minha chefe amanhã. Tenho alguns dias de férias para tirar esse semestre, talvez seja possível.

Agora eu deixo meu sorriso vir.

— Ótimo. Me avisa o quanto antes? — peço.

— Aviso.

Eu seguro sua nuca e puxo para mais perto, tocando sua boca com a minha devagar. Laney corresponde ao beijo, se entregando totalmente quando a invado com a língua. Meu pau endurece de imediato, apertando a calça jeans, mas eu preciso respeitar o pedido dela de ficar sozinha hoje.

Muito a contragosto, eu interrompo o beijo.

— Vou pegar sua mala. — Saio do carro e retiro a valise pequena do porta-malas. — Vamos, eu te levo lá em cima.

Nós entramos no prédio juntos, subimos as escadas e eu a deixo na porta. Noto uma pequena hesitação no rosto de Laney, como se estivesse cogitando mudar de ideia e me pedir para ficar. Por mais que eu deseje isso, não quero que ela sinta como se ficar comigo fosse uma obrigação, então eu seguro seu rosto, lhe dou um último beijo e me afasto.

— Boa noite, delícia. Me avisa amanhã sobre as férias.

Ela encosta o ombro no batente da porta, cruza os braços e sorri.

— Eu te aviso. Boa noite — diz, com a voz suave. Eu dou uma piscadinha e ando até as escadas. Quando alcanço o primeiro degrau, Laney me chama outra vez: — Hugh?

Viro o rosto sobre o ombro.

— Diga.

— Obrigada pelo fim de semana perfeito.

Eu sorrio. Ela ainda não viu nada.

— De nada, gata. Durma bem.

Desço devagar, ainda digerindo a decepção de não passarmos mais uma noite juntos. Entro no carro, ligo o motor e começo a fazer o solitário caminho de volta para casa.

Dirijo até Malibu precisando lutar contra o sono que começa a crescer a cada quilômetro. Mais uma vez, não é como se tivéssemos dormido muito nas últimas noites.

Assim que eu estaciono na minha garagem, ouço os latidos animados de Helmet. A sra. Duchester passou o dia com ele no sábado e hoje, mas Helmet é um cachorro carente. Ele quer companhia humana o tempo inteiro.

Entro em casa e sou recebido com suas duas patas dianteiras me nocauteando na barriga, enquanto o rabo abana freneticamente.

— Calma, garoto — peço, e então começo a rir quando recebo lambidas ansiosas no rosto e nas orelhas no instante em que abaixo o corpo para cumprimentá-lo melhor.

Após algum tempo, o animal finalmente sossega um pouco e vamos juntos para o meu quarto. Eu tomo um banho rápido e deito, com Helmet se acomodando aos pés da cama. Pelo visto, será mesmo minha única companhia de hoje.

Fecho os olhos, revivendo cada um dos momentos que passei com Laney nesse fim de semana. Sorrio ao pensar na cara dela quando descobrir qual é a surpresa que estou preparando. Amanhã de manhã, já deixarei tudo pré-organizado, esperando apenas o ok final da minha garota. Tenho certeza de que ela vai ficar feliz pra caralho.

Solto o ar devagar. É impressionante como deixar Laney feliz se tornou importante para mim nos últimos tempos. Sendo bem honesto, parece que é só o que importa. Meu sorriso morre um pouco quando penso nisso.

A verdade é que eu quero tanto que essa garota seja feliz, que faria qualquer coisa para que isso aconteça. Inclusive abrir mão dela, por não poder ser tudo aquilo que ela precisa. O pensamento provoca uma dor familiar no meio do meu peito e eu preciso esfregar o local com o punho fechado na tentativa de amenizar.

Não sei a quem eu ainda estava tentando enganar, mas já chega. Não dá mais para negar que eu estou completamente apaixonado por Laney Abernathy.

E que merda é saber que ela nunca poderá ser minha de verdade.

32

LANEY

BATO NA SALA da minha chefe no meio da tarde.

— Entre. — A voz agradável soa através da porta fechada.

Eu giro a maçaneta e enfio a cabeça pelo vão.

— Tem um minuto, Suzanne?

— Claro! — Ela desvia os olhos escuros do laptop e sorri para mim. — Sente-se, por favor, Laney.

Dou dois passos, encosto a porta atrás de mim e ocupo uma das cadeiras em frente à sua mesa.

— Eu gostaria de te pedir uma coisa, mas entendo se não for possível.

Seu rosto sorridente exibe uma expressão curiosa.

— Nossa, parece sério.

Eu aliso o tecido da saia, um pouco tensa.

— Na verdade, não é nada demais. Depois de amanhã é meu aniversário, e Hugh estava querendo preparar uma surpresa. Ele perguntou se eu poderia tirar uns dias de férias, apenas essa semana. — Como sou muito responsável no trabalho, me sinto meio mal por estar pedindo algo assim em cima da hora e começo a me justificar: — Estarei de volta bem antes do fechamento, e usaria aqueles dias de férias vencidas que eu...

— Laney! — Suzanne levanta uma mão e começa a balançá-la no ar. — Pare de se explicar, pelo amor de Deus. Você trabalha aqui há um bom tempo, faltou pouquíssimas vezes e apenas quando esteve doente. Mesmo nessas ocasiões, ainda trabalhou casa apesar dos meus protestos. É claro que você pode tirar esses dias, não tem problema nenhum.

Relaxo os ombros e sorrio.

— Obrigada.

A mulher inclina o tronco sobre a mesa, apoiada nos cotovelos, e seus olhos brilham.

— Agora me conta, para onde o namorado pretende te levar?

Eu dou de ombros.

— Não tenho a menor ideia. Ele disse apenas que era uma surpresa, e que eu iria gostar.

Suzanne bate palminhas animadas.

— Estou doida para conhecê-lo! Pena que ainda faltam 10 dias para a festa da empresa.

A ideia de apresentar Hugh como meu namorado falso parece cada vez mais estranha. As coisas entre nós mudaram demais desde que fizemos esse acordo, e não tenho muita certeza se tudo isso ainda faz sentido.

— Eu não sei se ele poderá vir. — Deixo a ideia no ar, caso as coisas se compliquem.

A expressão da minha chefe muda imediatamente para um grande desapontamento.

— Ah, não acredito!

Eu engulo em seco.

— Ainda não temos certeza. Mais perto eu te confirmo, tá?

Ela assente e então seu celular toca. Ao ver quem é, se vira para mim.

— Preciso atender. Quanto às suas férias, fique tranquila. Aproveite seu aniversário e até a próxima semana, querida.

Eu agradeço e saio da sala, deixando-a à vontade. Quando estou cruzando o corredor, distraída com os pensamentos sobre a vinda de Hugh na festa da empresa, acabo trombando com força em alguém.

Duas mãos gentis me amparam.

— Laney?

Levanto o rosto para dar de cara com alguém bastante conhecido. Dou um pequeno passo para trás e arrumo a blusa.

— Desculpe, Norman. Eu estava distraída.

Meu ex-namorado me analisa por alguns segundos, reparando nas roupas diferentes, na maquiagem suave e no cabelo mais curto. Tenho tido bastante sucesso na tarefa de evitá-lo no escritório nas últimas semanas, e essa é a primeira vez que ficamos tão perto desde o nosso término.

— Você está... bonita.

O elogio não traz nenhuma satisfação. Zero.

— Obrigada — respondo, com educação.

Norman hesita um pouco e acaba sorrindo, parecendo meio sem graça.

— Ouvi dizer que você está com alguém.

— Sim, estou. — Olho ao redor, começando a ficar desconfortável com essa conversa.

— Eu... estou saindo com a Andrea há algumas semanas. — Ele espera a minha reação. Quando não vê nenhuma, continua a falar, parecendo

nervoso: — Não é nada sério, Laney. Estamos apenas nos divertindo um pouco.

— Você e eu estamos separados — eu corto, um pouco mais seca do que pretendia. — Não devemos satisfação da nossa vida a ninguém, muito menos um ao outro.

Seus olhos azuis pálidos parecem confusos.

— Não era essa a minha intenção, Laney. Eu não queria me separar definitivamente de você, só precisava de um tempo para...

Minha risada sem humor o interrompe.

— Não é assim que as coisas funcionam, Norman. Não dá para ligar e desligar um relacionamento como fazemos com uma televisão. Você quis terminar, está vivendo sua vida e eu estou vivendo a minha.

— Laney, eu...

— Estou atrasada para um compromisso — minto. — Podemos continuar essa conversa em outro momento?

Ele engole em seco, enfia as mãos nos bolsos e assente.

— Claro.

— Até depois.

Começo a me afastar a passos largos na direção do banheiro, apertando a ponte do nariz entre o polegar e o indicador. Felizmente, o lavatório está completamente vazio. Entro em uma das cabines, fecho a tampa do vaso sanitário e sento ali, enterrando o rosto nas mãos.

Puxo o ar e solto devagar, tentando me acalmar e colocar os pensamentos em ordem. O que me deixou abalada não foi encontrar meu ex-namorado, e sim a total indiferença do meu corpo e do meu coração a ele. O que me fez entrar em pânico foi perceber que, ao ouvi-lo iniciar um discurso de que as coisas entre nós ainda não chegaram ao fim, ao invés de vibrar de alegria, eu só queria sair correndo dali.

Tenho evitado pensar em Norman nas últimas semanas, com receio de que isso atrapalhasse a minha capacidade de viver plenamente essa fase deliciosa com Hugh. Mas hoje as coisas ficaram muito claras: eu não quero voltar com ele. Depois de tudo que eu vivi com o homem maravilhoso que virou minha vida de cabeça para baixo, é impossível voltar ao tipo de relação cômoda e sem emoção que eu tinha antes.

Eu descobri que mereço mais, que quero mais.

Sinto a pontada no peito e fecho os olhos com força. Eu quero *Hugh*, essa é verdade. Quero o homem que me mostrou que eu não preciso me

envergonhar nunca de quem eu sou. Que me deixa segura o suficiente para incluir emoção e aventura em tantas coisas do meu dia a dia, mas respeita minha necessidade de controle e organização. Que me faz sentir a mulher mais especial do mundo com um olhar, um beijo ou um carinho.

O homem por quem eu me apaixonei perdidamente, ainda que não seja nada do que eu procurava e nunca possa me dar aquilo que eu mais preciso.

Meu Deus, como eu deixei isso acontecer?

Uma lágrima corre pela minha bochecha e eu a enxugo rápido. Não quero chorar por isso. Por maior que seja o buraco que Hugh deixará no meu peito quando for embora, eu jamais abriria mão de tudo que vivemos e ainda vamos viver nos próximos dias.

Respiro fundo, saio da cabine e lavo o rosto. Pelo combinado inicial, a noite da festa da empresa seria nossa última noite juntos, já que dois dias depois começa o *training camp* e Hugh precisará se dedicar integralmente.

Ao me olhar no espelho, tomo uma decisão: vou aproveitar cada minuto que nos resta. Viajarei com ele amanhã e, na outra semana, viremos juntos à festa. Caso seja mesmo o fim, eu me despedirei do homem que conquistou cada cantinho do meu coração, sem fazer uma cena.

Tiro o celular da bolsa e digito uma mensagem curta.

Eu: Conte comigo na próxima aventura.

Aperto o botão de enviar e seguro o aparelho contra o peito. Nunca me senti tão corajosa e tão assustada ao mesmo tempo. Mesmo com os batimentos acelerados e as mãos um pouco trêmulas, acabo sorrindo. A única certeza que eu tenho é de que estou construindo as melhores memórias da minha vida. Depois, eu penso em como farei para juntar os pedaços do meu coração e reunir forças para lutar pelo futuro que eu sempre quis.

33

HUGH

— QUANDO VOU PODER TIRAR ISSO? — Laney mexe no tapa-olhos, com um sorriso.

Tirei minha garota de casa vendada há pouco mais de uma hora, e ela não tem a menor ideia do nosso destino. Eu olho na direção da pista de decolagem, onde o piloto e o copiloto estão fazendo os últimos ajustes no Gulfstream G650 ER que eu fretei ontem. Paguei um valor obsceno para conseguir um voo transatlântico tão em cima da hora, mas sei que valerá cada dólar.

— Calma, está quase.

Poucos minutos depois, Maxwell, o piloto que eu sempre escolho para minhas viagens quando está disponível, acena positivamente. Empolgado como uma criança, eu levanto e seguro a mão dela.

— Vamos? — chamo.

— Posso tirar? — Laney pergunta, sem conseguir controlar a curiosidade.

— Muito em breve.

Saio da confortável sala privativa de embarque e começo a conduzi-la até a aeronave.

— Hugh, onde nós estamos? — Laney pergunta ao ouvir as turbinas de um avião soando perto de nós.

— Mas que mulher curiosa. — Eu a ajudo a subir as escadas e, em seguida, a guio até uma das poltronas de couro bege, enormes e confortáveis. Assim que Laney senta, eu retiro sua venda com cuidado. — Bem-vinda a bordo, delícia.

Os olhos verdes escuros se arregalam.

— Hugh... isso é um jatinho. — Laney olha o redor, sem acreditar.

Eu rio.

— Sim, é um jatinho.

Ela volta a me encarar.

— Para onde estamos indo?

— Você já vai descobrir.

Uma comissária de bordo alta, de pele negra e um coque impecável se apresenta:

— Boa tarde, sr. Nash e srta. Abernathy. Sou Lisa Brown, chefe de cabine. Sejam bem-vindos a bordo do voo 1706 com destino a Roma.

Laney se vira na minha direção e cobre a boca com a mão. Seus lindos olhos marejam, e eu juro por Deus que tenho vontade de chorar também. Com as duas mãos, seguro seu rosto e trago em direção ao meu, enxugando a primeira lágrima que escorreu.

— Feliz aniversário, Laney — murmuro, emocionado.

Um soluço escapa da sua garganta e eu a beijo com carinho, sentindo nos meus lábios o sabor salgado da emoção mais genuína que eu já vi em alguém.

A aeromoça se afasta, discreta, nos oferecendo alguns minutos de privacidade. Laney apoia a mão no meu peito, chorando. Em seguida, ela vem para o meu colo e eu a abraço, apertando-a forte junto a mim.

— Hugh... isso é a coisa mais incrível que já fizeram por mim.

Engulo o nó na garganta.

— Você merece muito mais.

Ela então se afasta apenas o suficiente para colar nossas testas e murmura:

— Eu nunca, nunca, nunca vou esquecer esse momento. É o melhor dia da minha vida.

Minha vontade é de dizer que eu quero passar o resto da *minha vida* oferecendo dias cada vez mais extraordinários para essa mulher, mas não posso ser egoísta. Essa realidade que vivemos nas últimas semanas é apenas uma parte da minha rotina, e nem é a maior delas. Os próximos meses serão um inferno, e não posso arrastar alguém como ela para algo assim.

— Eu só quero te ver feliz, Laney. — *Mesmo que isso signifique abrir mão do que eu mais queria.*

Ela me beija com paixão, e nós dois nos entregamos a esse momento que é só nosso. Minutos depois, a voz grave e simpática de Maxwell soa pelo alto-falante, avisando que estamos prontos para decolar.

Eu ajudo Laney a colocar o cinto de segurança e, em pouco tempo, o jatinho está subindo em direção ao céu. Laney observa o pôr-do-sol pela janela, fascinada.

— Quanto tempo levaremos até lá? — ela pergunta, sem tirar os olhos da vista.

— Mais ou menos 15 horas — digo.

— Ainda não consigo acreditar que vou acordar na Itália.

Eu sorrio. Lisa, nossa comissária, se aproxima outra vez.

— Posso lhes oferecer um champanhe?

— Por favor — concordo.

A moça então traz a garrafa e duas taças.

— Pode deixar comigo — aviso, sorrindo para ela. Em seguida, abro a garrafa e a rolha sai com um *plop*. Sirvo a bebida borbulhante e ofereço a Laney uma das taças. — A um dia especial.

Ela apenas sorri, tocando sua taça na minha. Nós bebemos o champanhe delicioso e Laney me encara com um pequeno sorriso.

— Para esse voo ficar perfeito, só faltou um quarto e uma cama — ela brinca.

Eu rio e me aproximo para sussurrar no seu ouvido:

— Você está com sorte, srta. Abernathy. — Aponto para trás com a cabeça. — Atrás daquela porta de madeira é o nosso quarto. Poderemos ir para lá logo depois do jantar.

Laney arregala os olhos e sorri.

— Meu Deus. Nós vamos transar num avião — ela constata, entre surpresa e excitada.

Eu trago seu rosto para perto do meu e mordo seu lábio inferior de leve.

— Pode apostar que sim, gostosa. Prepare-se para alguns orgasmos a 50.000 pés de altitude.

Os próximos minutos são bem tranquilos. Felizmente, não pegamos qualquer turbulência e, menos de uma hora depois, já estamos com os pratos à nossa frente. Depois de uma refeição razoavelmente boa, considerando as limitações de se comer num avião, finalmente consigo me trancar com a minha garota no quarto dar a ela exatamente o que eu prometi: uso cada músculo do meu corpo para levá-la ainda mais perto do céu.

NOSSO HOTEL, o Hotel de Russie, fica bem próximo à Villa Borghese. Gosto que esteja perto o suficiente das principais atrações da capital sem estar necessariamente no meio do tumulto. Por mais que o

objetivo seja levar Laney para conhecer cada canto dessa cidade fantástica, os momentos de privacidade dentro do quarto também serão igualmente apreciados.

O avião pousou no início da tarde, já que temos 9 horas de diferença no fuso horário. Passarmos no hotel para fazer o check-in e Laney aproveitou para responder as mensagens e ligações perdidas de pessoas querendo lhe dar os parabéns. Ela ligou de volta para sua mãe, seus três irmãos, Julia e sua chefe. Não sei se Norman ligou ou mandou mensagem, mas não a vi falando com ele. Confesso que foi um alívio.

Em seguida, ela quis sair para explorar o centro histórico. Mesmo que o futebol americano não seja um esporte tão popular na Itália, sempre há muitos turistas, então coloquei os óculos escuros e um boné na esperança de não ser reconhecido por ninguém.

Fazer essa viagem com Laney sem qualquer tipo de blindagem contra a imprensa foi um risco, mas eu decidi corrê-lo. Um dos lados negativos da fama é justamente não poder levar uma vida normal, e eu realmente não queria ter que ficar me escondendo com ela aqui. Agora só me resta torcer para que ninguém me reconheça.

Nós andamos de mãos dadas pelas ruas antigas, parando eventualmente para tirar algumas fotos. Eu já estive em Roma algumas vezes, inclusive com uma modelo italiana com quem saí por algumas semanas. Mas estar aqui com Laney é uma experiência completamente diferente de todas as outras.

A maneira como ela se encanta com cada pequena coisa, o fascínio ao ver um pintor ou um músico expondo sua arte na calçada, o deslumbramento com as construções milenares. Laney tem uma autenticidade inexplicável. Ao lado dela, todas as experiências parecem muito mais reais.

Em determinado momento, passamos por um artista de rua exibindo suas pinturas. Laney vai reduzindo o passo até parar e analisa cada uma delas com atenção, detendo o olhar em uma que retrata uma garotinha agachada, alimentando pombos numa praça.

— *Quanto costa*[1]? — ela pergunta ao homem em italiano.

— *Sessanta euro*[2] — o pintor responde.

Após alguns segundos de hesitação, ela abre a bolsa. Eu seguro sua mão e peço:

— Deixa eu te dar.

Como eu já imaginava, Laney começa a protestar.

— Nem pensar. Você já está...

Eu envolvo sua cintura, trazendo-a para mim, e coloco um dedo sobre seus lábios cheios, silenciando-a.

— É por um motivo completamente egoísta — admito. — Quero que você se lembre de mim todas as vezes em que olhar para essa pintura.

Os olhos verdes me observam com atenção.

— Isso já vai acontecer independentemente de quem pagar pela tela — ela responde, num tom quase sussurrado.

Eu sorrio.

— Ótimo. Mas eu quero te dar assim mesmo. Ainda não te dei um presente de aniversário.

Laney sorri, maliciosa.

— Deu sim. — Ela se aproxima e sussurra no meu ouvido: — Pelo que eu me lembro, você estava dentro de mim exatamente à meia-noite.

Eu inclino a cabeça e beijo seu pescoço.

— Você vai ganhar muitos presentes hoje, delícia. Esse é apenas mais um deles. — Em seguida seguro seu rosto, mais sério. — Deixa eu mimar você. Só um pouco.

Até porque, não sei por quanto tempo mais poderei fazer isso.

Seus olhos se aquecem, e ela sorri.

— Deixo.

O pintor, que observava nossa interação com uma expressão um tanto entediada, volta a se animar quando me vê tirar a carteira do bolso. O homem enrola a tela e prende com uma fita.

— *Grazie*[3]! — ele diz, ao nos entregar a pintura.

— *Prego*[4] — respondo, voltando a entrelaçar minha mão à de Laney e caminhar com ela pelas calçadas cheias do centro histórico.

Paramos para comprar um *gelato*[5], e ela escolhe o de baunilha. Eu decido acompanhá-la. Depois de dar a primeira lambida, Laney comenta:

— Não achei que você fosse escolher esse sabor.

— Por quê?

Ela dá de ombros.

— Muita gente acha baunilha sem graça, mas é o meu preferido.

Eu penso por um instante, provando o sorvete.

— Esse sabor me lembra um pouco você — digo, conforme voltamos a andar lado a lado.

Laney me encara com a testa franzida.

— Por quê?

Eu dou um meio sorriso.

— Ele é delicioso, sem precisar de nenhum artifício de ingredientes elaborados. O fascínio que ele exerce está justamente na simplicidade, porque nos permite sentir sua essência na íntegra, sem disfarces.

Ela continua caminhando e lambendo o *gelato*, pensativa.

— Você me enxerga de uma forma comovente e me compreende de uma maneira assustadora, Hugh.

Eu sorrio um pouco mais, continuando a saborear o sorvete simples e perfeito, como ela. Quando viramos uma esquina, damos de frente com a famosa *Fontana di Trevi*. Laney a reconhece imediatamente.

— Meu Deus! — Ela olha para mim com um sorriso animado. — Não acredito que estou mesmo aqui.

A fonte está lotada, o que tira uma parte da magia, mas Laney não parece se abalar nem um pouco com isso.

— Quer ir até lá jogar uma moeda e fazer um pedido? — ofereço.

— Óbvio. — Ela segura minha mão e começa a praticamente me arrastar por entre as pessoas, tentando chegar à beira da fonte. Alguns minutos e muitos *scusi*[6] depois, finalmente conseguimos.

Laney abre a bolsa, tira uma moeda de um euro de dentro, fecha os olhos por alguns segundos e então atira a rodelinha prateada na água lotada delas. Sem resistir, eu pergunto:

— Qual foi o seu pedido?

Laney balança a cabeça, com um sorriso que carrega uma pontinha de tristeza.

— Não posso contar. A chance de o meu pedido se realizar já é bem baixa, não quero correr o risco de atrapalhar a magia.

Ela então volta a segurar minha mão e saímos do meio da multidão, andando em direção ao hotel para nos arrumarmos para o jantar. Não consigo evitar a sensação estranha que toma conta de mim ao pensar no que ela pode ter pedido. Que o tal Norman a queira de volta?

Esse simples pensamento é o suficiente para me fazer ter vontade de socar uma parede. Eu respiro fundo, para mandar embora essa sensação egoísta de merda. Se o cara a quiser de volta e ela ainda desejar uma vida ao lado dele, do jeito que sempre sonhou, isso a fará feliz. Vê-la feliz é tudo

que eu quero, então preciso aceitar essa situação e ignorar o fato de que perdê-la vai doer pra caralho.

34

LANEY

ME OLHO no espelho uma última vez antes de sair do banheiro. O vestido verde de alças realça o tom esverdeado dos meus olhos de uma forma sutil e elegante. A maquiagem delicada combina com um jantar romântico num lugar especial, sem me fazer sentir artificial demais. Hugh sabe que eu não curto maquiagens pesadas, e parece não se importar com isso. Na verdade, ele sempre me faz sentir a mulher mais linda do mundo apenas pela maneira como me olha.

Respiro fundo, ajeito o cabelo solto que sequei no secador para deixá-lo mais arrumado e abro a porta. Mesmo que já tenhamos muita intimidade, dessa vez eu quis me arrumar sozinha, para surpreendê-lo com o resultado final.

Hugh está sentado na cama, digitando uma mensagem no celular. Assim que eu saio do banheiro, ele levanta o rosto anguloso coberto pela barba bem aparada e seus olhos aquecem imediatamente. Um pequeno sorriso brinca no canto da boca bonita.

— Uau — ele sussurra. — Quando eu acho que é impossível você ficar mais gata, você vai lá e me mostra que sempre pode me surpreender.

Minhas bochechas coram um pouco enquanto eu o observo se levantar da cama. Hugh está um espetáculo com sua roupa toda preta, uma calça social e uma camisa de botões com as mangas dobradas na metade do antebraço. Ele anda até mim e me envolve pela cintura, aproximando o nariz do meu pescoço e deslizando a ponta de leve, me fazendo ficar toda arrepiada.

— E ainda tem esse cheiro delicioso que me deixa maluco — Hugh murmura, com a voz rouca. Ele move o rosto e para com a boca a milímetros da minha. — Eu queria te devorar agora, mas não podemos perder nossa reserva.

Eu sorrio e faço um carinho na barba macia.

— Você terá muito tempo para fazer isso quando voltarmos.

Depois de deixar um beijo na ponta do meu nariz, Hugh pega minha mão e entrelaça nossos dedos. Antes de sairmos, ele pega uma sacola na

própria mala. Fico morrendo de curiosidade, mas, como imagino que seja uma parte da surpresa da noite, consigo me controlar e não perguntar nada.

Conforme deixamos o quarto, ele confere o relógio.

— Nossa carona já deve ter chegado.

Descemos pelo elevador elegante, cruzamos o lobby e, assim que chegamos à calçada, vejo uma limusine estacionada. De maneira casual, Hugh começa a nos guiar naquela direção. Escondo meu sorriso com a mão.

— Hugh — eu o encaro —, isso é o que eu estou pensando?

Ele sorri de lado.

— Te avisei que você teria uma noite inesquecível. E ela está só começando.

Meu sorriso se alarga quando o motorista vestido em um terno formal abre a porta traseira para nós.

— Sejam bem-vindos, sr. e sra. Nash.

Hugh não o corrige, nem eu. Por um instante, fico pensando em como seria bom se isso fosse verdade, mas espanto o pensamento na hora. Não quero estragar essa noite perfeita fantasiando sobre coisas que não existem.

Assim que nos acomodamos no interior do veículo luxuoso, Hugh estica o braço e pega uma garrafa de champagne.

— Vamos beber vinho durante o jantar, mas o que acha de um brinde antes?

Eu estendo a mão e pego uma das taças.

— A que nós vamos brindar dessa vez? — pergunto, enquanto Hugh abre a garrafa e começa a servir o líquido amarelado e borbulhante.

Ele me olha nos olhos ao dizer:

— Ao aniversário da mulher mais incrível que eu já conheci.

Minha pele arrepia, minha frequência cardíaca acelera e eu sinto meu rosto esquentando, tudo ao mesmo tempo.

— Obrigada por tudo isso — eu murmuro, tentando disfarçar a emoção na voz. — É o melhor aniversário da minha vida.

Ele sorri, coloca uma mecha de cabelo atrás da minha orelha e desliza o polegar pelo meu rosto.

— Obrigado por aceitar passá-lo comigo, Laney.

Nós bebemos o champanhe devagar, embalados pelo movimento suave do carro. Uma música italiana romântica toca baixinho no fundo, e eu deixo que meu olhar deslize pelas ruas do centro histórico que vão passando através da janela. Eu estou na cidade que sempre sonhei em conhecer,

acompanhada por esse homem incrível. Uma experiência surreal, quase um enredo de livro.

Em poucos minutos, o motorista estaciona e vem abrir a porta para nós.

— *Grazie* — Hugh aperta a mão do rapaz, passando discretamente uma gorjeta.

— *Prego* — ele responde, com um sorriso educado. — *A dopo, signore*[1].

De mãos dadas, Hugh e eu andamos na direção de um restaurante elegante. A recepcionista confere uma lista e abre um largo sorriso.

— Sr. Nash! Estávamos lhe aguardando. Sejam bem-vindos. — Ela faz então um gesto com a mão e nos guia até o segundo andar do estabelecimento.

Noto que todas as mesas estão ocupadas por pessoas bem-vestidas e que aparentam ter bastante dinheiro. Alguns metros à frente, ela aponta para uma mesa localizada num terraço e, assim que eu vejo o que há do lado de fora, meu queixo cai.

— Hugh! — eu sussurro alto e aperto sua mão com força, sem conseguir conter o choque e a excitação. — Aquilo é o Coliseu!

Ele ri baixinho, parecendo se divertir com a minha empolgação.

— Exatamente, delícia. Gostou?

A moça nos acomoda na mesa que fica bem ao lado de um parapeito de vidro, o que nos permite uma visão privilegiada de um dos principais cartões postais da cidade. Após alguns segundos contemplando a construção de quase dois mil anos, que eu só conhecia por fotos e vídeos, eu o encaro outra vez.

— Se eu gostei? Eu estou quase me beliscando para ver se tudo isso é real ou apenas o melhor sonho da minha vida.

Hugh sorri daquele jeito que eu adoro, apenas um movimento leve no canto da boca máscula e perfeita.

— É completamente real.

Eu olho ao redor do restaurante cheio.

— Como você conseguiu essa reserva com tão pouca antecedência? E ainda mais nessa mesa?

Hugh ergue um ombro, casualmente.

— Nada que alguns contatos não resolvam. Ter amigos é melhor que ter dinheiro. — Ele pisca um olho.

Eu rio, e em seguida o garçom se aproxima com os cardápios. Hugh escolhe um Brunello entre as opções de vinhos, e pedimos duas águas com gás para acompanhar. Logo depois, as bebidas são servidas.

— Outro brinde a você — Hugh ergue sua taça, e eu toco com a minha. — Que sua vida seja longa e feliz.

— Obrigada. — Meu sorriso é doce, e transparece tudo que esse homem incrível me faz sentir. Eu provo o vinho e fecho os olhos. — Meu Deus, que delícia.

— Que bom que gostou. — Ele pega então a sacola ao seu lado e tira dela uma caixa embrulhada para presente, empurrando na minha direção. — Seu próximo presente.

Eu estreito os olhos, pegando o objeto um pouco menor que uma caixa de sapatos. Ao segurá-la, vejo que é pesada.

— Hugh, o que você aprontou agora?

Ele sorri.

— Por que não descobre você mesma?

Eu abro a embalagem e dou de cara com uma câmera profissional, um dos modelos mais avançados — e caros — que existem no mercado, além de duas lentes acompanhando. Fico em choque por alguns segundos.

Não é apenas pelo valor de tudo isso, que eu jamais conseguiria arcar com o meu salário atual. É por ele ter lembrado que eu disse que gosto de fotografia, e apreciado uma das fotos que eu tirei. A sensibilidade desse homem com cada coisa que é importante para mim me deixa sem palavras.

— Hugh... nem sei como agradecer por tudo isso — murmuro e seguro a câmera com cuidado. — Vou usar muito e prometo tirar uma foto linda com ela, especialmente para você.

Ele sorri.

— Vou te cobrar essa promessa.

Pouco depois, pedimos os pratos. O garçom anota nosso pedido e se retira com uma pequena mesura. Eu fico olhando para o Coliseu, ainda sem acreditar que tudo isso seja mesmo real.

Meu celular vibra sobre a mesa, e o nome de Norman aparece na tela. Noto uma expressão de desconforto no rosto de Hugh, que tenta disfarçar bebendo um gole de vinho e desviando o olhar. Eu aperto um botão no aparelho e envio a chamada diretamente para a caixa postal. Meu ex-namorado também me mandou uma mensagem mais cedo, que eu ignorei.

— Está triste por estar longe da sua família na noite de hoje? — Hugh pergunta, sem fazer nenhum comentário direto a respeito da chamada recusada.

Eu suspiro.

— Sim e não — respondo, pensando em como colocar em palavras a maneira como me sinto em relação a esse assunto. — Eu e meus irmãos não ficamos tão próximos depois que crescemos, infelizmente. Nos aniversários, em geral trocamos apenas mensagens e ligações, mesmo. Com a minha mãe, eu tenho uma boa relação, mas ela tem uma personalidade mais fechada. Sofreu muito durante a vida, cuidando sozinha de nós quatro e sem nenhum tempo para ela. Apesar de nunca ter conversado abertamente sobre isso, é nítido que se tornou uma pessoa um tanto ressentida com a vida, sabe? Tenho a sensação de que, se minha mãe pudesse voltar no tempo, ela faria tudo diferente. A começar pelo casamento com o meu pai.

Hugh não tira os olhos dos meus.

— A relação deles não era boa?

— Não sei dizer ao certo. Meu pai era tão ausente que é difícil avaliar o quanto eles foram felizes como casal.

— Você sente a falta dele? — Hugh pergunta, parecendo realmente interessado na resposta.

Meus olhos descem para a toalha de cor clara e eu fico brincando com o guardanapo de tecido no meu colo.

— Hoje em dia, eu não sei mais. Já senti muito, quando era criança. — Sorrio, mas com tristeza. — Eu me lembro do meu aniversário de dez anos. Ele estava viajando, como sempre, mas havia prometido à minha mãe que voltaria para cantar parabéns comigo à noite. Ficamos todos esperando, o bolo estava pronto em cima da mesa com dez velas apagadas em cima. Quando passou de nove horas da noite sem qualquer sinal dele, minha mãe resolveu ligar, mas o telefone estava fora de área. Ela me disse que era melhor cantarmos sem o meu pai, mas eu me recusei. Ele havia prometido que viria, então eu quis esperar. Depois de ter perdido vários aniversários meus e dos meus irmãos, eu realmente acreditei que naquele ano seria diferente.

A expressão de Hugh se modifica um pouco, e uma sombra cruza o seu olhar.

— Ele conseguiu chegar?

Eu balanço a cabeça.

— Não. Meus irmãos acabaram indo dormir e minha mãe ficou na sala comigo, tentando me convencer a soprar logo as velas porque ele não ia aparecer. Quando faltavam cinco minutos para a meia-noite, eu finalmente aceitei. Nós duas cantamos o parabéns mais desanimado da história e eu soprei as velas. Lembro até hoje do meu pedido.

— Qual foi ele?

— Ter um outro pai.

Hugh engole em seco e desvia o olhar. Em seguida, bebe um gole do vinho, pensativo.

— Não deve mesmo ter sido fácil para você, seus irmãos e sua mãe.

Eu giro a taça entre os dedos, com o olhar perdido.

— Não foi. Por isso eu quero tanto que comigo seja diferente — murmuro, lembrando a mim mesma dos motivos que me trouxeram até aqui.

Por mais insana que seja essa minha atração por Hugh Nash, e por mais que ele seja um homem incrível, não posso me esquecer de que o tipo de vida que ele leva é muito parecido com o do meu pai. Sempre viajando e precisando dedicar incontáveis horas do seu dia a treinos e jogos, assim como meu pai fazia com seus voos e treinamentos.

Os motivos para eu querer um cara como Norman ainda existem, por mais que eu agora tenha certeza de que meu ex-namorado não será essa pessoa. Mas deve haver alguém por aí que me faça sentir valorizada, respeitada e desejada como Hugh faz, e que possa me dar o tipo de vida que eu sempre desejei.

Levanto um pouco o rosto para observá-lo e meu coração se aperta ao pensar que, em breve, isso que está acontecendo entre nós vai chegar ao fim. Preciso respirar fundo para amenizar a sensação de vazio que preenche meu peito com esse pensamento.

Nessa hora, o garçom chega com os nossos pratos e eu decido que é hora de mudar o clima da noite. Não teremos muito mais tempo juntos, mas isso não significa que não possamos aproveitá-lo tão intensamente quanto possível.

Eu me esforço para sorrir outra vez.

— Parece delicioso — digo, tirando da bolsa o pacotinho de lenços com álcool.

Não me sinto mais mal por usá-los na frente de Hugh, independentemente do local onde a gente esteja. Retiro dois lencinhos e

deixo o pacote sobre a mesa. Como sempre, Hugh estende a mão e pega alguns, limpando seus próprios talheres com naturalidade.

— Espero que a comida seja tão boa quanto a vista — ele comenta, sorrindo também.

Eu me surpreendo um pouco. Eu sei que não é sua primeira vez em Roma, e não sou inocente de acreditar que ele nunca veio a essa cidade acompanhado de alguma mulher. Me pareceu meio óbvio que já conhecia o restaurante, mas isso não havia tirado o brilho da noite em absoluto.

— Achei que você já tinha vindo aqui.

Ele nega.

— Você tinha razão quando disse que deveria ser difícil arrumar uma mesa. Já estive em Roma algumas vezes, mas nunca nesse local.

Estreito os olhos, com um pequeno sorriso.

— Mas você conseguiu dessa vez. Por que não nas outras?

Hugh me encara intensamente.

— Porque nunca havia conhecido alguém que merecesse o esforço.

Meu coração idiota assume um ritmo frenético com essa declaração. Coloco a primeira porção de nhoque na boca. Por mais divino que esteja, preciso me esforçar para engolir, tamanho é o reboliço dentro de mim.

É muito fácil esquecer que minha relação com Hugh é temporária. As coisas que ele diz, a maneira como me olha, tudo me faz acreditar que o que sentimos um pelo outro vai muito além de uma mera atração. E talvez vá mesmo.

Algumas vezes, encontramos a pessoa certa nas condições erradas. Em outras, é a pessoa errada nas condições certas, como foi o caso de Norman. Talvez nenhum dos dois casos leve ao felizes para sempre, mas ao menos o primeiro será capaz de nos fazer sentir coisas extraordinárias enquanto durar.

E eu quero essas sensações extraordinárias. Todas elas.

Terminamos de comer falando pouco, porque subitamente não é mais a vista do Coliseu, o restaurante chique ou o vinho caro que eu quero. Meu corpo e minha alma anseiam pelo homem sentado do outro lado da mesa, e apenas ele. O que eu sinto por Hugh é tão avassalador que chega a doer.

Apoio meu garfo no prato e o encaro com uma expressão quase ansiosa.

— Podemos pedir a conta?

Hugh ergue as sobrancelhas, surpreso.

— Não quer uma sobremesa?

Eu balanço a cabeça com veemência.

— Não. Só quero voltar com você para o hotel.

Ele deve ter captado a urgência na minha expressão, porque na mesma hora faz um sinal para o garçom pedindo a conta e envia uma mensagem pelo celular, que eu imagino que seja para o rapaz que nos trouxe aqui.

Em menos de dez minutos, estamos entrando novamente na limusine. Assim que o motorista fecha a porta, eu puxo o vestido para cima e monto em Hugh. Ele me envolve com o braço forte e segura meu rosto com carinho, seu olhar oscilando entre os meus olhos.

— Está tudo bem? — ele pergunta, com um toque leve de preocupação.

Eu assinto, meio afoita.

— Está. Eu só preciso que você me beije.

No segundo seguinte a boca de Hugh se apodera da minha e eu me deixo derreter em seus braços. A mão grande se embrenha por baixo do cabelo na minha nuca, enquanto ele aprofunda o beijo ainda mais.

Eu me seguro aos ombros largos como se fosse cair, porque é assim que eu me sinto: caindo do alto de um arranha-céu, sem paraquedas. Sei que vou me espatifar no chão muito em breve, mas não consigo me importar. Eu só quero viver o agora.

A boca exigente se afasta alguns centímetros da minha. Hugh cola nossas testas e fecha os olhos.

— Você não tem a menor ideia do quanto eu te quero — ele sussurra, num tom quase desesperado. — Eu nunca vou superar você, Laney. Nunca.

Eu engulo a vontade de chorar com essas palavras e volto a beijá-lo com uma urgência cada vez maior. É como se a minha vida dependesse dessa noite, e talvez dependa mesmo.

Quando chegamos ao hotel, é difícil dizer como fazemos o caminho até o quarto sem tropeçar ou derrubar alguém, de tão ansiosos. A situação me faz lembrar da nossa primeira noite juntos, quando Hugh praticamente me arrastou do pátio externo até a nossa suíte. Acho que entre nós sempre foi e sempre será assim, não importa o que aconteça depois. Essa urgência, esse fogo que nos consome e ao mesmo tempo nos liberta.

Assim que destrava a maçaneta, Hugh me levanta no colo, me carrega para dentro do quarto, fecha a porta com o pé e volta a me beijar com ardor. Caímos juntos na cama e arrancamos as roupas sem nenhum cuidado, parando apenas para trocar alguns beijos intensos e olhares famintos.

Quando ficamos os dois nus, ele me acomoda sob o seu peso e faz uma pausa, fazendo um carinho meu rosto e me encarando com tanta profundidade que eu seria capaz de jurar que consigo enxergar sua alma.

É nessa hora que Hugh me surpreende ao dizer:

— Eu nunca senti isso por ninguém, Laney.

Eu tenho vontade de dizer que eu também não. Confessar que eu estou completamente apaixonada por ele, de uma forma tão avassaladora que eu tenho certeza de que jamais sentirei algo parecido por mais ninguém. Mas eu aprendi que amor não é o bastante para que um casal seja feliz, e a verdade é que eu estou com medo.

Medo é pouco: eu estou apavorada com tudo que está acontecendo.

As palavras não saem, então eu apenas fecho os olhos e o puxo para mais um beijo. Tento mostrar com o meu corpo aquilo que meu coração é covarde demais para admitir em voz alta.

Hugh me penetra, e dessa vez é diferente das outras. Ele me beija sem pressa, se move dentro de mim com uma cadência mais lenta, como se quisesse aproveitar cada segundo. Nossos corpos se encaixam numa sintonia única, tão bonita que meus olhos ardem e eu preciso fechá-los com força.

Hugh beija uma lágrima que escorreu, sem parar de me abraçar e de acariciar meu rosto com uma ternura tão grande que eu preciso controlar um soluço. Nós estamos fazendo amor, da forma mais pura e verdadeira que existe.

Seu corpo grande roça no meu, alcança todos os pontos certos dentro de mim, e, em alguns minutos, estou prestes a explodir.

— Hugh — eu sussurro, trêmula.

— Eu sei — ele murmura de volta, com os lábios pairando sobre os meus, nossas testas unidas. — Estou com você.

O orgasmo chega quase ao mesmo tempo para nós dois. Nossos corpos se fundem num só, nossos corações batem no mesmo ritmo e nossas almas se tocam sem barreiras. Quando finalmente termina, eu levo uma mão ao rosto do homem que mudou minha vida de uma forma tão deliciosamente inesperada e suspiro.

— Eu nunca vou esquecer essa noite — murmuro.

Hugh me abraça forte, de olhos fechados.

— Nem eu, Laney. Nem eu.

35

HUGH

O BARULHO do telefone me acorda. Eu pisco, confuso, e pego o aparelho. O quarto está escuro, e vejo que ainda são cinco e dez da manhã. O nome de Julia brilha na tela.

Eu sento num movimento rápido e atendo.

— Alô?

Laney, que estava adormecida ao meu lado, se mexe e abre os olhos. Do outro lado da linha, a voz tensa da minha irmã me provoca um arrepio.

— Hugh, sei que vocês estão viajando. Eu não ligaria se não fosse importante.

— Fala logo, Julia. O que aconteceu?

— O papai acaba de ser levado para o hospital.

Meu coração começa a socar o peito.

— Por quê?

— Ele resolveu subir no telhado para consertar uma telha solta, já que tinha previsão de chuva essa noite. Acabou caindo e... bateu a cabeça.

Eu dou um pulo da cama e ando até a janela, correndo a mão pelo cabelo.

— Caralho, ele está bem? Não mente pra mim.

— Ainda não sabemos — a voz dela treme um pouco. — Ele foi levado inconsciente, mamãe está com ele na ambulância.

Minhas mãos começam a tremer.

— Vou dar um jeito de voltar. Vai me mantendo atualizado, por favor.

— Estou indo pro hospital agora. Te dou notícias.

Ela desliga o telefone e eu acendo a luz do abajur. Sento na cama outra vez, tentando me acalmar minimamente para pensar nos próximos passos. Sinto a mão delicada de Laney sobre o meu braço.

— O que aconteceu? — ela pergunta.

— Meu pai caiu do telhado e foi levado para o hospital inconsciente — eu explico, aterrorizado com a ideia de que algo de pior possa acontecer. — Precisamos voltar.

— Ah, meu Deus. — Laney me abraça, e eu a puxo para o meu colo. — Ele vai ficar bem. Seu pai é muito forte, Hugh.

Aperto o corpo macio e quente contra o meu, querendo desesperadamente acreditar nessas palavras. Só de tê-la assim, tão perto, eu já me sinto um pouco melhor.

— Obrigado. Não sei o que eu faria se alguma coisa acontecesse com aquele coroa teimoso.

Meus olhos ardem e eu preciso engolir um nó na garganta. Laney corre as mãos pelas minhas costas, num carinho reconfortante.

— Eu estou aqui com você. Vai dar tudo certo.

— Não sei nem por onde começar a resolver tudo — admito. — Minha cabeça parece estar em curto-circuito.

Laney se afasta e segura meu rosto entre as mãos.

— Eu te ajudo. Como você organizou nossa vinda para cá?

— Meu agente sempre cuida dessas coisas.

— Por que não começa ligando para ele, então? Quem sabe não conseguimos um voo ainda hoje para voltar?

— Sim, faz sentido.

Eu respiro fundo e pego o celular outra vez. São oito da noite em Los Angeles, então ligo para Salvatore sem tanto peso na consciência. Esse sujeito quebra mais galhos meus do que eu mereço. Ele atende no segundo toque.

— Fala, Nash.

— Cara, eu preciso de ajuda. Tenho que voltar para Los Angeles imediatamente.

Meu tom de voz deve ter sinalizado que algo grave aconteceu, porque ele nem questiona meus motivos.

— Seu jatinho está agendado para amanhã à noite. Vou tentar antecipar, mas não sei para quando conseguirei. Te mantenho informado.

— Faça sua mágica, cara. É uma situação de emergência.

— Deixa comigo.

Assim que eu desligo, levanto e começo a me vestir. Laney faz o mesmo e, em poucos minutos, estamos os dois prontos e com as malas arrumadas. O telefone toca vinte minutos depois da minha última chamada.

— E aí? — atendo, tentando controlar a ansiedade.

— Consegui um outro jatinho. Não é tão confortável quanto aquele, mas pode decolar hoje às dez da manhã.

— Ótimo. Mesmo local?

— Isso. Chegando lá me liga que eu te dou as instruções.

— Obrigado.

Nem quero saber quanto isso vai me custar. Eu daria todo o meu dinheiro para estar ao lado da minha família nesse momento, sem pensar duas vezes.

— Vamos tomar café? — pergunto a Laney. — Embarcaremos às dez.

— Vamos. — Ela pega a bolsa e levanta da cama.

Saímos do quarto de mãos dadas, e eu sinto o aperto suave que ela me dá. Nunca me senti tão grato pela presença calma de alguém. Ter Laney ao meu lado agora era exatamente o que eu precisava.

POUSAMOS ao aeroporto em Los Angeles por volta de quatro da tarde. Graças ao fuso horário, conseguimos chegar relativamente cedo, mesmo depois de 15 horas intermináveis dentro do jatinho. Durante o voo, minha irmã me atualizou a respeito do andamento das coisas. Meu pai sofreu um traumatismo cranioencefálico, teve um sangramento na parte externa do cérebro e precisou ser submetido a uma cirurgia para drenar esse hematoma. Na última atualização de Julia, ele ainda estava no centro cirúrgico.

Eu checo uma última vez o celular para ver se não entrou nenhuma mensagem nova dela e guardo o aparelho. Laney e eu levantamos e saímos da aeronave em direção ao salão privativo de embarque e desembarque, um diferente do que eu costumo usar. Pegamos nossas bagagens e, assim que eu abro o portão externo que dá acesso ao estacionamento onde há um carro nos esperando, sou surpreendido pelo avanço de uma enxurrada de fotógrafos.

— Quem é a garota, Nash?

— Para onde vocês foram?

— É sua namorada?

Todos perguntam ao mesmo tempo, nos cercando e disparando os flashes. Laney esmaga minha mão e, quando olho para ela, vejo que está pálida como uma folha de papel. Eu a abraço, protegendo-a com o meu corpo, e começo a forçar o caminho entre os repórteres abusados. Eles nos encurralam, empurrando celulares na nossa direção, fazendo vídeos e fotos sem parar.

Eu não costumo me incomodar tanto com a imprensa, entendo que faz parte do jogo, mas hoje essa situação está passando dos limites e me deixando muito puto. Com meu pai internado e Laney apavorada ao meu lado, eu seria capaz de agredir esses caras se eles não tivessem tido o bom senso de ir abrindo caminho aos poucos para a gente passar.

Eu avisto um dos meus carros com Louis ao lado, tentando se desvencilhar de algumas pessoas que decidiram abordá-lo. Eu escolto Laney até o banco de trás e entro ao lado dela, fechando a porta e nos isolando do tumulto do lado de fora. Louis consegue finalmente ocupar o assento do motorista, liga o carro e sai dirigindo devagar, tomando cuidado para não atropelar os imbecis suicidas que cercam o carro como um bando de urubus em volta da carniça. Eles ainda batem no vidro escurecido pelo insulfilm, berrando perguntas.

Laney está tremendo tanto que eu preciso segurá-la com força contra o meu corpo.

— Calma, já passou — eu murmuro contra o cabelo ruivo, mesmo sabendo que é mentira. Seremos perseguidos até o nosso destino. A respiração dela está tão rápida que eu fico assustado. — Me fala o que você está sentindo.

Laney apenas balança a cabeça em negativa. O lábio inferior dela treme, assim como o resto do corpo. Ela tenta puxar o ar, sem conseguir, e eu me sinto horrível por fazê-la passar por algo assim.

— Eu sei que é assustador — digo, esfregando suas costas. — Desculpe por te fazer passar por isso, Laney. Me perdoa, por favor.

Uma lágrima escorre na bochecha pálida, e eu me sinto um merda. Eu deveria ter pensado nisso antes de embarcar. Com a empresa que sempre uso nessas viagens, eu tenho um NDA assinado, mas provavelmente Salvatore não teve tempo hábil de conseguir isso com essa outra. Alguém lá de dentro avisou a imprensa quando viu meu nome entre os passageiros junto com uma mulher.

Eu respiro fundo, ainda segurando-a contra mim. Amanhã nossas fotos e vídeos estarão espalhados em todos os sites de fofocas e redes sociais, e Laney será implacavelmente perseguida. Mas que merda gigantesca.

Apenas quando estamos quase chegando ao hospital, ela começa a se acalmar um pouco. Olha para mim com uma expressão desolada e tenta se justificar.

— Desculpe, Hugh. Já fazia muito tempo que eu não tinha uma crise de ansiedade. Eu nunca sei ao certo quais serão os gatilhos, e quando me vi cercada por aquelas pessoas, eu...

Envolvo seu rosto com as duas mãos.

— Pelo amor de Deus, Laney, você não precisa pedir desculpas nem se explicar. A culpa disso tudo é minha.

Ela apenas balança a cabeça.

— Sei que algumas pessoas lidam melhor com esse tipo de coisa. Mesmo com o tratamento, às vezes ainda tenho momentos assim. É horrível, mas não consigo evitar.

Ela baixa o rosto, derrotada e triste como eu nunca vi antes. Desesperado para acalmá-la, eu a abraço outra vez e murmuro:

— Fica tranquila que daqui a pouco eles esquecem você. Quando não nos virem mais juntos, a notícia acabará esfriando e eles te deixarão em paz, eu prometo.

Laney enrijece nos meus braços antes de me apertar com força. Lágrimas molham minha camisa e seus soluços ecoam contra o meu peito. Tenho vontade de chorar também, com um turbilhão de sentimentos provocando um caos dentro de mim.

Sinto o peso da culpa por fazê-la passar por toda essa exposição, tudo que ela menos queria. O medo e a dor de perdê-la para sempre. A certeza de que nunca mais sentirei por ninguém o que eu sinto por essa mulher, e a devastação por saber que eu jamais poderei ser o cara que a fará feliz. Pelo contrário: nesse momento, eu sou o responsável por ela ter uma crise de pânico, cortesia da vida insana que eu levo.

Jamais serei capaz de esquecer as palavras dela durante aquele jantar. *Por isso eu quero tanto que comigo seja diferente.* Depois de tudo que ela e a família passaram por causa do pai ausente, como não desejar o oposto disso?

Eu respiro fundo quando Louis se aproxima de uma entrada lateral do hospital. Vejo Salvatore ao telefone, fumando um cigarro e berrando com alguém. Provavelmente, nossas fotos e vídeos já estão online e ele está comendo o rabo de alguém na empresa de transporte aéreo executivo. Tarde demais, mas aprecio o gesto assim mesmo.

Infelizmente, eu estava certo ao deduzir que seríamos perseguidos. Assim que o carro estaciona, alguns repórteres começam a se amontoar ao redor do veículo. Eu me viro para Laney.

— Me fala o que você prefere fazer. Pode entrar comigo, ou eu posso pedir a Louis para ficar dando voltas pela cidade até despistar a imprensa e te deixar em casa depois. — Olho para o meu motorista através do retrovisor, que assente com uma expressão penalizada.

Laney parece hesitar. Por fim, ela desvia o olhar e responde, numa voz exausta:

— Prefiro ir para casa, então. — As palavras são como um soco no estômago, porque minha parte mais egoísta estava torcendo para que ela quisesse ficar comigo. Laney volta a me encarar. — Você me dá notícias do seu pai assim que souber de alguma coisa? Estarei torcendo para que tudo dê certo.

Mesmo com um vazio no peito, me esforço para sorrir.

— Claro que sim. Me avisa quando você estiver em casa?

Ela balança a cabeça confirmando.

— Até mais, Hugh.

Eu realmente espero que isso não seja uma despedida definitiva, porque eu não estou nada preparado para abrir mão de Laney ainda.

— A gente se fala.

Dou um beijo rápido na sua testa antes de sair do carro, me desvencilhando dos repórteres e curiosos sem muita gentileza. Ainda olho para trás uma última vez, observando o carro se afastar e levar embora a mulher que eu amo desesperadamente.

36

LANEY

MINHA VIDA DEU um giro de 180 graus nos últimos dias, e eu definitivamente não estava preparada para isso.

Desde que voltamos de viagem, eu passei a ser reconhecida na rua, coisa que jamais imaginei que poderia acontecer. Hugh é um dos jogadores de maior destaque na liga e, unindo a isso sua beleza e envolvimentos prévios com várias mulheres, acaba se tornando um alvo forte dos fofoqueiros de plantão. Estranhos me encararam, cochicharam e alguns até me abordaram, perguntando se eu sou mesmo a nova garota do Nash.

Se eu já saía pouco de casa, agora parei completamente. Cheguei a olhar algumas matérias e vídeos a nosso respeito. Descobri que existe uma *trend* numa rede social de vídeos com o meu nome, onde pessoas especulam a respeito dos motivos para uma garota como eu ter sido vista com um cara como Hugh, enfatizando o quanto sou sem sal, criticando meu corpo e minha altura. Estaria mentindo se dissesse que isso não me magoou, então tenho tentado me manter completamente alheia a todo o conteúdo da internet nos últimos dois dias.

A única notícia boa é que a cirurgia de James Nash correu bem, e ele deve ter alta em breve sem sequelas. Já está acordado, falando e se alimentando pela boca, o que foi um alívio imenso.

Hugh tem me mandado mensagens e ligado todos os dias. Algumas vezes, eu atendo, outras não. Ainda estou processando tudo que aconteceu, e falar com ele tem provocado uma dor cada vez maior quando me lembro das palavras que ele disse no carro. Por mais que eu já soubesse que era o que ia acontecer e racionalmente acreditasse que é melhor assim, ouvi-lo dizer que em breve não estaremos mais juntos provocou uma devastação que eu não estava preparada para sentir. Preciso de algum tempo para superar essa sensação, e será muito mais difícil ouvindo a voz que faz minha pele arrepiar todas as vezes.

Como estou de férias essa semana, combinei com Julia uma visita ao pai dela no hospital. Vou aproveitar o momento em que ela estará como acompanhante, assim talvez eu consiga evitar um encontro com Hugh.

Sei que isso terá que acontecer em algum momento, mas ainda não acho que eu esteja preparada. Como uma boa covarde, estou protelando ao máximo, na ilusão de que com isso as coisas ficarão mais fáceis. É ridículo o quanto a gente gosta de se enganar.

Chego ao hospital às dez e meia da manhã e subo direto até o quarto 306. Bato duas vezes, e ouço a voz alegre de Julia do outro lado:

— Pode entrar!

Empurro a porta devagar. James está na cama, com a cabeceira elevada até uma posição em que está quase sentado. Exceto pelo cabelo parcialmente raspado e o curativo grande no couro cabeludo, eu nem diria que ele sofreu um acidente tão grave há poucos dias.

— Olá — cumprimento, com um sorriso. — Como você está?

Ele sorri de volta, fazendo um gesto com a mão para que eu me aproxime.

— Que surpresa agradável, Laney. Venha me dar um abraço.

Eu faço o que James pediu, e envolvo seus ombros com cuidado.

— Que susto você deu em todos nós — reclamo, num tom carinhoso.

O homem ri.

— Às vezes, eu me esqueço de que não sou mais um garoto. Mas já me fizeram prometer que nunca mais subo num telhado.

— Acho bom, pai. — Julia faz uma falsa cara de brava antes de me abraçar. Assim que me solta, seu olhar perspicaz analisa minhas olheiras. — E você, como está?

Nesses últimos dias, a outra pessoa que tentou fazer contato comigo sem parar, além de Hugh, foi a minha melhor amiga. Por mais que eu tenha dito que estava tudo tranquilo, e que eu só precisava de um tempo para descansar, já deveria ter desconfiado de que ela não compraria essa história. A verdade é que fiquei arrumando e faxinando meu apartamento até o limite da exaustão, na esperança de que o comportamento obsessivo ajudasse a anestesiar um pouco os pensamentos angustiantes a respeito do meu relacionamento com Hugh.

Sorrio, meio sem jeito.

— Eu estou bem.

Julia não parece convencida, mas, para o meu alívio, não insiste nessa questão na frente do pai.

— Soube que vocês estavam em Roma — James comenta quando eu sento ao lado da sua filha no pequeno sofá. — Fiquei triste por ter

atrapalhado o passeio. De qualquer forma, vocês terão muitas outras oportunidades de irem juntos para lá.

Meu sorriso não poderia ser mais falso, porque sei que isso não é verdade. No entanto, não pretendo entrar nesse assunto.

Ouvimos algumas batidas à porta e, em seguida, uma enfermeira entra.

— Vim aplicar seu antibiótico, sr. Nash — ela avisa.

— Fique à vontade, Maggie — Julia diz. Em seguida, se vira para mim e fala baixo: — A equipe aqui é muito atenciosa. Às vezes, fico me perguntando se isso não tem a ver com o fato de que um certo jogador famoso da NFL está quase morando nesse quarto.

Eu rio, enquanto a mulher termina seu serviço. Ela lava o acesso venoso com soro e recolhe o material.

— Prontinho — avisa. — Mais tarde eu retorno para ver seus sinais vitais.

No momento em que ela abre a porta, quase é derrubada pelo homem enorme que está entrando.

— Desculpe — os dois falam ao mesmo tempo.

Hugh está mais lindo do que nunca, e meu coração parece um beija-flor assustado apenas por vê-lo.

— Maggie! — o jogador a cumprimenta. — Trouxe a blusa do seu filho para eu autografar?

A enfermeira chega a ficar vermelha.

— Nossa, você lembrou.

— Claro que sim. — Ele exibe um de seus sorrisos charmosos. — Tobias, certo?

Maggie coloca uma mão no peito.

— Ele nem vai acreditar quando eu contar que você lembrou até o seu nome. Posso buscar a camisa daqui a pouco? Não quero atrapalhar.

Hugh mantém o sorriso.

— Não atrapalha. Passarei o dia todo aqui.

— Eu volto um pouco mais tarde, então. Obrigada mais uma vez.

Assim que ela sai, Hugh olha com mais atenção para o quarto e finalmente me vê. Seus olhos escuros exibem imediatamente uma mistura de sentimentos indecifráveis, e minhas palmas começam a suar.

— Laney — ele diz, com sua voz grave. — Não esperava te ver aqui hoje.

Eu realmente não avisei que vinha, o que chama a atenção do sr. Nash. Ele olha discretamente de um para o outro, sem entender, mas é educado demais para comentar.

— Nós combinamos em cima da hora — Julia vem em minha defesa. — Laney estava de bobeira em casa, aí perguntei se não queria dar uma passada aqui.

Hugh para ao lado da cama do pai, beija sua bochecha e troca algumas palavras. Em seguida, vem até o sofá, beija o rosto da irmã e em seguida para na minha frente. A situação é a mais estranha possível, e eu não tenho ideia de como agir. Pelo visto, ele enfrenta o mesmo dilema, porque acaba decidindo por um beijo na minha testa.

Em seguida, ocupa o último lugar vago no quarto, numa poltrona reclinável. Pelos próximos minutos, ficamos os quatro conversando sobre temas aleatórios. James conta, pelo que deve ser a décima vez, como foi sua queda, e eu faço uma pequena careta ao imaginar a cena.

— Você teve sorte — comento.

— Muita. — Ele olha com carinho para os filhos. — Não me arriscarei mais assim. Pretendo ver esses dois casados e com uma penca de filhos.

Ambos reviram os olhos ao mesmo tempo, o que me faz rir.

— Pai, eu não quero ter filhos — Julia diz. — Já te disse isso mil vezes, conforme-se.

Eu espero que Hugh diga algo parecido, mas ele permanece em silêncio e então olha para mim. Nossos olhares se prendem por alguns segundos, tempo suficiente para alterar minha frequência cardíaca. Acabo desviando os meus, apelando novamente para a covardia.

Após mais algum tempo de conversa, eu checo as horas e me levanto.

— Eu preciso ir — aviso. Chego mais perto de James e seguro sua mão. — Espero que em breve esteja totalmente recuperado.

— Estarei, minha filha. Muito obrigado por ter tirado um tempo do seu dia para vir me visitar.

Eu sorrio, com carinho.

— Foi um prazer.

Em seguida, me despeço de Julia com um abraço. Antes que consiga me afastar, Hugh levanta e avisa:

— Vou acompanhá-la até lá fora.

Não foi uma pergunta ou um oferecimento, foi um comunicado. Seria rude da minha parte recusar, então eu apenas concordo, procurando me

acalmar. É impressionante como todo o conforto que eu sentia ao lado dele se transformou num nervosismo que eu poucas vezes senti antes.

Nós caminhamos em silêncio pelo corredor, pegamos o elevador e descemos no térreo. Hugh então se vira para mim.

— Tem alguns minutos? Eu queria conversar com você.

O nervosismo ameaça se transformar em pânico. Eu sou louca por esse homem, é ridículo tentar negar. Hugh é uma pessoa incrível, e tem me tratado de uma forma que eu jamais esperei. Essas últimas semanas foram mágicas. Mas, de que adianta tudo isso se, mesmo que a gente ficasse junto, ele sempre estaria mais longe do que perto? E, quando estiver longe e eu me sentir sobrecarregada e sozinha, vou passar o resto dos meus dias soterrada nos meus comportamentos compulsivos para lidar com as crises de ansiedade?

O estilo de vida de Hugh é um estressor por si só. Basta lembrar do que aconteceu com os paparazzis, e a forma desproporcional como eu reagi. Talvez aqueles vídeos e matérias sensacionalistas estejam certos, e eu não seja mesmo a garota certa para Hugh. Ele precisa de alguém mais estável, que lide bem com a exposição e quem sabe até goste disso.

Somos diferentes demais, e um relacionamento de longo prazo provavelmente deixaria a nós dois infelizes em pouco tempo. Não é justo comigo e, em última instância, não seria justo com ele. Preciso dar um basta nessa história de uma vez.

— Claro — respondo, tentando erguer algumas defesas. Seria muito fácil ceder à tentação de arriscar um envolvimento mais sério com ele, mas sei que as chances não estão a meu favor num eventual futuro juntos.

Hugh me guia até um jardim sombreado e agradável nos fundos do hospital. Sentamos num banco, e eu fico observando sem muita atenção as flores e passarinhos.

— Como você está? — ele pergunta, me encarando com uma expressão preocupada. — Depois de tudo que aconteceu?

Eu sorrio, mas não alcança meus olhos.

— Bem, dentro do possível. — Omito a parte de faxinar compulsivamente meu apartamento até a exaustão, ou o baque que foi descobrir que virei assunto nas redes sociais da pior maneira possível.

Hugh assente, os cotovelos apoiados nos joelhos. Seu olhar não deixa o meu.

— No próximo sábado é a festa da sua empresa. Como você quer fazer?

Por algum tempo, eu acreditei que deveríamos manter esse compromisso. Seria minha última chance de passar um tempo com ele, ainda que sob um pretexto falso. Mas agora, só de me imaginar naquela festa fingindo que Hugh é meu namorado para fazer ciúmes no cara que eu não tenho qualquer intenção de reconquistar, eu percebo que não faz nenhum sentido. Melhor encerrar esse capítulo de uma vez.

— Você não precisa ir comigo — digo.

Hugh permanece em silêncio, apenas me encarando por um tempo longo demais. Consigo ouvir meus próprios batimentos cardíacos no ouvido, enquanto espero que ele diga alguma coisa. Qualquer coisa.

— Tudo bem. — Hugh desvia o olhar, que fica perdido por alguns segundos no jardim. Quando volta a me encarar, seus olhos carregam uma tristeza imensa. — Eu queria que as coisas fossem diferentes, Laney.

Preciso respirar fundo para controlar a vontade de chorar.

— Eu também queria.

Ele assente e olha para o chão.

— Se você mudar de ideia quanto à festa, basta dizer.

— Obrigada.

Hugh parece debater internamente com a vontade de falar mais alguma coisa, mas acaba permanecendo em silêncio. Como o nó na minha garganta só aumenta, eu decido levantar antes que desabe na frente dele.

— Bem, acho que eu já vou indo.

Ele levanta também.

— Preciso te perguntar uma coisa — Hugh diz, com um certo nervosismo que eu não costumo ver nele.

— O quê?

— Você pretende voltar com o Norman?

Minha vontade é dizer que não, mas, se Hugh está fazendo essa pergunta, é porque tem alguma intenção por trás. Se ele disser que quer ficar comigo, não sei se eu seria forte o suficiente para resistir, então preciso cortar essa história antes que seja tarde demais.

A imagem da minha mãe, sempre triste, cansada e sozinha preenche meus pensamentos como um lembrete de tudo que eu não quero para mim.

— Não sei, Hugh. Mas eu vou encontrar alguém que me faça feliz, tenho certeza disso — digo. A dor que cruza seu olhar é tão intensa que eu sinto uma pontada forte no peito, a ponto de perder o ar. Meu controle está por um fio, e eu preciso sair daqui. Com a voz embargando, eu murmuro:

— Espero que você também seja muito feliz. Eu nunca vou esquecer o que nós vivemos juntos.

Viro de costas e saio quase correndo dali, lutando contra o choro que está quase transbordando. É apenas quando eu entro num táxi que permito que as primeiras lágrimas corram, seguidas por soluços tão altos que o taxista vira para trás, preocupado.

— Tudo bem, moça?

Eu passo a mão no nariz e balanço a cabeça que sim, informando em seguida meu endereço. Quando o carro arranca, eu fecho os olhos e recosto a cabeça para trás, me sentindo vazia como nunca. Sei que eu acabei de abrir mão de algo insubstituível e único, na esperança de que meu futuro seja mais feliz.

Só espero que eu esteja tomando a decisão certa.

37

LANEY

CHEGO AO PRÉDIO do escritório um pouco depois das oito. A festa estava marcada para começar sete e meia, mas eu fiquei por algum tempo flertando com a ideia de simplesmente não vir. Desde que me despedi de Hugh, tem sido difícil até sair da cama, que dirá ir a um lugar público onde precisarei ser agradável com as pessoas. Quase mandei tudo para o inferno e fiquei em casa, mas acabei decidindo pelo contrário porque a culpa de faltar a um compromisso de trabalho iria me perseguir por dias.

Para o meu azar, a primeira pessoa que eu dou de cara ao cruzar as portas de vidro é Norman, ao lado da tal advogada. Eu devo estar numa espécie de inferno astral atrasado, não é possível.

Meu ex-namorado me analisa de cima a baixo, provavelmente reparando em um dos vestidos que comprei com Julia. A apreciação em seu olhar é nítida, mas isso não poderia me afetar menos. Eu os cumprimento com um sorriso polido e um rápido aceno de cabeça, passando direto em direção a Suzanne, que eu avistei do outro lado do salão.

Percorro o espaço habitualmente ocupado por baias de trabalho, que hoje está praticamente vazio, exceto por algumas mesas altas e banquetas. Me pergunto onde todo o mobiliário do escritório foi parar, mas não estou realmente interessada na resposta.

— Laney! — Minha chefe acena para mim, animada. — Que bom que você chegou.

Eu me aproximo e lhe dou um beijo rápido.

— Olá, Suzanne.

De braço dado com o marido, ela olha ao redor.

— Onde está o namorado? — pergunta, com a empolgação de uma criança prestes a desvendar um mistério. — Eu estou louca para conhecê-lo.

Eu obviamente já esperava por essa pergunta, e me preparei minimamente para responder.

— Nós terminamos. — Ao pensar no assunto, eu já havia decidido que o melhor era dizer a verdade. — Infelizmente, não deu certo.

Suzanne faz um muxoxo penalizado.

— Ah, eu sinto muito, querida. Você parecia muito feliz ultimamente, que pena que acabou.

Eu não apenas *parecia* feliz, eu *estava* feliz. Mas as coisas são como são.

Forço um sorriso.

— Não se preocupe, eu estou bem. Foi um término amigável. — Uma mentira seguida de uma verdade. Eu estou tudo, menos bem, ainda que tenhamos terminado de uma forma "amigável".

— Que bom, Laney. Outros homens aparecerão, você é muito jovem. — Ela encosta a cabeça no ombro do marido. — Eu mesma, só encontrei o amor da minha vida aos 37, depois de um divórcio. Os últimos oito anos mostraram que finalmente fiz a escolha certa.

Eu sorrio, dessa vez de forma genuína. Minha chefe vive há anos em uma eterna lua-de-mel com seu marido.

— Quem sabe um dia terei a mesma sorte, Suzanne.

Duas funcionárias do setor de planejamento se juntam a nós na pequena roda, e a conversa acaba inevitavelmente se desviando para assuntos relativos a trabalho. Eu participo, aproveitando a oportunidade de não pensar em nada por algum tempo.

Alguns canapés são servidos por garçons, e eu me surpreendo com o quanto estão saborosos. Meu apetite retorna parcialmente e consigo comer uns quatro ou cinco, empurrados por alguns goles de espumante.

Em determinado momento, toda a bebida que entrou precisa sair e eu peço licença para ir ao banheiro. Depois de usar o toalete, eu lavo minhas mãos metodicamente e então saio, dando de cara com Norman do lado de fora. Ele está parado, encostado a uma parede e sozinho. Com o canto dos olhos, noto que o banheiro masculino está vazio, então não é isso que ele está esperando.

Assim que me vê, meu ex-namorado levanta o rosto e dá um passo na minha direção.

— Laney. Eu queria muito falar com você.

Mesmo sem nenhuma vontade de ter essa conversa, sei que ela é necessária. Melhor que aconteça de uma vez. Respiro fundo e ajeito a alça da bolsa no ombro.

— Pode falar.

Norman troca o peso de perna e enfia as mãos nos bolsos da calça, parecendo inseguro a respeito de por onde começar.

— Você não retornou minhas mensagens nem minha ligação no dia do seu aniversário. Depois que eu vi as matérias na internet sobre a sua viagem com o jogador famoso para a Itália, entendi o motivo.

É claro que ele tinha que ter visto as publicações humilhantes a meu respeito.

— Eu estava ocupada naquele dia.

Norman ri, mas sem qualquer humor.

— Consigo deduzir qual era sua ocupação.

Eu estreito os olhos e cruzo os braços.

— Estou percebendo um tom que está beirando o desrespeito na sua voz? Espero que seja apenas impressão.

Ele respira fundo e corre uma mão de lado pelo cabelo, tomando cuidado para não bagunçá-lo.

— Desculpe, Laney, sei que não tenho esse direito.

— Não tem mesmo.

Norman baixa o olhar.

— Eu fiquei morrendo de ciúmes, admito. — Ele volta a me encarar. — Foi horrível ver aquelas fotos e vídeos do brutamontes te abraçando.

Também foi horrível ver a advogada prestes a te oferecer um boquete, mas não acho que isso fosse uma preocupação sua na época. Não exteriorizo o pensamento, porque posso dar a ele a impressão de que isso ainda me afeta. No momento atual, ele poderia comer a mulher na minha frente e não faria qualquer diferença.

— Nós já concordamos que você não tem o direito de me cobrar nada, então... — Faço um gesto com a mão, sinalizando para que ele chegue onde deseja e encerre esse assunto de uma vez.

Meu ex me encara, com uma expressão ansiosa.

— Vocês estão... juntos? Você e o jogador?

Eu debato internamente por alguns segundos, mas acabo optando pela verdade. Não é como se eu pudesse escondê-la por muito tempo, de qualquer jeito.

— Não que isso seja da sua conta, mas não. — Olho ao redor, e noto a tal advogada nos observando de longe com um olhar magoado. — Eu acho que você deveria voltar para a festa. Tem alguém esperando por você.

Norman vira para trás brevemente, e então volta a olhar para mim.

— Laney, eu te disse que não era sério. Na verdade, eu só queria uma oportunidade de conversar melhor com você, e te dizer que eu já me decidi.

Ia fazer isso no dia do seu aniversário, mas, bem... as coisas não saíram como o planejado. — Meu ex segura minha mão, e noto que a dele está fria. — Não preciso de mais tempo nenhum. Você é a mulher da minha vida.

Ele não pode estar falando sério. Eu rio, incrédula, balanço a cabeça e me desvencilho do seu toque.

— Peraí... você já tinha tomado essa decisão há dias e, mesmo assim, trouxe outra garota para a festa com você?

Ele começa a gaguejar.

— Eu... eu só... queria poder conversar com você, antes de falar com ela.

— Meu Deus. — Cubro a boca com a mão. — Você está fazendo com ela o mesmo que fez comigo. Deixou a menina de estepe enquanto descobria se conseguiria algo melhor.

Norman franze a testa com força, magoado.

— Laney, não seja injusta. Eu disse que queria explorar experiências, mas te deixei livre para fazer o mesmo.

Dessa vez eu rio alto.

— Sim, porque seria ridículo demais se você explicitamente me pedisse para ficar sentada esperando, Norman. — Dou um passo na direção dele, irritada. Como só agora eu me dou conta de quem era a pessoa egoísta que eu tive ao meu lado por dez anos? — A verdade é que você não esperava que eu fosse fazer o mesmo. Conhece as minhas inseguranças, a minha doença, a minha dificuldade de me adaptar a situações novas, e contou com isso ao imaginar que eu ficaria sozinha, como uma idiota, esperando você se decidir. Me diz que eu estou errada.

Ele desvia o olhar, completamente desnorteado.

— Laney, o que está acontecendo com você? — ele murmura, acuado.

— Era isso, não era? Você perdeu a pessoa que sempre considerou garantida, e isso te pegou desprevenido. Eu nunca havia te dado qualquer motivo para duvidar da minha fidelidade, da minha lealdade, porque no meu mundo só havia você. Mas isso estava errado de tantas formas diferentes, Norman. Relacionamentos não funcionam assim.

Ele me encara, ofendido, e ri com escárnio.

— Só porque deu para um jogador famoso por algumas noites, você agora virou uma expert em relacionamentos?

A raiva borbulha dentro de mim e eu o encaro com nojo.

— Não vou admitir que você me desrespeite dessa forma, e ainda por cima fazendo esse papelão ridículo — digo, com firmeza. — Que grande decepção te ouvir falar como um machista despeitado. Se você é tão orgulhoso e imaturo a ponto de não conseguir lidar com o fato de que sua estratégia falhou e explodiu de volta na sua cara, eu começo a achar que ter me relacionado com você foi o maior erro que eu já cometi.

Ele esfrega o rosto, de olhos fechados, respirando fundo algumas vezes.

— Desculpe — Norman diz. — Você tem razão, eu estou agindo como um babaca. — Meu ex volta a me encarar. — É que estou morrendo de medo de ter feito a maior besteira da minha vida e perdido você de vez.

Eu fico por vários segundos encarando o homem que eu acreditei amar, e que hoje eu mal reconheço. Como posso ter me enganado tanto?

Já mais calma, eu aliso o vestido e respiro devagar.

— Você não errou, Norman. Na verdade, ainda que tenha agido de uma maneira egoísta e pretensiosa, você fez um favor a nós dois.

Ele me encara, confuso.

— Do que você está falando?

— Nós jamais seríamos felizes juntos. Estávamos num relacionamento cômodo, mas aquilo não era amor. A gente merece mais do que isso, acredite. — Meu olhar encontra novamente a advogada, que continua nos observando de uma maneira nada discreta. — E vou te dizer outra coisa: não seja covarde com aquela garota. Se você estava pensando em voltar comigo, aja como um homem e diga a verdade para ela. Nenhuma mulher merece ser o plano B na vida de alguém.

Norman olha para trás, com os ombros caídos, e em seguida volta a me encarar.

— Confesso que eu jamais esperei que essa noite fosse terminar assim — ele admite.

— Acredite, foi o melhor para todos nós. — Ajeito a postura e toco seu braço. — Espero que você consiga se encontrar e fazer a coisa certa. Não te desejo mal, Norman. Torço para que seja feliz, apesar de tudo.

Com essas palavras, eu lhe dou as costas e começo a andar em direção à saída. No meio do caminho, eu mudo de ideia e sigo com passos firmes até a tal advogada. Sua expressão é cautelosa, e a postura defensiva.

— Ele vai conversar contigo — aviso. — Porém, se quiser ouvir a minha versão dos fatos, você sabe onde me encontrar na segunda-feira. Minhas intenções ao te dizer isso são as melhores possíveis, acredite.

A garota arregala um pouco os olhos.

— Tudo bem — ela responde, hesitante.

Eu sorrio.

— Nenhuma mulher deve aceitar menos do que merece. Nunca se esqueça disso.

Depois de uma piscadinha, eu viro as costas e saio da festa sem me despedir de ninguém, me sentindo leve pela primeira vez nos últimos dias.

38

HUGH

CHEGO AO THE Palace às cinco e cinquenta. O ônibus que vai nos levar até as instalações que sediam o *training camp* todos os anos está marcado para sair às seis. Logo depois que estaciono meu carro, desligo o motor e apoio os antebraços no volante por alguns instantes, observando a pequena multidão aglomerada ao redor dos dois ônibus que levarão o time e a equipe técnica até o centro de treinamento em Nevada, a cinco horas de distância daqui.

Antes de deixar meu carro, mando uma mensagem para Julia:

> Eu: Estou embarcando para Nevada. Meu celular ficará desligado por quinze dias, então, se precisar falar comigo sobre algo urgente, ligue para este número.

Em seguida, eu compartilho o telefone do CT e aperto o botão de enviar. Assim que eu confirmo que a mensagem foi recebida, desligo o aparelho e jogo no bolso lateral da minha bolsa esportiva.

Meu pai já recebeu alta e está completamente fora de perigo, então posso me dar ao luxo de ficar parcialmente incomunicável. A verdade é que preciso parar de ficar relendo as mensagens que eu troquei com Laney no período em que estivemos juntos, assim como as fotos dela que eu tenho salvas no meu celular. Esse comportamento masoquista é inédito para mim, e com certeza não está trazendo nada de bom.

Solto o ar com força, pego minha bolsa e minha mala, saio do carro e aperto o botão para trancá-lo. Ando com passos largos até o grupo, prestando atenção nas pessoas. Vejo vários rostos conhecidos e alguns novos, como acontece todos os anos. Os *rookies*[1] se apresentam oficialmente ao time no momento do *training camp*, e agora terei a oportunidade de conhecê-los melhor.

Um em particular me chama a atenção. É um rapaz que parece jovem, talvez 22 anos. É alto, com a pele negra, cabelo raspado e um sorriso quase incrédulo ao conversar com os atletas mais consagrados do time. Me lembro de quando eu entrei, já que eu me senti exatamente assim.

Ando até o local onde Nico e Ryker estão, e dou dois tapinhas nas costas de cada um.

— Achei que você não vinha, filho da puta. — Nico me empurra com um soquinho no ombro. — Isso são horas?

Eu checo meu relógio e mostro a ele.

— São 5h57min. O ônibus sai às seis, então estou tecnicamente três minutos adiantado. Não fode o meu juízo.

O *quarterback* olha para Ryker com as sobrancelhas erguidas.

— Qual o seu palpite? Ele acordou engraçadinho ou só mal-humorado, mesmo?

Ryker estreita os olhos para mim.

— Você parou de treinar? Quantos quilos perdeu nesses últimos dias?

Eu ajeito a alça da bolsa no ombro e desvio o olhar. Eu claramente me iludi achando que ninguém perceberia que, na última semana, eu comi metade do que estou acostumado e não treinei direito nenhum dia. Subestimei o quanto eu ia ficar na merda quando Laney me dispensasse, a verdade é essa.

— Que tal encerrarmos a temporada de perseguição ao Nash? — respondo, com a cara fechada. — Guardem essa energia toda para o *camp*, porque todo mundo vai precisar.

Sullivan sinaliza para que todos entrem no ônibus, e eu aproveito a deixa para subir e encerrar o assunto. Ocupo um lugar bem na frente, já que a bagunça costuma ficar mais concentrada lá atrás. Não me surpreendo quando Ryker senta ao meu lado e Nico passa direto em direção ao fundo do ônibus.

O *wide receiver* me encara por alguns instantes, esperando que eu dê alguma deixa para conversa. Quando não dou nenhuma, ele coloca os fones de ouvido, programa uma playlist no celular e recosta a cabeça, de olhos fechados. Ryker é a companhia ideal para mim nesse momento, porque, se existe alguém que entende o conceito de respeitar o espaço do outro, esse alguém é ele.

Eu respiro fundo, arrependido da decisão de desligar o telefone antes da viagem. Seria bom ao menos poder ouvir música durante essas horas intermináveis na merda do ônibus. Assim que começamos a sair do estacionamento, eu inclino o tronco para baixo, pego o celular no bolso lateral e ligo, mas coloco na mesma hora em modo avião. Não quero nem

ver o que Julia me respondeu, apenas pela remota possibilidade de que ela possa mencionar algo sobre a Laney.

Minha irmã sabe que nós terminamos. A primeira reação da cretina foi perguntar que merda *eu* tinha feito. Depois que ouviu o que realmente aconteceu, incluindo o fato de que Laney deixou bem claro que vai procurar alguém que a faça feliz — que obviamente não sou eu —, Julia mudou a expressão e me deu um abraço. Eu devia estar mesmo com cara de quem precisava de um, porque relembrar a conversa mais difícil da minha vida foi como ter uma faca cravada no meu peito outra vez.

Eu cheguei muito perto de fazer papel de idiota naquele jardim do hospital. Se Laney não tivesse sido tão categórica em colocar um ponto final no que estava rolando entre a gente, meus próximos passos teriam sido confessar que estou completamente apaixonado por ela e implorar para que me desse ao menos uma chance de tentar fazê-la feliz. Sim, eu sei que é egoísta pra caralho, não esqueci o quanto a abordagem da imprensa a fez entrar em pânico, nem o fato de que eu serei muito mais ausente do que ela gostaria.

Mas, naquele momento, tudo que eu conseguia pensar era em tentar encontrar um jeito para que a gente pudesse ficar junto, e que eu pudesse ser o cara certo pra ela. Infelizmente, o desfecho foi exatamente o oposto.

Fecho o zíper com um movimento meio brusco, me ajeito no banco e seleciono só as músicas que estão gravadas no meu aparelho, para não correr o risco de ter que usar algum sinal de internet e receber mensagens que eu não quero ler. Já com os fones de ouvido, eu reclino o encosto e tento relaxar.

Assim que *Let Me*, do Zayn, começa a tocar, me dou conta do problema. As músicas salvas são as que Laney escolheu para a viagem que fizemos juntos para a casa de Cristaldi, já que havia um pedaço da estrada com sinal de internet ruim. Quando presto atenção na letra, minha vontade é dar logo um tiro na cabeça e acabar com essa agonia.

Sweet baby, our sex has meaning
Know this time you'll stay 'til the morning
Duvet days and vanilla ice cream
More than just one night together exclusively

Baby, let me be your man

So I can love you
And if you let me be your man
Then I'll take care of you, you

For the rest of my life
For the rest of yours
For the rest of my life
For the rest of yours
For the rest of ours[2]

Eu arranco os fones e os esmago na mão. Parece que era uma porra de premonição quando ela escolheu justamente essa música para gravar no meu telefone. Eu nem tinha reparado na letra até agora, mas consigo me ver dizendo essas mesmas palavras para ela, sem mudar nada.

Sensacional. Eu agora me tornei o otário que presta atenção em letra de música romântica. Irritado, desligo outra vez o celular e guardo tudo na bolsa. Quando volto a recostar, virado para a janela, sinto o olhar de Ryker em mim. Olho para ele, puto.

— O que foi agora?

Inabalável, ele ergue as sobrancelhas.

— *O que foi agora*? — Lockhart repete. — Cara, se você não está percebendo que está a isso aqui de explodir — ele aproxima o polegar e o indicador um do outro na frente do meu rosto —, quem sou eu pra falar alguma coisa.

Eu pressiono a base do nariz entre os dedos. O cara não tem nada a ver com isso, e eu estou sendo um escroto.

— Foi mal — murmuro, arrependido. — Momento ruim, só isso.

Ele assente, sem deixar de me olhar.

— Se quiser conversar, eu sou melhor em ouvir do que em falar.

O trânsito leve de Los Angeles vai ficando para trás conforme nos aproximamos da estrada. Eu puxo o ar e solto. Talvez eu deva conversar mesmo com alguém, antes que acabe fazendo alguma merda durante o *training camp*.

— Laney terminou comigo — eu digo, sem preâmbulos.

Ryker continua me encarando.

— Eu achei que o acordo de você era temporário.

Olho através do vidro, sem prestar atenção.

— Era para ser. Mas nada saiu como o planejado.

— Em que sentido?

Eu rio, sem humor.

— No sentido de que eu me apaixonei por ela.

Ryker concorda.

— E ela não?

Eu dou de ombros.

— Acho que ela também sente algo por mim, apesar de nunca ter dito nada. Só que deixou bem claro que eu não sou aquilo que ela procura.

De maneira resumida, eu conto um pouco da história dela com o pai, abordo superficialmente o diagnóstico do TOC, falo sobre a maneira como ela reagiu aos paparazzis e o quanto me fez mal ver o sofrimento dela.

Ryker ouve tudo em silêncio, apenas balançando a cabeça em alguns momentos. Quando termino, ele fica pensativo por quase um minuto antes de comentar.

— Se vocês quisessem ficar juntos, acredito que haveria formas de contornar esses desafios. A imprensa é uma merda, mas a gente acaba se acostumando. Sem contar que relacionamentos estáveis não têm muita graça para eles, então eventualmente isso acabaria esfriando. Quanto à sua ausência, não tem muito jeito. Mas, hoje em dia, existem várias maneiras de se estar presente mesmo estando distante, e os nossos colegas jogadores que têm esposa e filhos são a prova disso. — Ryker faz uma pausa, ponderando o que vai dizer em seguida. — Só que nada disso faz diferença se ela não quer. Para funcionar, tem que ser uma escolha dos dois. Nesse caso, não acho que haja muito o que você possa fazer.

Por mais que ele esteja apenas resumindo o óbvio, foi importante ouvir. Se Laney me quisesse na vida dela, eu estaria disposto a qualquer coisa para fazer dar certo. Mas, se ela não quer, não me resta outro caminho a não ser respeitar.

— Você tem razão — digo, num tom meio derrotado. — Não há o que fazer, infelizmente. — Ofereço ao meu amigo um sorriso triste. — De qualquer forma, obrigado por me escutar e desculpe pelas grosserias.

Ryker me dá dois tapinhas no ombro.

— Sempre que precisar, irmão.

Eu recosto novamente a cabeça e me concentro dos dias que estão por vir. O *training camp* é um dos períodos mais intensos do ano, com mais de 12 horas diárias de treino tático, técnico, físico e estratégico, uma pressão

absurda e muito pouco tempo para pensar em qualquer coisa que não seja o jogo. Talvez seja exatamente disso que eu estou precisando, treinar como um filho da puta o dia inteiro e depois desabar na cama de pura exaustão.

Fecho os olhos e acabo adormecendo, embalado pelo movimento do ônibus e com o sorriso de Laney mais uma vez ocupando meu pensamento.

39

LANEY

VINTE E UM DIAS.

Esse é o tempo que faz desde que eu terminei oficialmente meu relacionamento com Hugh, e não é nenhum exagero dizer que foram os piores dias da minha vida. Eu nunca me senti tão triste, tão desmotivada, tão... vazia.

Num impulso, mandei mensagem para a minha mãe mais cedo perguntando se ela estava livre para jantar. A verdade é que eu não aguento mais as noites solitárias comendo comida congelada. Julia tem tentado me animar, mas a presença dela me lembra demais de Hugh, então tem sido difícil.

Chego à casa da minha mãe um pouco depois das sete. Ela abre a porta logo que eu toco a campainha, e une as sobrancelhas ao me ver.

— Laney, o que aconteceu com você?

Eu acabei emagrecendo nesses últimos dias, além das olheiras de quem não consegue uma boa noite de sono há... bem, vinte e um dias.

— Oi, mãe. — Me inclino e beijo sua bochecha. — Está tudo bem, só ando meio cansada.

Eu não vim para falar com ela sobre Hugh. Na verdade, eu vim na esperança do oposto: esquecê-lo, ao menos por algumas horas.

— Entra, filha. — Ela me dá passagem. — Fiz uma sopa de tomates. Pode ser?

Eu concordo.

— Claro. Sua sopa é ótima.

Minha mãe nunca foi uma grande cozinheira, mas algumas coisas ela sabe preparar bem. Sopa de tomates é uma delas.

— Vamos até a cozinha — ela me chama, e eu a sigo.

Após o divórcio, mamãe acabou ficando na mesma casa onde passei minha infância, quem se mudou foi meu pai. Com um sorriso, eu analiso os móveis que ainda são os mesmos de 20 anos atrás, todos bem conservados e limpos.

Por causa do meu TOC, minha mãe teve que desenvolver algumas rotinas peculiares, como arrumar e faxinar a casa com uma frequência

muito maior do que a das outras famílias. Mesmo depois que eu me mudei, ela acabou mantendo esse hábito.

— Tem falado com seus irmãos? — ela pergunta, mexendo a sopa na panela.

— Falei com Sue na semana retrasada. Ela, o Tom e as crianças estavam acampando, aproveitando o final das férias de verão.

— Ah, sim. — Minha mãe serve os dois pratos. — Isso eu soube, ela me mandou algumas fotos.

Assim que o prato fumegante é colocado à minha frente, eu pego a colher. Aqui eu não preciso me preocupar em limpar os talheres, pois sei que estarão impecáveis como os da minha própria casa.

— David está na Suécia — mamãe comenta, sentando à minha frente. — Ele te contou?

Eu sopro a primeira colherada e assinto.

— Uhum. Ele e o Carl foram chamados para fazer um trabalho por lá.

Meu irmão é fotógrafo e o marido dele, jornalista. Algumas vezes, ambos fazem alguns serviços freelancer pelo mundo, e já apareceram até em revistas conhecidas. Admito que invejo um pouco o meu irmão, que foi corajoso o suficiente para investir na profissão que amava, e não em algo estável, garantido... e tedioso como o inferno. Eu gostaria de ser assim também. Não precisar relegar a fotografia aos meus raros momentos de lazer, encarando todos os dias um emprego pelo qual não tenho nenhuma paixão, apenas para assegurar uma rotina estável e um contracheque no fim do mês.

— E Logan continua trabalhando demais — minha mãe reclama. — Aquele menino não sai do hospital, não tem vida.

Eu sorrio. Meu irmão é residente de medicina, solteiro, e está numa fase de se dedicar à carreira.

— Deixa ele, mãe. O Union é um dos melhores hospitais do país, e ele está aproveitando a oportunidade de aprender o máximo que pode.

— Eu sei, mas trabalhar tanto assim não é saudável. — Minha mãe come mais uma colherada e então me encara. — Como ficaram as coisas com o Norman? Já se acertaram?

Eu sopro a sopa, mais para ganhar tempo do que por estar tão quente assim. Eu não contei para ela toda a verdade, porque não estava a fim de entrar em muitos detalhes. Disse apenas que estávamos dando um tempo, e não mencionei meu breve *affair* com Hugh Nash.

Só que, como a decisão está tomada, é melhor que ela saiba logo que não vou voltar com meu ex-namorado. Assim, posso virar mais essa página.

— Nós terminamos de vez.

Mamãe apoia a colher no prato com um ruído alto.

— Como assim, Laney? Vocês estavam juntos desde sempre.

Eu sorrio, mas sem qualquer humor.

— Eu sei. Mas descobri que não ia dar certo.

— Como não ia dar certo? — Ela parece inconformada. — Você me disse que ele ia te pedir em casamento.

— Sim, eu achava isso. Mas, quando ficamos separados, eu descobri que eu quero mais. Eu mereço mais, mãe. — Olho para cima, pensando em tudo que eu vivi e que eu quero viver novamente. — Mereço alguém que me olhe como se eu fosse a mulher mais linda do mundo. Alguém que entenda minhas inseguranças, meus comportamentos, e não me faça sentir vergonha de nada disso. Alguém que me devore com o olhar, que me faça ansiar por ele como eu anseio pela minha próxima respiração. Um homem que me ame sem reservas, sem limites.

Quando termino de falar, minha mãe está imóvel, com a colher no ar, me encarando com a boca entreaberta. Percebo que revelei demais, então limpo a garganta e me concentro no meu prato.

— Quem você conheceu que te fez sentir tudo isso, Laney?

Fecho os olhos. Droga.

— Uma pessoa que não está mais na minha vida. — Desconverso, e então a encaro novamente com uma confiança que estou longe de sentir. — Mas sei que encontrarei outra muito em breve.

Minha mãe apoia a colher no prato e busca a minha mão.

— Filha, quem é esse homem? Por que as coisas entre vocês não deram certo?

Eu solto um pequeno gemido, frustrada.

— Não vim aqui para falar dele. Na verdade, eu vim para esquecê-lo.

Por mais que eu tente disfarçar a tristeza profunda que sinto todas as vezes que me lembro de Hugh, é impossível esconder alguma coisa da minha mãe. No instante seguinte, ouço uma cadeira sendo arrastada e, em segundos, minha mãe está sentada ao meu lado e me abraçando.

— Ah, Laney. Você sempre foi tão forte, tentou resolver seus problemas sozinha e evitou mostrar seu lado mais vulnerável. Eu respeito isso, mas

você pode confiar em mim. Se não puder abrir seu coração com a sua mãe, com quem você fará isso?

Pela primeira vez em muito tempo, eu me permito ser acolhida. A verdade é que mamãe sempre esteve tão sobrecarregada, tendo que lidar com as necessidades de quatro filhos, com a casa, tudo sozinha, que eu tentei poupá-la ao máximo durante toda a minha vida. Já bastava a sobrecarga que a minha doença impunha sobre ela. Então, essa abertura que ela está me dando agora é tentadora demais para recusar.

— Eu me apaixonei pelo Hugh, mãe. Irmão da Julia.

As mãos gentis acariciam as minhas costas.

— O jogador famoso?

Balanço a cabeça, confirmando.

— Sim. — Respiro fundo e me afasto um pouco, para conseguir olhar para ela. — Vou resumir a história para você.

Minha mãe me traz até o sofá e nós nos acomodamos lado a lado. Durante a meia hora seguinte, eu conto tudo, desde o término com Norman, a festa na casa da Julia, o acordo que Hugh me propôs, a viagem com o time dele, o início de um relacionamento verdadeiro entre nós. Falo sobre o meu aniversário, já que na época eu disse apenas que viajaria por alguns dias com alguns amigos e nem entrei em detalhes sobre o meu destino.

Minha mãe ouve tudo atentamente, acariciando minha mão.

— E por que não deu certo, filha? Ele não quis um relacionamento sério com você?

Eu sorrio com tristeza.

— Nem chegamos a discutir essa possibilidade. Eu terminei tudo antes, porque... — me dou conta de que preciso ter cuidado na forma de me expressar, já que ela é o maior motivo para a minha decisão — porque eu não queria ter ao meu lado alguém ausente.

Mamãe inclina um pouco a cabeça, me analisando.

— Laney... você está comparando esse rapaz com o seu pai?

Eu baixo o olhar, com medo de magoá-la.

— Um pouco.

Sua mão delicadamente ergue meu queixo, me fazendo voltar a encará-la.

— Você acha que o problema de Armand era viajar demais? E por isso ele não foi presente nas nossas vidas?

Agora é minha vez de ficar confusa.

— Ué, existe outra explicação?

Ela balança a cabeça em negativo, um sorriso brincando no canto da boca enrugada.

— Meu Deus, por que eu não conversei mais abertamente com vocês sobre tudo antes?

Eu me ajeito no sofá, intrigada.

— Sobre o que você está falando, mãe?

Os olhos verdes voltam a encarar os meus.

— O problema do seu pai nunca foi o trabalho, Laney. Armand me engravidou quando nós éramos muito novos, e acabamos decidindo casar. Sue nasceu e, no início, ele foi até participativo, mas sempre fazendo o mínimo. Pouco tempo depois, eu engravidei dos seus irmãos. As coisas começaram a ficar mais pesadas quando eles nasceram, mais trabalhosas. Armand começou a ficar cada vez mais ausente, em todos os sentidos da palavra. Quando viajava a trabalho, quase nunca ligava para saber como nós estávamos. Se estava em casa, arrumava desculpas para se trancar no escritório ou encontrar os amigos, chegando em casa sempre depois que vocês já estavam dormindo. Quando não se arrumava com alguma mulher na rua, o máximo que ele fazia era me procurar para um sexo rápido, que era prazeroso apenas para ele.

Eu cubro minha boca com a mão. Não tinha ideia de nada disso.

— Mas... por que você nunca falou nada?

Ela dá de ombros, parecendo um pouco constrangida.

— Eu não tinha emprego nem renda, dependia totalmente dele. Ainda acabei engravidando de você um pouco depois, e o que eu faria sozinha com quatro filhos para criar? Mesmo ausente, ele ao menos não permitia que nenhum de nós passasse necessidades.

Meu coração está socando o peito com todas essas informações.

— Mãe... você teria direito a pensão. Não precisava ter se submetido a algo assim.

Ela me encara, com uma expressão mais firme.

— Você não tem ideia do que é se sentir diminuída, acuada, com medo de que seus filhos passem fome, Laney. Pode parecer fácil para quem vê de fora, mas, para quem está vivendo a situação, não é.

Eu me arrependo imediatamente e a abraço.

— Você tem razão. Desculpe, mãe. Desculpe. Eu não quis te julgar, é só que... eu jamais imaginei que você tivesse passado por algo assim.

Ela me abraça de volta.

— Eu não queria colocar vocês contra ele, filha. Apesar de tudo, ele ainda era o pai de vocês. Mas, quando os quatro cresceram e ficaram mais independentes, eu tomei coragem de pedir o divórcio. Primeiro, eu precisava ter certeza de que vocês ficariam bem.

Eu a abraço com mais força, emocionada demais para falar. Como eu nunca soube que, por baixo dessa carcaça dura e fechada, minha própria mãe tinha passado por tanta coisa apenas para nos proteger e nos manter em segurança?

Minha admiração por ela triplica, e eu prometo a mim mesma que nunca mais deixarei de demonstrar meu carinho e minha gratidão por tudo que ela fez por nós.

— Laney? — ela me chama, com a voz suave. — Me diz outra vez por que você não quis dar uma chance ao seu relacionamento com aquele rapaz.

Nessa hora, minha ficha cai. Eu me afasto um pouco para encará-la, e a realização cai sobre a minha cabeça como uma pedra despencando do alto de um penhasco.

— Meu Deus... — murmuro, me dando conta do erro que eu cometi.

— Por tudo que você me falou, eu tenho certeza de que o Hugh e o seu pai são pessoas completamente diferentes, filha. Em vinte anos juntos, Armand nunca me fez sentir um décimo do que esse rapaz demonstrou por você em poucas semanas. Mesmo que ele precise ficar fisicamente ausente em uma parte do tempo, provavelmente estará mais perto do que outra pessoa que não te ame da mesma forma estaria — ainda que essa outra pessoa passasse todas as noites dividindo a cama com você.

Uma lágrima escorre na minha bochecha e ela a enxuga com um carinho no meu rosto.

— Eu fui uma boba, mãe. Uma covarde, também.

Mamãe balança a cabeça, negando.

— Eu entendo seu receio. Só quero que você perceba que presença física não é sinônimo da cumplicidade que você está buscando. No fim das contas, o que realmente importa é o quanto a outra pessoa é capaz de se doar para nós. E, pelo visto, o Hugh demonstrou que está nessa para valer.

— Sim. — Eu rio e choro ao mesmo tempo. — Sim, ele é a pessoa mais incrível que eu já conheci, e as coisas que fez por mim são inexplicáveis.

Ela sorri com ternura.

— Por que não liga para ele e tenta resolver tudo entre vocês?

Um arrepio de medo e excitação percorre a minha espinha.

— Eu não sei se ele também quer isso, mãe. A gente nem chegou a conversar.

Ela segura meu rosto com as duas mãos.

— Então, eu acho que já passou da hora de vocês fazerem isso.

Levanto do sofá e começo a andar pela sala, raciocinando. Pelas minhas contas, o *training camp* termina hoje. Hugh mencionou algo sobre um jogo em Ohio logo no dia seguinte, então ele deve estar em casa.

Preciso falar com ele com urgência.

Eu sorrio, entre feliz e apavorada, e abraço a minha mãe.

— Eu vou atrás dele sim — digo, sentindo meu coração acelerar. — Obrigada por dividir tudo isso comigo, e me mostrar o melhor caminho.

Ela suspira e me aperta mais forte.

— Desculpe por não ter sido a mãe mais amorosa, Laney. Mas nem por isso eu deixei de amar vocês a cada minuto da minha vida.

— Eu nunca duvidei do seu amor, mãe.

Nós ficamos assim por mais alguns instantes, até que eu me despeço. Chamo um Uber e coloco o endereço da casa do Hugh como destino. Algumas coisas devem ser ditas pessoalmente, então vou arriscar.

Ainda tenho medo de não ser a pessoa certa para ele. Tenho medo de não conseguir lidar tão bem com a realidade em que Hugh vive, tão diferente da minha, e acabar sendo um fardo. Por outro lado, eu vi a dor em seus olhos quando nos despedimos. Sei que ele sofreu com a nossa separação, então caberá a Hugh dizer se me quer na sua vida ou não.

A única certeza que eu tenho é que, se ele quiser, eu estou disposta a me entregar por inteiro e fazer tudo que estiver ao meu alcance para que ele seja feliz.

Perdida em pensamentos, eu mal reparo nos quilômetros que o carro percorre rapidamente, devido ao trânsito pouco intenso. Chegando na mansão de Hugh em Malibu, vejo que está toda apagada. Toco o interfone, mas ninguém atende. Peço ao motorista que aguarde um instante e tiro o celular da bolsa, ligando para o número de Hugh em seguida. Cai direto na caixa postal. Frustrada, eu volto para o carro e dou o endereço do meu apartamento.

Será que ele foi direto para o outro jogo? Inquieta, eu volto a pegar o telefone e ligo para a única pessoa que pode me ajudar nesse momento.

40

HUGH

ARRANCO A TAMPA da *long neck* e levo o gargalo aos lábios, bebendo um longo gole. Ao final, solto um *aaahhh*.

— Que saudade de beber uma cerveja. — Apoio os pés cruzados na mesinha de centro do terraço de Ryker, com o olhar perdido no gramado.

Ao invés de uma mansão com vista para o mar, como quase todos os maiores jogadores do time têm, Ryker optou por uma casa mais simples, do outro lado da estrada, e com um grande jardim. Ele tem quatro cachorros adotados, um deles com apenas três patas, outro cego, e os bichos se esbaldam no terreno espaçoso.

Meu amigo senta ao meu lado, abrindo sua própria garrafa. Depois de duas semanas infernais, com uma dieta super restrita orientada pela nutricionista, nós merecemos a cerveja e a pizza que acabamos de pedir.

O *training camp* sempre representa um período de abstinências. Enquanto eu e Ryker optamos por resolver a falta que sentimos de beber cerveja e comer pizza, Nico está na casa dele com uma garota, resolvendo a falta que sentiu de foder. Cada um com suas prioridades.

Quando o ônibus nos deixou de volta no The Palace, por volta de sete da noite, a ideia de ir para casa tornou-se subitamente deprimente demais. A falta que sinto de Laney pode ter sido parcialmente anestesiada pela rotina frenética no *camp*, mas está muito longe de ter diminuído. É impressionante como a ausência da pessoa que nós amamos pode se tornar a presença mais constante de todas.

Quando percebeu meu astral, meu amigo me convidou despretensiosamente para passar na sua casa antes de voltar para a minha. Lockhart pode ser fechado, até meio grosso, às vezes, mas sua capacidade de ler as pessoas ao seu redor é assustadora.

Ele observa seus cachorros com um olhar distraído antes de comentar:

— Aquele garoto é muito bom.

Por incrível que pareça, eu sei exatamente de quem ele está falando.

— Jared Westbrook? Sim, o moleque tem futuro.

É o mesmo *rookie* em quem eu reparei assim que cheguei ao The Palace antes do embarque para o *camp*. Ainda no caminho, eu o reconheci como o

wide receiver que foi *draftado*[1] no primeiro round, uma das nossas grandes promessas para o futuro.

Westbrook foi a maior aposta de Sullivan e Campbell no último *draft* por um motivo simples: nós não temos no time um substituto à altura de Lockhart, que está com quase 37 anos e perto de se aposentar. Nossos outros WR[2] não são nem de longe bons como ele, então o garoto pode ser considerado uma opção para quando Ryker não estiver mais em condições de jogar.

— Precisa amadurecer algumas coisas — Lockhart continua —, mas ele tem garra e talento. O resto é mais fácil de conquistar.

Eu sorrio, porque realmente gostei do garoto.

— Sim. Notei que você estava dando umas dicas durante os treinos.

Ryker dá de ombros.

— Eu não sei quanto mais tempo eu tenho no time. Quero ser substituído por alguém que esteja à altura de vocês dois. — Ele sorri, mas o sorriso carrega uma certa melancolia. — O *Dangerous Trio* não vai morrer comigo.

Eu bebo mais um gole da cerveja, não querendo pensar nesse momento.

— Isso é um problema para o futuro — corto o assunto. — Amanhã vamos jogar o *Hall of Fame*[3], e seremos nós três juntos.

Ryker suspira.

— Nem acredito que a temporada vai começar.

— Nem eu. Os últimos meses passaram rápido demais.

Ficamos por alguns segundos em silêncio, apenas bebendo e contemplando o início de noite. Quando o celular de Ryker toca, nós dois olhamos para o aparelho ao mesmo tempo. O meu segue desligado desde que eu fui para o acampamento. Só pretendo ligá-lo amanhã, o dia que eu decretei como sendo meu retorno inevitável ao mundo real.

Meu amigo pega o telefone, franze a testa para a tela e atende.

— Oi, Annie. — Ele relaxa o corpo na cadeira. — Sim, pode falar.

Pelos próximos segundos, Ryker apenas escuta. Sei que Annie é sua irmã, basicamente a única família que ele ainda tem. Ela é vários anos mais velha e mora no interior do Kansas com a família.

— Isso é uma péssima ideia. — Ryker balança a cabeça em negativa. — Você sabe como a minha rotina é, especialmente durante a temporada.

Eu o encaro com o canto dos olhos, e noto que seu rosto está contraído. Ele olha para o alto e solta o ar com força.

— Não vou ficar de babá de adolescente, Annie. — Ele ouve a resposta e se ajeita na cadeira, desconfortável. — Vinte e um anos é adolescente, sim, senhora. Ainda mais pelas coisas que você já me contou dela.

Eu antes estava prestando atenção parcial na conversa, mas agora o assunto tem minha total atenção. O que será que a mulher está pedindo?

— Eu posso alugar um apartamento para a menina ficar, se o problema é dinheiro. Nós nos encontramos uma vez só, não quero uma pessoa estranha invadindo minha privacidade — Ryker argumenta. Em seguida, ele levanta da cadeira como se tivesse levado um choque. — O quê?! No Sharks?

Lockhart bufa e corre a mão pelo cabelo, cada vez mais incomodado com o assunto.

— Então, o pai dela deveria ter proibido a viagem, se não confia na própria filha. — Ele ouve. — Sim, Annie, eu sei que o pai dela é o seu marido. Então vocês dois deveriam ter proibido.

Ele joga a mão para o alto, andando em círculos.

— Foda-se que ela é maior de idade! Se vocês acham que a garota não tem juízo suficiente para ficar um mês sem supervisão, ela não deveria vir. Ponto final.

Durante os próximos minutos, ele apenas escuta. Sua expressão vai mudando de irritação para uma certa tristeza, e algo que eu poderia chutar ser culpa. Por fim, meu amigo suspira.

— Tudo bem. Você sabe jogar sujo quando quer. A garota fica aqui em casa, e eu manterei os olhos nela de vez em quando. — Ele assente. — Sim, você me avisa. Até mais.

Depois que desliga o telefone, Ryker volta a sentar, com os cotovelos apoiados sobre os joelhos e o olhar perdido.

— Tudo certo aí? — pergunto, curioso.

— Porra nenhuma. Terei que ficar de babá por um mês — ele resmunga.

Eu levanto as sobrancelhas.

— Posso saber de quem?

— Da enteada da minha irmã. A garota vai fazer um estágio nos Sharks, na área de nutrição esportiva. Annie e o marido acham que ela vai se meter em encrenca passando tanto tempo sozinha numa cidade grande, porque a menina é terrível. Então, me pediram para que eu a receba na minha casa por esse período e fique de olho na pestinha.

Eu disfarço uma risada.

— Isso será, no mínimo, divertido.

Ele me fuzila com os olhos.

— Divertido para quem, cretino?

Minha tentativa de segurar o riso falha miseravelmente e meus ombros sacodem.

— Boa sorte, amigo.

Ele suspira e volta a recostar na cadeira.

— Certamente eu vou precisar.

JOGO A PEQUENA MALA no bagageiro do meu carro antes de ocupar o assento do motorista. Ligo o motor e confiro a hora: oito e cinquenta. Nosso jogo é à noite, mas o jatinho que vai nos levar a Ohio sai às onze da manhã. Campbell pediu que chegássemos às nove, e eu estou quase atrasado.

Ontem saí da casa de Ryker quase meia-noite. Fiquei revirando na minha cama até uma da manhã, pensando em Laney, até que finalmente consegui dormir. Manobro o carro para fora da garagem e, assim que alcanço a rua, olho para o meu celular apagado.

Não posso mais protelar o momento de ligá-lo, até porque minha família pode precisar entrar em contato comigo. Com um suspiro, eu aperto o botão e me concentro no trânsito. Segundos depois, o infeliz começa a vibrar sem parar, com as inúmeras mensagens entrando.

Assim que paro num sinal, eu pego o telefone e corro os olhos rapidamente pelas mensagens, procurando alguma de Laney. Não tem nenhuma. A segunda pessoa que eu busco entre os contatos é minha irmã, e dela há 25 mensagens não lidas.

Abro a sequência de textos, passando os olhos rapidamente. As primeiras foram enviadas quando eu estava no *camp*, e são basicamente atualizações dizendo que está tudo bem com o meu pai. Vou correndo o dedo pela tela, até que as últimas me chamam a atenção. Foram enviadas ontem à noite.

JULIA: *Hugh, onde você está?*

Julia: *Me responde, cacete.*
Julia: *Porra, cadê você?*

MAS É a última que faz meu coração quase parar de bater.

JULIA: *A Laney está tentando falar com você, seu imbecil!*

UMA BUZINA soa atrás de mim, e eu vejo que o sinal já deve ter aberto há algum tempo. Acelero o carro, ao mesmo tempo em que ligo pra minha irmã. Ela atende no segundo toque.

— Eu vou te matar, Hugh Anthony Nash! Onde caralho você se enfiou?

Eu faço uma curva à esquerda, sentindo meu coração disparando.

— Estava na casa de um amigo. Você disse que a Laney queria falar comigo?

— Sim! Ela foi à sua casa ontem à noite, mas você não estava. Tentou ligar, e o celular caiu direto na caixa postal.

Desvio de uma moto e troco de pista, cada vez mais nervoso.

— O que ela queria?

Julia bufa do outro lado.

— Não sou eu que tenho que te dizer, é ela.

Eu checo as horas outra vez. Nem fodendo vai dar tempo de vê-la antes de pegar o voo.

— Só me fala uma coisa: ela voltou com o Norman?

Aguardo a resposta apertando o volante com tanta força que minhas juntas ficam brancas. Julia dá uma risadinha.

— É óbvio que não. Minha amiga é esperta demais para trocar você por aquele cara.

Eu começo a sorrir como um idiota.

— Ela te disse isso? Que quer ficar comigo?

— Não sou eu que tenho que te dizer nada, Hugh. Já falei demais, até. Conversa com ela.

Entro no estacionamento do The Palace e manobro o carro.

— Estou indo para Ohio agora. Vou te mandar o contato do Salvatore, meu agente. Você vai ligar para ele e pedir que coloque Laney no mesmo voo de vocês para assistir ao jogo mais tarde, e também garantir a entrada dela no estádio.

Minha irmã solta um gritinho animado.

— Agora sim é o Hugh que eu conheço!

Noto a pequena aglomeração de pessoas na porta do CT assim que saio do carro. Campbell, para variar, está me olhando de cara feia e mostrando o relógio.

— Tenho que desligar. Julia?

— Diga, maninho.

— Não aceite um não dela como resposta. Preciso que Laney esteja lá hoje.

Ela dá uma risadinha.

— O que você sugere que eu use como argumento para convencê-la?

Eu sorrio de lado.

— Diz que vamos comemorar mais tarde, nós dois, o *touchdown* que eu farei só pra ela. — Respiro fundo. — E também que eu quero que esse seja apenas o primeiro de todos que eu farei daqui para frente.

41

HUGH

EU NUNCA FIQUEI TÃO TENSO ANTES de um jogo. Campbell faz o seu trabalho, reforçando o quanto nós nos dedicamos e merecemos estar aqui. Nico também diz algumas palavras, motivando o time e nos lembrando de que existe uma razão pela qual somos um dos favoritos da temporada.

Nos abraçamos numa grande roda e gritamos *Sharks* ao final, como fazemos antes de cada partida. Durante o aquecimento, meu olhar procura nas arquibancadas o salão VIP onde ficam as famílias, mas é impossível enxergar alguma coisa lá dentro. Especialmente com os refletores voltados para o gramado, ofuscando completamente a visão ao olharmos na direção deles.

O jogo começa, com os Sharks defendendo. Nosso adversário, o New England Patriots, consegue avançar 10 jardas na terceira tentativa e tem seu primeiro *down*. No segundo *down*, o QB deles arrisca um passe e é interceptado, o que faz com que nosso time de defesa arranque com a bola e consiga ganhar algumas jardas.

Fazemos a troca dos times rapidamente, e eu entro em campo com a adrenalina nas alturas. Nico se posiciona e faz um sinal para nós, avisando que tentará a jogada comigo pela esquerda. O apito soa, ele arremessa e a bola cai nas minhas mãos com precisão, do mesmo jeito que já ensaiamos centenas de vezes. Eu começo a correr e consigo avançar quase 15 jardas, mas sou derrubado por um jogador da defesa dos Patriots.

No segundo *down*, Nico tenta algo diferente e arremessa com força na direção de Ryker, que até consegue fazer uma bela recepção, mas é derrubado em seguida. A jogada segue, e o time dos Patriots acirra cada vez mais a marcação, tornando o avanço quase impossível nas jogadas subsequentes. Como já estamos na terceira tentativa e próximo da linha das 35 jardas, Campbell opta pela entrada do time especial, que converte um *field goal* e nosso time sai na frente por 3 pontos.

Nós do ataque ficamos no banco para a entrada da defesa, e o jogo prossegue bastante equilibrado. Nico não tira os olhos do gramado, com uma expressão tensa.

— Esse número 19 é rápido pra caralho — nosso QB comenta. — Ele jogava nos Dolphins ano passado.

— Sim, lembro dele — respondo, atento ao jogo.

A jogada recomeça com um arremesso longo do *quarterback* deles, que cai nas mãos do *wide receiver* quase dentro da *End Zone*. O cara se desvencilha do nosso *tackle* e cai dentro, fazendo o primeiro *touchdown* do jogo.

— Merda. — Ryker balança a cabeça em negativa, nervoso.

— Calma. — Eu tento transmitir uma segurança que não estou sentindo. — Ainda falta muito jogo.

No intervalo, voltamos para o vestiário com uma diferença de dois pontos a favor dos Patriots. Eu sou um dos primeiros a entrar, e corro até minha bolsa para pegar o celular. Ainda não consegui descobrir se Laney veio, e não aguento mais essa angústia. Nós somos proibidos de usar o telefone no intervalo, mas, se eu não tiver essa informação, sei que jogarei muito pior por causa do nervosismo.

Abro o aplicativo de mensagens rapidamente e solto o ar ao ler as duas frases da minha irmã.

Julia: Estamos no estádio. Laney está aqui com a gente.

Eu sorrio e guardo o aparelho antes que Campbell veja. Assim que reúne o time, ele repassa nossos erros e nos incentiva a mostrar do que somos capazes. A partida recomeça, e o placar segue quase empatado, sempre com uma pequena diferença a favor deles.

Ryker consegue fazer dois *touchdowns*, nós acertamos dois *field goals* e mais alguns pontos extras, mas, ainda assim, estamos três pontos atrás no placar e eu ainda não marquei nada.

Começo a ficar nervoso com a aproximação do fim da partida. Sei que o mais importante é que Laney está aqui, que ela vai me ouvir e, se tudo der certo, esse será apenas o primeiro capítulo do resto das nossas vidas. Mas estaria mentindo se dissesse que eu não estou louco para fazer um *touchdown* especialmente para ela, como eu disse que faria.

Estamos na nossa última jogada, faltando menos de um minuto para o jogo acabar. Meu coração acelera quando Nico sinaliza a estratégia, porque eu sei que é minha chance de finalmente chegar com a bola à *End Zone* e garantir nossa vitória. Assim que o apito soa, eu corro para a posição ensaiada.

Marchesi faz um arremesso brilhante, que cai diretamente nas minhas mãos. Eu começo a correr, como se minha vida dependesse disso. Desvio dos jogadores defensivos com uma velocidade impressionante, e vou deixando um rastro de brutamontes caídos atrás de mim. Com o coração socando o peito, saio do último homem que tentou agarrar minhas pernas, e não há mais ninguém na minha frente.

Abro um sorriso gigante quando finalmente mergulho na *End Zone*, garantindo não apenas a vitória dos Sharks como também honrando a promessa que eu fiz a Laney. Todos vêm correndo para me abraçar, mas, antes que cheguem, eu olho na direção onde eu sei que ficam os camarotes das famílias. Levo dois dedos ao peito, na altura do coração, e depois aponto na direção dela, murmurando *eu te amo*.

Segundos depois, sou soterrado por uma multidão de jogadores, comemorando a jogada. Voltamos ao banco com sorrisos enormes, e o time de defesa entra em campo apenas para ouvir o apito final segundos depois.

Os gritos recomeçam, e eu cumprimento meus colegas de time com abraços e tapas nas costas. Arranco o capacete e Nico segura meu rosto com as duas mãos colando nossas testas.

— É isso, cara! — ele comemora. — Nós somos fodas, e essa temporada é nossa!

Logo em seguida, Ryker nos abraça, e os jornalistas aproveitam para uma sequência interminável de fotos do *The Dangerous Trio*, que eu tenho certeza de que estarão estampando os principais sites de esportes amanhã.

Quando a algazarra começa a diminuir, eu noto que as famílias estão entrando em campo. Fico imóvel, atento ao corredor de acesso. Sinto a mistura de alívio e emoção ao ver Laney andando na minha direção, parecendo um pouco assustada com a confusão de pessoas ao seu redor.

Eu corro até ela, ignorando por um momento meus pais e minha irmã que estão vindo logo atrás. Suado e ofegante, cubro a distância que ainda resta em passadas largas. No instante seguinte, eu a abraço, tirando-a do chão e apertando-a contra mim.

— Não acredito que você está mesmo aqui — murmuro, com o rosto encaixado na curva do seu ombro.

Laney me abraça de volta, com força.

— Eu sou uma idiota, Hugh — ela sussurra, perto do meu ouvido. — Nunca deveria ter me afastado de você.

Nós ficamos assim por alguns segundos, apenas aproveitando o fato de que finalmente estamos juntos, e dessa vez é pra valer. Eu então a coloco no chão e seguro seu rosto entre as mãos.

— Eu sei que não sou a pessoa que você planejou — digo. — Sei que não poderei estar tão presente quanto eu gostaria, e que às vezes essa vida que eu levo é demais para lidar. Mas eu te amo, Laney. Te amo tanto que chega a doer, e eu quero te provar isso todos os dias. Quero te proteger das coisas ruins, quero cuidar de você, quero te oferecer todas as experiências extraordinárias que você merece. Você é tudo que eu quero, hoje e pelo resto da minha vida.

Lágrimas escorrem dos olhos verdes, e eu as enxugo com os polegares.

— Ah, Hugh, eu estou completamente apaixonada por você. Isso me apavorou, porque nunca senti nada parecido por ninguém. Eu tinha medo desse sentimento, medo de acabar sozinha no futuro, mas isso passou. Finalmente, eu entendi que nada me faria sentir mais solitária do que passar o resto dos meus dias longe de você. Prefiro te ter ao meu lado uma parte do tempo do que ter qualquer outra pessoa comigo todos os dias. — Ela sorri por entre as lágrimas e passa a mão pela minha barba. — Eu te amo. Mais do que eu achei ser possível amar alguém.

Eu me apodero da sua boca, com a certeza de que eu tenho nos braços a mulher da minha vida. Esse beijo é diferente dos outros, porque agora eu estou beijando a *minha* garota. Me perco no gosto e na textura de Laney, querendo que o mundo pare de girar para que eu nunca mais precise parar de beijá-la. Mordisco seu lábio, exploro sua maciez e solto um grunhido quando ela geme baixinho, de olhos fechados, completamente entregue.

O que eu quero fazer agora exige privacidade, então me afasto contra a vontade e puxo sua cabeça em direção ao meu peito, aconchegando-a ali. Beijo seu cabelo, aspiro o perfume delicioso e fecho os olhos, querendo guardar essa sensação para sempre. Quando os abro novamente, é inevitável notar a quantidade de fotógrafos ao nosso redor. Eu suspiro e sussurro no ouvido de Laney.

— Nós seremos a notícia do dia, amanhã.

Ela levanta o rosto para mim, sorrindo.

— Estaremos ocupados demais no quarto para ler qualquer notícia.

Eu rio e a levanto nos braços, fazendo com que fique da minha altura.

— Então vamos embora daqui, delícia. Não vejo a hora de fazer amor com você.

42

LANEY

— FINALMENTE EM CASA. — Hugh fecha a porta atrás de nós e me envolve pela cintura. — Eu espero que você não esteja com fome, porque eu pretendo comer a sobremesa antes do jantar.

Levanto as sobrancelhas.

— Por acaso, eu sou a sobremesa?

Ele sorri, daquele jeito safado que eu adoro.

— Garota esperta.

Hugh me puxa pelas escadas que levam ao segundo andar da casa. Helmet está na casa da sra. Duchester desde que ele foi para o *training camp*, então estamos realmente sozinhos.

Ontem, após o jogo, nós não conseguimos a privacidade que gostaríamos. Tivemos que ir primeiro a um jantar no restaurante do hotel, que foi fechado para os jogadores, equipe técnica e familiares. Hugh pensou em escapar direto para o quarto, mas eu o convenci de que seus pais e sua irmã mereciam comemorar a vitória com ele, assim como seus colegas do time. Além disso, nós teremos muito tempo só para nós daqui para frente, até o fim dos nossos dias.

Quando voltamos para o quarto, já depois de uma da manhã, Hugh cumpriu sua promessa e fez amor comigo da forma mais doce do mundo. Nós dormimos abraçados e, no dia seguinte, ele precisou me deixar sozinha depois do café da manhã, para voltar com o time.

Eu retornei com Julia e seus pais, e era difícil dizer quem estava mais feliz com o final dessa história. O fato é que eu não ganhei apenas um namorado maravilhoso, ganhei também uma segunda família composta por pessoas que já tinham todo o meu carinho e admiração.

Hugh me ligou assim que seu jatinho pousou, e eu vim direto para cá encontrá-lo. Agora, nós finalmente teremos um tempo só nosso, já que hoje ele está de folga dos treinos por causa do jogo de ontem.

Assim que entramos na suíte imensa, Hugh me faz parar na sua frente.

— Desde que você esteve aqui pela primeira vez, eu não conseguia mais parar de te ver deitada comigo nessa cama.

Eu dou um tapinha de leve no peito largo, sorrindo.

— Pervertido.

Hugh balança a cabeça, com um sorriso.

— No início era pelo sexo, admito. Mas, depois, eu queria muito mais do que isso, Laney. Queria dormir e acordar com você, ver o sol nascer e se pôr ao seu lado, transar com você todas as noites sem pressa, te fazendo delirar com cada sensação. — Ele faz um carinho no meu rosto. — Eu não me lembro mais de como era a vida antes de você.

Meu coração acelera com essa declaração.

— Eu também sinto tudo isso, Hugh. Também quero aproveitar todas as chances que eu tiver de estar ao seu lado, porque ninguém é capaz de me fazer mais feliz do que você.

Hugh me beija, com paixão e intensidade. Nossas roupas vão ficando pelo caminho e, quando deitamos na cama nus, ele pede:

— Fica de quatro pra mim. Quero ver sua bunda empinada.

Ele ajoelha no colchão, seu pau já completamente duro e seu olhar faminto percorrendo cada uma das minhas curvas. Com um arrepio de excitação, eu obedeço. Apoio os cotovelos na cama e empino a bunda bem alto, na frente dele.

— Linda. — Hugh se posiciona atrás de mim e dá uma lambida demorada na minha entrada. — Deliciosa.

Eu solto um gemido quando ele começa a sugar meu clitóris, ao mesmo tempo em que me penetra com o dedo. Os movimentos só param depois que eu sou varrida por um orgasmo, gemendo e apertando os lençóis.

Hugh então levanta o corpo e posiciona seu pau na minha entrada.

— Eu nunca vou cansar de foder você, Laney — ele diz, colocando apenas a cabeça. — Eu te amo, adoro quando a gente faz amor. — Hugh aperta minha bunda e em seguida dá um tapa. — Mas nunca vou abrir mão de te foder. Sabe por quê?

Ele desliza para dentro, e eu sinto cada centímetro dessa invasão deliciosa. Reviro os olhos de prazer e respondo, ofegante:

— Não. Por quê?

Hugh segura meu quadril e começa a estocar numa cadência enlouquecedora.

— Porque, comigo, você sempre terá todas as formas de prazer, meu amor. — Ele puxa meu cabelo, virando minha cabeça e aproximando a boca da minha. — Posso ser carinhoso, quando você quiser. — Outra estocada

firme, que me faz gemer mais alto e entreabrir os lábios. — Mas eu sei que você gosta quando eu te faço minha desse jeito também.

Hugh me beija, acelerando os movimentos e usando o braço para me manter colada a ele. A onda de prazer vem tão intensa e avassaladora que eu quase perco os sentidos.

Eu gozo gemendo seu nome e, instantes depois, ele se derrama inteiro dentro de mim. Deitamos abraçados, com a respiração ofegante e suados. Hugh me puxa para o seu peito e beija a minha testa.

— Se muda para cá — ele pede. — Melhor que isso: casa comigo, Laney.

Eu arregalo os olhos e levanto o rosto para encará-lo.

— Hugh! Você está falando sério?

Os olhos castanhos encontram os meus.

— Você acha que eu brincaria com algo assim? — Ele faz um carinho no meu rosto. — Merda, eu não comprei nem um anel.

Eu rio, transbordando de amor pelo meu ogro favorito.

— Não tem problema.

Hugh suspira.

— Eu não tenho nenhuma dúvida de que quero passar o resto da minha vida com você. Já teremos menos tempo juntos do que eu gostaria, não perder nem um minuto longe da mulher que eu amo.

Eu sorrio. Algumas mulheres poderiam ter desejado um pedido de casamento super romântico, um jantar à luz de velas ou um diamante enorme. Mas, para mim, nenhum pedido de casamento poderia ser melhor do que esse — feito da forma mais espontânea, mais sincera.

Hugh não pede licença para amar. Ele arromba a porta.

— É claro que eu quero me casar com você, meu amor — sussurro, ainda mais apaixonada.

Ele sorri, presunçoso.

— Eu já sabia disso.

Eu rio, puxo seu rosto e beijo a boca bonita, antes de voltar a me aconchegar a ele.

— Eu vou querer rearrumar sua casa toda. — O tom é de brincadeira, mas a afirmação é verdadeira.

Hugh dá de ombros.

— Eu te deixei arrumar minha casa antes mesmo de te beijar. Por que isso mudaria agora? — Ele faz um gesto amplo com o braço. — É tudo seu,

agora. Arruma do jeito que você quiser.

Eu levanto o rosto outra vez, beijo seu queixo e corro um dedo pelo peitoral definido.

— Até que não vai ser nada mau acordar todo dia com essa vista.

Hugh ergue as sobrancelhas.

— Apenas para deixar claro: você está falando de Malibu ou de mim?

Eu rio.

— Dos dois.

Ele assente. Em seguida fica mais sério.

— Você sabe que, ao menos nesse início, seremos perturbados pela imprensa. Não sei como você gostaria de lidar com isso, mas o que eu posso dizer é que, quanto antes eles perceberem que nós estamos realmente juntos, mais rápido perderão o interesse.

Eu suspiro.

— Confio em você para fazer como achar melhor.

Hugh sorri e pega o celular.

— Nesse exato momento, o que eu quero fazer é mostrar pra cada um dos 7 bilhões de habitantes desse planeta que você é minha mulher. — Ele abre a própria página do Instagram e me mostra. — Como pode demorar um pouco, acho que três milhões é um bom começo.

Eu sorrio, balançando a cabeça.

— Meu Deus, isso está realmente acontecendo, né?

Ainda com o celular na mão, Hugh digita algumas frases e aperta o botão de postar. Em seguida, me aconchega outra vez no seu peito e beija minha cabeça.

— Nada nunca foi tão real, meu amor.

hughnash
Malibu, CA



337.258 likes

hughnash Palavras não bastam para expressar o que eu sinto por você, @laney_abertnathy. Te amo.

View all 617 comments

marchesi_theone Finalmente desencalhou, seu cretino 😆

iamlockhart Desejo toda a felicidade, casal

HÁ 6 HORAS

EPÍLOGO

SETE ANOS DEPOIS

HUGH

AJEITO MELHOR O CELULAR, e viro a última página do livro do Tommy Rabbit aberto no meu colo.

— É hora de dormir, Tommy — leio o final da história, imitando minha melhor versão de voz de mãe de coelho. — Amanhã é um novo dia e você precisa ter energia para brincar.

Olho para o celular, onde dois pares de olhinhos sonolentos me encaram. Todas as noites, eu leio histórias para os meus filhos antes de eles dormirem, não importa onde eu esteja. Nem sempre consigo fazer isso no horário certo na rotina deles, mas eu e Laney damos um jeito. Sorrio e volto a ler a história.

— Tudo bem, mamãe — afino ainda mais o timbre, porque agora eu sou um filhote de coelho. — Boa noite. — Volto então à minha voz normal: — Tommy Rabbit fechou os olhos e teve uma linda noite de sonhos.

Coloco o livro no espaço vazio da cama do hotel e olho para os meus filhos, que estão quase adormecidos do outro lado da tela. Amy boceja e Justin vira de lado, colocando as mãozinhas sob a cabeça.

— Quando você volta? — minha garotinha de quase cinco anos pergunta, enquanto sua mãe puxa o cobertor sobre ela.

— Depois de amanhã, Amy-cat. Estou morrendo de saudades de vocês.

— Nós também. — Ela boceja outra vez. — Boa noite, papai.

— Boa noite, minha princesa.

O celular muda de posição e eu vejo de relance quando Laney pega o corpinho já semiadormecido de Justin e o coloca em sua própria cama. Eu sinto tantas saudades deles quando estou viajando que chega a doer.

Ouço no fundo minha mulher beijando e dando boa-noite para os nossos filhos e, em seguida, apagando a luz e saindo do quarto com o celular na mão. Ela sorri através da tela, andando até a nossa suíte, e eu sorrio de volta.

Laney atravessa o corredor da casa que nós compramos há cinco anos, um pouco antes de Amy nascer. Minha mansão em Malibu não era adequada para uma família, então acabamos optando por outra casa maior, com um grande jardim, numa praia próxima.

— Oi, amor — ela diz, depois de fechar a porta do quarto. Laney então se acomoda na nossa cama, recostada nos travesseiros. — Animado para o jogo de amanhã?

Eu sorrio. Já estamos nos *playoffs*, e amanhã enfrentaremos os Panthers.

— Sim, vai ser uma bela disputa. Mas estamos preparados.

Eu e Nico ainda jogamos juntos, por mais que ambos já estejamos prestes a nos aposentar. Aos 35 anos, ainda somos dois dos melhores jogadores da liga, mas eu já decidi que essa será minha última temporada. Quero ter mais tempo com a minha família. Nico está inclinado a ir pelo mesmo caminho.

— Estou com saudades — minha mulher diz, com essa voz murmurada que sempre me deixa louco.

— Eu também, delícia. Prometo que vou correr para casa assim que conseguir.

Essa partida será na Carolina do Norte, no estádio do time adversário. Só conseguirei voltar para casa depois de amanhã, mas já estou contando as horas.

— Como foi seu dia hoje? — pergunto.

— Tranquilo. Fiz o ensaio dos Sanders, ficou bem legal.

Logo depois que nos casamos, Laney decidiu largar o emprego como contadora e se dedicar à sua paixão, a fotografia. Assim, além de ter mais horários livres para estar comigo e, depois, com nossos filhos, ela pôde finalmente ocupar seu tempo com algo que realmente gosta de fazer. Mesmo que já existam opções mais modernas e ela tenha mais de um equipamento, faz questão de usar a câmera que eu lhe dei como presente de aniversário naquela viagem para Roma. Aliás, desde então, temos a tradição de comemorar todos os seus aniversários lá, agora com nossos pequenos viajando conosco também.

No ramo da fotografia, Laney acabou se especializando em ensaios de famílias, e sua agenda tem uma fila de espera de quase seis meses. Minha mulher tem uma sensibilidade incrível para as fotos, o que fez com que ficasse conhecida nacionalmente. Claro que a exposição na mídia por ser esposa de um jogador ajudou um pouco no início, mas o mérito é 100% dela.

De vez em quando, aceita alguns pedidos em outros estados, quando a data coincide com a minha agenda de jogos. As crianças sempre vêm junto, e esses são os melhores jogos da temporada para mim.

Laney boceja do outro lado da tela, e eu sorrio.

— Estou vendo que tem alguém cansada por aí.

Ela faz uma careta.

— Justin me acordou às cinco e meia hoje, porque escapou um xixi na cama. Ele obviamente não quis voltar a dormir.

Nosso caçula tem três anos e meio, e estamos lutando com o desfralde noturno.

— Vou deixar você dormir, então — digo. — Em breve estarei em casa.

— A gente se fala amanhã — Laney manda um beijo. — Te amo.

— Também te amo, minha linda.

Desligo o telefone e ligo a TV. Eu poderia descer para encontrar o pessoal do time no restaurante do hotel, mas não estou a fim de encarar um salão lotado. Vou pedir meu jantar no quarto mesmo, assistir a um filme e dormir cedo.

DOIS DIAS DEPOIS, finalmente chego em casa. Nós vencemos o jogo de ontem por 24 a 17, com dois *touchdowns* meus. Como em todas as vezes desde aquele jogo em Ohio, na comemoração, eu levei os dois dedos ao coração e em seguida os direcionei para a câmera, já que Laney não estava no estádio.

Assim que eu entro na sala ampla, meus pequenos correm até a porta para me receber com um abraço e um cartaz escrito *Parabéns, papai!*, que claramente teve a ajuda da mamãe para ser feito. Eu me agacho para pegá-los no colo e Helmet vem logo atrás, pulando em cima de mim e lambendo minha orelha.

— Meu Deus, é a melhor recepção do mundo — eu digo, rindo e abraçando os três.

Laney vem caminhando da cozinha, com um sorriso doce.

— Seja bem-vindo, amor.

Eu levanto com meus filhos nos braços e inclino a cabeça para beijar minha mulher.

— Papai, nós plantamos uma *rosinha* no jardim — Amy conta, animada.

— Roseira, filha — Laney corrige.

A pequena faz um gesto com a mão, ignorando o comentário da mãe.

— Ah, é a mesma coisa. — Ela então volta a olhar para mim, animada. — Você quer ver?

Eu faço uma expressão muito séria.

— Claro que eu quero. Você ajudou, Justin?

Meu menino balança a cabeça que sim.

— Ele cavou o buraco na terra — Amy explica. — Eu e a mamãe plantamos, e depois regamos.

Começo andar com eles no colo até a porta dos fundos.

— Que maravilha — digo. — Nosso jardim ficará lindo com essa roseira.

Amy me mostra o feito deles, com a pequena mudinha enterrada na areia.

— Uau, isso vai ficar incrível. — Sorrio para eles.

Laney toca meu braço.

— Amor, esqueci de avisar. Seus pais e a Julia virão almoçar aqui amanhã — ela diz. — Vamos aproveitar sua folga.

— Ah, que bom. Estou com saudades deles também.

Passamos o resto do dia em família. Almoçamos no terraço dos fundos, tomamos banho de mangueira, brincamos na casa da árvore que eu fiz para eles há pouco mais de um ano, com a ajuda do vovô James.

No fim do dia, eu leio a história do Tommy Rabbit para as duas crianças exaustas e os coloco para dormir. Quando eu saio do quarto e volto para a nossa suíte, Laney já está me esperando com uma camisola preta de renda nova que eu adoro.

— Você sabe como agradar um homem, Laney Nash.

Pela próxima hora, eu dedico cada segundo a dar prazer para a mulher fantástica que eu tenho o privilégio de ter ao meu lado por mais de sete anos. Quando deitamos juntos, já com as luzes apagadas, eu trago sua cabeça até o meu peito e a abraço.

— Você me faz absurdamente feliz — murmuro, quase dormindo. — Uma vida inteira ao seu lado não será suficiente.

Sinto o sorriso de Laney contra a minha pele.

— Não precisa se preocupar. Eu darei um jeito de te encontrar nas próximas.

F I M

AGRADECIMENTOS

MAIS UM LIVRO PUBLICADO, mais motivos para agradecer.

Nada disso teria sido possível sem o apoio da minha família, em especial do meu marido e da minha filha (que não pode ler meus livros pela idade, mas se empolga com cada detalhe e me faz um milhão de perguntas).

À minha amiga, parceira, editora Stefany Nunes, meu agradecimento sempre. Mais um projeto juntas, mais surtos coletivos e podcasts no Whatsapp, mais um projeto lindo que você ajudou a lapidar de maneira brilhante. Obrigada, amiga!

À Mari Vieira, que entrou na minha vida de autora há pouco tempo, mas que já está fazendo diferença com seu olhar atento, suas ideias criativas e seu toque especial. Obrigada por me receber no seu time e tenho certeza de que teremos uma longa trajetória de sucesso juntas!

À Vanessa Pavan, que assumiu minha assessoria e tem sido uma grande apoiadora nos bastidores. Me salva nas horas que eu preciso, organiza minha vida e torna todo o processo muito mais fácil. Obrigada!

Às amigas do Clube da Escrita, sempre trocando ideias valiosas, experiências, desabafos e muito aprendizado técnico. Vocês são especiais.

E por último, o mais importante: obrigada a você, leitora ou leitor (tenho poucos homens nesse grupo, mas valorizo demais a presença de vocês aqui!), que é a grande razão para tudo isso existir. Se já me acompanha há bastante tempo, obrigada por continuar lendo minhas histórias e me enchendo diariamente com tanto carinho. Se está chegando agora, seja muito bem-vindo(a) ao Lizverso. Espero que se apaixone por esses personagens e que este livro seja o primeiro de muitos em que estaremos juntos.

Caso queiram mandar sua opinião sobre a história, trocar ideias, acompanhar as novidades dos próximos lançamentos, é só me procurar nas redes sociais com o @autoralizstein. Será um prazer enorme encontrá-los por lá também.

UM GRANDE BEIJO,

LIZ.

BÔNUS

DANGEROUS MISTAKE

1

RYKER

QUANDO EU FINALMENTE ACHEI QUE tinha encontrado alguma paz na vida, o destino faz questão de me mostrar o quanto eu estava errado.

Puxo a aba do boné para baixo e fico olhando fixamente para o portão por onde saem os passageiros no setor de desembarque. O avião proveniente de Kansas City pousou há mais de meia hora, segundo as informações do painel do aeroporto. Estou há quase uma hora em pé, escondido num canto do saguão do aeroporto de Los Angeles, torcendo para não ser reconhecido. Até agora, parece estar funcionando, mas nunca sei ao certo quando vão surgir fotos ou vídeos meus pela internet, tirados em momentos em que eu jurei que não havia sido reconhecido.

Uma faceta inevitável na vida de um dos jogadores mais famosos da NFL.

Checo as horas pelo que deve ser a quinta vez nos últimos dez minutos e bufo por causa da demora. Nem me lembro quando foi a última vez em que estive num terminal comum de aeroporto. Há 15 anos, desde que comecei a jogar na liga, minhas viagens de avião são todas feitas em jatos, sejam eles do time ou fretados para rotas privadas.

Só mesmo Annie para me fazer vir até aqui, ao invés de mandar alguém para essa tarefa. Minha irmã foi bem enfática ao pedir que eu viesse pessoalmente, para que ela e o marido ficassem mais tranquilos em saber que a minha “hóspede” está em segurança.

Meu celular vibra no bolso da calça e eu pego o aparelho. Às vezes, parece que Annie adivinha quando estou pensando nela.

Annie: Sam já chegou?

Eu digito uma resposta rápida:

Eu: O avião já pousou, mas ela ainda não saiu.

Nesse momento, um pequeno grupo à minha direita chama a minha atenção e eu levanto o olhar. São três garotas, que devem ter no máximo

uns dezesseis anos. Seus rostos se iluminam ao ver meu rosto de frente.

— Ai, meu Deus! — Uma delas olha para as demais e dá um gritinho contido. — É ele mesmo!

Eu controlo a cara de irritação. Estava bom demais para ser verdade.

— Você é Ryker Lockhart, não é? — outra menina me pergunta, com uma expressão esperançosa.

Eu confirmo com um movimento de cabeça.

— Sim, sou eu.

Mais gritinhos animados, que me fazem ter vontade de fechar os olhos. Dentre todos os tipos de fãs, o mais ruidoso certamente são as adolescentes. Elas trabalham numa frequência de decibéis intolerável para o restante da raça humana.

— Você tira uma foto com a gente? — a primeira a me abordar pede.

Há sete anos, desde o incidente, eu tenho limitado minhas aparições públicas ao mínimo. Não sou um cara de muitos sorrisos, não faço nenhuma questão de aparecer em eventos sociais não-obrigatórios e nada tem sido mais importante do que a minha privacidade. Ainda assim, sou uma figura pública, e não posso ignorar completamente a legião de fãs que nos acompanham e apoiam nosso time.

Por isso, forço um pequeno sorriso e faço um sinal, permitindo que as meninas se aproximem mais. Uma delas tira uma sequência de selfies e mostra para mim.

— Podemos postar nas nossas redes? — ela pergunta, com um tom suplicante.

Eu dou de ombros.

— Claro.

Mais gritinhos animados. Por que não?

— Obrigada, Ryker! Boa sorte nos próximos jogos.

— Valeu.

Elas se afastam, com os rostos enterrados no celular e falando sem parar. Só de olhar a interação eu fico cansado. De onde tiram energia para produzir tantas palavras em tão pouco tempo?

Sozinho outra vez, volto a olhar para o portão de desembarque, por onde Samantha Carmichael vai passar. Eventualmente.

Me esforço para lembrar da única ocasião em que encontrei a enteada da minha irmã. Não costumo visitar Annie com frequência, e a última vez foi há uns, o quê? Quatro anos? Acho que foi isso. Na visita anterior,

quando meu sobrinho nasceu, a filha do meu cunhado tinha quinze anos e estava num acampamento de verão.

Lembro vagamente da garota. Cabelo loiro, magrinha, olhos azuis e um ar permanente de quem está planejando alguma merda. Segundo Annie, ela passou por uma fase bem rebelde nos últimos anos, se envolvendo com os maus elementos da cidade pequena onde eles moram, bebendo além da conta mesmo nem tendo idade para isso e até experimentando drogas. Um doce de pessoa, que ficará morando na minha casa por um mês. Eu não poderia estar mais radiante com esse prospecto.

Se Annie não tivesse jogado sujo e me lembrado de tudo que fez por mim quando nossos pais morreram, eu jamais teria aceitado essa ideia de merda.

O portão se abre mais uma vez e meu olhar é atraído para lá. Vejo uma garota saindo, arrastando uma mala de rodinhas rosa choque imensa. Ela usa uma calça jeans com vários rasgos, uma blusa preta tão curta que mal cobre seus peitos e uma bota que parece um coturno. O cabelo loiro comprido cai ao redor do seu rosto em ondas suaves, e a maquiagem é definitivamente inadequada para uma tarde de sexta-feira.

Os olhos azuis percorrem o ambiente num misto de ansiedade e empolgação. Cabeças se viram conforme ela anda. Pelo menos metade dos olhares masculinos do ambiente está grudada no corpo jovem que a roupa não faz nenhuma questão de esconder. Eu engulo em seco. Não preciso nem conferir a foto recente que Annie enviou ontem à noite para ter certeza de que esse pequeno furacão é Samantha Carmichael.

A expressão animada no rosto de traços delicados começa a dar lugar a outra, ligeiramente preocupada, quando ela não vê ninguém à sua espera. Por mais destemida que seja, ainda é uma garota de 21 anos, criada numa cidade pequena e agora sozinha por um mês numa das maiores cidades dos EUA.

Eu solto um suspiro desanimado e me aproximo com passos calmos. Quando chego perto o suficiente, chamo:

— Samantha?

Ela vira o rosto e os olhos ridiculamente azuis encontram os meus. Assim que me reconhece, Samantha solta o ar e sorri.

— Ryker! — Em seguida, ela me surpreende ao largar a alça da mala e me envolver num abraço, que eu não retribuo. — Obrigada por vir me buscar.

Dou dois tapinhas sem jeito nas suas costas, torcendo para que ela se afaste de uma vez. Quando isso finalmente acontece, eu sinto um alívio imediato.

— Pegou tudo? — pergunto, apontando para a mala, a bolsa de mão e a outra bolsa enorme que ela traz no ombro.

— Sim. — Samantha volta a sorrir. — Podemos ir.

Eu começo a empurrar a mala maior, enquanto ela cuida das menores. Chegamos ao meu carro e a enteada de Annie solta um pequeno assovio.

— Uau. Nunca andei num carro como esse.

Destranco meu Audi Q8 sem responder e guardo sua bagagem no porta-malas. Samantha se acomoda no banco do carona, coloca o cinto e eu ocupo o assento do motorista segundos depois.

Assim que eu coloco o carro em movimento, ela recomeça a falar.

— Eu estava *muito* animada com essa viagem. Sempre quis conhecer Los Angeles, especialmente Malibu. Você mora em Malibu, não é? — Sem me dar tempo para responder, ela continua: — Pena que não estamos mais no verão, mas isso aqui é a Califórnia, *baby*. O sol brilha o ano inteiro, e eu vou amar morar numa casa na beira da praia. Talvez eu tenha exagerado e trazido mais biquínis do que roupas, mas olha pra isso! — Ela mostra a paisagem ao redor, que não tem nada além do acostamento da estrada e algumas construções sem graça. — É o melhor lugar do mundo para se viver! Como não querer aproveitar cada minuto?

Caralho, essa mulher mexe tanto as mãos enquanto fala que parece estar regendo a porra de uma orquestra. Isso sem contar essa capacidade assustadora de dizer 27 frases por minuto sem respirar. Uma ligeira dor de cabeça começa a se insinuar nas minhas têmporas. Estou ficando seriamente preocupado com a minha sanidade ao longo dos próximos trinta dias.

— Você não é de falar muito, né? — Ela me observa, com um sorriso de canto.

Eu a encaro de volta por alguns segundos, antes de desviar outra vez a atenção para a estrada.

— Não. — A resposta seca é uma excelente dica sobre como eu prefiro as interações com outras pessoas. Em resumo, o oposto do que aconteceu nos últimos minutos.

O silêncio preenche o interior do SUV, e eu finalmente volto a ouvir meus próprios pensamentos. Só que não dura nem trinta segundos.

— Como é a sua casa? — *Caralho, ela vai continuar falando*. — Uma dessas mansões maravilhosas com vista para o mar? Se o meu quarto tiver vista para o mar, nem sei o que...

— Nada tem vista para o mar — eu corto. — A casa não fica na beira da praia.

Sua expressão murcha por dois segundos, mas, logo em seguida, ela faz mais um gesto com as mãos.

— Não tem problema. Eu darei um jeito de achar o caminho até a praia.

— Tenho certeza que sim — resmungo, pisando no acelerador na esperança de chegar em casa mais rápido.

Continuo dirigindo, e Samantha continua falando — por sessenta e oito minutos ininterruptos, até eu finalmente conseguir estacionar o carro na minha garagem. Assim que desligo o motor, abro a porta num movimento rápido e saio, puxando o ar. Eu não vou aguentar essa porra por um mês.

— Ryker?

Fecho os olhos, de costas para ela.

— Sim?

— Obrigada por me receber aqui.

Eu ando em direção ao porta-malas, pensando em Annie e nos motivos para ter aceitado essa situação. Minha irmã foi quase uma mãe para mim, assumindo responsabilidades demais numa idade em que deveria estar apenas curtindo a vida, e fazendo tudo que podia para que eu não fosse separado da minha única família — ela mesma.

— De nada — respondo, pegando sua bagagem, — Vamos, vou te mostrar seu quarto.

Eu conduzo a garota para dentro de casa através da porta dos fundos. Assim que damos os primeiros passos, meus cachorros se aproximam, curiosos e animados com a visita incomum. Não é como se eu recebesse muitas pessoas em casa.

— Que lindos! — Samantha larga todas as bolsas no chão da cozinha e se abaixa para brincar com os cães, que a farejam e abanam os rabos.

Chamar meus animais de lindos não é para qualquer um. Charles Chaplin tem apenas três patas; Stevie Wonder é cego; e Bruce Willis tem uma alergia grave, o que faz com que seja quase completamente careca.

Eu observo enquanto a garota deixa que eles pulem em cima dela, lambendo seu rosto inteiro.

— Calma, calma — ela pede, às gargalhadas. — É um prazer conhecer vocês também.

Eu quase sorrio. Quase, porque continuo bastante puto de precisar dividir minha casa com uma completa desconhecida, ainda que seja de certa forma da família.

— Vem — eu chamo. — Vamos levar suas coisas até o quarto.

Samantha se levanta, ainda rindo, e me segue pelo corredor da ala íntima. Ao contrário dos outros jogadores com salários altos, minha casa não é imensa. O terreno sim, porque dou mais valor ao meu tempo ao ar livre do que ao número de cômodos ou móveis assinados.

Eu passo pela porta fechada do meu escritório, que funciona também como uma sala de jogos, e abro a seguinte. Minha suíte de hóspedes tem uma cama *queen* bastante confortável, um armário e uma TV, além do banheiro espaçoso.

— Aqui será o seu quarto — aviso, deixando a mala enorme junto à cama. — Naquela outra porta é o seu banheiro. Espero que fique confortável.

Ela observa tudo, parecendo bem satisfeita.

— É lindo, Ryker.

Eu aceno com a cabeça.

— Vou te deixar à vontade para descansar. Tem comida na geladeira, para quando você estiver com fome. É só esquentar no micro-ondas.

Os olhos profundamente azuis me encaram.

— Nós não vamos jantar juntos?

Eu faço que não.

— Desculpe, tenho um compromisso hoje à noite. — Aponto para uma extremidade do terreno, visível através da janela dela. — Mas você não ficará realmente sozinha. Ali moram dois funcionários que me ajudam na manutenção da casa e do jardim, o sr. e a sra. Smith, e voc...

Samantha cai na gargalhada, e eu franzo a testa. Notando minha expressão, ela cobre a boca para esconder o riso.

— Desculpe. Não consegui não pensar nos dois com armas escondidas sob a roupa — ela se justifica, e eu continuo encarando-a, sem dizer nada. Samantha balança levemente a cabeça para os lados e ergue as palmas para cima, como se fosse explicar algo óbvio. — Você não entendeu? Brad Pitt e Angelina Jolie! O filme, *Sr, e Sra. Smith*. — Como eu sigo sem expressar

qualquer reação, a garota deixa os braços caírem ao lado do corpo e revira os olhos. — Nossa, senso de humor não é mesmo o seu forte.

Ela me dá as costas e começa a mexer na mala. Eu coloco as mãos nos bolsos.

— Se precisar de alguma coisa...

Samantha levanta uma mão, me interrompendo.

— Já sei. Posso falar com *o sr. ou a sra. Smith*.

Ainda é malcriada.

— Exatamente. Até depois, Samantha.

Ela gira o corpo outra vez na minha direção.

— Pode me chamar de Sam. Ninguém me chama de Samantha.

Eu ando até a porta e cruzo a soleira. Antes de fechá-la atrás de mim, repito:

— Até depois, Samantha.

Quando finalmente me vejo sozinho e cercado pelo silêncio, massageio as têmporas e caminho devagar até a cozinha. Pego duas aspirinas e engulo com um grande copo de água. Apoio o objeto de vidro sobre a bancada e esfrego o rosto com as duas mãos.

Será um longo mês.

NOTAS

EPÍGRAFE

1 Enlouquecidos e com o tempo contado
Desejando poder estar com você
Para compartilhar a vista
A gente pode ter se apaixonado

1

1 National Football League, traduzido livremente como liga nacional de futebol americano.

2 Jogo final da temporada da NFL.

3 General Manager, que significa Gerente Geral. É a pessoa responsável por tomar as decisões administrativas dos times, geralmente em acordo com o proprietário e o técnico.

4 Fora da temporada.

3

1 Refere-se a um período intensivo de treinos antes do início dos jogos preseason.

2 Pré-temporada.

4

[1] Non Disclosure Agreements - Acordos de confidencialidade.

6

1 Nome dado aos jogadores novatos do time, em sua primeira temporada.
2 Abreviação de Quarterback.

16

1 Rede neuronal responsável por processar e mediar nossas respostas a estímulos sensoriais e emocionais.

33

1 Quanto custa, em italiano.
2 Sessenta euros, em italiano.
3 Obrigado, em italiano.
4 De nada, em italiano.
5 Sorvete, em italiano.
6 Com licença, em italiano.

34

1 Até mais tarde, senhor, em italiano.

38

1 Estreantes no esporte profissional, geralmente oriundos dos times universitários.
2 Amor, nosso sexo tem significado
Sei que dessa vez você ficará até de manhã
Dias de preguiça e sorvete de baunilha
Mais do que uma noite juntos exclusivamente
Amor, me deixa ser seu homem
Para que eu possa amar você
E se você me deixar ser seu homem
Então eu cuidarei de você
Pelo resto da minha vida
Pelo resto da sua
Pelo resto da minha vida
Pelo resto da sua
Pelo resto das nossas

40

1 Selecionado na escolha de novos jogadores
2 Wide Receivers
3 Jogo que abre oficialmente a *preseason*.